

Manuel Ralha

A CONDIÇÃO DO DESEJO



[Ficha Técnica]

Título:

A condição do Desejo

Autor:

Manuel Ralha

Coordenação Editorial:

Rui Grácio

Capa:

Pé de Página Editores Lda

Pré-impressão:

Pé de Página Editores Lda | Paula Pintassilgo Grácio

1ª Edição : de 2007

Impressão e acabamento:

Tipografia do Carvalhido — Porto

ISBN:

Dep. Legal:

© Pé de Página Editores

Avenida Emídio Navarro, 93, 2º, Sala B - E

3000-151 COIMBRA

Telf/ Fax: 239832064 | Telf/Fax: 239836112

e-mail: rgracio@pedepagina.pt

sítio: www.pedepagina.pt

® Reservados todos os direitos

Dedicatória

Aos rumos da indagação intelectual que transformam a perplexidade ante a
inexorável ilusão numa fantástica aventura.

Citações

“Os homens julgam-se livres visto que estão conscientes das suas vontades e desejos, e, na sua ignorância, nem sonham sequer quais as causas que os levam a querer e a desejar.”

Benedictus de Spinoza (1632 -1677)

Ética

Parte I, Apêndice

“O tempo é, pois, simplesmente, uma condição subjectiva da nossa (humana) intuição (porque é sempre sensível, isto é, na medida em que somos afectados pelos objectos) e não é nada em si, fora do sujeito.”

Immanuel Kant (1724-1804)

Crítica da Razão Pura

Estética Transcendental do Tempo

Primeira parte, 2.ª Secção, § 6

Índice

• Dedicatória	5
• Duas Citações	7
• Notas introdutórias	11
1. Rogério	13
2. Edgar	18
3. Teresa	29
4. Nuno	39
5. Serguéi	45
6. Necessidade	59
7. Circunstância	98
8. Simultaneidade	113
9. Causalidade	135
10. Acaso	181
11. Linguagem	215
12. Tempo	245
13. Desejo	273
14. Hipnos	289
15. Recomeço	307

Notas Introdutórias

Esta é uma obra de ficção. Consequentemente todas as personagens e situações em que se encontram directamente envolvidas são produto de pura invenção. Neste contexto, quaisquer identificações ou semelhanças com a realidade que porventura possam sobrevir deverão ser consideradas como absolutamente acidentais;

Exceptuam-se as alusões, mais ou menos fictícias, que se aparentam com circunstâncias verídicas, para corroboração da verosimilhança de que a obra carece. Nestes casos, as conotações, de identificação imediata, não só são do domínio público como também é manifesta a sua total inocuidade;

Já no que respeita aos enquadramentos e referências que envolvem *assuntos de carácter histórico ou geográfico* o autor procurou aplicar o maior rigor possível à veracidade dos dados factuais apontados.

Entende-se aqui como *assuntos de carácter histórico* todos aqueles que, cientificamente encarados, tratam do estudo e narração crítica e detalhada da sucessão de *acontecimentos passados* que pertencem à evolução da humanidade, tendo como base o decurso dos factos sociais, políticos, económicos, militares, etc., concernentes a um ou mais povos. Define-se *acontecimento passado* como todo aquele que se insere no tempo cronológico decorrido até ao último dia em que decorre a acção da obra.

Entende-se aqui como *assuntos de carácter geográfico* todos aqueles que, cientificamente encarados, se referem ao estudo restrito, descrição e representação da distribuição das formas físicas naturais e de origem humana que permitem uma localização espacial exacta, actual e relativizada no Globo terrestre.

A ocorrência, ainda que improvável, de alguma disparidade com o espírito decorrente do que atrás ficou descrito deverá ser estritamente considerada como lapso susceptível de correcção;

Para além dos assuntos referidos no anterior ponto 3., todas e quaisquer especulações, com maior ou menor grau de matéria científica ou susceptível de o ser, designadamente de índole filosófica ou sociopolítica, devem ser lidas como mera veiculação específica das personagens e consideradas de acordo com o seu genuíno intuito de suscitar a respectiva reflexão e nunca tidas como exposições de quaisquer doutrinas ou teorias pretensamente firmadas sobre os temas em causa;

O título da obra, “*A Condição do Desejo*”, presta-se a diversas leituras, digamos que é uma expressão que admite múltiplas interpretações. Trata-se de uma opção premeditada. Um certo número de possibilidades serve aos objectos a que a obra se propõe, como o leitor por certo se aperceberá.

Evidentemente que existe uma escala de pertinência da respectiva aplicabilidade...

Maio 2006

1. Rogério

Ainda não amanheceu completamente. A claridade vai desfazendo a noite, realçando aos poucos os contornos da cidade ainda sem sinais da agitação que daqui a pouco se instalará por todo o lado. Uma chuva miúda faz com que as luzes mais persistentes brilhem difusamente. Os automóveis passam a intervalos irregulares chapinhando na rua, produzindo um som que enche a abertura do dia.

Rogério Gouveia, encostado à ombreira da porta de entrada do prédio onde vive, pensa nisto mesmo: naquele som molhado, tão característico da passagem dos pneus no pavimento quando chove. Som que lhe agrada enquanto som, mas que o inquieta pelo que significa: mais humidade, mais desconforto físico, mais trânsito e sobretudo menos sol, menos luz! Tudo isto o predispõe para um certo aborrecimento, enquanto espera encostando o corpo, magro mas possante, ao mármore frio da ombreira da entrada.

Ele sempre pensou que climas e lugares não fazem a felicidade. No entanto, em certas ocasiões, quando confrontado directamente com esses elementos, era invadido por emoções peculiares que, derivando única e exclusivamente de factores climatéricos, influenciavam fortemente os seus raciocínios. O mesmo acontecia com determinadas paisagens, mesmo urbanas, que por vezes o catapultavam para mundos interiores que de outra forma nunca visitaria.

Rogério reflectia devagar sobre tudo isto, fazendo tempo para que Edgar aparecesse, espiando sempre os carros que iam surgindo na curva ao fundo da rua.

A questão era saber qual o factor mais decisivo para uma, não diria “vida feliz”, por excessivo, pois sabia que a felicidade é uma fantasia, uma fantasia que todos perseguem... ou julgam perseguir..., mas para uma existência com algum regozijo e muito apego. Ou melhor, qual o factor mais decisivo para estar, o mais possível, em harmonia consigo próprio e em diálogo amigável com as circunstâncias...

Deu por si a sorrir dos seus próprios pensamentos e de como se podiam entretecer até ao infinito, sem, contudo, chegar a uma conclusão definitiva. Com os seus devaneios ia amenizando a incomodidade da chuva e da espera que começava já a ultrapassar o previsto. Passou as costas da mão pelo rosto comprimido e anguloso, enxugando alguns salpicos que a insuficiência do abrigo lhe infligia. A seguir retirou cuidadosamente os óculos sem aros e limpou devagar as lentes elipsoidais, não deixando contudo de olhar para o fundo da rua.

Edgar não era dado a atrasos. É verdade que Rogério tinha descido, do terceiro andar onde morava para a porta de entrada, mais cedo do que seria necessário... Mas agora já passavam quinze minutos das seis e trinta, hora combinada.

Rogério tinha decidido levantar-se muito cedo. Há já bastante tempo que alterara a sua estratégia de vida: não mais correria para recuperar tempos, mas sim se adiantaria o que lhe fosse possível, preferindo aguardar a ter que se apressar e aumentar a ansiedade. Isto fazia parte de um plano de “vida nova” que tinha posto em prática e, como sentia grandes benefícios, fazia um esforço para o manter. Sim, no fundo era isso: uma questão de disciplina. Um assunto que o apaixonava, a disciplina, por conhecer vários resultados práticos, bem concretos e elucidativos, da sua aplicação a diversas vertentes do seu modo de vida. E esse era agora um deles, a *antecipação*. Antecipar de forma a criar uma espécie de ritualismo na realização das tarefas e dar um espaço mais amplo e sereno ao pensamento. Fora preciso entrar nos quarenta... Este ano faria quarenta e cinco anos, o que apenas o seu cabelo grisalho denunciava, pois o seu fâcies e corpo ainda tinham a aparência e vigor de um rapaz. Talvez fosse do acumulado de experiências... talvez fosse a necessidade fisiológica de coordenação dos ritmos biológicos, talvez fosse... O certo é que os resultados do que chamava *antecipação* revelavam-se de facto surpreendentes. O único problema era que, na total impossibilidade de cumprimento, tudo ficava muito complicado e se precipitava de uma forma vertiginosa e deveras cansativa. Os ritmos subvertidos rebelavam-se...

Desde que Teresa fora para África, há três meses atrás, que as coisas vinham sendo mais difíceis. Não era só a falta da sua presença, da sua companhia, das conversas e dos programas a dois, mas era principalmente do seu enorme campo gravitacional indefinível, ao redor do qual Rogério estabelecia as suas trajectórias. Não, não era dependência, era qualquer coisa de mais subtil,

uma espécie de segundo eu onde aferia os seus planos e desvarios, corrigindo aqui, ampliando ali, reformulando hábitos e comportamentos. Viver com Teresa, mais do que uma relação conjugal, era para Rogério uma forma de estar conciliado com a vida. Pensava sempre que ela não o escolhera, nem ele a escolhera a ela, mas que a vida designara que ambos se gostassem e vivessem juntos. Não encarava isto de uma forma romântica, literária; era uma forma de ser, uma forma que tinha de ser, ao ser com Teresa, numa visão um pouco mágica, um pouco fatalista, que ao fim e ao cabo se integrava na sua forma de conceber o mundo. Essa sensação ainda se ampliava mais pelo vazio causado pela ausência de Nuno que saíra do Porto e fora estudar para Plymouth. Teresa e Rogério alimentavam, há muito tempo, a ideia de que o filho fosse estudar para o estrangeiro, apesar do que isso significaria em preocupações e encargos acrescidos. Ao seu bom desempenho de estudante adicionaria, pensavam ambos, experiências que enriqueceriam a sua personalidade, não só em formação científica mas também no desenvolvimento da sua estrutura como pessoa, quanto mais não fosse pelo simples facto de passar esses anos em confronto com uma realidade garantidamente bem distinta daquela que lhe era já familiar.

A chuva, parca mas persistente, continua a cair para dentro do dia que se instala em pleno e o tráfego vai aumentando. Os automóveis passam mais apressadamente com seus ocupantes de ar matutino. Cada dia é um novo dia, parece emanar dos mais joviais. Os mais ensonados, de olhar hipnótico, procuram esforçadamente inserir-se na manhã. Rogério puxou a pasta e o seu saco de viagem mais para dentro, para evitar que se molhassem mais. Realmente Edgar começa a preocupá-lo. Tentou o telemóvel... estava ainda desligado. Mais dez minutos e tomaria um táxi para o aeroporto.

Eis que de súbito o carro preto de Edgar se configura no fundo da rua causando de imediato uma sensação de alívio a Rogério. O sorriso que foi começando a esboçar logo se desfez num esgar de surpresa e decepção ao deparar, quando o carro se aproximou o suficiente para distinguir o condutor com nitidez, que afinal era apenas um automóvel idêntico. Quando encarou o indivíduo, perscrutando o seu rosto, este pareceu sentir qualquer coisa, o que o levou abrandar de tal forma que Rogério não só pode constatar com absoluta garantia o equívoco, mas também pode captar tão nitidamente a expressão indagadora e assaz impressiva daquele rosto que ficou com a sensação de o ter memorizado

para sempre. Desviou rapidamente o olhar, mudando automaticamente de atitude. Sentiu o carro a acelerar retomando o seu destino fugazmente interceptado pela forte energia averiguadora de Rogério. O momento, banal e instantâneo, provocou-lhe uma impressão estranha, como que premonitória. Enfim, uma consequência de estar no invólucro da predisposição de viagem, de partir...

Entretanto, do outro lado da rua, dentro de um automóvel com duas rodas em cima do passeio, um homem esbracejava na sua direcção: era Edgar! Rogério apanhou a bagagem, encolheu-se um pouco como que para abrigar-se da chuva e deu uma corrida até ao carro do amigo.

Em Amesterdão também chove, mas por todo o lado os guarda-chuvas parecem-lhe mais coloridos. As pessoas também. Há qualquer coisa de esfumado no ar que prejudica a nitidez da percepção visual. Os automóveis circulam mais lentamente que há três horas e dois mil quilómetros atrás e afiguram-se menos opressivos, talvez mais distantes entre si. A cidade, encantadoramente sulcada pelos seus canais que espelham primorosos edifícios seculares e um alto arvoredo ordenado, num jogo aprazível de sombra e luz, já não diz muito a Rogério. Gosta dos canais, que já foram mais numerosos... Das simpáticas ruas ancestrais e a forma, quase inofensiva, razoavelmente harmoniosa, como os estilos arquitectónicos mais recentes se insinuam, a atestar a reputação do empenho estético dos holandeses. Vai observando com interesse a paisagem urbana através da janela do táxi, à procura de sinais de novidade em relação há dois anos atrás, última vez que ali esteve. Mas não! Tudo lhe parece irrealmente estagnado. Talvez até mais desbotado. Fosse o tempo chuvoso, fosse a sua disposição pensou: «Amesterdão vai envelhecendo. A Europa vai perdendo brilho...» Paradoxalmente, o que o levava ali desta vez tinha a ver com um projecto *ultra-hodierno*: um edifício “semi-inteligente” para os serviços administrativos de uma empresa de sucesso ligada à indústria química.

Havia com certeza qualquer coisa nele que fizera com que o taxista o tivesse inquirido em inglês, língua amplamente difundida na Holanda: «Bom dia, então qual é o seu destino?» E utilizou a expressão com um sorriso tal que lhe pareceu que brincava ambiguamente com a utilização menos adequada da palavra destino em inglês. O acaso entregara-lhe um prazenteiro motorista *meta-físico*... Ou talvez fosse apenas um fortuito acidente linguístico, pois manteve-se calado todo o tempo, embora sempre sorridente.

O que é certo é que, equívoca ou não, a expressão lançara-o para uma longa divagação, regressando ao assunto da acesa conversa da noite anterior com Edgar, de tal maneira que só “voltou a si” ao entrar na cidade...

O destino, o curso dos acontecimentos, da existência... Estávamos destinados a determinar o destino... O Homem seria, ele próprio, enquanto espécie, a transformar o seu destino... pois via-se compelido, pelas suas intrínsecas características criadoras, a alterar, para seu próprio benefício, as estruturas bioquímicas da natureza. Gerando inúmeras reacções em cadeia, a maior parte das quais insondáveis, de repercussões genéticas irreversíveis. A alteração intensa dos ecossistemas inerente à dinâmica civilizacional; a forma e o grau de manipulação dos alimentos e dos fármacos; as intervenções cirúrgicas implementando reestruturações orgânicas cada vez mais sofisticadas; o crescente conhecimento do genoma humano e das combinações genéticas aplicado aos mais ou menos controversos e variados fins; a forma como o Homem necessariamente empregava os seus sentidos nas conhecidas e ignoradas características dos equipamentos tecnológicos por si inventados; etc., etc.; ia introduzindo ininterruptamente transformações significativas e inalteráveis na longevidade e reprodutibilidade do sistema humano. De tal modo que se tornava, acelerada e conscientemente, uma espécie que, à evolução gerada pelos factores externos e internos ditos “da *natureza*”, combinava prodigiosamente, enquanto ser vivo, uma evolução provocada pela sua própria desenvoltura estrutural. Introduzindo condições que inevitavelmente reequacionavam as leis de selecção dos indivíduos de forma cada vez mais corroborada. E isto, ao longo do tempo, exponencialmente. Sendo assim, o destino... o destino da humanidade, era construído inevitavelmente por *ela própria*... O Homem era criatura e criador num ciclo evolutivo indestrinçável!

E tinha sido a partir daqui que as coisas tinham começado verdadeiramente a aquecer... já que Edgar tinha as suas muito próprias concepções do mundo!

Rogério começou a dar verdadeira atenção às ruas, às casas, às pessoas. Ao fim e ao cabo, estava na capital do reino da Holanda... Lembrava-se bem do deslumbramento que tivera na primeira vez que visitara Amesterdão em 1976, quando terminou o “secundário”. Como lhe parecera tudo tão bizarro, tão informal e liberto. Como se sentira longe daqueles padrões sociais, daquela forma de viver que observara, abismado, pelas ruas, pelos cafés e bares. Como se reconheceu um tacanho provinciano atordoado.

Hoje já não pensava assim! Hoje em dia achava que não era um qualquer adereço despropositado que trazia modernidade a quem o usasse; que porventura a cor berrante ou comprimento desconforme do cabelo não conferiam ideias geniais à respectiva cabeça; que as roupas espantosas eram quantas vezes sinais estéticos pouco abonatórios; que a liberdade de costumes dilatada exigia uma infinita preocupação social com a educação e saúde; que a legalização da licenciosidade e demais terrenos moveções tinha contornos indeterminados; que a elevação do espírito teria muito pouco a ver com modas tão estapafúrdias quão fugazes... Bem, havia casos e casos... Enfim, não se considerava um moralista, ou moralizador, mas já tinha visto tanta coisa... Os outros que se afirmassem conforme lhes aprouvesse... Mas, para Rogério, tudo isso era ruído... Hoje, interpretava os sinais dos tempos de outra forma e o que admirava em Amesterdão estava diametralmente fora daquilo que o fascinara da primeira vez. Tudo isso era agora, para ele, decadente. A Europa decadente...

Os cortinados mal fechados deixam ver o enorme néon fixado ao prédio em frente, anunciando intermitentemente qualquer coisa sem significado para Rogério. Mudar de coordenadas geográficas é desperceber símbolos, é passar ao lado de mensagens por mais que estas se esforcem por seduzir. Sentindo prazer nessa liberdade decide começar a despir-se do cansaço de um longo dia. Sintoniza música clássica num aparelho de rádio incrustado na mesinha de cabeceira e num gesto automático agarra o comando do televisor. Prime os botões para um canal à sorte e também o botão para eliminar o som. Passado um momento deixa de prestar atenção ao que quer que seja e dirige-se para a janela. Já não chove e o ar está límpido. A serenidade começa a dissipar o sobreaquecimento das suas tēmporas. Calhou-lhe um quarto no primeiro piso, num hotel do tipo executivo, com cinco ou seis andares. Olha para a rua lá em baixo completamente iluminada, numas coloridas boas-vindas à vida nocturna. Os transeuntes, em passos tão díspares quanto as suas necessidades, lembram a Rogério que ele ali é uma espécie de turista e que deverá dar uma passeata, aproveitando os enlevos noctívagos de Amesterdão... A sua mofa diverte-o, pensando contudo que não seria má ideia dar uma volta depois de jantar. Passam duas esplêndidas jovens de salto muito alto e roupa incrivelmente justa, seguidas de perto por um gigante africano vestido como um gentleman, tão preto que os seus dentes magníficos parecem marfim fluorescente. Em Amesterdão pululam africanos.

E lembrou-se de Teresa, em África, onde era ela que sobressaia por “falta” de pigmento. Teresa poderia estar ali com ele, ou pelo menos em casa quando ele regressasse dali a dois dias. Mas Teresa possuía algo de inquietante que a obrigava àquelas provas, àquelas aventuras de risco considerável, completamente abnegadas. Com certeza que a apoiava sem reservas de espécie nenhuma. Mas isso não implicava que não se sentisse nostálgico de quando em quando, desejando que ela não tivesse que cumprir aquelas “missões”.

A imagem de Teresa tomou conta da imaginação de Rogério. Não a sua imagem física, mas uma abstracção indefinida, complexa, confortantemente querida, preenchendo subtilmente os seus vazios, desvanecendo as suas contrariedades.

«Bem!» decidiu «depois do jantar, antes da tal volta, tenho que apanhar a Teresa na *Net*, para lhe dar alguns piropos!»

2. Edgar

A tela começava a ganhar formas. Depois de várias tentativas já se determinava um esquisso que parecia corresponder às ideias que se vinham impondo. O que no início parecia ser uma certeza começou a toldar-se perdendo coerência, vindo a transformar-se em outras imagens, permanecendo contudo a intenção original.

Na sala, intensamente iluminada pela luz artificial, poderia ser qualquer hora, não fossem os diversos aparelhos electrónicos com relógio digital indicarem que já passava das duas da manhã. *Charlie Haden* e o seu *quarteto West* arredondavam as arestas dos pensamentos de Edgar com todo o virtuosismo que os potentes auscultadores podiam transmitir. Uma combinação perfeita: a paixão de *Haden* pelo jazz, no seu “baixo”, a impor-se sem hesitações e o turbilhão que fervia na mente de Edgar, na procura das traves mestras de uma nova tela, do que era o começo de mais uma pintura. Edgar conhecia bem o processo, que constantemente se repetia, sempre que dava início a um novo trabalho. A força motriz essencial que o fazia arrancar para um novo projecto começava a ganhar outros recortes, fruto de outros tantos raciocínios, como se a representação, no concreto, tivesse, ela própria, uma palavra a dizer, dando a inquieta impressão de se iniciar um debate entre criador e criação, não sendo líquido quem ficaria a ganhar... Fosse como fosse, essa fase era uma das mais apreciadas por Edgar. Embora posteriormente, durante a execução propriamente dita, se apresentassem fases muito semelhantes, nenhuma era tão emocionante e criativa quanto esta. É certo que os primeiros farrapos que originaram o corpo da ideia inicial tinham surgido há já longo tempo (Edgar não saberia precisar quanto...) e, sem dúvida, tudo isso contava para o desenrolar do processo.

Na sala, onde há pouco se poderia distinguir o mais ínfimo objecto e onde era perfeitamente audível um zumbido proveniente dos auscultadores, reina agora absoluto silêncio e uma penumbra garantida pela ténue luz de pre-

sença que sempre fica ligada. Tudo parece descansar agora. Os inúmeros livros das estantes e dos que se amontoam aqui e ali; o sistema de alta-fidelidade, com toda uma panóplia de aparelhos e as *colunas de som* impondo a sua corpulência às poucas peças de mobiliário. Uma vintena de telas de tamanhos diversos, de costas viradas, justapostas irregularmente em dois grupos contra a parede, por detrás de uma elegante e sonhadora *Kentia* cuja folhagem, apesar da penumbra, continua a sugerir lugares longínquos de eterno Verão. O computador, com todos os acessórios que a tecnologia destes primeiros anos do século XXI impõe, numa ampla secretária “em L” ajustada a um canto. Os enormes cortinados, que ocupam toda a superfície de uma das paredes da sala, na sua ondulante verticalidade, quase roçam o chão. E, no vulto que mais se destaca na sala, o cavalete de madeira, uma tela ligeiramente inclinada, onde mal se distingue a profusão estonteantemente emaranhada e indecifrável de riscos e manchas, dos quais dificilmente poderia dizer-se que descansam... No quarto contíguo, no silêncio daquele sétimo e último andar recuado, Edgar, sonhando talvez com a sua história inventada, dorme só e profundamente.

Amanhece por toda a casa para além do quarto que se agarra ainda à noite.

Edgar acorda desusadamente bastante cedo e com o sentimento paradoxal de que dormiu muitas horas. Deambula pela casa um pouco embriagado pelo sono, não se decidindo a despertar completamente ou a regressar para a cama. Quando recorda a euforia criativa da noite anterior, ou antes... de há poucas horas atrás, pensa que pode ter sido uma consequência da entusiasmada conversa em casa do Rogério. O Rogério! ... De repente, faz-se luz! Estaca no meio da cozinha e fica instantaneamente desperto. Foi isso que, inconscientemente, o fez acordar tão cedo: combinou levar Rogério ao aeroporto, pois este vai a Amsterdão. O som do despertador não tinha interrompido o seu pesado sono!... Tem de acelerar, sendo certo que já não chegará exactamente à hora combinada. Contudo a folga que têm para o voo é ainda confortável.

Edgar oferecera-se, num gesto de amizade, como tantas outras vezes, sabendo que Rogério, mesmo que precisasse, jamais lhe pediria para o levar ao aeroporto ou o que quer que fosse. Era essa a sua natureza. Edgar e Rogério privavam há já longos anos. Desde a Escola de Belas-Artes, onde Rogério se entre-

gava à sua paixão pela arquitectura e Edgar dava vazão à sua criatividade nas artes plásticas.

A sua memória devolvia-lhe nitidamente, emprestando-lhe talvez alguma romanesca distorção do tempo, o momento em que tinham entabulado conversa, porque já se vinham conhecendo “de vista” por se cruzarem amiúde pelos percursos obrigatórios da escola.

Foi na cantina, um sítio agradável e pitoresco. Aí se aglomeravam as mais variadas *tendências* do comportamento, debruçadas sobre *assuntos vitais*, à mistura com *silêncios enigmáticos* e aí se equilibravam tabuleiros onde não restava nem um centímetro para conter todos os componentes de uma boa refeição. Por esses dias, em que o refeitório da Escola de Belas-Artes primava em ser o melhor de todas as academias, passar despercebido ou ser vítima de indiferença era o pior que poderia acontecer a um debutante e havia grandes artistas (que assim se pensavam...) por todo lado. Já se vê, pois, como era interessante a hora das refeições. O pior era a longa fila, até chegar à zona dos tabuleiros e entrar finalmente no self-service propriamente dito. Essa fila era sempre lugar, para o pequeno grupo onde se integrava Rogério (todos de arquitectura), de burburinho maledicente, normalmente inofensivo e bem-humorado. À socapa caricaturavam as raparigas mais apeteceíveis inventando-lhes alcunhas e gracejavam ironicamente das poses e indumentárias dos varões “mais artistas”... Enfim... juventude. Enfim... estudantil.

Um dia Edgar entrou afogueado na cantina, pois tinha trinta minutos para almoçar: comprometera-se para uma entrevista marcada para realização de uns trabalhos gráficos. Era o seu início numa empresa e numa actividade que ainda hoje vinham requerendo os seus serviços com alguma regularidade e que mais tarde vieram a influenciar a sua decisão de enveredar pelo curso de artes gráficas. Dirigiu-se ao início da fila, posicionou-se no final, saiu, hesitou, andou de cá para lá. A dada altura, sendo de tal maneira visível o nervosismo de Edgar, Rogério sugeriu-lhe com um sorriso aberto:

— Mete-te aqui na fila à minha frente, que ninguém se importa. Toda a gente sabe que estás com muita pressa! — E disse-o sempre sorridente mas num tom que ninguém teve coragem de se importar.

E assim Edgar cumpriu facilmente o seu calendário e assim se cumpriu também a intersecção necessária para que a permuta, que vieram a efectuar ao longo dos anos, contribuisse para a formação das suas mais profundas convicções. Não por coincidentes, mas porque sem o embate constante entre duas per-

sonalidades tão diferentes não se teriam as suas formas de estar e pensar desenvolvido da mesma forma. Claro que se poderia dizer isto em relação a muitas das suas outras influências, só que não com tanta significação e evidência. E mais relevante ainda era a consciência que ambos tinham disso mesmo. Assim o pensavam. Assim o sentiam. Uma sólida, duradoura amizade, podia dizer-se. Excepto Edgar que evitava classificar as suas relações afectivas. Para ele a amizade não passava de um conceito, que em rigor, na prática, não existia. Edgar era um incrédulo em relação a tudo, especialmente no que se prendesse a assuntos em que as palavras começam a estar muito ligadas a “concepções de antropologia cultural”, expressão que gostava de utilizar para as grandes questões da humanidade. Edgar colocava o conceito de amizade no seu grau mais puro e inatingível, da negação total do “eu” pelo “outro”, do despojamento total sempre que se revelasse necessário. Isso era a *amizade*. Como achava que tal nobreza de carácter não fosse possível na sociedade actual, concluía que a amizade, conforme entendia ser o estatuto dessa tão elevada palavra, não existia de facto. Aliás, para Edgar, a não existência, fosse do que fosse, era o oceano em que melhor navegava. Costumava até dizer, meio a brincar meio a sério, que tinha sérias dúvidas da sua própria existência e que nunca tinha conseguido provar, de uma forma conclusiva, que existia realmente. Porém, continuava a tentar, dizia... Em relação ao amor ia ainda mais longe, sendo aí as suas divagações mais complexas e elaboradas. Edgar divertia-se a dar rédea solta à sua capacidade especulativa, particularmente nas águas mais profundas e dúbias. De tal maneira que, quando começou a conhecer melhor Rogério, acicatava-o constantemente para essas odisséias intelectuais e não raro acabavam a discutir acaloradamente, chegando a defender pontos de vista antagónicos até à exaustão.

Mas isso era o Edgar nos seus tempos de estudante... O tempo foi-lhe desgastando o fogo temperamento, tornando-o num homem mais reservado, de poucas palavras. Não é que não mantivesse o seu gosto pela especulação filosófica, não, muito pelo contrário. Quando se abria, notava-se facilmente que tinha vindo a elaborar cada vez mais as suas ideias. Aliás, isso era patente nas suas expressões incisivas, sintéticas e carregadas de significado, por vezes de apreensão difícil. O que foi mudando em Edgar foi a exuberância na discussão, no debate de ideias, na argumentação do diálogo. A idade pesa dizem... pois nele a consciência foi ganhando peso, por mais densa e ampliada, tornando o seu discurso mais cauteloso e poupado.

Edgar começou a preparar-se energicamente. Rogério ficaria desapontado se negligenciasse o compromisso e, pior do que isso, não se perdoaria a si próprio que Rogério pudesse pensar que ele se tinha desleixado. Meteu o seu corpo demasiado magro no chuveiro, usando de toda a agilidade para ganhar tempo. Edgar, de feições correctas, olhos muito pretos e cabelos sempre cortados à escovinha, com os seus quarenta e três anos possuía uma constituição física e uma aparência muito jovens para a sua idade. O duche ao acordar era para ele um rito sagrado.

Para além do som abafado da água quente do chuveiro, que se espalha por toda a casa, prevalece uma quietude cerrada. Sem qualquer bulício matutino, o silêncio envolvente de uma existência a sós, impregna de serenidade expectante todos os espaços. Neles a bela imagem de Carolina é quase perceptível. Não tivesse ela ido embora e seria certo que, ao sentir os movimentos de Edgar, passaria já pela casa preparando ao mesmo tempo qualquer coisa para ambos comerem. A falta que fazem todos os seus graciosos gestos amplia o silêncio de toda a habitação. Não fez ainda quarenta e oito horas que Carolina se eclipsou, como sempre faz por períodos mais ou menos indeterminados. Tinha deixado, mais uma vez, despovoada a vida solitária de Edgar, levando consigo a alegria e simplicidade dos seus encantadores vinte e nove anos. Carolina estava convencida que as mulheres entravam e saíam da vida dele frequentemente, desempenhando os mais variados papéis e modalidades de relacionamento, não raro indo o mais longe que a ligação entre um homem e uma mulher pode ir... No entanto, também sabia que ela era a única que entrava e saía quando queria e que bastava manifestar o desejo de o ver para que Edgar ficasse completamente disponível e na expectativa da sua chegada. Carolina percebia demasiado bem o que era para ele ser independente, liberto, só. Como ele prezava, quase doentamente, a sua renúncia dos mais elementares costumes que regem a sociedade, em particular a vida a dois:

— O Homem nasceu para viver só, fatalmente entregue à sua solidão essencial.

— Mas... — argumentava Carolina, sorrindo — tu raramente estás só... um homem tão solicitado!

— O que tu queres dizer, Carolina, é que eu não estou sozinho, o que é outra coisa. Não estou sozinho, mas estou sempre, sempre só. Contudo, poder-

te-ei dizer que nunca sofri de solidão, que é já outro conceito, e que as melhores fases, desta minha já considerável jornada, foram quando estava mais só!...

— Pois... hum... acabarás por morrer só!

— E não acabaremos todos? Será que algum dia alguém teve a certeza que outro alguém teve dele um conhecimento íntimo satisfatoriamente razoável, ao ponto de se sentir verdadeiramente acompanhado? Não será toda a forma de companhia uma ilusão e uma dispersão, uma distração do conhecimento e encontro consigo mesmo? Sim, morreremos todos sós. Ninguém pode estar absolutamente connosco!

— Não sei... assim já estamos outra vez nos absolutos! — Carolina apontando o dedo.

Edgar olhou-a — ela era tão bonita, os olhos azul-turquesa muito brilhantes, os cabelos cor de areia muito bem cortados tocando levemente nos ombros, as feições tão harmoniosamente perfeitas — e declarou, ironicamente mas com ternura, em tom de conclusão:

— Mas tu é que falaste em morrer: o mais fatídico dos absolutos!

Carolina, sabiamente, contrariava-o apenas o suficiente para o poder ouvir, animando-o a abrir-se. Compreendia e apreciava os seus pontos de vista, muitos dos quais mais pela eloquência do que pela sua aplicabilidade prática. Pelo menos em relação a ela, porque quanto a ele, Carolina sabia que tudo o que ele afirmava nunca andava muito longe da própria experiência, da forma dele ser. Só que essa forma dele ser obrigava a que ela, para preservar a relação que mantinham há mais de seis anos, tivesse que desaparecer de vez em quando, fazendo-se desejada, e só quando se sentia realmente pretendida entrava de novo no indomável percurso de Edgar. Para ela, era um jogo que havia a fazer e esses anos de extraordinária e acesa intimidade davam-lhe razão. Para ele, a personalidade esquiva de Carolina devia-se à necessidade constante que ela tinha de fazer da vida uma aventura e não um somatório de rotinas, não a inquirindo demasiado sobre isso. Sentia-se sempre muito próximo dela. Mesmo quando não estavam a viver juntos, encontravam-se amiúde na *Net*, apesar de não se alongarem muito, e por vezes telefonavam-se. Ele nunca mendigara o seu retorno. Cada reinício tinha o sabor de novas descobertas e as pequenas transformações tomavam relevo de grandes novidades. Cada reencontro era para Edgar, para além da continuação da vida em comum, uma espécie de regresso aos primeiros dias em que se tinham conhecido, dando-lhe, assim, durante as primeiras sema-

nas, a sensação estranhamente agradável de viver em dois tempos, pondo-o a pensar que “há males que vêm por bem”, admitindo que as suas ausências tinham o seu lado benfazejo. Não só lhe estimulavam a criatividade ao entrar num “tempo sem ela”, como lhes proporcionavam momentos encantados quando ela irrompia de novo, para retomar o lugar que nunca perdera...

Quando Edgar, depois de “voar” os quilómetros que o separavam do subúrbio onde vivia Rogério, o viu à entrada do seu prédio com um ar distraído, sonhador, ficou deveras tranquilizado, sentindo-se a entrar no seu ritmo normal que, apesar de acelerado, não tinha nada de alucinado, como nos últimos vinte e cinco minutos, com a consciência alterada pela pressa. Para mais com a chuva traiçoeira que o perseguira desde a origem... Mas tudo está bem quando acaba bem! Como Rogério não desse sinais de o ter reconhecido gesticulou veementemente preparando-se já para sair do carro quando o viu correr dirigindo-se ao seu encontro.

Depois que Edgar viu Rogério devidamente instalado lançou-lhe. — Então como vai, desde ontem à noite, o nosso “*coevolucionista*”.

Tinha a ver com a animada conversa do serão passado. Era-lhe muito característico disparar expressões residuais, epítetos, tentando sintetizar o que mais o impressionara em determinada discussão ou qualquer acontecimento que encerrasse conteúdo e que o detivesse para meditar. Depois de assimilado, definido e devidamente classificado, era sintetizado num dito significativo que era matéria de arremesso, caracterizando os seus protagonistas. Rogério deixou-se escorregar ligeiramente no assento sorrindo satisfeito pela impressão que tinham causado as suas especulações e Edgar acelerou para o aeroporto verificando com agrado que, definitivamente, Rogério ignorava o seu atraso.

3. Teresa

No horizonte o sol enorme cai esplêndido sobre Luanda. O círculo avermelhado, que mancha um céu azul desmaiado de tons de fogo, brada que se está África e que só em África o por do Sol toma este esplendor. O jipe vai rodando rapidamente, entregue às habilidades de Pedro, um africano muito escuro que, discretamente, sempre que pode, observa Teresa, apreciativo; uma branca com presença, de cabelos castanhos curtos e ar desportivo. Inquieta-o um pouco a força que, em contraste com a pequena e nutrida mas graciosa compleição, emana da sua fisionomia. Embora sendo agradável à vista, revela nos seus traços precisos e no brilho dos olhos castanhos-escuros, uma invulgar energia que o amedronta um pouco e que o leva a pensar que não gostaria de lhe dar, de forma alguma, algum motivo de reprovação.

Em Luanda, no trânsito e no resto, *conduz-se “em habilidade”*, pois as regras não têm aplicação prática e na caótica amálgama importa sobretudo levar a melhor. Os caminhos são árduos e não contornar com astúcia os obstáculos pode significar sucumbir...

Teresa, ao lado de Pedro, apreensiva, sabia bem isso. Já conhecia os malabarismos rodoviários dos angolanos e muitas vezes se entretinha a fazer o paralelismo entre o trânsito automóvel, com as suas características praticamente inarráveis, e a organização social daquela terra que em tempos também fora a sua, embora isso fosse, para ela, mais um dado cultural do que uma vivência real nítida. A comparação, na mente de Teresa, era fértil em analogias que caricaturavam o estado de confusão em que “as coisas” estavam. Já há doze anos atrás, aquando da sua primeira missão para os C.H.M. (*Clínicos Humanitários do Mundo*), em que a tratavam por *camarada Doutora*, os angolanos diziam em tom jocoso: “Angola é uma desorganização organizada”. Evidentemente que toda a extensão do significado semi-velado desta *frase-chave* não se entendia de imediato e não bastava visitar o país. Era necessário viver o dia-a-dia com aquela gente martirizada por tantos infortúnios, cujas causas visíveis e sublineares não

se assimilavam facilmente... Nessa altura Teresa vivera cerca de dez meses em Luanda e oito em Cabinda e ainda assim achava que muita coisa lhe escapava na compreensão desse território complexo e *sui generis*.

Quando saíra de Portugal, satisfazendo também a velha ambição de conhecer Angola, sacrificara uma invejável estabilidade familiar. Nuno ainda não tinha feito nove anos e a ex-colónia portuguesa era o último sítio para onde alguém quisesse ir... Mas não ela! Teresa tivera desde sempre uma grande atracção por África. Nutria uma imensa curiosidade por Angola: por ser na África austral, por ser uma ex-colónia portuguesa e por encerrar um manancial de problemas médicos e sociais que se ligavam directamente com os seus interesses profissionais e humanitários. Teresa era daqueles médicos que sentiam a vocação pelo lado filantrópico, que a levava, por um lado, a ser uma eterna inconformista, amiga activa das grandes causas civilizacionais, e por outro, a entregar-se à sua actividade profissional, nas circunstâncias mais terríveis, com entusiasmo e desinteressada dedicação. Outra razão, inconfessável, tinha a ver com o que ela chamava, para si própria, “umas férias da vida de esposa e mãe”. Apenas umas férias... Embora nem sempre agradáveis, pelas saudades, é claro, mas em que esperava ter tempo para estar *realmente* consigo própria, coisa que era muito difícil dentro das rotinas que estabelecera na vida familiar. Essa parte preferiu nunca divulgar a Rogério, para se poupar a questões que nem a si própria saberia explicar muito bem, apesar de sentir que eram importantes para ela.

Já anoiteceu e a degradação das viaturas, principalmente dos camiões, que implica que alguns circulem sem luz absolutamente nenhuma, torna o trânsito ainda mais perigoso. O ar condicionado do jipe torna as viagens bem mais confortáveis. A primeira adaptação que se impõe a um Europeu em Angola é ao calor tropical e às suas conseqüências, ao cansaço acrescido do corpo pegajoso, à constante presença dos aparelhos de ar condicionado. Enquanto as instalações no Caxito não estiverem remodeladas, Teresa terá que fazer o percurso de ida e volta todos os dias, uma vez que está colocada no posto dos C.H.M. daquele município. Por agora, está alojada provisoriamente em Luanda, num apartamento onde vive um casal de colegas da mesma *Organização*, que trabalham num departamento da capital.

Pedro tem sido o seu *motorista privativo*. Muito solícito e bem-educado, de idade indefinida, a sua natureza reservada é quebrada a intervalos largos por

rasgos de eloquência, num “português luandense”, repleto de expressões autóctones, de interjeições, nem sempre fácil de entender por Teresa.

A língua, o português, era talvez o elo de ligação mais generalizado dos angolanos. A língua, que afinal não era a deles (proliferavam dialectos), era um factor de agregação e entendimento. Uma vasta fatia da população falava o dialecto materno da sua região, apenas se podendo entender com os seus compatriotas de outras regiões, cujos dialectos eram completamente díspares, através do português. Sendo a língua portuguesa, para muitos, a segunda opção! Havia portugueses que ridicularizavam a pronúncia e a forma muito própria como os angolanos se expressavam em português, ignorando que, para eles, essa língua não era natural e no seio familiar nem sequer era usada. Sendo certo que qualquer português que ensaiasse falar a linguagem deles faria um papel bem mais grotesco!... Bem... e era preciso não esquecer que a língua de Fernando Pessoa não abrangia a totalidade dos habitantes desse vasto território. Tão vasto que nele caberiam, com folga, todos juntos, Portugal, Espanha, França, Bélgica e Holanda.

Os pensamentos de Teresa fluíam mais velozmente que o jipe, encurtando assim a viagem. Era um facto que o tempo se contraía. A mente dela, quando fora dos contextos domésticos, começava, frequentemente, a trabalhar noutra dimensão, noutra velocidade, mostrando-se os pensamentos mais acessíveis, mais conscientes, realizando constantemente operações de associação com os seus registos e estereótipos, contrapondo as suas concepções com outras, reais e presentes, catapultando-a para uma outra esfera. No fundo era essa a grande vantagem de viajar. O confronto com outras imagens, outras configurações, que, ao mesmo tempo que excitava as capacidades sensoriais e intelectuais, gerava, não só a apreensão de uma nova realidade, mas também uma nova percepção do conhecimento até aí adquirido, abalado pelo espontâneo contraponto sistemático entre paisagens, línguas, climas, necessidades, valores, sons, odores, convicções, mágoas, esperanças, e enfim tudo para o que se está apto e receptivo para confrontar. No caso de Teresa era esse o constante estado de espírito, talvez agora menos do que da primeira estadia, por já não ser novidade, pela familiaridade que adquirira nesse período. Porém, agora havia um interesse acrescido: as diferenças, as evoluções existentes, as transformações operadas ao longo desses doze anos.

Em Luanda a mudança podia-se sintetizar superlativamente: mais musseques a perder de vista, nas monocromias do bloco de cimento e chapa de zinco;

mais construções novas com traços elegantes; mais vandalismo; mais trânsito, fundamentalmente anárquico, inundado pelas “toyotas hiace”, o transporte colectivo por excelência, rainhas do “salve-se quem puder”, a maior parte aparentemente à beira da desintegração; muito mais gente, que esvaziara as províncias em ruína; mais miséria; mais crentes e mais religiões; mais lixo escancarado, nauseabundo, perigosamente disseminado; mais desemprego; mais riqueza, muitas vezes ostentada com paradoxal despudor; mais comércio (agora já havia lojas, um pouco por todo o lado); mais negócios; mais corrupção; mais viaturas de luxo, importadas de todo o mundo; mais possibilidades de sair, de viajar dentro do país, com relativa segurança, sem o constrangimento da guerra; mais marginalidade, com particular especialização no furto urbano; mais edifícios assustadoramente degradados; mais crianças andrajosas em volta dos contentores do lixo, na repugnante e derradeira forma de sobrevivência... E enfim... apesar de tudo... mais esperança!

Já fizera um ano que fora morto Jonas Savimbi, líder das forças beligerantes opostas ao regime institucional de Eduardo dos Santos. Quase imediatamente dera-se o cessar-fogo, esperando-se que desta vez não se reacendesse de novo. A paz tinha trazido consigo, logicamente, uma enorme esperança, uma grande expectativa optimista duma vida melhor para a população angolana.

Teresa gostaria de partilhar essa confiança, contudo, estava consciente dos incomensuráveis problemas em que o país vivia submergido e a paz militar estava longe de se repercutir de imediato e de forma linear na paz social... De uma coisa já se certificara: “o esquema” subsistia. Esse conceito generalizado dos tempos do “regime soviético” e da sua subsequente degeneração. O sistema imigrado da Rússia e implantado, incrivelmente, em Angola — África negra, tropical, com tribos ainda bem demarcadas!... — e que também aí se esboroava, se é que algum dia se tinha constituído, tinha implantado o “esquema” definitivamente... O “esquema” que nesse tempo significava subversão do sistema instituído; “esquematizar” benefícios à margem das supostas regras vigentes; conceber todos os tipos de suborno possíveis; inventar imaginativos malabarismos para garantir a sobrevivência, atropelando, se necessário, as mais elementares normas de conduta. Ter um “esquema” era obrigatório para resistir à pobreza, necessário para ascender nas classes sociais, imprescindível para alcançar o bem-estar. O “esquema”, essa “habilidade”, esse mecanismo “paralelo” que tinha contaminado todas as actividades em Angola e que estava, no fundo,

entrelaçado no funcionamento do mercado e da economia reais. Depois de todos aqueles anos, depois do sistema colectivista ruir e de se ter anunciado, há tanto tempo, a abertura das portas à democracia liberal, “o esquema” continuava no vocabulário de todos os angolanos, com a mesma força, com semântica praticamente inalterada.

Já passaram a Boavista e avista-se à direita, lá ao fundo, o mar, adivinhando-se as fantasmagóricas embarcações eternamente abandonadas e em decomposição, que teimam em oferecer um cenário desolador. O ar parece parado e a acalmia do final do dia não caiu ainda mas já se pressente. Em breve o jipe descreverá a bela curvatura da Avenida 4 de Fevereiro, marginal da baía de Luanda. E Teresa lembrar-se-á, como sempre acontece, do que se passou daquela vez, em 1991, dois dias depois de ter cumprido o seu trigésimo aniversário, ao descrever aquela mesma trajectória. Esse momento impressionara-a de tal forma que lhe aparecia repetido, com múltiplos cambiantes, em numerosos sonhos, e saltava-lhe à memória amiúde nos mais variados estados de vigília. Quando passava de noite na avenida marginal era infalível que não fizesse essa viagem no tempo...

Tinha regressado de Cabinda e aguardava, em Luanda, o voo de ida de férias a Portugal. Tinha andado durante todo o dia numa “4L” emprestada, aventurando-se sozinha a passear de carro por toda a cidade. Passou grande parte da tarde na praia e deixou o tempo correr até anoitecer. Resolveu ficar a comer qualquer coisa, vagarosamente, num restaurante muito agradável que existia, nesse tempo, no fim da “ilha”, o Barracuda. Apesar do programa, o seu pensamento tinha insistido teimosamente, em todas aquelas horas, no inferno que tinha sido a última semana em Cabinda. Apesar de se sentir relativamente calma, essa insistência involuntária não passava de mais uma forma de prolongar o sofrimento em que mergulhara nesses dias.

Teresa estava integrada no programa de estudo da malária e apoio às populações vítimas do vírus. Nessa época trabalhava em Cabinda, província de maior incidência dessa terrível doença, transmitida pelo mosquito *Anopheles* e primeira causa de morte em Angola. Nessa semana chegaram até Teresa, no intervalo de quarenta e oito horas, duas crianças com malária cerebral, que vieram a sucumbir rapidamente, as duas no mesmo dia. Um menino de sete anos e uma menina de onze. Duas belas crianças, de fala incongruente e olhos per-

didos pelos efeitos da febre. Num espaço tão curto, fulminante. Apesar de ter convivido de perto com a morte inúmeras vezes e de estar sobrejamente treinada para encarar essas situações, Teresa ficou seriamente abalada. Já ali tinha tido vários casos irremediáveis. Todavia, desta vez, talvez por estar a atravessar uma fase de maior fragilidade ou pela forma como as coisas se precipitaram, passou a sentir-se insuportavelmente só e desnorçada, com um desânimo que não era, de todo, próprio do seu forte carácter. Deu consigo a passar os fins de tarde na varanda, olhando o mar no horizonte, observando as plataformas de petróleo, quais monstros com a sua cabeleira de fogo, pensando que nada daquilo fazia o mínimo sentido. A fabulação em que se via envolvida não se prestava a significação plausível. O seu papel ali não passava de uma quimera que ela própria inventara, que não tinha existência real fora do seu pensamento idealista. Era literalmente impossível alterar, sequer suavizar, o drama daquelas populações. Aquele mar, causa remota da sua afinidade com Angola, ia-se transformando numa massa opaca de escuridão pungente e o flamejar petrolífero sugeria a queima infernal das suas mais genuínas convicções. Descodificar as causas da sua tristeza era entrar nos obscuros labirintos duma análise tão real quanto inverosímil do mundo que a rodeava e encontrar tal indignação que nenhuma revolta podia apaziguar, fechando-se toda essa energia negativa sobre si própria e causando-lhe uma mágoa sem nome. Algumas lágrimas redentoras acabavam por lhe molhar a face crispada. Ao fim de algum tempo regressava ao estado racional, dizendo de si para si, que as férias que se avizinhavam era tudo o que precisava e que toda aquela bruma era fruto da ansiedade, do cansaço e das saudades imensas que seis meses a fio tinham alimentado.

Depois da refeição ligeira e de bebericar um excelente café expresso na esplanada frente ao mar, resolveu demorar-se ainda. O “Barracuda” saía fora de todos os parâmetros do resto da cidade. O seu ambiente “desenquadrado” era o motivo do seu sucesso. A sensação que se tinha era a de estar numa cidade próspera de um qualquer país tropical com um bem-estar antípoda do de Luanda. Era um oásis sereno e confortável. Para um Europeu como Teresa era um reencontro com níveis de comodidade idênticos aos da sociedade a que ela estava habituada. As pessoas à sua volta, uma mescla de raças sem preponderâncias, apresentavam-se de acordo com a decoração e com os preços em dólares americanos da ementa. Uma música de fundo preenchia suavemente a surdina das conversas e os sons característicos de um serviço discreto. Teresa sintonizou-se

com a música e deixou que a amenidade do local a contagiasse. Começara ali, disso se lembrava com precisão, a mudança de humor. Sentiu a angústia que carregava começar a volatizar-se, dando lugar a um contentamento tímido. Mas a satisfação que sentiu foi-se instalando gradual e consistentemente, com argumentos de aço, que afinal tinham estado sempre lá! E de tal maneira se operara a mudança que quando saiu do “Barracuda” sentia-se mais leve, mais ágil, enfim... mais “ela”. Rogério e Nuno irradiavam na sua mente. Em breve estaria com a família. As razões que a tinham trazido para Angola eram bem claras e devolviam luminosidade à sua condição humana. A participação activa, a entrega desinteressada, a curiosidade experimentalmente saciada, o risco da vivência das fortalecedoras situações extremas, a dádiva dos conhecimentos granjeados, a sinceridade de uma conduta solidária. Verdades simples... sem certezas absolutas, uma eterna aprendizagem..., sim... sim, nada disso podia ser implodido, estava tudo bem vivo e bem de pé. Talvez tivesse sido uma metamorfose de robustecimento.... Talvez que agora, detectados e mitigados os elementos nocivos, pudesse o organismo se aperfeiçoar...

Teresa foi conduzindo a extraordinária “4L”, sem largar a mão do pequeno globo da alavanca de velocidades, abandonando a “ilha”, cuja extensão, mais ou menos rectilínea, percorreu quase sem se dar conta, enlevada pela beatitude que a invadia.

E foi então que aconteceu. Deu-se o momento que constituía talvez a sua mais indelével e inusitada experiência. Começou a descrever a curva longa e suavemente inscrita na baía de Luanda, debruada do lado direito pela cortina de edifícios, talvez a expressão mais característica da arquitectura urbana colonial, e o brilho lunar do Atlântico à sua esquerda, emprestando uma luminosidade a todo o cenário que realçava a suprema harmonia daquela elegante curvatura hiperbólica. Teresa lembrava-se que, depois de olhar de relance para a fortaleza lá no alto, deparou com a avenida absolutamente deserta. Aí a sua imaginação começou a engendrar de moto próprio uma espécie de desenrolar cinematográfico da sua trajectória, como se de um sonho se tratasse. Mas na realidade Teresa estava solidamente consciente, percebendo-se como que desdobrada: sentia-se dentro de uma cena fictícia e assistia-se, ao mesmo tempo, a viver essa cena, sendo que o real e o fantástico se sobrepunham perturbadoramente. Na baía, ao largo, viam-se múltiplas luzes trémulas em várias embarcações. Distinguiu perfeitamente as formas boleadas e os altos mastros das caravelas portuguesas do

século XVI, que se espalhavam por uma área considerável. Agradou-se do vento ameno que lhe levantava os cabelos. Aspirou o cheiro a maresia e num clarão a odisseia marítima revelou-se, instantânea. E julgou sentir nas veias o sangue antigo dos seus antepassados navegadores, retesando-lhe o corpo e animando-lhe o pensamento. O encadeamento de acontecimentos extraordinários correu veloz. Sentiu a pele eriçar-se. Teve medo. Pensou contrariar aquele devaneio, mas, para além da sensação ser deveras estimulante, a estupefacção era intensamente magnética. Imaginou então que o seu carro era um ponto luminoso vogando no infinito, descrevendo um traçado geométrico que se conciliava perfeitamente com o equilíbrio cósmico, numa dinâmica e celeridade tal que passado, presente e futuro se justapunham. Olhou para o lado contrário e viu que a maior parte dos prédios não estavam lá e que muitos outros se materializavam a uma velocidade de construção estonteante. Teresa sentiu o pulsar e a vertigem dos séculos. Tudo se encaixava como num *puzzle* autónomo à sua frente: tempo, memória, transformação, causas e efeitos, em simultâneo... Todo o seu ser foi invadido por um assombrosa consonância com uma envolvente próxima e também longinquamente indefinida, num sincronismo que parecia desvendar o universo. E tudo estava certo. E ela estava no sítio exacto, no momento preciso. Era aquela, não podendo ser qualquer outra, a sua posição no *espaço* e no *tempo*, harmonizando-se com o todo e a ele pertencendo indispensavelmente. Esse sentimento de absoluta integração, de ser a sua existência imprescindível ao equilíbrio de todos os movimentos, trouxe-lhe um bem-estar indescritível. A serenidade invadiu-a por completo. Começou a sentir uma alegria tranquila, uma plenitude sublime. E deu-se conta que deixara de sentir o corpo, e que a única impressão que tinha era a do manípulo esférico da alavanca de velocidades que a sua mão envolvia. Apertou-o com força, assustada pela insustentável sensação, e num instante, saltou para a banal realidade de conduzir uma “4L”, num dia qualquer, uma sexta-feira, dois dias depois de ter cumprido trinta anos, ao longo de uma avenida de Luanda. Analisou friamente que ainda não fizera metade do percurso que teria que percorrer na marginal antes de virar para a rua dos *Correios*. Aquele episódio, que lhe parecia ser pertença da eternidade, não durara mais que dois minutos! Todavia conviveria com ela para sempre.

E agora, passados todos aqueles anos, ali estava ela, não muito longe do local dessa revelação, como gostava de lhe chamar, apenas intimamente, pois

nunca confessara a ninguém essa experiência, nem mesmo a Rogério. Nunca encontrara qualquer resposta satisfatoriamente científica para tal fertilidade da sua imaginação. Acostumara-se, ao longo do tempo, a aceitar aquele episódio rocambolesco com tranquilidade.

Entretanto tinham parado numa fila de trânsito e Pedro falava com ela expondo a sua teoria sobre a desorganização do tráfego e a forma de a solucionar. Exposição que Teresa já conhecia e considerava pura conversa fiada. Continuava com o pensamento muito longe dali. Quando se achasse sossegada no seu quarto iria ligar o seu *portátil* e tentar entrar em contacto, pela *Net*, com Rogério e com Nuno. Se conseguisse pelo menos um, já não seria mau. Ultimamente Nuno andava um pouco esquivo. Talvez o curso o absorvesse demasiado... ou talvez não fosse particularmente atractivo, para um jovem da sua idade, gastar muito tempo na *Internet* com a mãe... Rogério já devia estar em Amesterdão defendendo o seu mais importante projecto actual. E, se bem o conhecia, havia fortes probabilidades de que se ligasse à *Internet*. Era muito raro o dia em que Rogério não dedicasse, apesar do intenso uso no trabalho, algum do seu tempo de lazer ao computador. Era um entusiasta. Graças a isso, Teresa também já não dispensava ser plenamente do seu tempo...

4. Nuno

Levantou-se uma brisa que arrefece ainda mais o fim desta tarde de Maio na Cidade Universitária de Plymouth. Ainda há uma hora atrás, quando Nuno saiu para a sua corrida diária, o movimento da vegetação era praticamente imperceptível. Agora que terminava o exercício, já os plátanos se balouçavam e, no silêncio do *campus*, a frondosa folhagem proporcionava um rumorejar cada vez mais nítido. Nuno concentrou-se por momentos naquele som de que sempre se agradara. Havia qualquer coisa dentro dele que vibrava com a mesma frequência daquela manifestação sonora da natureza, pois bastava que a sintonizasse com uma certa aplicação para sentir uma disposição apaziguadora, uma espécie de conciliação consigo próprio e com o universo... Sentiu um arrepio, misto da emoção e do efeito que a fresca brisa provocava no seu corpo já bastante suado.

Nuno, tendo cumprido apenas vinte e um anos, revelava preocupações e interesses bastantes maduros. Um deles era a manutenção da sua forma física. Era muito raro o dia em que não corresse pelo menos uma hora. Tratava-se de uma disciplina que mantinha desde o tempo — não tinha Nuno ainda dezassete anos — em que Edgar, amigo do seu pai, o desafiara, afirmando que ele, com a sua juventude, não era capaz de acompanhar a corrida de um homem já na meia-idade como ele. Rogério, que assistira à discussão, acicatara o filho apostando contra Edgar. E perdera!... Depois disso começara a acompanhar regularmente Edgar nos seus percursos higiénicos como este, jovialmente, apelidava o seu exercício regular. De tal maneira que, apesar da diferença abissal de idades, se tinham tornado bastante próximos. A partir daí, Nuno adquirira uma grande admiração por Edgar. É certo que continuava a achar que ele era o amigo mais extravagante do seu pai. Mesmo hoje, à luz da sua actual compreensão, não deixava de o considerar singular, diferente, pela positiva, tendo também consciência da influência significativa que Edgar exercia sobre ele. Pensava nele como uma inspiração benéfica e não raro acontecia-lhe, num lampejo, reconhecer a amplitude e veracidade de alguma das suas frases mais repetidas e que até aí não

faziam grande sentido. Ainda há pouco, depois de decorridos dois terços da corrida, quando pensou que tinha encontrado, enfim, mais uma estratégia para se insinuar perante Harika, saltou-lhe à mente a expressão de Edgar: «O hábito de correr é a melhor forma de aclarar as ideias» Sim, era verdade! Associara naquele momento essa frase à sua experiência de fruição de um pensamento mais activo quando a actividade física se tornava automática. E nesse instante saboreou, com conhecimento pleno, toda a essência daquela máxima.

Quando chegou à Universidade, à oito meses atrás, Nuno sentira-se um pouco perdido, pairando num mundo completamente novo. Tinha imaginado muitas vezes o que seria a sua vida académica no Reino Unido, num ambiente heterogéneo, com estudantes de todo o planeta. Excitara-o a ideia de intercâmbio, de conhecimento de outras perspectivas, de discussão e aprendizagem. Sentia-se um privilegiado por ter uns pais com ideias abrangentes e com possibilidades de lhe proporcionar os estudos naquelas condições. Inscrevera-se no curso de «*Tecnologias de Internet e Aplicações*», que, pelo seu programa, não só se afigurava plenamente adequado aos seus interesses como atestava das possibilidades de especialização dos estudos em Plymouth. Sabia que se iria confrontar com formas de ser e estar muito diferentes da sua. Por certo o facto de todos serem jovens estudantes em situação análoga facilitaria muito a sua inserção social e a rápida adaptação ao desconhecido. E depois, Nuno possuía genuína curiosidade pelos assuntos que iria aprofundar, o que, tinha a certeza, tornaria tudo o resto relativamente acessório. O seu objectivo era o estudo e a consecução do que o levara ali e do que dele se esperava. Elaborara toda a sua estratégia e programara-se para o que viesse a encontrar.

Mas o certo é que o confronto com a realidade, com todas as emoções da vivência propriamente dita e o deslumbramento com o que encontrou, o colocara num estado de desorganização de que só se refez quando a familiaridade por fim se instalou e as rotinas se impuseram. Até aí, teriam passado uns bons três meses de confusão.

Nuno vivia num apartamento compartilhado por cinco estudantes, contando com ele. Isso foi, desde logo, um motivo de alvoroço, pois tinham agrupado cinco estudantes de cinco nacionalidades diferentes, todos eles frequentando também cursos diversos! Essa variedade estimulante e enriquecedora dar-lhe-ia a oportunidade de se confrontar com um maior número de condições culturais e assim conhecer mais formas de concepção do mundo.

Quando ele chegara, Li Ming, uma muito pálida chinesa de Hong Kong, e o escuro e desengonçado Asif, da Malásia, já habitavam o apartamento há cerca de duas semanas. Mais tarde, no espaço de uma semana, juntaram-se-lhes Amir, o misterioso e esguio egípcio e a linda turca, de longos cabelos dourados e íris azul água, Harika! Um naipe desconcertante! Logo que entrou, mal tinha pousado as malas, Asif, muito alto e forte, sem ser gordo, lançou-lhe, com um sorriso aberto, num inglês singular mas bastante perceptível:

— Deves ser tu o português, o homem da *Internet* (já estava a par do seu curso...)!

Sem se deixar impressionar com o porte atlético e as feições duras, de olhar carregado, de Nuno, prosseguiu, bem disposto:

— Bem-vindo! Eu sou Asif e vim de KL (*Kuala Lumpur*). És portanto a pessoa indicada para me explicar, bem explicado, essa questão de Malaca...

Nuno, apanhado de surpresa, catapultado para a sua dimensão histórica, gracejou:

— Sim, poderemos procurar esse assunto na *Internet*!...

E ambos se riram com o trocadilho. Entretanto Li Ming, na sua pequenez, já se tinha aproximado. Fez um gesto quase imperceptível com a cabeça em jeito de cumprimento, mantendo-se calada e perscrutadora.

Asif foi mostrando o apartamento e falando sem parar, visivelmente animado com o novo colega. Que já tinha iniciado algumas disciplinas e dentro em breve teria o horário completo. Que frequentava o terceiro ano do curso de «*Automação e Robótica*», que muita gente associava a ficção científica. Que Li Ming era uma companheira perfeita. Que ela era estudante do segundo ano de «*Economia Aplicada*» e uma entusiasta acérrima da “Hong Kong chinesa”. Que os dois já tinham cozinhado em conjunto, tendo confeccionado refeições por ambos aprovadas e devoradas!...

Passaram umas noites de amenas cavaqueiras até altas horas. Nuno ficou a saber que Asif era bem mais complexo do que fazia crer e Li Ming menos reservada do que pensara à primeira vista. Depois chegaram Amir, do Cairo, com o seu sotaque peculiar e feições declaradamente árabes, de estatura mediana, olhos rasgados e húmidos, circunspecto, falando pausadamente. Começava o seu segundo ano em «*Arquitetura e Design*» e todo ele emanava, a condizer, qualquer coisa de sólido e edificante, causando forte impressão.

Por fim chegou Harika, calouira como Nuno. Fascinante. De corpo e veste primorosos. Com o seu ar um pouco aéreo, como se fosse ali parar por mero acaso e procurasse, vagamente, reconhecer em cada sítio, em cada face, traços onde se pudesse reencontrar.

Nuno ficou deslumbrado com a sua presença. Era encantadora, com um meio-sorriso permanente na boca pequena de lábios polpudos e uns olhos de mergulhar e perder o fôlego... Harika causara-lhe uma invulgar sensação e era ela agora a origem daquela doença que se apossara dele, roubando-lhe uma parte significativa da sua energia. Até aí os contactos com o sexo oposto não tinham passado de alegres e estimulantes folguedos, mais ou menos voluptuosos. O que lhe acontecera com Harika era algo de inquietantemente desconhecido. Mesmo as poucas e breves conversas que tinham tido eram pouco normais, muito sintéticas, com trocas de olhares fugidios, relâmpagos de uma cumplicidade indeterminada. Harika era indeciframente muçulmana, estudante de «*Psicologia*», duas características que, por si só, davam asas à imaginação de Nuno. A sua mente andava às voltas pensando nela e em tudo o que com ela idealizava poder partilhar, como amiga incondicional, como mulher terna e enamorada, como fruto dos seus desejos mais inconfessavelmente naturais... Com o tempo, a cabeça de Nuno ardia a pensar que, para além de todos os devaneios, desejava compulsivamente senti-la muito perto de si. Encostar-se a ela. Senti-la profundamente. Enfim, a *natureza* na sua senda de preservação selectiva cumpria a sua trama. Só que aqui dizia-lhe directamente respeito. «Então era isto a que se chamava estar apaixonado!», era esta condição, misto de imbecilidade, ansiedade e inspiração, a que a humanidade dedicava tanto da sua divagação? Sim, era esse o seu estado: tinha-se enamorado de Harika. E isso era deliciosamente pavoroso!

Agora, praticamente oito meses volvidos, o percurso instintivo, a sua passada mais ritmada, o acto de correr tornara-se mais e mais indispensável. Ao avisar o seu edifício, Nuno ia pensando que aquele esforço físico lhe parecia vital para restabelecer o equilíbrio psicológico. Estava convencido disso. Aquele cansaço converter-se-ia em estabilidade emocional, constantemente abalada por aquela fixação em Harika, e tão necessária ao êxito nos estudos...

Subiu da rua para o passeio com um pequeno salto, como sempre fazia, gozando a derradeira meta. Deu três passos afrouxando a velocidade e entrou no prédio empurrando a porta de entrada que se mantinha sempre franqueada durante o dia. Foi subindo até ao segundo andar num ritmo lento, como se o seu

corpo fizesse um resumo da energia despendida. De súbito, sem qualquer razão aparente, lembrou-se dos seus pais. Nuno, para além dos sentimentos filiais mais comuns, nutria pelos pais uma enorme consideração, pois estava plenamente consciente das suas superiores qualidades humanas, cujo reconhecimento alheio já testemunhara por diversas ocasiões. Isso facilitava muito o relacionamento e diálogo entre eles, de forma que Nuno jamais sentira que o tão falado *fosso de gerações* tivesse outras consequências que não fossem as mais benfeitas e de grande utilidade para ele. Era sempre enriquecedor ouvir o que tinham para lhe dizer. Mesmo quando não tinham ideias coincidentes ou mesmo no caso de opiniões antípodas, Nuno achava que ficava sempre a ganhar abrindo o jogo com eles.

Ao dirigir-se para o seu quarto cruzou com Amir:

— Olá Nuno! Que tal ...hoje? E o tempo... parece que vai chover?

Ansioso por se ver debaixo do chuveiro, sem parar e entrando e saindo do quarto, Nuno, para ser amável, respondeu:

— Tudo “OK”. Sim, talvez chova. Não sei...

Quantas vezes o maior prazer da corrida era o banho a seguir! Nuno entrou no chuveiro e disse entre dentes, sorrindo:

— “O meu reino por um bom duche!”.

Deixou-se ficar imóvel durante algum tempo sentindo a água abundante e amena correr sobre o seu corpo vigoroso, temporariamente exaurido, deixando-se perder, com deleite, no tempo e no espaço. Começou tudo a envolver-se numa ténue névoa de vapor de água. Por um momento sentiu-se feliz.

Após uns momentos, o pensamento nos seus pais reassumiu o primeiro plano. Curiosamente, naquele momento, nenhum membro da sua pequena família se encontrava em Portugal... Imaginou que o pai estivesse a preparar-se para jantar num ponto qualquer da cidade que sabia ser de Amesterdão, cismando muito provavelmente com o trabalho que o levava mais uma vez a sair do país. No seu imaginário o pai aparecia-lhe sempre indissociável da sua profissão de arquitecto. E a sua mãe no meio de um cenário angolano, que não conseguia conceber senão através de uns apontamentos televisivos esfarrapados e de uma fotografia, tirada aquando da sua primeira estadia, há uns anos, ainda ele não tinha entrado para a escola secundária. Essa singular imagem gravara-se-lhe na memória. Era uma cena ao ar livre onde se impunha a presença surrealista de um majestático embondeiro junto do qual se agrupavam, visivelmente divertidas, umas tantas pessoas, entre crianças e adultos. Nenhuma delas parecia notar

a presença do fotógrafo, todas observando o que quer que fosse que estava fora do enquadramento. A sua mãe era a única pessoa branca, destacando-se por esse facto. Essa representação, ingenuamente truncada, era invariavelmente pretexto para Teresa dar uma explicação ambígua: «Para mim esta foto, é uma metáfora, entre muitas coisas, da informação que, de forma geral, é difundida sobre Angola. A cena não está completa. As acções que geram as reacções não são visíveis. Nunca estão lá!» E com um ar enigmático, acabava sempre por se furtar a revelar o que era alvo das atenções daquele grupo. De todas as formas, Nuno achava que, pelas expressões patentes (onde a menos rasgada era precisamente a da sua mãe), o júbilo era espontâneo e genuíno, o que no seu entender, como imagem simbólica, era contraditória com a ideia um pouco angustiada que tinha desse país. Todavia, ele sabia que sua mãe era muito subtil, e que, portanto, a explicação completa da eleição daquela fotografia para um lugar de destaque na sala de estar deveria ser bem mais intrincada...

Nuno começou a sentir-se nostálgico ao evocar a mãe. Talvez ela pensasse nele naquele momento. Depois de jantar tentaria contactá-la.

5. Serguéi

Seis anos voaram desde que entrou em Portugal. Às vezes, quando olhava para trás, parecia-lhe que todo este tempo se passara de forma irreal. Como se tivesse desempenhado um papel qualquer num filme obscuro. Como se aquela história não lhe pertencesse. Ia colocando os talheres sobre as mesas, meticulosamente, o pensamento divagando. Já repetia aqueles gestos neste restaurante, o segundo em que trabalhava, há mais de dois anos. Mais duas ou três horas e a sala estaria repleta. Serguéi entraria em cena, rodopiando o corpo magro e meão, o cabelo avermelhado sobressaindo, a rematar a sua palidez. Havia um objectivo para cumprir: servir, servir a contento, era essa a sua obrigação, era essa a função de um empregado de mesa. Estava bem ciente das normas que se impusera. Atender todos com polimento e deferência, desculpar as atitudes mais impertinentes, acelerar para os mais apressados, orientar os indecisos, acatar suavemente as críticas. Enfim, prodigalizar afabilidade, mantendo sempre uma aparência franca, solícita, profissional. Representar aquele papel era a sua aposta e o seu agradecimento. Pelo presente, que disso dependia. Pela continuidade das pequenas vitórias da sua conseguida subsistência.

Serguéi nunca se pensara a servir num restaurante. Também nunca sonhara ser servente nas “obras” e no entanto fora esse o seu primeiro trabalho após a entrada em Portugal, há seis anos atrás. Estava reconhecido. Tinha-se orientado naquele país no extremo Oeste da Europa, bafejado por um clima invejável e de que muito pouco se sabia na Ucrânia. Conseguira entrar na restauração com alguma facilidade depois que pensou em rentabilizar o satisfatório domínio da língua que persistia ainda em estudar. Já fazia tempo que lia todo o tipo de literatura traduzida em português e era também muito curioso acerca da literatura portuguesa propriamente dita... Agora falava fluentemente, apenas com um ligeiro sotaque, imperceptível para alguns.

Essa já longa estadia em Portugal era parte representativa da sua vida. Era estranho pensar que tinha abandonado a sua Ucrânia aos vinte e oito anos e

que vivia assim, estrangeiro, anos a fio. Quantas vezes, antes de adormecer, pensava estranhamente que iria acordar do outro lado, do lado de uma vida conexas, sem descontinuidades, imaginando como cenário Krasnograd, a sua cidade natal. Como tudo acontecera!... Alguma coisa correrá mal!

No entanto, Serguéi sentia-se cada vez mais integrado naquela sociedade que o assimilava sem grande estorvo. Talvez isso mesmo também contribuisse para uma certa impressão ficcional. Ele não era dali. Não era lógico estar ali daquela forma.

La ordenando tudo, com gestos precisos, compondo todos os detalhes. Mais dois colegas o acompanhavam na preparação das mesas para o jantar. Mais tarde seriam cinco empregados, ao todo, no vaivém veloz das refeições. Os portugueses apreciavam *comer fora*. Desde que deixara o rude mundo das obras, tinha acesso a um contacto directo com os níveis mais afortunados da espiral social, passando a ter um estatuto mais consentâneo com a sua educação e sensibilidade. Passara a ter um nível de vida muito razoável, dir-se-ia até confortável. É certo que não podia ainda exercer a sua profissão... Serguéi era formado em economia pela Universidade de Donetsk. Nunca exercera plenamente. Aqueles confusos anos antes da independência, em que entrara na idade adulta com o idealismo próprio de um estudante, muito embora apreensivo, mas sonhador, tinham terminado numa absoluta falta de perspectivas para o seu diploma, dentro do marasmo económico da Ucrânia. Uma vez em Portugal, desde longa data que tinha uma estratégia alicerçada na sua vontade e perseverança. Não faltaria muito para que pudesse aceder a uma carreira. Se não acontecesse nenhum acaso infeliz, poderia concorrer ao mercado de trabalho português, com um curso superior em «*Gestão de Empresas*», dentro de mais dois ou três anos. Culminaria então aí o longo, e quantas vezes desesperante, processo de fazer valer o seu passado intelectual e de retomar o *fio da meada*... Se pudesse também alcançar uma vida afectiva aceitável!... Então aí sim! Certamente a partir daí passaria a sentir-se menos aquele actor a vaguear entre a farsa e o drama, aquele intruso numa história alheia que, afinal de contas, era a sua história... Talvez se libertasse para sempre do desconforto da incoerência.

— Serguéi, hoje estaremos um novo menu. Já sabes? — Era o senhor Barros, o chefe de mesa, que comandava toda a equipa. De feitio um pouco miudinho, mas com *bom coração*. Gabava-se de ter sido o melhor no curso de hotelaria do seu tempo.

Serguéi, ao ser interpelado, aterrou bruscamente dos seus pensamentos com um estremecimento. Recompôs-se de imediato e sintonizou com o chefe:

— Sim, já estive a ver. Não há muitos pratos novos, mas há um que não conheço e preciso de saber como é.

— Sim, fala com o senhor Tomé. — O senhor Tomé era o cozinheiro-chefe, profissional de excelente trato, muito sabedor da cozinha e da vida. Conversava muito com Serguéi e queria saber tudo. Abusava um pouco da bebida, mas não se notava.

A cozinha tradicional portuguesa passou a ser matéria de eleição de Serguéi. Como diria a rir-se o senhor Tomé: «Diz-me o que comes, dir-te-ei quem és» Aprendeu que, na verdade, a gastronomia, no sentido mais amplo do termo, era indissociável da História da humanidade, na alimentação de forma genérica e particularmente na cultura dos povos e civilizações. Em última análise, seria possível caracterizar uma determinada cultura pela forma como se alimentava a sua população. Começando pela região, com uma posição geográfica, caracterizada por um clima, que determinava uma fauna e uma flora, e portanto onde se desenvolviam determinados alimentos e não outros... Passando pela maior ou menor riqueza económica que se reflectia na diversidade e qualidade. E pelas religiões e costumes, que condicionavam e eram condicionados pela alimentação. Até aos factores estritamente antropológicos que poderiam determinar a inventiva, a complexidade. Serguéi pensava: «Conforme existem especialistas que descobrem onde nascemos pela forma como falamos, será possível, com certeza, saber de onde somos pela forma como comemos» Como seria perfeitamente viável identificar a que culinária do globo pertencia um determinado prato.

Serguéi, antes das conversas com o senhor Tomé, nunca tinha pensado no assunto com profundidade. A importância, dimensão e abrangência que ele passou a dar à alimentação, ultrapassava em larga medida as concepções mais triviais do cozinheiro, mas era bem verdade que fora este a abrir-lhe o campo à imaginação. Convinha-lhe pensar naquela escala. Valorizava o seu trabalho. Preenchia-o, dando-lhe mais realização pessoal. Ficava satisfeito com isso.

Chegou às últimas consequências: um dos factores mais marcantes na evolução do Homem teria sido a invenção dos alimentos cozinhados associada ao domínio do fogo. A partir daí nada seria igual. A dentição mudaria, toda a constituição físico-química se alterava, a organização social reestruturar-se-ia, o Homem encetava a sua caminhada para o *Sapiens!*...

Serguéi ia completando o trabalho das mesas. Gostava de observar a sala completamente deserta, com as mesas imaculadas, louças e talheres impecáveis. Os guardanapos enrolados em forma de búzio sobre os pratos. Os copos elegantemente cintilantes. Os talheres nas suas normativas geometrias. Toda a montagem para o cerimonial que acalmaria estômagos e mitigaria apetites. Um ritual, amiúde pretexto para a convivência e o festim, não raro solenizando acordos ou a falta deles, patenteando dramas, alegrias, angústias, ou, tão-somente, banalidades... Uma refeição. Que poderia nada representar, nada implicar. Mas que também poderia significar uma memória indestrutível, uma mudança decisiva. As pessoas que povoariam aquela sala eram, para Serguéi, uma razão fundamental do seu empenho. Era esse o seu pensamento.

O estaleiro, em Vila Nova de Gaia, permanece imerso na suspensão do sono. O *prefabricado*, de impermeabilidade precária, deixa o vento sibilar. O frio, que a escassa roupa não amansa, teima em incitar a insónia de Serguéi.

No pequeno quarto, o postigo envidraçado, que uma velha *t-shirt* resguarda, ainda tardará a anunciar a manhã. Para além da tarimba de dois andares que o exíguo espaço alberga, sobra lugar para uma cadeira onde repousa uma toalha no espaldar e alguma roupa meticulosamente dobrada sobre o assento. No chão, por debaixo e ao lado da cadeira, o calçado devidamente emparelhado, denunciando a enorme diferença de estaturas dos dois ocupantes. Ainda há lugar para uma mesinha de cabeceira onde reside um pequeno rádio com a antena telescópica no máximo, normalmente acompanhado pelo rosário ortodoxo de Oleg e, durante a noite, por dois relógios de pulso. Acrescentando-se o corredor de pouco mais de meio metro que circunda a cama, os cabides (que são pregos ? galeota) sempre a abarrotar, colocados estrategicamente nas paredes, e também o venerável arrumo debaixo da tarimba contendo duas malas justapostas, ... é tudo. Ou quase tudo, porque ainda há uma lâmpada nua pendendo de metro e meio de fio eléctrico que se desprende do tecto, indispensável ao guarnecimento do conjunto! Esta é a habitação de Serguéi Alexeiev e Oleg Yakovenko, desde que chegaram da Ucrânia e desde que ali *combatem* como operários da construção civil, já lá vão onze meses. O estaleiro das obras onde labutam. O estaleiro das obras onde vivem. Dispõem ainda de instalações sanitárias colectivas completas. E, para quem quiser, sumptuosamente, uma sala de refeições com uma cozinha completamente equipada! São, na totalidade, quinze homens imigrados:

portugueses vindos de longe, africanos das ex-colônias, ~~chechenos~~ e ucranianos. Todos os restantes trabalhadores da Obra vivem pelas redondezas.

Serguéi sente-se oprimido pelo ressonar de Oleg, que dorme em cima, profundamente, parecendo-lhe que toda a estrutura do beliche vibra ao som daquele ronco. O frio, o vento, a insónia e agora Oleg fazem-no levantar-se. Veste mais qualquer coisa e vem para fora do casebre.

Ainda no rescaldo da insónia, fica surpreendido pelo que assiste. Uma noite fantasmagórica de lua cheia: a luz a rodos, argentina, feérica; as poucas árvores agitam-se com ímpeto, a vegetação rasteira verga-se ao vento; redemoinham nuvens de pó; as lanças das gruas rodam perturbadoramente. Os projectores, que assinalam e vigiam, realçam com o seu brilho luminoso o efeito prodigioso de toda a paisagem.

Torna-se aquela visão o cenário de uma “suspensão no tempo”, que lhe faculta uma percepção compacta do seu percurso existencial e que o confronta com a posição em que está, com as coordenadas do presente. Um capricho das circunstâncias que provoca uma descontinuidade na equação indeterminada da sua existência... Imbuído naquele espesso lapso temporal, deambula ao acaso pelo estaleiro e o seu espírito concentra-se no que o trouxe ali: a necessidade, a curiosidade... Como se entrelaçou o passado para que naquele preciso momento estivesse exactamente naquele lugar. Uma terra estranha, uma língua insólita. Um ofício desajustado. Garantindo arduamente o presente, dia-a-dia, sufocando as memórias mais incómodas, animando-se na audácia de desassombrar o futuro. Movendo pacientemente as peças do jogo, mas com suficiente diligência para não perder a aposta. Uma ínfima “suspensão no tempo”, mas que permite a Serguéi ver as coisas como um todo e não caprichosamente dispersas como é habitual. Sair da embrutecedora sequência dos cansaços que desesperam pelo repouso, do embotamento da imaginação pelo constante ajustamento ao duro trabalho físico, onde não havia tempo para pensar, apenas tempo para prosseguir...

Reflecte sobre o plano inclinado em que viera rolando desde a sua infância despreocupada. A morte do seu pai no Afeganistão em 1983, ao serviço do Exército Vermelho Soviético. A escassez que se instalou com despudor na sua família, acompanhando toda a sua adolescência e juventude, até chegar à pobreza aflitiva em que mergulharam, ele, a mãe e a irmã dois anos mais nova, depois do colapso a seguir à independência. Nesse ano de 1991, o casamento apressado com Elena, sua única paixão; logo a seguir o nascimento de seu filho

Andrei; e, incrivelmente, a conclusão do seu curso de economia. A forma como sua mãe se mantivera, estoicamente, o sustentáculo da família.

Serguéi desenrola o passado procurando as ligações causa-efeito, achando, naquele momento, que uma lógica persistente une os elos do seu destino. Um sentimento amargo, uma ideia, quase um facto, paira na pura frieza dos seus raciocínios: em algum ponto do seu caminho teria havido um acaso, ou uma conjugação de acasos, que lhe fora terrivelmente desfavorável. Sim, alguma coisa correrá mal!

A partir do Outono de 1991 tudo se tinha precipitado. Mergulhou num enjoo subsistente, onde a única preocupação era alimentar a família, a única actividade era sobreviver. Por todo o lado se falava em liberdade; desde a “Perestroika” que se falava em liberdade. E a União Soviética deixou de ser soviética. E a União Soviética deixou de ser união. E o mundo assistia ao colapso do século XX. O muro de Berlim era fulgurantemente demolido em 1989. A Ucrânia declarou por fim a sua independência, no que foi o “annus mirabilis” de Serguéi: 1991! A Liberdade! O Ocidente exultava com a queda do regime soviético! Só que o reverso daquela indelével medalha estampava o cinismo da História e milhões de *homens livres* contorciam-se impotentes sob o jugo da tirania da fome. Como dizia grosseiramente Oleg e muitos da sua geração de jovens de estômagos cépticos: «Pois... a liberdade! Muito bom! Mas *a gente* não come liberdade!...» O desespero falava assim. Tudo se tinha esboroadado. Tudo se tinha degradado. E a miséria minava por todo o lado, insuportável.

Serguéi continua a sentir-se num intervalo de tempo intelectualmente privilegiado. O vento vai amainando e a sua montagem de memórias ganha solidez. Sim, é perceptível: o *fio condutor* espessa-se naquela análise marginal. À margem do tempo, deslocada no espaço. Não são recordações, farrapos, instantes, reconstituição perplexa do passado. Não. É uma articulação fria, racional, dos factos que lhe aparecem claros, como que descodificados, na sua plena significação, desfazendo interpretações imprecisas e interligações veladas. E desemboca numa meditação sobre os acontecimentos mais próximos, que lhe tocam de perto, mais angustiantes. Despojados das emoções traumáticas, aparecem-lhe como consequência de factores desencadeantes e também fortuitos, mas todos eles inteligíveis. A partida de sua irmã, obstinada, pronta para aceitar qualquer modo de vida (e imagina a face dela, corada, sempre capaz de sorrir). No ano seguinte, a morte prematura do seu filho Andrei com três anos, também ela com

causas coerentes: a alimentação incapaz, a impossibilidade de ser convenientemente tratado. Até à fatalidade total... o desaparecimento da sua mulher Elena. A partida sem rasto da sua companheira. Aqui o discernimento torna-se menos cristalino... e daí até à sua entrada em Portugal forma-se uma amalgama de pensamentos pouco nítidos e sobrepostos que desfaz, como por encanto, a contemplação de Serguéi. Depois desta experiência, desta esclarecida viagem mental, uma certa nostalgia pacificadora o invade. Ele sabe que não é um caso isolado; são inumeráveis as vidas de compatriotas seus com idênticas, senão agravadas, vicissitudes. Mas isso de maneira alguma o conforta. A razão que o pacifica é a visão histórica que acaba de esboçar, a integração do seu caminho percorrido num mapa lógico compreensível, ainda que tenha sido o acaso a implantar as maiores encruzilhadas e a subtrair-lhe alternativas, implacavelmente. Sim! Alguma coisa correrá mal!

Oleg, preocupado com o amigo, encontra-o sentado sobre um amontoado de tábuas, na posição de "o pensador" com uma expressão preocupada, e atira-lhe, tentando diverti-lo:

— Pensei que me tinhas abandonado!

E depois em tom paternal:

— Sabes que horas são? São cinco horas da manhã!

— Sim, tens razão... — diz Serguéi, reconhecido pela inquietação de Oleg. — Já vou dormir o resto. Estava só aqui a ver se conseguia imaginar exactamente onde estamos...

— Estamos exactamente onde está o trabalho. Tudo o resto não tem interesse! — Afirma enfaticamente Oleg, arrumando quaisquer tentativas de divagação — E tu, Serguéi, devias estar exactamente... na cama, a dormir.

Serguéi levanta-se de um impulso, como uma mola, dá uma pequena corrida com trejeitos cómicos, e começa a caminhar de braço dado com Oleg. Remata, rindo sempre:

— Não sei o que seria de mim sem ti!

Contrariando a noite anterior, a manhã fez-se calma e luminosa. As gruas imponentes parecem desmentir quaisquer hipóteses de instabilidade, agora que o vento a silvar é apenas um comentário entre os trabalhadores sobre a noite que passou, movimentando as suas longas lanças incansavelmente, parecendo ritmar a azáfama das tarefas da Obra. Do caos aparente dos movimentos, nos mais variados serviços, vão-se vencendo etapas da construção do que virá a ser um enorme complexo habitacional.

Hoje Serguéi, ainda como servente, compõe uma equipa na montagem de paredes em tijolo, carregando ininterruptamente argamassas e cerâmicos. É, desta feita, o único estrangeiro.

Os trabalhadores portugueses, inocentemente, acolhiam muito bem os imigrantes, não estabelecendo qualquer relação entre a sua presença e a estagnação dos seus parcos salários... Na generalidade os estrangeiros eram, ingénua e hospitaleiramente, motivo de curiosidade e divertimento. Serguéi, que estudara a leis de mercado e os “fenómenos tampão” nos custos de mão-de-obra, regozijava-se com a sua solidariedade compassiva, ainda que um tanto obtusa, já que, garantidamente, muito poucos estavam conscientes do processo integral e da sua provável e fria inevitabilidade.

Porém, sempre há os que, pela sua brutalidade inata, gostam de se fazer valer da autoridade, que lhes advém de estarem “na terra deles” e de serem hierarquicamente superiores, por sua especialização nas artes de construção adquiridas na longa prática do trabalho, mostrando-se muito básicos nos princípios gerais de comportamento, num meio já de si manifestamente rude por definição, pelas suas exigências específicas. Estes, esporadicamente, apenas para compensarem os seus humores, maltratam os imigrantes, em especial os da Europa do Leste, que na generalidade são os que se conduzem com mais humildade, pela educação, pela necessidade, pela estranheza da língua, pela sua condição de estrangeiros, quantas das vezes com estatuto ilegal.

Serguéi, coberto de cimento e pó da argila cozida, as luvas de trabalho sempre enfiadas, com o capacete demasiado grande a dançar na cabeça suada, sente-se hoje particularmente cansado, talvez pela noite mal dormida. Toda a manhã o Silva, pedreiro, tem implicado com ele. Porque anda devagar: «Ó russo vê se andas mais devagar!» Porque não traz a argamassa a tempo: «Lá na tua terra também se fazem paredes?» Serguéi já entende o suficiente de português para perceber. Tudo é motivo para o vexar. Gostaria de lhe dizer que dava o seu melhor. Que era Ucrainiano e não Russo (o que, para o Silva, era com certeza muito abstracto). Um sem número de coisas ele gostaria de dizer, mas mantém-se sempre calado, como mandam as incontestáveis regras de um servente, de um servente imigrante. Se apresentasse queixa ao encarregado, o mais que podia acontecer era ser mudado de equipa, causando burburinho e muito provavelmente gerando animosidade em torno dele. Nem chega a encarar a hipótese. Permanece alheado, finge-se néscio e vai sofrendo silenciosamente. Quando ouve: «Tu lá na tua terra devias ser doutor!...» Serguéi fica muito

enrubescido e sente um estremeção por todo o corpo, num tremendo acesso de vergonha. Então com as duas mãos carregadas de tijolo, as pernas embaralham-se, tropeça, perde completamente o equilíbrio e vai estatelar-se no chão, os tijolos feitos em cacos, alguns debaixo do corpo, magoando-o em diversas partes. Mas o sofrimento maior vem das gargalhadas gerais que sabe serem da sua figura ridícula ao cair desamparado. Conserva-se ainda deitado, concentrando-se estranhamente no estridente toque da sirene que entretanto começou a bramar para a hora de almoço. É a debandada geral. O mesmo Silva e outro pedreiro já o puxaram, pondo-o de pé. Certificam-se que não há sangue, perguntam-lhe se está bem ao que ele acena que sim com cabeça, não tirando os olhos do chão.

De repente vê-se completamente só na Obra. Sente o corpo machucado. Os parietais parecem querer esmagar a cabeça que arde por dentro escaldando as faces. A vista tolda-se e os olhos começam a arder. As lágrimas rompem quentes, dissolvendo tudo que é pó ao resvalarem densas pela cara de Serguéi abaixo. Poucos segundos bastam para que o seu semblante esborratado seja uma máscara, neste caso, não um disfarce, mas sim a revelação daquilo em que se tornou. Pelo menos é o que pensa quando, ao dirigir-se aos lavabos para se recompor e após o susto ao ver a sua própria imagem reflectida no espelho, encara aquela máscara de arlequim triste, onde a cor da pele aparece apenas nos sulcos feitos pelas lágrimas. Fica algum tempo a observar aquela mistificação que o olha nos olhos, até lhe notar um brilho malicioso, que identifica: «Conhecer o pior, para saborear o melhor» Serguéi acreditava que todo o transtorno encerra uma lição. Certamente que ele, se pudesse, bem que dispensava as formas mais cruéis de aprender. Não obstante, estava convencido que são essas que mais ampliam o conhecimento. Que, na maior parte dos humanos, a sabedoria é directamente proporcional à dor. Estes pensamentos foram deixando que se esboçasse um ténue sorriso naquilo que era o seu rosto no espelho. Serguéi não iria alimentar quaisquer sentimentos corrosivos de vingança ou malquerença que atafulham e inquinam a mente. Encararia este tipo de revezes com indiferença inteligente e procuraria extrair deles tudo o que fosse possível para alargar a experiência e reverter a favor do seu enriquecimento como pessoa. Esfrega energicamente a cara com água, cuja frescura lhe transmite uma sensação de prazer. Molha também o cabelo e penteia-o para trás com ambas as mãos. Ensaboa as mãos e a cara lavando-se cuidadosamente. Volta a olhar-se no espelho. Fica satisfeito com o que vê. Afinal o Silva tinha-o ajudado a levantar-se. Falaria com ele a sós,

com muito cuidado, pacificamente, mas de maneira a que nunca mais o importunasse. Mesmo em português saberia encontrar as palavras certas!

Já se fez noite e, aqui neste sítio, infinitas estrelas vigiam Serguéi, na sua taciturna arte de pensar. Dentro em pouco irá para as aulas. Já frequenta um curso nocturno de português há sensivelmente nove meses, dois meses após ter chegado. A aprendizagem que fez da língua inglesa, ainda que não muito profunda, revela-se muito útil, por partilhar o mesmo alfabeto latino, já que as duas línguas que domina, o russo e o ucraniano, utilizam o alfabeto cirílico. Está decidido a estudar. O estudo da língua portuguesa abre-lhe um mundo novo. Logo que possível inscrever-se-á noutros cursos, noutras matérias. Reganhou o gosto por aprender, acha que aprender é o bem maior ... Tem planos...

Serguéi admira o céu, na majestade de uma noite límpida, no enigma imenso que emana, como se cada ponto luminoso fosse uma pergunta por responder. Como se lhe lembrasse gentilmente da sua insignificância. Da sua irrevogável e fatal ignorância. Da sua ignorância essencial... Naquele momento, perante o esplendor celeste, dos prodigiosos astros (muitos dos quais já lá não estavam... e só a sua luz viajava ainda), a única coisa de que Serguéi estava certo era da intrínseca ignorância da humanidade. E dessa fatalidade irrefutável: o Homem nasce ignorante e morre ignorante. Todas as suas orgulhosas verdades são características. São atributos específicos da espécie e da época.

Na beleza azulada daqueles corpos celestes que brilham através dos tempos e dos espaços nas mais prolíferas intensidades, muitos se evidenciam magnificamente e outros se desmaiam longínquos. Também nesse abismo da ignorância haverá muitos graus. E, na realidade, numa perspectiva universal, sem coordenadas pré-estabelecidas, nessa vertigem dos infinitos, concebíveis e inconcebíveis, equiparar os graus de ignorância é como comparar o *nada* com *coisa nenhuma*. Talvez que a humildade e o esvaziamento, adquiridos através da consciência da ignorância, pudessem apetrechar o entendimento para receber uma centelha da luz primordial e derradeira...

Serguéi sente a atmosfera mais leve e acolhedora como resultado dos seus pensamentos. Imagina Elena. Onde poderá estar àquela hora! Há mais de dois anos que a perdeu. Sente que ela está bem. Inexplicavelmente ele sabe que ela está bem. Talvez pense nele também, naquele momento. Não foi o desamor que os separou, mas a desgraça, essa sim, começava a atacá-los por todos os poros e asfixiaria também a relação. Elena fugira de tudo: da sua angústia maternal, do

seu país deplorável, da incapacidade para superar a situação, de Serguéi que se tornara o seu mais pungente espelho, imagem persistente de todas as falências. Insistir naquela prostração era absurdo! Chegavam, cada vez mais, remessas pecuniárias de raparigas ucranianas expatriadas que atestavam o sucesso do seu exílio e expurgavam a penúria da família. Havia que optar entre o abismo iminente e a provocação da sorte. Eurgia, antes que o afecto se transformasse em qualquer coisa de execrável e devorasse a juventude que todavia sentia. Fosse qual fosse a moeda de troca! Se do corpo se tratasse, preservava o espírito... investia numa oportunidade futura ... Havia que decidir. E ela decidiu!

Serguéi habituara-se penosamente à ideia de passar sem Elena. Continuava contudo a pensar muito nela. Mas, assiduamente, ao fim de algumas imagens felizes, mergulhava numa nostalgia que não era fácil de sacudir.

De súbito lembra-se de Oleg. Não o viu durante todo o dia. Mas poderia apostar onde ele está àquela hora: no café a ver televisão. Oleg passa todo o tempo disponível a ver televisão. Pelo que Serguéi se apercebeu nos hábitos dos portugueses, Oleg está, nesse aspecto, bem integrado, pois a televisão é um passatempo sobejamente apreciado. O que é mais curioso é que a preferência dele vai para a publicidade. Adora ver publicidade. Ao ponto de achar grande parte da programação ligeiramente enfadonha, comparativamente com a publicidade! No entanto, a argumentação de Oleg acerca da sua predilecção é rebuscada. Para além do gozo puro pelo dinamismo inebriante das imagens apelativas, Oleg defende que a publicidade lhe dá o conhecimento rápido da sociedade onde está envolvido, sendo portanto a satisfação de uma curiosidade sociológica com a correspondente assimilação dos valores que caracterizam a população, com efeitos claramente vantajosos na sua adaptação. Oleg tem formação em engenharia mecânica, não tendo portanto conhecimentos especiais em áreas sociológicas ou mesmo de marketing, mas, quando Serguéi o provocou, ele atacara:

— É tudo uma questão de intuição!... A publicidade coloca as ferramentas, que o melhor das mais avançadas tecnologias pode oferecer, ao serviço da penetração no imaginário dos potenciais adquiridores. Sendo que a mensagem terá que ser eficaz. O seu alto custo nos meios de difusão não se compadece com diletantismos. Trata-se de inculcar desejos de aquisição nos mais vastos auditórios... Há que conhecer as mentalidades dos padrões sociais muito bem para que a aceitação seja bem sucedida.

— Vejo que as técnicas de marketing te são deveras familiares. Mas que ligação é que isso tem com a tua inserção social!? Não seria mais natural conviveres com as pessoas? — Instigou-o Serguéi.

— Tem tudo a ver. Vejo que ainda não *chegaste lá*... Como te tentei explicar, pretendendo-se convencer determinado grupo a aderir ao que está em causa oferecer, há que conhecer o mais profundamente possível a caracterização psicológica desse grupo para se obter uma reacção favorável. Assim, ao analisar a forma e conteúdo do procedimento utilizado, eu vou ter acesso aos mais elaborados estudos e há mais apurada intuição que incidiram sobre o dito grupo para satisfação desses objectivos.

— Sim, vês o filme ao contrário — banalizou Serguéi. — Desmontas a perspectiva do anunciante, encontrando nela aspectos da índole do “adquiridor alvo”. Não precisavas de tanta retórica para demonstrares aquilo que, consciente ou inconscientemente, todo o espectador faz: interpretar o espectáculo! Para além disso, o que mais me intriga, é que não te entedies com a constante repetição dos mesmos anúncios, técnica essencial à sua sugestão e que a mim me provoca náuseas. Continuo a insistir que a convivência social é mais salutar.

— Pois aí é que começa o segundo capítulo — Oleg não desarmou. — Não menos importante que o primeiro. É na análise exaustiva dos pormenores, que só se consegue na observação continuada, que podemos atingir as verdades mais subtis e entrar nas familiaridades da população. Conviver dizes tu! Para ter um retrato do tipo daquele de que te falo quantas pessoas teria de conhecer? Quanto tempo iria demorar? Com certeza que conhecer pessoas não está fora de causa...

— Ainda se confessasses preferências na programação: filmes, programas temáticos... eu sei lá...

— Pois, a programação também é importante — afirma Oleg e explica com ar de quem revela um segredo:

— A programação encerra em si muitos indícios. Os programas são a teia. A grande teia fundamental. Mas a fantástica estratégia aranha é a publicidade!

— Pois eu continuo a pensar como dantes — arremessou Serguéi prazenteiro, desanuviando. — Para mim, o que te interessa especialmente são as fabulosas garotas e os ambientes idílicos. Para sonhares. Para viveres a tua fantasia!

— Sim, pois... — Oleg riu-se, bem disposto. — Convém que haja nisto um lado lúdico ... É bom ter fantasias, mas eu gosto de as despir. As fantasias claro!...

Dessa vez a conversa acabou jocosamente. Na verdade, Serguéi acha que Oleg se viciou na televisão, procurando intelectualizar o processo para melhor se desculpar da sua atitude indolente. Contudo, reconhece que Oleg não deixa de ter uma visão perspicaz dos fenómenos mediáticos. Por sua parte, Serguéi considera-se um espectador bastante moderado.

Prefere observar a realidade, tentar comunicar com as pessoas, saber as suas opiniões concretas. Ter a noção das ideias, ambições e sonhos destes Europeus Ocidentais, o que na sua juventude era impensável que alguma vez fosse possível. Agora tem essa oportunidade. Não pode de todo desperdiçá-la. Acha que não são os portugueses muito diferentes dos ucranianos. Talvez um pouco mais desconfiados. E crê que mais afoitos. De todo o modo são tristes, desagregados, susceptíveis, pouco abertos. Acha-os sobretudo menos magnânimos que os ucranianos, mas de igual modo patriotas e sonhadores. Quase já passou um ano, mas isso é pouco para avaliar, sobretudo para generalizar. Uma coisa é certa: os portugueses sentem-se diminuídos em relação aos seus parceiros europeus. Por todas as razões e mais alguma, parecendo até ter um certo prazer mórbido em denegrir a sua própria imagem comparativamente à dos países da Comunidade. Serguéi não tem ainda dados suficientes que lhe permitam encarar definitivamente as suas conclusões, mas acha este sentimento tão paradoxal quanto absurdo. Na sua ignorância, é uma atitude inexplicável e intrigante para tão grandes heróis da História!... No entanto, os portugueses não consentem de modo algum que sejam os outros a depreciar o seu país. Aí o orgulho patriótico fala mais alto que a autocrítica, seu apanágio.

Com os projectores no alto das gruas, espalhando os seus clarões oblíquos que criam reflexos estranhos e irreconhecíveis, o estaleiro, visto daqui, mais parece uma paisagem num qualquer planeta ignoto. A calma paira por sobre todo a massa disforme e inconclusiva dos edifícios em construção. O lugar que foi, há poucas horas, uma quase insuportável balbúrdia ruidosa, apascenta agora silêncio e tranquilidade. O hiato transformou-o numa visão surrealista, onde a passividade lateja uma energia expectante, quase visível.

Serguéi tem a sensação que aqueles corpos vibram e libertam ondas invisíveis de tensão, cada vez mais ténues à medida que se afastam no ar. Imagina

que se desprenderão pela noite fora até a matéria tranquilizar e se tornar quase inerte. Pela manhã recomeçarão a excitação, num processo cíclico, até poderem um dia, finalmente, cumprir o seu destino último de acolher inúmeras vidas e de fazer parte delas. Serguéi concebe aqueles corpos como organismos vivos, de uma outra forma de vida, com todo um percurso idêntico: criação, formação, desenvolvimento... tudo equiparado. Com o seu ritmo próprio, a sua energia, as forças magnéticas de todos os materiais constituintes. Que influência teriam depois sobre os entes que iriam albergar, cujas vidas compartilhariam intimamente? De que forma todo o processo construtivo concorreria ou não para o bem-estar dessas pessoas? Era um facto por demais comprovado que as concepções espaciais e opções tomadas na fase criativa da arquitectura eram determinantes para a harmonia vivencial. Essa correspondência, incessante e sistematicamente estudada, tem sido posta à prova até às últimas consequências, não havendo lugar para dúvidas. Mas que dizer das outras fases, da construção em particular, do relacionamento do processo de realização com o utilizador final. Da possível interacção dos materiais e a forma como foram manipulados com as vidas daqueles que habitariam esses *organismos*. O mais certo seria que libertassem diferentes energias se diferentemente constituídos. O grau de perfeição, a qualidade no detalhe, teriam efeitos evidentes...

Será que o desvelo com que uma mãe confecciona o alimento para o seu filho, se transmite aos alimentos de uma qualquer forma inusitada, que por sua vez transferirão através da refeição uma energia benéfica à criança?... O tempo de aturado labor, de fadigas artesanais mil, que materializa a criatividade humana para a edificação da sua morada, de que forma impregna os espaços, de que maneira age nas mentes que os habitam? A Serguéi, naquele momento, ao olhar para as obras, agrada-lhe pensar que existe uma relação. E receia até que a relação seja tal que, se desequilibrada, poderá contaminar subconscientemente o tecido social, com repercussões imprevisíveis. Mais do que um raciocínio especulativo, é, para ele, uma convicção! Essa relevante transcendência adiciona ingredientes interessantes à sua actividade. Além disso encaixa-se perfeitamente no seu raciocínio preferido de que “tudo tem a ver com tudo”.

«É verdade que civilizações de grande esplendor foram erguidas por escravos!...» diz de si para si Serguéi. Mas logo sorri: «E todas sucumbiram!»

Já quase são horas de ir para as aulas. Habitualmente demora uns bons vinte minutos a pé para lá chegar. Aprender português é o seu maior investi-

mento. As suas antigas aspirações, os seus grandes sonhos foram desbotando, a pouco e pouco, até serem qualquer coisa descolorida e indefinida. O brilho agora está no português. O desafio maior é o português. Muito pouco para quem fora um jovem tão promissor. Muito pouco, pensa Serguéi tristemente. Como fora aquilo acontecer-lhe. Alguma coisa correrá mal! Agarra no seu saco de plástico de supermercado, onde guarda os cadernos e livros, e toma o seu caminho, lesto e decidido.

O burburinho que se vai elevando por toda a sala não chega para abafar a hibridez romântica do piano genial de George Gershwin, a demonstrar aos clientes que o restaurante *não deixa os seus créditos por mãos alheias* e criando uma atmosfera realmente agradável. Está na hora em que a afluência começa a crescer e, pelo ritmo de hoje, tudo leva a crer que mais uma vez o período do jantar será um sucesso. As pessoas vão chegando e sendo dispostas nas mesas conforme o número e a preferência. As mesas junto às portadas envidraçadas, por onde de dia se pode ver o mar, já estão quase todas tomadas. Nos cantos já não há mesas vagas.

Os empregados vão recebendo as encomendas, cumprindo a etiqueta, girando com desembaraço e discrição. O senhor Barros, de esqueleto apumado, toma notas num minúsculo bloco, com a sua caneta de estimação dourada. Ao mesmo tempo que se inteira das escolhas dos clientes vai lançando olhares rápidos por toda a sala, certificando-se que está tudo a correr bem e que nada o vai deixar ficar mal ... Encara num ápice Serguéi, que lhe retribui o olhar. Estabelece-se um diálogo mudo instantâneo, olhos nos olhos, que reassegura ambos. O entendimento de mais de dois anos de trabalho em equipa torna os seus sinais perceptíveis somente entre eles.

Serguéi adaptara-se perfeitamente às normas do restaurante e aos métodos do senhor Barros. Sentia-se à vontade no trabalho. Longe iam as agruras e equívocos dos tempos difíceis na construção civil!

Numa das mesas junto à vidraça, Edgar reflectia, olhando o menu sem nada ler. Os olhos dançando pelas palavras, que formavam uma ordenação de texto irrepreensível, sem contudo atentar no seu significado. Edgar, a partir do momento que levara Rogério ao aeroporto, tinha andado com a sensação que este era um dia especial. Sentira-se, todo o dia, abstracto, absorto, mas bem disposto, como se estivesse ele próprio na iminência de viajar, de partir para qual-

quer lugar sedutor. De tal maneira que, contra a sua rotina, resolvera jantar sozinho no seu restaurante favorito, onde costumava ir com Carolina em ocasiões mais ou menos especiais. Gostava particularmente daquele lugar porque, para além de uma excelente cozinha e um serviço impecável, oferecia um ambiente acolhedor e em particular uma simpática música ambiente.

Edgar continuava a olhar a lista fixamente e a única coisa em que estava concentrado, dentro daquela sala, era na música de fundo.

Serguéi aproximou-se da mesa de Edgar, cliente que já reconhece, e dirigiu-se-lhe amavelmente:

— Boa noite, senhor, como está? Já escolheu?

— Obrigado, como vai? Não... não me decidi... Hum... o que me aconselha?

6. Necessidade

A noite em Luanda está quente como sempre, embora, agora que Maio corre, já se note a entrada da estação seca, do cacimbo; a temperatura não sobe tanto, o ar é menos abafado e, claro, chuva de novo só quando revezar a estação das chuvas em Setembro.

Teresa acabou por chegar a casa cedo, ainda a tempo de ajudar Mariana a confeccionar o jantar. Embora pudesse dispor de uma empregada, a sua amiga não prescindia de participar nas lidas domésticas sempre que podia, principalmente na preparação das refeições. E Teresa, afavelmente, gostava de a acompanhar, amenizando as tarefas. Aproveitavam para conversar, para deslaçar as contrariedades do dia e rirem das caricaturas que ambas se divertiam a inventar. Era um tempo agradável aquele da refeição, talvez o mais descontraído e íntimo do dia, desde a preparação até à arrumação final. E particularmente o jantar, onde estavam os três reunidos à mesa, o casal, Afonso e Mariana, e Teresa que, como estava no Caxito, só compartilhava a noite com eles. De manhã quando saía, às seis e meia, ainda eles não se tinham levantado.

Mas hoje Mariana estava alterada. Falava alto e nervosamente explicando a Teresa o que tinha acontecido ao seu marido. Entretanto, Afonso fechara-se no quarto de banho tomando o seu duche habitual de fim de dia. Mariana aproveitava o facto dele não a ouvir para explodir toda a sua indignação. Mais uma vez Afonso ficara sem o relógio. Tinham-lhe roubado o relógio. No momento em que fazia fila no meio do trânsito, pousara o braço esquerdo, descontraidamente, com o cotovelo de fora da janela do carro. Subitamente, sentira um puxão enorme no antebraço, que instintivamente contrariou em sentido oposto, facilitando a extracção. Durou uma fracção de segundo. Já sabia o que lhe tinha acontecido. Era a segunda vez que era vítima do mesmo golpe. Afonso tinha ficado com o pulso um pouco dorido e, claro, vazio. Tinham-lhe roubado dois relógios no espaço de um mês! Afonso tinha-se esquecido que em Luanda, por esses dias, *não era aconselhável*, em certas zonas, ter as janelas abertas quando o trânsito parava.

E Afonso, mais uma vez, pagara a sua distracção. Mariana estava revoltada. Que Teresa nunca caísse na asneira de abrir o vidro da porta do carro!... Se tinha ar condicionado, para quê fazê-lo!? Não, nem pensar nisso! Numa selva daquelas sabia-se lá o que podia acontecer. Francamente, o que mais poderia suceder! Era um relógio de pulso sem grande valor, apenas cumprindo a tarefa de dizer as horas. Não tinha sequer qualquer valor estimativo. O primeiro sim, o primeiro que lhe tinham roubado tinha sido dado pela avó quando entrara na universidade. Uma perda irreparável. Este não, este último era desses baratos, dizia Mariana. Mas, a questão não era o relógio. O relógio em si. O problema era o ponto a que se chegara. A precária segurança das ruas de Luanda. O sentimento de intranquilidade que esse tipo de atitudes geravam. Não podia ser uma simples coincidência que Afonso fosse um alvo duas vezes num só mês. Tratava-se de uma actividade generalizada. Era simples, rápida, eficaz e... repugnante!

Durante o jantar Afonso mostrou-se um pouco acabrunhado, talvez pela dramatização que a sua mulher fazia do caso, conservando-se quase todo o tempo calado, contrariamente ao seu feitio jovial. Teresa manteve-se uma ouvinte compreensiva da cólera de Mariana, tentando racionalizar o acontecido. As causas eram incontestáveis: a situação social chegava aos limites. Roubar era um expediente de subsistência possível, quem sabe dos menos aviltantes dos expedientes terminais... E Teresa sobressaltou-se quando lhe veio à mente que roubar talvez fosse, ainda que indeliberado, o único acto revolucionário possível para apontar a miséria e desequilíbrio social, incomportáveis com qualquer conceito de dignidade humana. O problema era que, na consideração dos fenómenos da marginalidade que afectava a paz social, as causas eram sistematicamente ignoradas. Eram negligenciadas as causas próximas e remotas da deflagração da criminalidade urbana. Ou talvez não. Talvez que, mesmo que conhecidas e avaliadas as causas, fosse impossível dispor das vontades e dos meios capazes para as transformações necessárias... Fosse como fosse, as medidas correctivas que tentavam resolver o problema enfermavam sempre disso mesmo, de atacarem temporariamente os efeitos, mantendo inalteradas as causas. A repressão pura e simples, mais ou menos prepotente, não ia além de um mero paliativo, sobretudo quando o cancro tinha dimensões tão pavorosas que afectava os próprios promotores e protagonistas da estrutura repressiva...

Teresa ia comendo e pensando, ao mesmo tempo que ouvia as queixas de Mariana sobre Luanda, sobre o país, que se soltavam de chorrilho sempre que as

contrariedades a atingiam. Para Teresa, as pequenas tropelias eram episódios que ilustravam o grande logro da evolução da maior parte dos países africanos e que a remetiam para uma grande amargura. Avivavam as suas dúvidas sobre os desígnios da humanidade. Ali, no caso de Angola, tudo ficava ainda mais tétrico: como o Homem tinha o engenho de explorar os recursos de um solo generoso (petróleo, diamantes, ...), usando os mais elevados ânimos e as mais avançadas tecnologias, sendo ao mesmo tempo incapaz de criar a paz de espírito mínima necessária à mais elementar sobrevivência dos habitantes desse solo! Para Teresa tratava-se, sem dúvida, de uma incoerência civilizacional. No mínimo era uma incompatibilidade, à luz dos seus valores. Como vinha sendo inviável, na prática, alcançar uma progressão consentânea com a elevação da natureza humana, da qual, directa ou indirectamente, depende o curso da História. Não se tratava do futuro apenas, mais ou menos longínquo, mas do presente, da iniquidade, da perversidade, da ferida que haveria de purgar para algum lado...

Toda a História da África martirizada assentava num infeliz desajustamento temporal: quando a civilização europeia e africana se encontraram existiam em tempos diferentes, com direcções evolutivas distintas. De tal forma que não foi possível que se reconhecessem, antes se estranharam e, manifestamente, à semelhança com o que aconteceu com a civilização árabe da península Ibérica e norte de África, mas numa forma mais drástica, quem possuía maior avanço na “arte e tecnologia” da guerra dominou e subjugou. Isto era da História. Só que a questão residia em que, passados mais de quinhentos anos, a humanidade, ciente da História, não conseguira desembaraçar-se desse desajustamento. Não era apenas em ética que Teresa pensava, mas em ciência etnográfica. Em enveredar pelo reconhecimento de factos, partindo depois para análises (isentas de ressentimentos e/ou prepotências, que apenas confundiam inutilmente o processo) que mostrassem os caminhos mais viáveis para resolver o lapso. Não se tratava de fazer com que um africano passasse a pensar e desejar como um europeu ou vice-versa. Esse erro grosseiro, frequentemente cometido, ignorava a grandeza e originalidade da cultura africana e a dificuldade do *não-africano* em despir tudo aquilo que outros climas e outras vicissitudes o obrigaram a “vestir”. A verdadeira experimentação estava por fazer, pensava Teresa. A experimentação que revelaria, por certo, que em Angola, quiçá noutros países da África que ela desconhecia, haveria espaço para todos, quando se reconhecesse que as dissimilaridades eram enriquecedoras para as diferentes culturas, desde que tomadas

pela sua real valia. E as mãos dadas gerariam a perseverança que produzisse quanto bastasse. Em especial era premente uma valente sacudidela no egoísmo. Egoísmo a todos os níveis: dos indivíduos, dos grupos, das classes, dos países. Teresa achava que o seu raciocínio tinha tendência a inflectir, invariavelmente, para veredas demasiado idealistas... No fundo, suspeitava que os caminhos da compreensão entre as pessoas e os povos nunca passavam por aí, nunca se assistia a um relacionamento desinteressado; o mais que podiam era trocar benefícios, negociar conveniências, transaccionar poderes... Só um imperativo avasador faria o egoísmo estremececer. Não seria para o tempo de vida dela que Angola encontraria a sua tranquilidade. A sucessão irrevogável e intrincada dos acontecimentos se encarregaria da inevitável transformação. Enquanto isso, pensava Teresa, ela ia dando um empurrãozinho...

A má disposição do casal e os pensamentos de Teresa não tiraram o apetite a nenhum deles. Neste momento atacavam a sobremesa: fruta, papaia cortada às fatias, de um soberbo laranja avermelhado, sobre as quais espremeram previamente sumo de limão. Teresa mastigava o fruto vagarosamente, saboreando aquele paladar tropical que praticamente só comia em Angola, pois aí era bastante abundante e acessível.

A sala de jantar fazia parte de uma *sala comum* que estava sumariamente equipada com mobília de inferior qualidade e já muito usada, excepto o móvel principal que era novo, e que, enchendo toda uma parede, era constituído por dois módulos de prateleiras e gavetas e por um módulo, o da esquerda, envidraçado na parte superior, tipo cristaleira. No módulo central estava instalada a televisão que apesar do lugar soberano não tinha nem um décimo da atenção da generalidade das suas congéneres portuguesas. Em frente ao móvel modular, um terno de sofás de napa castanha escura, os quais, apesar de algumas poucas mazelas, eram bastante confortáveis. O que estava mais à esquerda do televisor era o preferido de Teresa, particularmente quando tinha vontade de embalar no sono, de *passar pelas brasas*, como ela chamava aos seus sonos curtos e deleitosos. Em lugares mais ou menos apropriados espalhavam-se estátuas de madeira muito escura de artesanato angolano, quase todas representações de figuras supostamente da cultura popular... Teresa gostava particularmente das mais estilizadas e achava algumas assustadoramente hediondas. Na sala de jantar, no topo, os cortinados cobriam quase totalmente as portas envidraçadas de acesso à varanda que dava para as frentes do edifício, e nas duas restantes paredes laterais exi-

biam-se dois quadros, também de aparência inconfundivelmente angolana, de pintura abstracta e com colorido e movimento algo impressionante e atraente. O lugar onde Teresa usualmente comia era mesmo em frente à pintura que ela mais gostava e não raro o seu olhar detinha-se longamente naquela manifestação pictórica inspiradora.

Afonso, reconfortado pelo jantar e tomando o café de que, à semelhança de Teresa, nunca abdicava, sentia-se mais animado e exclamou:

— Está na hora do *telejornal*. — Referia-se ao *telejornal* de Portugal, transmitido por *cabo*. — Vamos lá ver como vai a *mãe pátria!* — Sorriu, olhou as senhoras, buscando assentimento, e interrompeu o café a meio para ir ligar a televisão.

Curiosamente, o *telejornal* era impreterivelmente assistido pelos angolanos, os mais abastados, claro, que tinham possibilidades de pagar o serviço por *cabo*. Teresa tinha ficado surpreendida por diversas vezes ao deparar, em conversas casuais, que os luandenses estavam mais “ao corrente” do que ela própria... Sabiam os mínimos detalhes dos meandros da política e dos variados aspectos dos dramas da sociedade portuguesa.

A Língua, sim, mais uma vez a Língua, desvendando afinidades inconfessáveis, perpetuando tradições, gerando elos subtis. Prova insofismável dessa génese cultural era a forma como os angolanos seguiam o campeonato português de futebol. Como eram, espontânea e inocentemente, adeptos dos diversos clubes, brigando pelas costumeiras rivalidades, sofrendo nas derrotas e alegrando-se com as vitórias. Teresa mais se admirava por não ser um fenómeno exclusivo dos mais velhos, do *tempo do colono*, mas por se alastrar às gerações mais novas, proliferando entre jovens e adolescentes.

Afonso e Mariana acabaram o jantar e plantaram-se em frente da televisão. Não podiam perder uma pitada. Aquele era o mais acessível *cordão umbilical* com o seu país de que podiam dispor.

A Teresa não lhe apetecia muito nessa noite observar o *espectáculo noticioso* em que a informação se tinha convertido em Portugal. Assistia em doses muito moderadas, já que não queria ficar muito “por fora”. De modo geral causavam-lhe ansiedade e irritação. A informação era muito trabalhada, muito truncada, mesmo em directo notava-se que era habilmente “sedutora”. Às vezes quase concordava com Edgar, que pura e simplesmente, não possuía aparelho de televisão. Edgar que, por ser amigo de Rogério, Teresa conhecia desde os tem-

pos em que eram estudantes, não partilhava dos hábitos do resto população. Ele achava que os malefícios da televisão eram desmesuradamente superiores aos benefícios. Afirmava ser muito salutar (higiénico, dizia ele...) não assistir ao estardalhaço do espectáculo televisivo. Contava que tinha feito um teste de trinta dias em que não ligara o aparelho. Então, ao libertar-se daquele mundo, tinha deparado com um universo ignorado e fantástico. A sua criatividade triplicou. A irritabilidade, essa caiu a pique. Edgar, talvez um pouco fantasioso, dizia que tinha descoberto um homem novo! A partir daí foi radical: vendeu o televisor. O que lhe tinha sido penoso, caricaturava ele, pois tinha-o vendido a um jovem que nunca tinha tido televisão, sentindo, na altura, que estava a passar a peçonha, conscientemente, para outra criatura. A história passava a ser engraçada contada por ele, com despreocupação, no entanto, tanto quanto o conhecia, Teresa adivinhava o verso doloroso da moeda e a vontade férrea que teria aplicado no início, para por em prática mais uma das excentricidades que o caracterizavam. Apesar de considerar Edgar um niilista e achar que ele não servia de exemplo para ninguém, não deixava de reconhecer que a sua originalidade, o seu forte carácter, a determinação que punha em tudo e o seu quase constante sentido de humor, causavam uma considerável impressão nos seus semelhantes, o que implicava que, contra a sua vontade, raramente passasse despercebido. E de tal maneira impressivo que Teresa pensava frequentemente nas suas ideias, que duma forma geral a princípio lhe pareciam descabidas e que mais tarde, à luz de determinadas perspectivas, começavam a fazer sentido. Muitas das vezes funcionando para ela como alertas para situações que, por baixo de uma superficialidade enganadoramente inocente, enraizavam grandes sofismas. Rogério dizia-lhe amiúde que Edgar era a única pessoa que conhecia que tinha uma atitude consistente perante a vida. Claro que Rogério era suspeito, pois era por demais perceptível que eles tinham uma relação de amizade meio simbiótica. Agora que pensava no *telejornal* e no espectáculo que se tornara, pelos imperativos da dinâmica comercial televisiva, não podia deixar de lhe dar alguma razão. Aliás, a posição dele sobre esse assunto ganhava relevância na espécie de ficção patética que eram as notícias televisivas portuguesas sobre Angola. Tratava-se de remendo sobre remendo num pano que já nem se distinguia. Para ela, que tinha a realidade bem presente, as imagens e histórias a que se assistia não tinham nada a ver com os factos. Era absolutamente virtual. Dramaticamente risível. Numa dessas alturas o seu assombro trouxe-lhe à memó-

ria as impertinências de Edgar numa das primeiras conversas sobre o tema, precisamente quando a inteirara que se ia desfazer da televisão, havia pelo menos uns sete ou oito anos atrás:

— Digo-te Teresa, vou-me ver livre da televisão. É uma grande mentira. Pensamos estar informados, mas o que possuímos é apenas uma versão precária da história, o mais das vezes colada a uma opinião incerta. De tal forma que o mais natural é que a probabilidade seja de noventa e nove em cem de nos montarem um filme ao gosto de não sabemos quem, para que pensemos de acordo com não sabemos bem o quê!... Já decidi! Está decidido, desfaço-me da televisão. — Edgar acompanhava as suas palavras com gestos largos e movimentos firmes, dando amplo uso às suas mãos enormes, com dedos compridos e ossudos, acentuando as suas opiniões arreigadas.

— Que exagero — retorquiu Teresa com um tique de enfado. — Não percebo metade do que dizes, mas soa-me a mais uma das tuas hipérboles! Então e todos os outros programas para além dos informativos? E os filmes de que tanto gostas?!

— Pois é, esse é o preço que vou ter que pagar. Como sabes aquilo que mais me vicia é a “telenovela do *telejornal*”. Sim, porque as notícias mais “rentáveis” são as de continuidade episódica... Então, como estou seguro de não conseguir disciplinar-me numa programação selectiva, há que *cortar o mal pela raiz*. Assim garanto a infalibilidade. De todas as formas, estava sempre sujeito a uma programação com a qual dum modo geral não tinha grandes afinidades e por acréscimo acabava sempre sugestionado pela montagem mediática massificada. Não posso aceitar ser mais um aderente da “*tele-hipnose*”.

— Não há comunicação isenta. E o referencial que abandonas é extensivo a toda a população. Adoptando a tua estratégia ficas isolado. Viverás comunicável na tua sábia ilha que não deixará de ser tão irreal como qualquer outra e será sobretudo menos documentada... — Teresa ao mesmo tempo apontava um dedo indicador para o chão e descrevia repetidamente um círculo imaginário, dando ênfase, irónica e energicamente, à situação circunscrita que lhe imputava.

— Lerei mais, irei mais ao cinema, passearei mais, pensarei mais, observarei com lentes mais límpidas. De todas as formas a História só se entende *a posteriori*. As notícias “frescas” são sempre desgarradas do contexto e como tal não podem ter verdade histórica, sendo a narrativa do presente absolutamente parcial e facilmente manipulada, consciente ou inconscientemente.

Aqui Teresa interrompeu Edgar impetuosamente, quando não, ele se estenderia por ali fora com conceitos e dissertações que para ela não tinham qualquer utilidade prática:

— E então, ao fim e ao cabo, sendo assim, qual é para ti a fórmula!? Os meios existem. O Homem é como é!...

— Sim. Não. Isto é, não há fórmula nenhuma. Não há fórmula, há fórmulas. O problema é sempre o mesmo. — Edgar fez uma pequena pausa, como se acusasse algum enfado, olhou em volta endireitou-se e os seus olhos muito pretos fixaram-se vivamente nos de Teresa. — Por exemplo, se eu estiver a pintar um quadro e começar a pensar que o meu quadro é também um produto para aquisição... Se eu precisar que ele seja rapidamente adquirido, sendo obrigado a encará-lo nessa perspectiva, vou ter que lhe introduzir ingredientes que o tornem apetecível, vou ter que moldar o seu eventual contexto artístico às leis que não são exclusivamente pertença da sua mensagem... daí que existirão graus de desvirtuamento que serão proporcionais à distância entre a verdade do quadro e a sensibilidade do hipotético público. Pronto, agora vais por aí fora, juntas-lhe o melhor das ciências do marketing, com o melhor das estatísticas matemáticas... Já estás a entender!... E então, para atalhar na alegoria, tens em mim um pintor que produz qualquer coisa equívoca, que se vende bem, que contenta a quase todos, mas que de ética, de estética, de verdade... tem muito pouco.

Teresa olhava para ele, agora com admiração, pois no mínimo, podia aperceber-se da complexidade que ele aplicava ao assunto, que para ela não mereceria mais que uma frívola abordagem bem-humorada. Mas não desarmou:

— Vejo que tu és daqueles que pensam que o público não se deve tomar em conta. Os artistas, neste caso, os jornalistas, fariam as peças que para si estariam bem feitas, ignorando em absoluto o público. É por isso que há tanta manifestação artística que não tem qualquer aceitação. Enfim, são os puristas!...

— Eu não disse que devem ignorar em absoluto, — corrigiu Edgar apontado para ela, calmamente, com a mão movimentando-a para cima e para baixo — embora eu pense que para a maior parte das artes esse deve ser o princípio ideal, e friso ideal... Acho que o fenómeno reside, como quase sempre, no exagero. De apenas nos regularmos pela eficácia na conquista do público, sob pena de raciocinarmos em termos de “desvios padrão” de certas amostras, com resultados que, de uma forma geral, conduzem a maiorias por definição menos exigentes, menos críticas...

— Tem paciência meu caro, se o espectáculo é para o público, se é o publico que elege, e se é a maioria que determina... tudo isso está certo, é assim que as coisas devem funcionar...

— Pois aí é que te enganas redondamente! — Edgar passou a mão pelo cabelo rente, delineando o queque-mate. — Como sabes, se deres às crianças todos as guloseimas que te pedirem, elas acabarão por adoecer... Há que as educar. Há que lhes ensinar que o que elas gostam nem sempre é o que lhes faz bem. E, como tu bem sabes, estas maiorias de que falamos estão sempre, intrinsecamente, mais próximas da infância da civilidade e do conhecimento. Quando satisfazes as maiorias de forma sistemática e esquecendo certos critérios éticos, não só não contribuis para a sua elevação progressiva, como atrofias lentamente as minorias privilegiadamente mais evoluídas, em cujas mãos, por inerência da sua formação, muitos destinos estão concentrados. Podes, portanto, apreciar o efeito catastrófico que os meios de comunicação em geral podem ter ao obedecerem à lógica contra a qual eu te digo que me insurjo. Também em relação às maiorias, que para ti usufruem de direitos soberanos, peço-te que tenhas sempre bem presente que foram as ditas maiorias que levaram Adolf Hitler ao poder, em eleições supostamente democráticas! E precisamente “habilmente direccionadas” pela máquina de comunicação que a época podia dispor. E isso foi apenas há cinquenta e poucos anos! — Edgar respirou fundo visivelmente emocionado e satisfeito por Teresa não ter interrompido o seu raciocínio. Depois sorriu e piscou-lhe o olho, encolhendo os ombros, como que a dizer que os seus argumentos eram incontestáveis mas que ao mesmo tempo não dramatizava o assunto.

— Bem, não fiques por aí. Tens que ter soluções na manga. Não basta apontar o dedo. Isso para mim não vale nada. Qual é a solução para essa perversão que inventaste? — Teresa retribuiu-lhe o sorriso e lançou-lhe o repto, querendo ao mesmo tempo abalar a solidez da sua argumentação.

— Não há solução. Repara: eu descobri a minha solução da qual te contei uma parte. Contudo se me perguntas como é que se poderá mudar esta situação recorrendo de modo sociopolítico, como sei que gostas de equacionar estas questões, dir-te-ei que, com a velocidade que o comboio rola, não há mudança de direcção à vista. Estas coisas, como quase tudo, transformam-se pela necessidade. Chegamos aqui por que houve a necessidade que assim fosse. E sairemos daqui quando a necessidade ditar que assim tem de ser. E para não parecer demasiado o “*senhor de Lapalisse*”, dou-te um exemplo. Vais entender aonde quero

chegar rapidamente... Sabes que a economia mundial é extremamente dependente do petróleo... Há uma ligação directa entre a energia e o petróleo. Há muitos anos que se fala em energias alternativas, por diversas razões, fundamentalmente ambientais e económicas...

— Mas que é que isso tem a ver?! Acho que mudaste de canal sem dar por isso! — Impaciente, Teresa fazia troça do que lhe parecia uma divagação “à Edgar”.

— Tem calma! Já vais perceber. Todos estes anos as energias alternativas, apesar de tecnologicamente viáveis, eram quase só palavras e experimentalismos dos países mais evoluídos. Mas tu vez que hoje a necessidade está a levar a que a economia mundial, até aqui pouco interessada em alterações, se reconverte para poder encarar a aposta em outras formas de energia. A escassez do petróleo começa a denunciar um fim à vista dos jazigos minerais. Os conflitos e instabilidades múltiplas que afectam os países produtores tornam os preços de tal forma incontroláveis que desequilibram as políticas económicas mundiais. O impacte ambiental é preocupante. Isto é, as repercussões imediatas tornam absolutamente necessário que se encarem as energias alternativas como imperativo do desenvolvimento. E então desembocamos no conceito que te exprimi: a necessidade. Não foi a consciência que o Homem teve dos males da demasiada dependência do petróleo. Eram conhecidas todas as implicações. Estavam descritas todas as conseqüências. A ciência e a técnica já tinham as respostas. Mas é só agora, na minha óptica e tanto quanto posso prever... É só agora que a necessidade vai impor as suas regras; é agora que as alternativas se consideram seriamente ... Porque a progressão tem necessidade que assim aconteça. Pois aí tens a resposta. Quando a necessidade das populações a isso impelir; quer pela degradação dos costumes; quer pela deterioração do espírito cívico; quer por imposições de ordem de organização social devido a questões de segurança e saúde; quer porque corrigir e aperfeiçoar personalidades trará, nessa altura, mais resultados do que condicionar e estimular comportamentos aquisitivos imediatos; quer porque educar os jovens venha a ser mais vantajoso do que punir os adultos...; quer ainda pela própria evolução humana que atingirá níveis de inquietação, por exemplo, que exigirão interactividade personalizada; enfim, por transformações que não podemos conceber ainda... Para não me alongar e como com certeza já estás no ponto onde eu queria chegar, quando a televisão e outros meios de comunicação se tornarem necessários para a difusão de pedagogia

social — valores, ensinamentos, avisos, correções sociais, etc., etc. — o que não implica que não sejam transmitidos de uma forma divertida e com conteúdos lúdicos à mistura; quando, enfim... a factura da nossa inadequação social for incomportável... aí surgirá uma teledifusão menos regulada pelos mercados e de cariz mais íntegro. E porquê? Por necessidade.

Teresa registara bem as bases dessa conversa com Edgar, há tantos anos atrás. Afinal de contas o tempo acabara por lhe dar razão. Depois dessa vez tinham aflorado o tema várias vezes, embora, da parte de Edgar já não houvesse grande entusiasmo: reafirmava as suas posições, mas era assunto arrumado. Ele mostrava-se, até hoje, implacavelmente coerente e, na generalidade, cada vez mais o panorama real se ajustava às suas apreciações de outrora.

Teresa levantou-se da mesa, já sem quaisquer resquícios do jantar, saiu calmamente para da varanda e apoiou os cotovelos sobre o parapeito. Estava num primeiro andar. Lá em baixo as crianças corriam em alvoroço de um lado para o outro como de costume àquela hora. Divertiam-se com um jogo qualquer do tipo de “*o que é apanhado fica a apanhar*”, dessas brincadeiras com que todas as crianças se distraem. Vestiam roupa muito sumária e calçado precário. Ao todo deviam ser aí umas dez crianças. Duas ou três, incluindo uma menina de cabelo todo impecavelmente entrançado, estavam mais arranjadas, notando-se na sua apresentação as preocupações e possibilidades da família. Mas todas corriam e soltavam gritos agudos de excitação, com uma espontaneidade e alegria de que só as crianças são capazes, enchendo de algazarra todo a indiferente vizinhança.

Do lado esquerdo, dentro do pequeno largo, num prédio de três andares, havia janelas iluminadas completamente abertas, onde se narravam cenas de intimidade caseira. Uma menina, mostrando ainda, impudicamente, em tons de castanho acobreado, parte da sua beleza íntima, alindava-se fervorosamente para o namorado que não tardaria. Teresa já os vira por diversas vezes a namorar, encostados aos automóveis. Apareciam um pouco mais tarde, já na pacatez do largo, quando as crianças se tinham recolhido. Nessa altura, como de costume, um magote juvenil conversava despreocupadamente, enquanto os pares namoriscavam ligeiramente afastados, em lugares mais recatados.

A esta hora a menina vestira já a sua muito justa mini-saia rosa forte e estava a experimentar uma t-shirt verde azeitona que se cingia, numa total aderência, às suas formas generosas. Teresa achou que o namorado era um herói se

mantivesse a compostura perante aquela extraordinária florescência de sensualidade. Noutras janelas, onde o calor amolecia composturas, viam-se algumas silhuetas em trajas menores, à luz violácea da televisão. Havia fumadores à janela, expelindo o fumo azulado para a noite retemperante. Uma mulher muito preta e muito gorda passava a ferro energicamente, debaixo de uma lâmpada fraca pendurada do tecto. Numa varanda uma mulata esfregava a roupa num tanque, mexendo os lábios e olhando de quando em quando para todos os lados.

A menina, já completamente vestida, fazia laços no cabelo com um lenço de tule escarlate. Teresa relanceava os olhos por aquelas vidas e não lhe era fácil imaginar as suas histórias, tão diferentes da sua. A música encheu de repente o largo. A partir de uma certa hora a música aparecia sempre, como por encanto, nos dois altifalantes colocados estrategicamente. Quando a luz faltava, o que era uma angústia sistemática, apenas três moradias no largo possuíam geradores (uma das quais onde Teresa estava) e todas as habitações restantes ficavam à luz das velas. Apesar disso, a música não deixava de se ouvir, a impor-se à moléstia do ruído atroador dos geradores e ao desalento pela falta de electricidade. Teresa nunca chegou a saber qual dos geradores garantia que o largo ficasse sempre iluminado (através de um projector montado num poste para o efeito) e que a música se mantivesse, para além da fatalidade...

Sim, a música não poderia faltar... Teresa assinalava pelo menos três factores essenciais que caracterizavam o percurso evolutivo distinto da África austral: o clima, a sexualidade e a musicalidade. Não assim ordenados nem assim separados. Mas antes interligados, com relações de dependência, com proporções e predomínio circunstanciais; e entretecidos de forma decisiva nos comportamentos das populações. De tal maneira esses factores eram destrincháveis de outras culturas que nunca por nunca a progressão histórica poderia alguma vez ter sido idêntica. Era certo, pensava Teresa, que embora ela tivesse lido sobre África e construído um imaginário em que as diferenças raciais e civilizacionais afloravam todo esse tipo de considerações, a verdade era que só depois de viver em Angola tinha assimilado essas conclusões e destacado esses três atributos fulcrais. Só quando sentiu o seu corpo entorpecer estranhamente debaixo de condições climatéricas insuportáveis; só após ter apurado a forma precoce, liberta, descontraída e entusiasta com que os angolanos davam vazão à sua sexualidade essencial; apenas quando presenciou crianças de três, quatro anos, a requebrarem com graça o seu corpo miúdo ao ritmo da música; e enfim... só depois de

se ter deliciado ao assistir à forma magistral com que os angolanos se entregavam à paixão das danças mais rodopiantes, desmentindo em absoluto a sua aparente indolência, numa manifestação sensual e musical ímpares; só depois de ter vivido essas singulares emoções *in locu*, Teresa pode sentir quão distintivas eram essas características. Perante esse conhecimento pode ela entender melhor a cultura africana e justificar muitos dos seus comportamentos. Para chegar até à compreensão da índole africana esse entendimento era determinante. Por mais aculturações e assimilações que os angolanos acumulassem, os efeitos dessa tríade exclusiva estavam lá, reverberando ancestralmente no seu temperamento.

Já se tinham ido as crianças, e os seus gritos também, o que dava uma franca acalmia ao largo. O grupo do costume reunia-se em amena cavaqueira. E a menina, com o seu lenço escarlate, num passo dengoso, veio juntar-se aos restantes. A música, ou o que quer que fosse que saía agora pelos altifalantes, era o som de fundo da sala de estar em que o largo se convertera. Apesar de todos os pesares, ali a jovialidade parecia ser uma prerrogativa incontestável.

Teresa resolveu voltar para dentro de casa. Passou pela sala e disse qualquer coisa sem significado ao casal (só depois é que reparou que Afonso já dormia). Mariana acenou-lhe e ela continuou para o seu quarto. Este aposento, para ela provisório, tinha duas janelas, uma do lado esquerdo e outra em frente da cama. Estavam protegidas por cortinas de um tecido translúcido que assinalava o dia logo à primeira luz, de tal forma que era muito difícil dormir até mais tarde nos fins-de-semana. Na parede da porta, do lado direito da cama metálica de solteiro, impunha-se um guarda-vestidos desengonçado, lacado a branco. Havia uma mesinha de cabeceira, a condizer com o guarda-vestidos, entre a cama e a porta. Do lado esquerdo, timidamente, uma pequena mesa de madeira, tipo piquenique, era servida por uma cadeira também de madeira, de espaldar recto; este conjunto constituía a mesa de trabalho de Teresa. A grande vantagem deste quarto e particularmente da posição da mesa era a tomada telefónica que se encontrava mesmo por debaixo.

Teresa abriu o seu *portátil*, ligou o cabo telefónico e avançou com as restantes operações rotineiras para disponibilizar o computador e *entrar na Internet*. Quantas pessoas no mundo estariam também, naquele preciso momento, em frente a um computador com o mesmo propósito de se ligarem à “ampla rede mundial” (como ela gostava de traduzir)? Esta era uma questão que lhe ocorria constantemente naqueles momentos de espera que precediam a acessibilidade

aos programas. Na verdade, tornava-se uma utilização universal... Computadores, pessoas e informação electronicamente interligados, à volta do mundo, através de meios e gestos simples. A maravilha da era digital. Aí estavam os mercados a pulsarem em megabites à velocidade electrónica. Os maiores expoentes da tecnologia e da economia irmanados obstinadamente disputando o potencial mercado planetário. Aí estava a possibilidade de um rumor, emitido inadvertidamente (ou não...) num canto do mundo, se transformar em verdade universal numa questão de segundos... A sugestão geral, a persuasão terrestre... Do mais pernicioso propósito à mais virtuosa inspiração, o esplêndido ente virtual!... Mas aí estava, concomitante, o acesso instantâneo à verdade possível da informação mundial; ao acumulado enciclopédico infundável da sabedoria e criatividade humanas; à memória global... Para a geração de Teresa era prodigioso poder levar, para qualquer lado, tudo isso debaixo do braço. E de tal maneira a *rede global* se afirmava inquestionavelmente que já se relacionavam directamente os índices de utilização das populações com o estado de desenvolvimento dos países respectivos. Para ela era indubitável que se vivia num tempo charneira na História da humanidade.

A princípio ela não dera atenção ao computador, apenas o usava esporadicamente como um simples processador de texto e pouco mais. Mas, ao longo do tempo, a insistência de Rogério fizera com que entrasse progressivamente nos meandros de aplicações diversas. Quando se vulgarizou a *Internet*, ele não sossegou enquanto ela não se familiarizasse com a *Rede*. As reservas várias que tinha, inclusivamente de natureza sociopolítica, pela literatura a que tivera acesso, punham-na de pé atrás. Mas Rogério não se deixou dar por vencido e acabou por convencê-la. Depois da fase do deslumbramento, tornou-se uma adepta incondicional e encarava agora o computador como uma companhia indispensável.

Quando se detinha sobre páginas de informação para saber o que se estava a passar na Argélia, pois havia notícias de um grande tremor de terra, de grau sete na escala de Richter, espontaneamente um ícone começou a piscar: era Nuno que entrava em contacto com ela. Abriu a “janela” e leu:

«Viva mãe, estás por aí?»

Ao que ela respondeu de imediato pressionando o teclado. E foram estabelecendo um diálogo ininterrupto embora com alguma lentidão.

Era curioso ser ele a tomar a iniciativa, quando Teresa há poucas horas tinha pensado que ele andava pouco comunicativo.

A intuição de mãe não errava: era sem dúvida um facto que Nuno vinha evitando os pais. Ele temia cair na sinceridade de lhes contar como andava atormentado por causa de Harika. Considerava o assunto confuso, complexo, muito íntimo para abordar com eles e com quem quer que fosse. E como sempre se abria com eles... Enfim, não se sentia confortável. Talvez aquilo lhe passasse e então tornar-se-ia ridícula a importância que agora lhe dava.

Foi respondendo às perguntas habituais da mãe e pondo em dia a sua curiosidade também. «Sim» dizia-lhe Teresa «está tudo calmo, ou seja, acho que a paz está para ficar», e logo depois: «No entanto, é tudo muito complicado, é difícil de explicar...»

Depois de trocarem duas ou três bisbilhotices sobre Portugal, Nuno não resistiu e perguntou à mãe, tentando dar um tom de gracejo: «E já agora, a despropósito, sabes porventura explicar como se pode saber quando se está apaixonado por alguém?»

Nuno esperou algum tempo pela resposta, pensando que realmente Angola ainda tinha velocidades de transmissão muito baixas. Mas, apesar disso ser um facto, a demora na resposta vinha principalmente de Teresa, que ficara desarmada com a pergunta, e acima de tudo, não obstante o tom prazenteiro, do que ela deveras significava...

Por fim Nuno viu aparecer no monitor: «Não se sabe, sente-se.»

Nuno caiu nele: fora indiciar o seu estado, e logo tinha que ser com a mãe, que afinal também era uma mulher. E pela resposta evasiva, que lhe parecia ser ao gosto feminino, logo pressentiu o erro e quase se arrependeu. Mas já que ali chegara, não tendo afinal muito a perder, continuou: «Sente-se como?»

Era a pergunta que ela esperava e cuja resposta preparava já mentalmente. Porém, não estava segura de como devia orientar o seu pensamento em direcção ao filho. Até para si própria seria difícil. Escreveu: «É muito bom! É uma sensação indescritivelmente boa»

E então foi o descalabro total. Teresa leu a resposta: «Não me parece!»

Estava tudo dito afinal. A interjeição automática de Nuno revelava o seu caso, sem margem para dúvidas.

E teve que enfrentar a pergunta da mãe: «Quem é?»

Ele não fugiu à questão: «O motivo deste mal-estar que sinto é Harika. Falta saber se isto é estar apaixonado. Dizes que é uma coisa boa!...»

Teresa certificou-se: «A Harika da Turquia, sim?» Nuno confirmou.

«E ela?» quis saber Teresa.

«Ainda não falei de nada com ela!...»

E aqui Nuno considerou que, decisivamente, grande parte do seu desassossego vinha precisamente deste ponto: de ser o seu sentimento isolado. O sortilégio podia estar a passar-se apenas na sua mente. Aquilo que ele imaginava que ela sentia por ele poderia ser completamente alheio a Harika. Isso seria um salto enorme para o vazio. Dessa dúvida provinha por certo uma parte da sua inquietação e sofrimento. E a outra parte era decorrente, claro: o medo terrível de que isso fosse verdade.

«Bem, o que te posso dizer é que deverás ponderar sobre as tuas emoções e, depois disso, sondar inteligentemente (para não te machucares muito) a receptividade da Harika. A seguir, logo que sentires uma brecha convidativa, escolhe o momento oportuno para lhe confessares o que sentes. Isto que te digo não faz nenhuma lei, pois tu é que és o protagonista e cada caso é um caso. De todas as formas vai em frente... se for preciso conquista-a. Não hesites muito. Por mais que saias derrotado, aqui perder é principalmente não tentar. E, evidentemente, nunca te esqueças, que esse é um jogo a dois...»

Nuno recebeu a mensagem, leu rapidamente, e resolveu *copiá-la e guardá-la*, depois atentaria nela calmamente. E disparou: «Sim, vejo que, se me permites, teoria não te falta. Mas agradeço-te.»

Teresa não deixou em branco o remoque do filho: «Bem, quanto ao meu diletantismo, não te esqueças que tu, Nuno... és o resultado da minha paixão pelo teu pai!...»

Entretanto, Rogério tinha entrado na *Rede* e começava a piscar na “*barra das tarefas*” para que Teresa respondesse. Quando se despediu de Nuno, que já se tinha apercebido da entrada do pai, deu-lhe a entender que não gostaria que ele a pusesse à margem dos acontecimentos. Nuno, polidamente evasivo, não fez grandes promessas...

Rogério começou a gracejar com Teresa acerca da sua situação de “homem solitário”, perguntando depois por Nuno, pois o mais certo era ele se escapulir rapidamente.

«O nosso filho está apaixonado!»

Se Teresa pudesse ver o marido, tê-lo-ia visto sorrir com gosto e teclar ao mesmo tempo: «Isso passa-lhe.»

«Como a ti depressa te passou...» Teresa penalizava a sua reacção jocosa provocando-o.

Rogério continuou jovialmente: «Eu continuo a sofrer. Fosse eu correspondido a cinquenta por cento e dava-me por muito feliz!»

Não havia dúvidas de que Rogério estava bem disposto. Teresa deduzia satisfeita que o seu trabalho em Amesterdão devia estar a correr dentro das suas expectativas.

Avançaram com alguma troca de brincadeiras e pouco mais. Quase todos dias dialogavam. No fim Teresa lembrou a Rogério que não seria mau abordar subtilmente Nuno sobre a sua dilecta amiga. Ele já não era propriamente um adolescente, todavia tudo levava a crer que desta vez uma paixão a sério lhe tinha batido à porta, o que nem sempre era *pêra doce!*

Rogério achou que, depois de sentir a família a pulsar normalmente, estava na melhor das disposições para dar o passeio em que tinha pensado antes do jantar.

Antes de sair deu uma espreitadela à televisão e ainda viu algumas imagens aterradoras do terramoto na Argélia, falavam em milhares de mortos, uma desolação. Começou a pensar como o mundo era frágil e como estava à mercê da fatalidade. Resolveu não se deixar abater por tão remota desgraça. De nada adiantava a sua compaixão e o mais avisado seria sair para a rua imediatamente.

A noite em Amesterdão está transparente e fresca. Hoje, neste primavêril Maio, a temperatura caiu a pique com o Sol. Os transeuntes vão menos agasalhados que Rogério, que vai deambulando ao acaso pelas ruas. Agora, dividindo em dois a rua, a superfície ondulante da massa líquida de um canal deforma e sacode os reflexos dos coloridos anúncios de néon das casas comerciais que ladeiam os passeios pouco frequentados. De quando em vez a transversalidade ortogonal de um pontão vem unir as duas metades da rua, a convidar às opções da outra margem ou a outras direcções cardiais. As árvores permanecem na sua mudez de brisa nenhuma impondo à correnteza a vibração intensa da natureza. Há pequenas embarcações ancoradas ao longo das margens, oscilando mais quando outro barco passa cruzando o canal, o que a esta hora é pouco frequente.

Ao olhar a água e os barcos, Rogério pensou na rivalidade que existira entre portugueses e holandeses no tempo da expansão marítima e das colonizações. Em como andaram sempre engalfinhados nos maiores confrontos bélicos, tendo sido, nessa época, grandes inimigos, disputando os mares e pelejando pela ocupação dos novos territórios, um pouco por todo o mundo. Como os holan-

deses chegando mais tarde, se acharam também no direito de possuir e governar, envolvendo-se em confrontos violentos com os portugueses, quantas vezes levando a melhor e estabelecendo os seus afamados métodos de comercialização, sobrepondo-se pragmaticamente no domínio dos mercados internacionais da época. Desde África, onde tentaram tomar Angola, tendo chegado a ocupar parte do território por alguns anos; passando pela América, quando conseguiram governar provisoriamente parte do Brasil; até à Ásia, em que tomaram Malaca, desalojando os portugueses, e tentaram, por várias vezes, invadir Macau; enfim... os holandeses e os portugueses brigaram intensamente. Claro, para não pensar nas outras potências colonizadoras da altura. Os portugueses ou tiveram relações distantes com os holandeses ou quando se aproximaram foi da pior maneira e pelos motivos mais hostis. A relação histórica memorável entre Portugal e a Holanda talvez fosse sobretudo a concorrência...

Aliás, para além das características evidentes de matriz civilizacional, as afinidades de Portugal, no último meio milhar de anos, com os restantes países da Europa, seriam muito difíceis de definir, salvaguardando o caso da Espanha, quer pela proximidade, quer por ter governado Portugal durante sessenta anos (1580-1640), que foi tempo suficiente para criar afinidades... e da França (esquecendo os delírios napoleónicos...) que os nossos antepassados de certas épocas muito admiraram e imitaram.

Seria muito fácil conhecer os vínculos fortes dos portugueses, bastaria para tal ir no encaço da Língua. Descartados os percalços, evitáveis e inevitáveis, que também fazem parte da História, seria por demais patente a intensa afinidade que naturalmente se revelaria numa mesa repleta de convivas das diversas regiões lusófonas que, possuindo uma concepção do mundo criada a partir da mesma matriz linguística viva, teriam ainda o privilégio de confraternizarem e argumentarem com um sistema de comunicação verbal comum e a satisfação de se confrontarem com uma culinária de vários sabores coincidentes, outros familiares, à escolha, de acordo com as sensibilidades; acompanhando o que quer que fosse com o indispensável vinho, que provavelmente levaria algum tempo a escolher... Rogério sorriu de si para si com os seus pensamentos gastronómicos mas, na verdade, até na Malásia (em Malaca), ainda que confeccionado com alguns cambiantes, tinha comido pratos típicos portugueses. Seguramente que em Angola, Brasil ou mesmo Macau eram triviais. Assim como Portugal tinha um grande número de petiscos com origem nos países que colonizou. Ele sabia

bem onde estavam os laços culturais e as cosmovisões afins dos portugueses... Todavia, também sabia que “*nem só de laços e afinidades vive o Homem*”...

Rogério tinha já percorrido um bom par de quilómetros. Não sentia qualquer apreensão quanto ao que se iria passar no dia seguinte. A reunião tinha sido marcada para depois do almoço e ele pensava que se devia estender até ao fim da tarde. Em princípio voaria para o Porto à noite. O voo estava marcado para as onze. Continuou a caminhar com prazer, tomando outra direcção e afastando-se mais do ponto de partida.

Um jovem casal de namorados saiu de um pequeno restaurante, presumivelmente italiano, a julgar pelas cortinas aos quadrados vermelhos e brancos e pelo nome latino do anúncio. Ele compôs-lhe o casaco de malha pelas costas, ela beijou-o ternamente, ele correspondeu e ficaram por momentos parados, beijando-se animadamente, concentrando-se no mundo das suas sensações, sem se importarem com os carros que transitavam junto ao passeio ou com os passeantes como Rogério. Antes que ele tivesse tempo de os ultrapassar, desprenderam-se um pouco, olhando-se enlevados, depois deslaçaram-se e começaram a andar de mãos dadas em passo estugado, quase a correr. Sentiam-se em casa, transbordantes de contentamento, talvez um pouco “bebidos” a julgar pelo rubor das faces.

Rogério agradou-se deste colorido episódio inocente, deixando-se contagiar pela afeição e pelo êxtase que emanavam daquele par de enamorados. Foi andando, a pensar como a paixão lhe parecera patente. Como os gestos e os olhares lhe tinham transmitido essa sensação e como era muito provavelmente a emanção desse estado de exaltação que o contaminara por momentos.

Na verdade todos os fenómenos de exaltação, de ampliação do estado regular da consciência, traziam consigo um envolvimento associado a uma espécie particular de magnetismo, com a elevação a um patamar de realidade (ou irreabilidade) distinto do habitual. Muitas das vezes essa exaltação compelia à consumação, por exemplo na situação amorosa, ou gerava eficácia, como no caso do acto criativo.

Para Rogério era evidente que, quando estava “apaixonado” por um projecto, não só atraía a sua equipa com mais destreza, como o seu desempenho e criatividade eram francamente mais elevados. A sua sensibilidade aumentava também. E sentia essa mesma exaltação de uma forma inequívoca, pois que até o seu corpo, nessas fases, se tornava mais trémulo, principalmente nas mãos, e mesmo a temperatura subia ligeiramente. Ainda, quando tinha que explicar as

suas ideias aos prováveis clientes, acontecia frequentemente empolgá-los com as suas opções. Apesar dos inconvenientes, em particular um maior desgaste físico, eram também os casos em que se sentia mais plenamente realizado como arquitecto. Mas essa situação de forma alguma dependia de factores que pudesse controlar ou determinar precisamente. Com certeza que existiriam causas endógenas e exógenas, contudo seria muito custoso enumerá-las. Tinha a percepção que algumas particularidades do programa para a proposta arquitectónica poderiam criar, de certa maneira, condições favoráveis para que o processo se gerasse.

E este era o caso. Este projecto que o trazia agora a Amesterdão era a sua maior entrega nesta fase. E tudo levava a crer que iria conseguir a realização do projecto de execução para o gabinete. Tratar-se-ia de uma dupla satisfação: era uma concepção pessoal que o mantinha arrebatado à algum tempo e levaria a melhor perante concorrentes holandeses, estrategicamente melhor colocados.

A proposta de Rogério era bem diferente de uma “arquitectura plástica” muito em voga na Europa, com grande expressão precisamente entre os arquitectos holandeses, em que os edifícios assumiam volumes acentuadamente escultóricos. Fixada a paramétrica da caracterização genérica relativa aos compromissos estritamente urbanísticos, as formas comprometiam-se com uma abordagem funcional, incidindo fundamentalmente em estudos aprofundados de optimização dos fluxos operacionais dos sistemas de equipamentos, das *redes* telemáticas, dos procedimentos humanos... Para todos os efeitos seriam vinte pisos de escritórios, tratando-se portanto de produzir ambientes propiciadores de eficácia, objectiva, subjectiva e esteticamente encarada. Em teoria, Rogério e a sua equipa, partiam de um princípio base — o *trinómio* “*espaço/tempo/primado*” *indutor de eficiência* — nas situações real, virtual e concomitantes. Nessa perspectiva equacionavam as variáveis que iriam recriar os *volumes*, dimensionamentos estruturais, relações custo/benefício, etc., de forma interdependente e racional. Tinham-se apoiado em ilustrações de simulações em modelos matemáticos para diferentes hipóteses conceptuais.

A análise dos técnicos do cliente das propostas dos demais concorrentes, designadamente as de efeito plástico mais espectacular, patenteava que as execuções se revelariam mais onerosas e em especial que os aspectos funcionais saíam mais prejudicados. Os conceitos do projecto que Rogério defendia traziam qualquer coisa de inovador na articulação integrada das *redes* e na sua “amigável” materialização construtiva. Era manifesta a incidência numa abordagem cibernética; uma arquitectura virtual subjacente pairava omnipresente em todo

o edifício físico, de forma subtil mas poderosa. Isso foi bem apreendido pelo cliente, tendo manifestado, desde o início, simpatia por aquela concepção, conduzindo, ao longo dos múltiplos contactos realizados, a uma apreciação muito favorável. Rogério estava convencido que ia levar desta vez muito trabalho para o futuro. Esperava que tomassem uma decisão no dia seguinte.

As opções arquitectónicas de Rogério tinham certamente a ver com o seu interesse de longa data pela informática. Os computadores e a arquitectura tinham caminhado sempre a par na sua mente. Até ao dia em que consciencializou que se tinham fundido praticamente numa só disciplina, não sendo capaz actualmente de delinear as fronteiras. No início do seu tempo de estudante tinha um conceito diferente da arquitectura, talvez demasiado ligado ao mundo das belas-artistas. No fundo, a sua academia fora a *Escola de Belas-Artes do Porto*. Mas, a partir de determinada altura, começara a questionar-se sobre o velho dilema: arte ou ciência? Ou talvez ambas! Que a arquitectura se sustentava no uso e manipulação de apuradas técnicas, com suporte científico absolutamente necessário, era inquestionável.

A essa problemática não foram alheias as provocações de Edgar. Rogério não poderia negar que Edgar tinha tido uma influência decisiva na forma como ele passou a questionar a essência da arquitectura.

— Não sei porque razão grosseira alguém imaginou que o curso de arquitectura devia ser leccionado juntamente com os cursos de Belas-Artes? — Edgar provocava Rogério, algures no último quartel dos anos setenta. Muito provavelmente bebericavam o café, no café do costume, na mesa do costume...

Rogério não resistiu ao convite para a polémica:

— Mas a arquitectura está englobada no conjunto do que se chama de belas-artistas. Portanto é absolutamente lógico!

— Pois é por aí que eu começo por discordar. A arquitectura não é uma arte de todo!

— Como podes afirmar uma coisa dessas! Em que classificação te baseias? Eu sei que há muitas teorias... Mas como se pode encarar a arquitectura sem a estética? — Rogério reagiu escandalizado.

— Em primeiro lugar eu procuro encontrar as minhas próprias definições, a partir dos meus conceitos, que baseio nos meus conhecimentos e nos meus raciocínios. Se assim não for, estaremos parados, sempre pasmados a contemplar o que já se afirmou. A minha suposta presunção intelectual está ao serviço do

prazer de aprender, uma vez que sistematicamente coloco as minhas teorias à prova, num processo de humildade intelectual, para de novo presumir que, depois da confrontação, avancei algo, e assim sucessivamente... — Edgar alongava-se em metáforas sobre o que significava para ele a sua discussão com Rogério. Este, receando, uma deriva do assunto, atalhou:

— Sim... mas tens talvez uma ideia muito radical. Queres dizer que a arte se resume às artes plásticas e às artes gráficas? — Rogério atacava pessoalmente Edgar com alguma ironia...

— Nem todo o objecto que gera uma emoção estética pode ser considerado arte. Se assim fosse estaríamos atirados para a subjectividade total e então quase tudo seria arte. A preocupação estética não implica arte. A arte tem de apor qualquer *coisa* que a torna realmente distintiva. Mas eu quando digo que a arquitectura não é arte, não é de maneira nenhuma para diminuir essa sublime actividade. É, antes pelo contrário, para a ampliar e libertar do laço da arte. A arquitectura poderá empregar descomprometidamente todas as artes e promover todo o tipo de sensações estéticas, todavia, recorrendo com o máximo rigor às ciências, designadamente matemática, filosofia, sociologia, física, antropologia, psicologia,... eventualmente outras, com os seus domínios e sub-domínios relevantes, e naturalmente todas as tecnologias intrínsecas. A arquitectura tem um propósito de tal maneira determinado, um objectivo tão estritamente definido e um compromisso tão enraizado com o Homem que não pode ter a veleidade de ser uma arte. Ao contrário da arquitectura, a arte, sem um carácter prático a priori, pode e deve ser lugar de todos os desvios e experimentalismos questionadores, aí relativamente inofensivos. A arte, ao contrário da arquitectura, quanto mais esquecer a sua finalidade prática, mais hialina e resplandecente se poderá tornar. A arte é uma dissertação, a arquitectura é uma demonstração.

— Sim, estou a ver... — Rogério estava sem palavras, ouvindo Edgar com prazer, comungando do seu entusiasmo. — E então o que é a arquitectura?

— A arquitectura é uma ciência fundamental, um artifício supremo, uma técnica essencial! Como tal, deveria ser o seu ensino ministrado em edifício exclusivo que seria por exemplo a “escola de arquitectura”. Também para que os seus alunos não privassem excessivamente com os conceitos “demasiado anímicos” dos artistas...

Rogério ria-se divertido e rendia-se por completo. E inevitavelmente quis saber:

— Então quase que me apetecia perguntar porque é que não foste para arquitectura.

— É simples. — Edgar sorria também com gosto. — Prefiro dissertar a ter que demonstrar... Ao dissertar posso constantemente interrogar e também... quero voar para além das leis da geometria!

Esta primeira conversa sobre a arquitectura tinha aberto as portas para uma série de sucessivos debates sobre o assunto que foram acontecendo entre eles ao longo dos anos. Rogério foi-se aproximando mais das ideias das correntes da “arquitectura funcional”, mais comprometida com a primazia na satisfação das funções do espaço arquitectónico, no estudo exaustivo dessas mesmas funções para o cumprimento pleno das suas finalidades. Não quer dizer que não tivesse uns “flirts” com a “arquitectura orgânica” ou outras correntes igualmente menos racionalistas. Mas, mais tarde, com a amplitude das propostas cada vez mais arrojadas das engenharias, nomeadamente de estruturas e, claro, com as possibilidades estatísticas, iterativas e gráficas da informática, cada vez Rogério se foi tornando mais tecnocrata e às vezes dizia-se, provocadoramente, adepto da “arquitectura sistemática”, um termo inventado por ele e que, de vez em quando, se comprazia a explicar. Até à rendição total, no final dos anos noventa, com a irrupção da electrónica para dentro da arquitectura. Era possível e inevitável reequacionar todas as abordagens funcionais da arquitectura com os novos modelos virtuais, sendo as ferramentas tanto mais úteis quanto melhor se identificassem e concretizassem funções bem caracterizadas e demarcadas. O espaço arquitectónico poderia ainda dispor de um “cérebro” capaz de controlar, registar, decidir e manobrar funcionamentos optimizados de um vasto número de operações e interacções nos elementos em jogo; da segurança à comodidade, do bem-estar psicológico ao conforto estético, da automatização à economia; desde a mais pequena habitação familiar até ao mais complexo edifício hospitalar. Rogério encarava este estágio como uma evolução do raciocínio funcional modernista, suportado numa matriz computacional e elevado às exigências e possibilidades da era da automação, telemática e telemecânica. E esse era, para ele, o lado para onde o futuro se inclinaria. Não entrar nesse mundo era, sem sombra de dúvida, não ir ao encontro das arquitecturas cibernéticas que o século XXI iria fatalmente eleger. Era este o pensamento de Rogério.

A influência de Edgar tinha gerado, ou talvez apenas acentuado a “pequena” inflexão que o levava a prestar mais atenção ao carácter científico, por assim dizer, da arquitectura. Aos seus aspectos históricos, sociais e indivi-

duais estritos, aos seus objectivos construtivos e urbanísticos específicos. À sua convivência saudavelmente comprometida com as engenharias, técnicas, materiais e processos construtivos. E cada vez menos subordinado aos aspectos plásticos, sem contudo excluir as preocupações mais subjectivas das belas-artes...

Rogério consciencializou que foi acelerando a marcha aos poucos à medida que caminhava. Estava a aproximar-se da área mais antiga e central. Orientar-se-ia pela praça do *Dam*, porque tudo levava a crer que os seus passos o encaminhavam para a área mais animada das noites de Amesterdão: o “Red Light District” (*Distrito Lanterna Vermelha*). Este nome provinha da sua vocação mais afamada: a prostituição. Conta-se que, nos finais do século XIX, era costume as prostitutas de Amesterdão colocarem uma luz vermelha na janela para anunciarem as suas *virtudes*. Na Holanda a prostituição foi amplamente tolerada desde os anos sessenta, tendo sido absolutamente legalizada e regulamentada desde 1999 (com o respectivo enquadramento fiscal...). O “Red Light District” era uma zona turística por excelência, pela sua excentricidade licenciosa. Por todo o lado se viam bares, bordéis, cafés, restaurantes, “sex-shops” e toda a gama de lojas e clubes oferecendo a mais completa diversidade que o negócio do sexo pode conceber. Muitos transeuntes apenas se passeavam pela zona, satisfazendo a sua curiosidade *ao vivo*, muitas vezes com assombro, sobretudo nas ruas em que, em montras absolutamente transparentes, as raparigas exibiam os seus dotes, em *trajes menores*, com poses mais ou menos lúbricas, tentando seduzir os potenciais clientes. Tudo na mais rigorosa *naturalidade*... O ar dissoluto que pairava nas ruas cortava-se à faca.

Fazia dois anos que Rogério, num passeio por aquelas bandas, “se perdeu de amores”, sem saber bem como, com uma lindíssima mulher, que desde aí lhe povoava muitos sonhos e bastos momentos acordado... Ele suspeitava, desde que saíra do Porto, que os seus passos o encaminhariam, de uma maneira ou de outra, no enalço daquela expressão ausente de olhos de azul intenso, daqueles caracóis loiros pousando sobre um corpo impensável. Ela tinha-se oferecido à terceira cerveja, num sussurro voluptuoso, abrindo o jogo sinceramente: «Era esse o seu modo de vida, e prometia-lhe que não se arrependeria de ceder à sua proposta.» Ela seria seguramente mais de dez anos mais nova do que ele. E ele, inebriado pela cerveja e por ela, já do lado do «é só uma vez... apenas um pequeno divertimento... uma experiência...», cedera. Deixou-se transportar para o que fora a mais deslumbrante experiência sexual que alguma vez tivera. Num

discernimento meio nebuloso foi surpreendido com agrado; contava com frieza, mas recebeu ternura; imaginou tibieza, porém encontrou ardor; estava à espera de indiferença e sentiu entusiasmo. O que, em princípio, não era para ela mais do que uma relação comercial e para ele não passava de um desvario, foi no corpo e na mente de Rogério uma aprazível revelação de uma faceta desconhecida da sua natureza. O que poderia ser, para ele, um divertimento fortuito, fora um esplêndido encontro que o marcara indelevelmente.

Agora, caminhando já com rumo, a lembrança que guardava dela enchia a sua imaginação. Procurou orientar-se, tentando escolher o melhor caminho. Não era garantido que a encontrasse no mesmo bar, sequer que soubesse ainda onde era esse bar. Em dois anos muita coisa podia mudar... Apesar de encarar com desprendimento, e até com algum alívio, a hipótese do seu passeio não o conduzir até ela, não deixava de sentir, ao mesmo tempo, uma certa agitação acompanhada de um firme e inexplicável pressentimento de que a encontraria.

Embora tivesse prometido a si próprio que ninguém saberia daquele caso, não resistiu a contá-lo a Edgar, até com mais detalhe do que gostaria. Enfim, as conversas eram assim mesmo: Rogério deu consigo a analisar a história de um outro ângulo, e foi-se ouvindo e gostando de se ouvir. Tinha-se animado com aquela versão em voz alta que revelava, para si mesmo, múltiplos detalhes até aí irrelevantes ou encobertos. Resultado: Edgar ficara muito próximo da posse total da sua levandade. Rogério não sabia se procedera da melhor forma. Não abonava muito no seu pudor! Não era frequente abrir-se daquela forma. Mas não resistira, era demasiado extraordinário para ficar contido. Tão excessivo... que extravasou! Isso era compreensível para qualquer um. E depois Edgar era o seu maior amigo, que diabo!

E hoje voltava a comprovar que ele era uma presença mais do que assídua nos seus pensamentos... Fazia parte do seu percurso... Lembrou-se dele com satisfação. De repente teve vontade de lhe falar. Puxou instintivamente do telemóvel. Havia uma diferença horária favorável: no Porto era menos uma hora.

— Sim és tu Rogério. — Edgar. Jantava calmamente. Parou de comer. — Então, chegaste bem? Está tudo a correr bem?

— Sim, está tudo dentro dos previstos. Sabes onde estou?... — Claro que sei, estás em Amesterdão. Então não te lembras que fui eu quem te levou ao aeroporto hoje de manhã!

— OK, deixa-te de brincadeiras. Não é isso! Estou a chegar ao “Red Light District”.

— Ah, sim, sei. Também ir a Amesterdão e não ir aí, é como ir a Paris e não ver o papa...

Rogério riu-se do trocadilho. Ficaram os dois a rir-se por um momento.

— Ando a passear. Está uma bela noite. Um pouco fresca. E por aí?

— Estou a jantar. Ainda não consegui perder o péssimo hábito de comer!

— Bem, — Rogério sorriu — deixo-te, então. Bom apetite. Amanhã, antes de embarcar telefono-te, como combinamos, para te reconfirmar a chegada.

— Está bem. Só te queria dizer duas coisas, uma vez que me deste as tuas coordenadas. A primeira é: não te percas! Amesterdão é muito labiríntico... A segunda é: não te esqueças que há coisas que se perdem, que nunca mais se encontram! Portanto enquanto as tivermos... e mais não digo. Diverte-te! Chau. — Edgar subtilmente dava “uma no cravo, outra na ferradura”. Mas Rogério iria entender...

— Vou pensar nisso! Se me perder, não hão-de faltar guias... Quanto ao resto, acho que sim, há que viver. Vamos vivendo.

— Sim, sim, não vivas tudo esta noite. Deixa alguma vida para depois. — Edgar riu-se e desligou. Imaginou o amigo a calcorrear as ruas de Amesterdão. Talvez procurando que a noite lhe oferecesse a materialização do seu desejo, que ele presumia saber qual era...

Edgar concentrou-se no seu jantar. Tinha-se alongado, deixando o tempo correr, degustando pausadamente a comida. Fazendo intervalos frequentes, considerando os seus pensamentos atenciosamente e aproveitando para prolongar o prazer da refeição. A última vez que ali estivera, tinha sido num jantar também, mas dessa feita com Carolina, numa atitude muito romântica. Era uma espécie de celebração a reafirmar a verdade do sentimento que tinham um pelo outro. Embevecidos, tinham confessado o quanto gostavam de estar juntos.

Curiosamente, dessa vez tinha sido o mesmo empregado que os servira. Aliás, Edgar associava aquele empregado de mesa a ocasiões especialmente agradáveis. Sempre que, por acaso, lhe acontecia ser servido por ele, ficava satisfeito. Tinha curiosidade acerca daquela figura pouco vulgar, de feições eslavas e modo polido. A verdade é que Edgar, supersticioso como sempre, achava que Serguéi lhe trazia sorte! Apesar da simpatia que nutria por ele, a sua relação nunca passou do diálogo exclusivamente formal e restrito às questões comuns das refeições. Nem sequer sabia o seu nome, nem tão pouco de que país é que viera. Contudo, tinha a ideia que, para além da cortesia meramente circunstancial,

havia uma empatia qualquer entre os dois. «Quem sabe...» pensara Edgar, já por mais de uma vez, «...fosse outro o espaço, fosse outro o tempo, poderia o acaso ter feito deles amigos... ou mesmo assim, quem sabe, ainda poderiam vir a sê-lo!» Todavia era bem mais jovem, devia andar pelos trinta e tal. E, de facto, não fazia a mínima ideia do que pudesse ser o seu mundo, mas o mais certo seria que fosse muito distante do dele... Carolina estava, também aqui, em absoluta sintonia com ele. Tinham comentado a expressão de Serguéi por diversas vezes. Ela acrescentava que havia algo de cativante na sua atitude respeitosa sem ser subserviente, inspirando-lhe uma certa ternura.

Dessa última vez, Carolina tinha até murmurado que ele tinha «um ar magoado, uns olhos tristes e carentes». Apreciações um pouco ao estilo feminino, pensara Edgar, não deixando contudo de notar uma certa sombra no olhar do empregado. Ela era habitualmente muito observadora, com um olhar penetrante, não obstante adicionava-lhe depois a sua alma poética e a sua condescendência de educadora. O que não deixava de ser uma mistura interessante, principalmente porque também impregnava sempre as suas análises de um espírito de amor pela precisão. Carolina era professora, dava aulas de matemática aos últimos anos do ensino secundário. Edgar concordou com ela acerca de Serguéi:

— Sim, tens razão, também acho que paira uma nuvem no seu rosto. Mas sorri com muita frequência e com singeleza, me parece. De qualquer forma, quem vê caras...

— Sim, é difícil ler os rostos... De todas as maneiras, acredito que na maior parte dos casos, a alma, ou, para simplificar, o carácter, as vivências, as memórias... têm um registo facial. Os traços são susceptíveis de ser interpretados, pelo menos numa esmagadora maioria de rostos. A questão é, como sempre, conhecer a simbologia, interpretar a linguagem. Um retrato pode revelar a pessoa!

— Fizeste-me lembrar “O retrato de Dorian Grey” do Oscar Wilde.

— Sim, uma leitura obrigatória! Genial. — Carolina abriu mais os olhos, anuindo, lembrando num lampejo o célebre romance.

— Acho, no entanto, que esse conhecimento é mais intuitivo. — Continuou Edgar — Não no sentido de uma conclusão fulgurante de que não sabemos os elos do raciocínio, mas de uma projecção, em que a lógica não deixa de estar lá, que captamos a partir de determinados sinais ou mesmo sem eles, num fenómeno psíquico complexo, difícil de decompor. Como se descodificássemos certas radiações invisíveis que os outros emanam. Uma emissão de ondas que cor-

respondem à sua caracterização psicológica e que dependem também dos nossos supostos aparelhos receptores. Aqui, emissor e receptor, digamos assim, formam a percepção em conjunto. De forma que os resultados são sempre relativos e subjectivos. Isto é, a emissão gerada depende do receptor e vice-versa. Não sei!... Mas quando se simpatiza com alguém, aparentemente sem lógica nenhuma, deve-se passar qualquer coisa desse género. Para além da fisionomia, dos sinais mais ou menos evidentes, das particularidades físicas, da associação instantânea com a nossa base de dados mental, acredito que existam outro tipo de informações de natureza mais subtil, que complementam os dados, muitas vezes de forma determinante para a construção dos nossos juízos... — Edgar divagava. No fundo era a atenção tão profunda que ela lhe prestava que o levava a desprender-se. — Mas, já estou a falar demais, de coisas que pouco entendo...

— Não, não. Acho que tens razão. Há-de ser uma combinação de tudo isto que falamos. E talvez até do que nem podemos sequer saber... Mas também sinto que é como tu dizes. É qualquer coisa de difícil definição... Contudo, as nossas relações humanas, estão constantemente à mercê dessas deduções e intuições, racionais ou empíricas ou, ao gosto de Fernando Pessoa, nem uma coisa nem outra!

— Sim, sim. — Edgar sorria com gosto. — É isso. E há depois os paradoxos e as transformações radicais. Quando te conheci, achei que eras uma presumida. E nem sequer reparei se eras bonita... E, no entanto... Mais tarde vi que confundi presunção com exigência e entusiasmo. Quanto ao resto és, para mim, tão bonita... Tão bonita que até me envergonho de mim.

— Não digas isso. Tu és um belo rapaz!...

E riram-se os dois, dando as mãos por cima da mesa com afecto.

Agora, só, a mesa era a mesma, a número sete, ele fizera questão... Edgar pensava como era diferente a sua forma de ser com Carolina ou sem ela. Mas apreciava estar só. Não podia estabelecer comparações relevantes. Eram duas situações diferentes, em ambas sentia prazer. Desfrutar da solidão, de se ouvir, longamente, apenas a si próprio, era qualquer coisa que não podia prescindir. Não se tratava de fazer sozinho qualquer coisa, não... A falta de companhia nas suas actividades diárias, produtivas ou domésticas, ou mesmo os percursos na sua mota daqui para ali, nada disso contava. O que ele gostava era de mergulhar num estado de solidão continuada, em que o *eu* acabava por aparecer nas suas interrogações mais genuínas. Em que podia trabalhar as ideias. Orientar o seu

pensamento. Pôr à prova novos raciocínios. Era essencial para desbravar os seus ímpetos artísticos e acima de tudo para manter a serenidade. A solidão era a sua mais apreciada confidente.

Fez um sinal ao empregado de mesa e pediu um café. Quando este veio, passados alguns minutos, resolveu estreitar as relações mais um pouco:

— Já cá venho há algum tempo. Já nos conhecemos... e não sei ainda o seu nome... Eu sou Lima. Edgar Lima.

— Eu chamo-me Serguéi Alexeiev, senhor... Todos me tratam por Serguéi.

— Então com um nome desses, é tudo menos português. Mas fala português correctamente.

— Sou ucraniano, mas já estou cá há seis anos. E tenho estudado a Língua...

Tal como Edgar pensava era eslavo.

Quando saiu do restaurante ainda procurou a sua mota, lembrando-se depois que andava de carro desde manhã, por ter ido levar Rogério ao aeroporto. Logo lhe veio à memória onde tinha o carro estacionado. Edgar normalmente andava de mota, não tinha paciência para o trânsito.

Ainda pensou em dar uma volta, mas a sua tela esperava por ele impaciente...

O seu trabalho gráfico ultimamente andava à volta de uma projecto de contornos muito rígidos, em que tinha que se cingir a regras pré-estabelecidas sem grande margem de liberdade. Sempre que isto acontecia, se por um lado lhe causava um certo desprazer, por outro acicatava-o para a sua actividade puramente artística. Neste caso, para a pintura que tinha começado no dia anterior, onde pretendia de novo interrogar o tempo, a concepção do tempo.

Quando entrou em casa foi directo ao hi-fi, e fez com que Gary Burton/Chick Corea desmanchassem o silêncio, no seu *Crystal Silence*; para ele um curso de água cristalina a refrescar-lhe as ideias. Ouviu os primeiros acordes, familiares, já antigos, e deixou-se envolver nas harmonias tranquilas daqueles mestres.

Depois posicionou-se diante do cavalete e fixou o olhar na tela demoradamente, antes de qualquer gesto...

No seu desejo de conhecimento, uma das persistências intelectuais de Edgar era o tempo, numa indagação exclusivamente filosófica, metafísica. Ou

melhor, a sua inexistência como conceito absoluto e a sua descontinuidade como realidade mental abstracta. Gostaria de passar à tela as suas divagações, a sua busca interior como ser pensante na sua condição cósmica, no que dizia respeito à inquietação sobre o tempo. A digressão pelo universo da existência consciente, a contemplação da natureza perscrutando os seus símbolos, teimando captar as suas leis. Pois, para ele, era esse o objecto da arte. A *arte verdade*: que toma como os mais belos conceitos a insatisfação pelo não explicado, a procura incessante de respostas. Era isso que lhe interessava na arte. Assim, cada obra era o pretexto para o aprofundamento das suas especulações, amiúde o caminho para outros pensamentos, quantas vezes o abandono das premissas de partida... Uma aventura da inteligência. E então o que sobrava no fim era um registo de todo o processo, uma memória dessa viagem dentro de si próprio, dessa incursão ao mistério de existir... A técnica, a parte artesanal, era também ela uma busca, mas aqui para melhor materializar a configuração mental. Era, pois, uma arte sem qualquer propósito social imediato, como Edgar dizia, «essencialmente inútil». A única relação que existia com o hipotético adquiridor do quadro era a de que ambos partilhavam a mesma condição humana, não sendo portanto difícil que acontecesse, de alguma forma, a transmissão de emoções e evocação de ideias. De todas as maneiras, Edgar, nesse aspecto, sem se preocupar nada com isso, tinha uma óptima aceitação no mercado da pintura. Todavia, ele estava friamente convencido que o seu sucesso estava muito longe de ser a expressão de um conhecimento mediano das suas temáticas...

Desta feita, a representação era em grande parte figurativa. A noção de movimento seria dada pela figura humana sucessivamente repetida...

Abordar o tempo, era abordar o movimento, a continuação sequencial. Era definir a existência de um antes e um depois — instantes sucessivos: um antecedente e um conseqüente, reproduzindo-se indefinidamente — como sendo a própria manifestação do tempo. E naturalmente, falando de movimento, desde logo implicava a admissão de uma velocidade. O fluir do tempo... Mas, todos estes conceitos habitavam num espaço e todos careciam de um referencial. Um sistema de referência material ou mental. Assim se não houvesse sol não haveria o firme tempo solar e se perdêssemos por completo a memória não teríamos o ambíguo tempo psicológico. No entanto, quer num caso quer no outro, o movimento permaneceria, existindo sempre momentos sucessivos, e portanto tempo, na aceção de uma duração entre dois acontecimentos distintos. Seria o “*tempo*”

duração” associado a tudo o que existe. Porém, inevitavelmente, existiriam tantos *tempos* quantos os referenciais. Por exemplo a vida de um cão é curta para um referencial que tome como padrão o tempo de vida médio do Homem, mas muito longa para um referencial, nos mesmos moldes, aplicado à abelha. E o tempo de vida de um homem o que pareceria num referencial adequado à vida das galáxias! A cada ser animado ou supostamente inanimado se aplicaria o seu “*tempo-duração*” de natureza homogênea, correspondente à “*velocidade de modificação*” e ao que poderia relacionar-se um denominado “*espaço-coerente*” e referenciais de “*típo-estável*” (fixo ou de variação constante).

Cada espécie, cada indivíduo, cada quasar, cada quantum, cada coisa se relacionava, para além do “*tempo-duração*” atribuível, com um específico “*tempo-estrutural*” e correspondente “*velocidade de transformação*” característica. Poder-se-ia mesmo dizer: a cada um, a sua velocidade. O “*tempo-estrutural*” que responderia à velocidade de transformação da contextura constituinte e peculiar de toda e qualquer estrutura, encarada individualmente ou como estrutura de estruturas (*ad infinitum*) e portanto englobando múltiplos “*tempos-duração*”, tantos quantos os referenciais de “*típo-estável*” fossem atribuíveis, nas subdivisões pertinentes. O *Homo sapiens* tinha com certeza uma velocidade orgânica muito diferente do *Australopitecos*. Hoje o ser humano tem já, com certeza, uma velocidade comportamental distinta de há cinquenta anos atrás. A própria *velocidade evolutiva* teria o seu “*tempo-estrutural*”. Dois homens coexistentes, ainda que tivessem exactamente a mesma duração (idade), usando exactamente o mesmo referencial (tempo solar), têm movimentos metabólicos, biológicos, diversos, ou seja, velocidades estruturais distintas. A velocidade de modificação dos sistemas de uma dada galáxia seria característica, exclusiva, ainda que de “*velocidade de transformação*” de aferição idêntica à das outras galáxias da mesma família. O “*tempo-estrutural*” ainda que por vezes decomposto em sistemas de “*tempos-duração*” atribuíveis, na sua qualidade heterogênea, sistemática e autocinética, não tinha desenvolvimento paramétrico estável. Com descontinuidades, os instantes não se justapunham como no “*tempo-duração*”, e o seu referencial instável seria do “*típo-volante*” (variável ou de variação inconstante), ele mesmo, referencial, sujeito ao movimento/alteração de “*tempo-estrutural*”. Aparecia compatível com uma ideia de “*espaço-interconexo*” dinamicamente omniforme.

Os efeitos da especulação de Edgar eram completamente inebriantes. O que tinha conseguido ordenar na mente, de forma explicável, era apenas uma

parte das ideias que ia sintetizando. Eram fruto de uma persistência mental já antiga, embora intermitente, mas com o seu percurso próprio. O que ele queria passar à tela era, para todos os efeitos, o apontamento de uma fase das suas interrogações. Ele sabia que nenhuma interpretação que pudesse encontrar seria definitiva. Mas não era isso que estava em causa, ele estava apostado na divagação em si, nas emoções que lhe pudessem trazer, nos avanços e recuos que iriam proceder do facto de tentar representar plasticamente a sua pesquisa intelectual.

Era pois, a figura do Homem, supostamente o único questionador, que atravessava todo o espaço da tela, podendo ser vistos os movimentos da marcha, sucessivos, na sua caminhada da esquerda para a direita. A sua entrada na tela, à esquerda, era acidental: só uma parte do corpo se via. Analogamente na saída, à direita. Daria a sensação de que se focava uma parte aleatória do seu trajecto, sem interessar a que fase do percurso pertencia. Na repetição da figura humana era reforçada a sensação de movimento, pelas posições sucessivas e pela atitude das formas. Seriam vinte e uma posições ao todo, em três grupos de sete cada. Existiria uma sobreposição parcial das imagens, dando a ideia que, realmente, era apenas um indivíduo que caminhava e que se representavam momentos sucessivos das suas passadas. A trajectória não era rectilínea, era composta por dois tramos de curvas elípticas de convexidades ténues e opostas. Não existia suporte físico visível para o plano em que se apoiavam os pés. Estes, terminariam, Edgar já fixara, numa imagem degradada, um pouco esfarrapada; ainda não se tinha decidido quanto à cor. O corpo seria formado por diversas partes. A ideia de corpo era dada pelo conjunto das porções constituintes. No rosto, numa cabeça que teria que obedecer à percepção de movimento, as feições iriam variar constantemente, em tipo de expressão e idade. Todavia a estatura do corpo manter-se-ia. Transversalmente, numa perspectiva que representaria um plano perpendicular ao plano do movimento da figura erecta, situar-se-iam três corpos em posição horizontal, atravessando, portanto, o corpo em movimento em determinados pontos do espaço percorrido, com um efeito diáfano na intersecção, atravessando-se sem contudo se interporem totalmente. Esses três vultos, acentuadamente humanóides, seriam diferentes do caminhante e entre si, contudo, teriam semelhanças claramente identificáveis. Um deformar-se-ia, alongando-se, tornando-se mais adelgado; outro pelo contrário mais arredondado e curto; por fim, o último, um pouco distorcido em S, nem achatado nem alongado.

O conjunto das formas e efeitos pictóricos esforçar-se-ia por sugerir, para

além do efeito global, as três categorias em que Edgar dividira o tempo. A terceira categoria do tempo seria, logicamente, o “*tempo-mental*”. Considerado o tempo mais abstracto, mais mensurável, que podia conviver com o espaço-tempo das físicas, o “*tempo-duração*”; identificado o tempo mais “real”, um tempo interdependente, biológico, quântico, cósmico, interactivo, intercadente, o “*tempo-estrutural*”; depois de enfrentar as noções mais “materiais”, era necessário outro conceito para a metodologia que Edgar se propunha, para ajudar à integração dos seus raciocínios, ou seja, o “*tempo-mental*”. O tempo que era compatível com a consciência de si-mesmo, e que apresentava um referencial racional, característico de uma estrutura pensante e consciente (“que se pensa”). Esse tempo seria também instável. Andaria associado à “*velocidade de representação*”. O mesmo indivíduo teria diversas “*velocidades de representação*” ao longo de uma vida. Para uma criança, um dia, uma semana, constituíam períodos enormes. Um adulto aferia a sua vida em meses e anos. Depois da meia-idade os anos somavam-se velozes... Um sono de sete horas contínuas decorria num *instante*... Este “*tempo-mental*” estaria intrinsecamente ligado à inteligência e à memória. Englobava o tempo psicológico e ficaria associado ao “*espaço-conceptual*” da ideação. Um tempo que, incorporando os anteriores, teria um referencial de “*tipo-volátil*” (susceptível de variação em cada instante) e uma sucessão de instantes com *fases* contínuas e descontínuas. Poderia possuir instantes de *tipo* sobreposto, justaposto, interpolado, ... com diferentes *classes*: consciente, inconsciente, subconsciente, patológica, etc., ... Poderia existir em qualquer estrutura capaz de idear (“criar na mente”) e de reconhecer essa capacidade.

Edgar estabelecera assim um método para sistematizar a sua incursão no velho e intrincado tema do tempo. A criação de três espécies distintas — *tempo-duração*, *tempo-estrutural*, e *tempo-mental* — nos seus espaços respectivos atribuídos — *espaço-coerente*, *espaço-interconexo*, *espaço-conceptual* — tinham o objectivo de lhe facilitar a progressão do pensamento, já que ele tinha a consciência clara que a divisão só poderia ser artificial, tentando apenas demarcar essas possibilidades concebíveis. Isso seria um passo para uma possível proximidade a uma especulação com um grau de consistência aceitavelmente satisfatório.

O “*tempo-duração*” era evidente na tela, de imediata compreensão, pelo movimento da figura em relação aos limites do painel e pela intuitiva ligação do tempo ao acto de caminhar. O espaço envolvente deveria dar a ilusão de vácuo, de imponderável e seria atravessado por um raio de luz forte. Edgar ainda

não decidira a cor do raio, mas teria que ter uma intensidade não demasiada, visto ser um objecto secundário. O Homem teria as porções que formavam o corpo de diversas cores, que variariam em cada posição do seu movimento. Em determinada posição as cores eram dispostas em fragmentos de diferentes dimensões. Em outras posições as parcelas seriam colocadas noutras configurações e as mesmas cores apareceriam transpostas num jogo de permutação mais ou menos complexo. A visão que se tinha da figura caminhante ia mudando constantemente, no entanto manteria regras idênticas nessa alteração. Sem nunca se perder a forte impressão de movimento, a distância entre posições da figura seria variável, sendo patentes descontinuidades entre instantes.

Haveria posições da figura em que o corpo teria de aparecer transparente e outras desaparecer por completo... O “*tempo-estrutural*” era representado por essas alterações de ritmo, pelos jogos de cor e forma, pela alteração constante do fâcies da figura humana, e por todo o inter-relacionamento desses elementos, que devia ser esteticamente harmonioso e subtil. Ainda, pela maneira como esses jogos iriam possuir uma dinâmica explosiva, transmitindo uma manifesta ideia de transformação e movimento. As estruturas formadas por esses sistemas de cor e forma, em alguns casos da representação do corpo, separar-se-iam, dando a ideia de desagregação e de incorporação sucessivas...

Quanto aos corpos em posição horizontal, para além das deformações, o caso alongado seria “desintegrado”, constituído por minúsculas partículas a desagregarem-se; no caso da figura encolhida aplicaria desfigurações num efeito amolgado; e no restante uma combinação dos efeitos dos outros dois. A estrutura da figura humana seria pois decomposta de várias maneiras, numa aparência um tanto caótica, sem contudo se perder o carácter figurativo e procurando vincar variações dentro de variações. A cor viria a ter um papel decisivo...

De todas as formas, a uma posição aparentemente definitiva Edgar já chegara... Podia sistematizar o conceito de tempo de acordo com os seus raciocínios, de forma mais ou menos elaborada, ao longo de uma vida de pensamento, investigação, intuição, inspiração, ... o que quer que fosse que pudesse ajudá-lo nessa busca; podia até imaginar que chegaria a uma ideia tão abrangente quanto irrefutável; contudo, mesmo que assim fosse, e apesar de não poder estar certo da solidez da sua teoria, a uma conclusão ele aderira: o seu encontro com o tempo, a sua percepção do tempo, seria sempre e apenas fruto da sua mente. Consistiria naquilo que as suas possibilidades lhe facultariam, enquanto terrestre, humano, posicionado no (assim datado...) século XXI. Fosse ele o mais apto,

talentoso e favorecido pensador, e essa lei aplicar-se-ia de igual forma. Exprimiria sempre e apenas a noção de tempo concebível pelas faculdades da espécie em causa, no contexto da época em que ocorresse.

A possibilidade de discorrer a existência de diversos modelos para o tempo e o espaço, sugerindo a instabilidade dessas noções, corroborava a ideia de que se desenrolariam etapas progressivas de conhecimento do tempo. Não existindo, portanto, um assentimento decisivo quanto à sua definição. Porque o tempo existia sim, de facto, mas apenas e só, de forma abstracta, no entendimento humano, e o Homem não conseguia provar cabalmente a sua existência real e concreta. Portanto, o tempo, não sendo apodíctico, não sendo verdade, seria então uma inexistência... um mero artifício de cálculo.

Se ia acompanhando a evolução do Homem, o tempo era um conceito mutável, concernente apenas ao observador. O tempo estava aprisionado no Homem! O Tempo Universal, o tempo absoluto, o Tempo... o Homem nunca conheceria, porque, pura e simplesmente, não existia. Era uma mera inexistência!

Edgar ficava angustiado ao pensar num universo sem tempo. Por outro lado, o que era um minuto numa *eternidade*! Como seria o tempo numa estrutura tipo “buraco negro” ou em outra “estrutura bizarra” qualquer... E qual seria exactamente o tempo para a velocidade final (real/universal) da terra?! Qual seria o tempo numa actividade biológica mutante... Como seria o tempo de evolução para um átomo! E o tempo para a velocidade de um electrão?!...

Um referencial geral caótico!... Edgar encarava a ideia fascinado.

Um universo sem tempo!

“*Et puore si muove!*” diria Galileu.

Contudo, situando o tempo confinado ao Homem, recusava-se a pensar o Homem como o “detentor do tempo”. Porque concluía pela sua inexistência, e não se poderia possuir, de todo, aquilo que não existia. Também, há muito que Edgar assentara em não colocar nunca o Homem como protagonista do que quer fosse. O *tempo abstracto simplificado* interpretava uma actividade cósmica expressa nos entes humanos; apenas uma interpretação da actividade cósmica entre as demais, quando se atentava nestes entes entre os demais...

Por toda a casa há um som baixo e indistinto, que se adivinha ser de música clássica, emprestando harmonia e tranquilidade à penumbra dos espaços. À medida que a sala onde nasce a melodia se aproxima também o som se torna mais alto e distinto. Pode-se assim confirmar que o jazz de há pouco deu lugar às

sonatas de Franz Schubert, sendo afinal o piano o único instrumento que enche por completo a sala. Distinguem-se com minúcia todos os objectos que a luz das lâmpadas inunda com prodigalidade. Numa das paredes pode-se observar perfeitamente um poster com uma fotografia de uma jovem de olhos azuis e cabelos louros, sorrindo numa atitude divertida, com o mar ao fundo a preencher a maior parte do segundo plano. Vê-se, pelas roupas que usa e pelas tonalidades do ambiente, que era Inverno. Pode-se até imaginar pelos gestos imobilizados que finge fugir de ser fotografada quando o fotógrafo a surpreende. Nas suas feições há um misto de espanto, hesitação, prazer também. Na chama do seu olhar, dirigido para o fotógrafo, pode-se ler ainda a alegria espontânea de um momento feliz.

Edgar já nem sabe bem há quanto tempo está virado para o seu quadro, aquela superfície de um metro e setenta e oito de comprimento por um metro e dez de altura, conforme ele fizera questão de encomendar. As dimensões das suas telas eram muito importantes para ele... De repente, tira os olhos da tela e pousa o olhar no poster de Carolina. É para ele a melhor fotografia que tem dela. Foi tirada por ele. Não é a que mostra a sua expressão mais bonita, contudo é a que lhe diz mais, a que lhe causa maior impressão. É uma recordação muito grata e ele lembra-se perfeitamente desse dia...

Edgar tinha vindo de um trabalho fotográfico para um presumível cartaz de uma exposição. Vinha a pensar em Carolina. Já não estava com ela há mais de dois meses... Como seria bom que ela resolvesse contactá-lo com o desejo de ficarem juntos...

Foi então que, ao passar de mota pela praia, viu ao longe uma figura que lhe fez lembrar Carolina. Era improvável que fosse ela, a passear na praia àquela hora... depois de almoço... Para mais, embora não chovesse, o tempo não estava muito convidativo. Era simplesmente a vontade de a ver que se colara ao corpo de uma mulher loira que divisara à distância, pensou. Contudo, a sensação foi tal, que resolveu certificar-se. Estacionou a mota por ali bem perto e, de câmaras fotográficas a tiracolo, capacete enfiado no braço, dirigiu-se no encalço da personagem. À medida que se aproximava, cada vez mais tinha a impressão que se enganara. Carolina não usava nenhuma gabardina comprida como aquela, que já começava a distinguir melhor. Como fora embarcar naquela ilusão! Como fora confiar no acaso!... Mas a cor do cabelo era tão parecida... E então, num ápice, surgiu a visão nítida do rosto da figura que perseguia, sem qualquer margem para

erro... E era ela! Era Carolina que passeava sozinha na praia, com uma gabardina quase até aos pés e um ar sonhador. Era a vontade de a ver personificada. No ponto onde ele estava, ela não o tinha visto. Edgar agarrou uma máquina fotográfica e resolveu encenar um repórter oportunista que surpreende uma vedeta famosa. Desatou a correr e quando chegou muito perto dela, começou a andar em círculos à sua volta, disparando foto atrás de foto, ininterruptamente, de uma forma rápida e esquiva como se ousasse praticar qualquer coisa de interdito.

A princípio Carolina apanhara um grande susto. Uma surpresa daquelas não era para menos. Mas depois de ter a certeza de que era ele, de que era Edgar, começou a entrar no jogo, apercebendo-se da brincadeira. Tudo durou escassos instantes. O mais curioso era que quando fora surpreendida, ela estava precisamente a pensar nele. Fora aliás com o pensamento nele que saíra de casa de uma amiga, que morava por ali, para dar um passeio pela praia. A amiga oferecera-se para caminhar com ela, mas Carolina sentia-se deveras nostálgica e apetecia-lhe a proximidade do mar, mas a sós. Com receio que chovesse, a amiga obrigara-a a vestir uma gabardina sua.

O acaso fizera com que se encontrassem. O acaso!... Ou teria sido o forte pensamento mútuo que fabricara o momento? Ou, fantasticamente, ter-se-ia o feliz momento preanunciado no seu pensamento simultaneamente?

— Que andas a fazer por aqui com essa gabardina? É para os “paparazzi” não te reconhecerem?

— É emprestada. Podia chover...

Edgar insistiu sempre sorridente:

— E a passear pela praia! O que te deu? Vais-te tornar poeta, ou às tantas... já sei: vieste contar os grãos de areia, a ver se ainda não mudaram muito desde a tua última contagem.

Carolina riu-se. Edgar gostava de brincar com as suas matemáticas. Sempre que podia, quando estava bem-humorado, construía uma metáfora que envolvesse o relacionamento dela com o seu curso e a sua profissão. Ela apreciava, tanto mais que sabia bem o valor sagrado que ele dava às ciências, acima de tudo matemáticas e correlativas.

— Pois garanto-te que vim à tua procura. — Carolina mimava um ar de filósofa, com o dedo indicador no ar.

— Impossível! Como se alguma vez fosse este o lugar onde eu pudesse estar! — Edgar alinhava no tom dramático.

— Vê como te enganas. Então não é certo que te encontrei! Que lugar podia ser mais exacto que este, se era este o lugar!?

Depois deste episódio viveram um idílio de onze meses a fio. Permanecia ali aquele poster, rastilho das memórias desse tempo, presença muda de mil sons, retrato de inumeráveis imagens, testemunho da união profunda entre Edgar e Carolina.

Sempre que demorava o olhar naquela fotografia, era impossível não recuar no tempo, ainda que por instantes. Tinha sido, até agora, a melhor fase da sua vida amorosa. Acreditava, no entanto, por uma questão de método, que o melhor ainda estava para vir!

Manteve-se por momentos concentrado numa sonata, descansando, endireitando e distendendo as costas. Tinha permanecido de pé um bom bocado. Estranhou a tela: nesta fase as pinceladas e borrões indistintos só para ele podiam fazer sentido... Depois pôs-se automaticamente a fazer algumas arrumações. A pintura obrigava sempre a algum trabalho doméstico e, mesmo só com tintas acrílicas, sobrava sempre tinta para limpar.

Quando se sentiu razoavelmente confortável fez deslizar o cortinado, espreitou para a noite através das vidraças. Parecia estar uma noite convidativa. Saiu para o terraço. Abriu os braços espreguiçando-se longamente, descontraindo perante o espectáculo nocturno da cidade e a placidez misteriosa do céu. Deixou-se invadir pelo equilíbrio daquela noite infinita, sondando o firmamento... para lá da vista, para além do concebível... Inspirou o ar fresco. Procurou sentir uma contenção temporária do pensamento... Pelo menos uma qualquer quietude... Sentiu-se serenamente desperto, animado e em paz. Sentiu-se bem.

E para terminar o dia, uma das distrações favoritas de Edgar: dar uma volta de mota a desoras. Quando a cidade era a dispersão difusa de luzes sem conta... quando o silêncio pesado enchia as ruas desertas... e o destino assobiado da mota era um sonho no âmago do sono urbano...

Mudou de roupa rapidamente, desceu para a garagem, afivelou o capacete e o motor silvou impetuosamente quando acelerou, depois de premir o botão de ignição. E então Edgar lançou-se resolutamente para dentro daquela noite de Maio.

7. Circunstância

Apenas a luz direccionada para o livro que Amir está a ler e a luminosidade do monitor, onde Nuno procura dados na *Internet* sobre a Turquia, impedem que a escuridão invada completamente o quarto. Amir e Nuno partilham o quarto por uma decisão do acaso. As meninas, Harika e Li Ming, naturalmente, partilham outro. Asif, não por ser mais velho, mas assim calhou, fica sozinho no último quarto. Nuno dá-se bem com Amir que já sabe que o seu pai é arquitecto, que é o que ele também ambiciona ser. Aliás, Nuno já disse a Amir que ele há-de ser arquitecto sem sombra de dúvida, porque tem o mesmo temperamento absorto, sério e conciso que parece caracterizar todos os arquitectos, a avaliar pelo seu pai e pelos colegas que Nuno lhe conhece. Conversam sempre em inglês, como é lógico, mas compreendem-se bem, respeitando-se e admirando-se mutuamente quanto basta. Nuno já não se surpreende quando Amir estende um tapete que trouxe com ele do Egipto e, depois de o orientar em determinada direcção, se ajoelha, efectuando genuflexões muito alongadas, numa prostração compenetrada. Trata-se, claro, da reverência periódica a Alá, o Deus venerado e temido por Amir. Curiosamente estão no apartamento com Nuno três muçulmanos: para além do seu companheiro de quarto, também Harika e Asif professam a religião de Maomé. Li Ming é discretamente da religião budista de Confúcio, não dando quaisquer sinais comportamentais das suas convicções íntimas. Nuno, que praticamente não teve qualquer tipo de educação religiosa, limitando-se às superficialidades dos costumes católicos do seu país, fica frequentemente espantado com a influência que os princípios e regras religiosas têm, particularmente sobre os muçulmanos. Ele nunca antes tinha dado à religião a importância que talvez devesse dar...

E agora, desde que se despedira da mãe, continuava a persistir no mesmo tema: Harika. Ele sabia que ela estava nesse momento na sala a conversar com Li Ming; podia até ouvir o som das suas vozes, sem contudo distinguir do que falavam. Mas, neste momento, depois de se ter confrontado, mais uma vez, ao

falar com a mãe, com a força do seu envolvimento emocional, preferia sentir a sua presença por perto a estar perante ela directamente. Era, afinal, sempre aquele enorme desejo de estar junto de Harika, tão vibrante, tão denso, que o paralisava e lhe negava, ao mesmo tempo, contraditoriamente, a vontade de ir para perto dela. Era absurdo. O desejo que bloqueava a acção. Não tivesse ele aquela ânsia disparatada e estaria lá dentro na sala a ver televisão e a conversar com ela, satisfeito, fruindo os seus encantos, apreciando as suas ideias, enfim... relacionando-se com ela, normalmente... Em vez de ficar ali, confrontado com a *Internet*, à procura de tudo que dissesse respeito a Ankara, que tivesse a ver com a Turquia, ou seja, com ela...

Pensava que adquirindo conhecimentos sobre o país, a cidade de Harika, mais facilmente poderia obter pontos de referência para criar oportunidades de aproximação de uma maneira simples, natural. Fora essa a ideia que lhe surgira durante a corrida, ao fim da tarde. Podia ser que ela se tornasse mais íntima pela sugestão de sítios familiares. Enfim, um estratagema como qualquer outro. Para ele também funcionaria como pretexto, como alavanca.

E foi pesquisando, o país, o mapa, Istambul, Ankara... clima, cultura, fotografias. Foi mergulhando, particularizando. Nesse jogo estava ele por de mais à vontade...

E, fatalmente, Nuno desaguara na religião, na religião muçulmana. Noventa e sete por cento da população da Turquia eram fiéis ao islamismo. Ele seguia as pistas que a *Internet*, naturalmente, lhe oferecia. Era inevitável: procurar ligações com a Turquia era esbarrar no islamismo. Mas Nuno estava interessado nisso. O assunto vinha assim ter com ele, com oportunidade, já que ele gostava de saber, com mais detalhe, o universo cultural (e neste caso místico) dos seus colegas, companheiros casuais do seu percurso de estudante.

Foi de descoberta em descoberta, ampliando a sua informação acerca do Islão. Para além de ser uma religião mais recente que o cristianismo, estando mais de quinhentos anos mais próxima da actualidade, era, provavelmente, a religião maioritária do globo, com uma densa mancha geográfica do extremo Noroeste de África ao extremo Sudeste Asiático... E com uma expressão significativa nas comunidades pontuais espalhadas por todo o mundo.

Mas quando Nuno entrou dentro dos preceitos religiosos, depois de uma difícil triagem, uma vez que a *Internet* estava pejada de artigos relacionados com o designado “terrorismo islâmico”, que corriam à conta das palavras muçulmano,

Islão, islâmico, Alcorão, e um sem número delas, desde que relacionadas com a fé islâmica. A busca em Língua inglesa revelava-se ainda mais dispersante. Incontáveis ataques ao comportamento radical de certas facções do mundo maometano, perigosas, com as generalizações habituais; e outras tantas justificações, explicações, apelando bastantes à leitura dos livros sagrados. Tanto do lado dos que se sentiam injustamente envolvidos apenas por serem fiéis ao Islão, como também daqueles que achavam legítima aquela que era para eles uma “guerra santa”. Era o caos absoluto em termos de informação. Quanto mais páginas percorria mais difícil se tornava construir uma ideia independentemente alicerçada. Nuno ainda fora empurrado diversas vezes para artigos em Língua árabe... Sentiu até alguma frustração de não poder entender aqueles belos símbolos árabes que se desenvolviam da direita para a esquerda... Pensou que para perceber alguma coisa naquele emaranhado, talvez tivesse também que saber a Língua... De outro modo arriscava-se a colar opiniões em cima de opiniões, a colecionar visões de *fora para dentro*, para o interior do que parecia ser um profundo rancor causador de tantas mortes inocentes, sobretudo em ataques suicidas, em que um irracional zelo atroz a uma convicção fazia com que tantos humanos rebentassem consigo próprios, rebentando com tudo à sua volta, num atentado cego a uma realidade que certamente desconheciam ou conheciam pela rama. Como seria ver a questão de dentro para fora? Por dentro... no interior dessa insana paixão. O que levava a que se constituíssem pequenos exércitos capazes de se aniquilarem por vontade própria? Essa era a questão fulcral que perturbava Nuno. Não conseguia ver com clareza onde estava a verdade. A verdade que tranquilizasse razoavelmente o seu pensamento metódico. Que lhe desse alguma aptidão capaz de aliviar algumas pesadas bolsas de ignorância que pressentia carregar. A convivência com três muçulmanos ao longo destes últimos tempos não tinha ajudado muito. Bem pelo contrário, ajudara a adensar as suas dúvidas. Não pelo que eles opinassem. Não. Precisamente pelo que eles se coíbiavam de opinar. Pelo modo reservado com que viam as notícias na televisão e pela expressão carregada que faziam quando eram emitidas opiniões sobre o mundo árabe, ou sobre fanatismo religioso. Tinham, seguramente, pontos de vista diferentes dos veiculados pelos órgãos de comunicação, pelo menos europeus e anglo-saxónicos em geral... Todavia, não aprofundavam com Nuno as suas maneiras de ver. Normalmente enviesavam o assunto, tentando demonstrar-lhe que os valores do ocidente podiam nem sempre estar de acordo com o que os grandes mestres e

profetas ensinaram. Que se calhar ele, Nuno, precisava de ter um olhar mais crítico à sua volta. E procurar a bondade, a dignidade, a decência... E concluir que para julgar os outros não seria irrazoável, talvez fosse até prova de inteligência, começar por analisar as práticas éticas em que se baseia essa forma de julgar. Enfim, como diria Li Ming, que podia ser talvez a mais isenta em tudo aquilo, «antes de culpares os outros, procura a culpa que te cabe a ti».

Para Nuno parecia-lhe que eles desviavam o assunto, não querendo discutir as causas essenciais, por solidariedade étnica e religiosa. Mesmo em relação às mortes de inocentes, as opiniões não eram unânimes: enquanto Asif e Harika condenavam sinceramente esses extremismos, já Amir, que no trato era a paz em pessoa, não se manifestava abertamente, dando a ideia, pela forma como contornava a questão, que não seria completamente contra.

Nuno, a priori, abominava os comportamentos violentos e tudo o que implicasse, de alguma forma, o sentimento de ódio ou de vingança. Condenava veementemente as manifestações de crueldade e intolerância. Para ele isso era claro. O que lhe interessava era o enquadramento histórico para além do evidente conflito israelo-árabe e das “ondas de choque” que se expandiam em todas as direcções. Uma densa e repugnante nuvem pairava sobre esse gigantesco imbróglio. Era o fio genuíno da meada que Nuno gostaria de desdobrar desse emaranhado mundial de interesses. Para se satisfazer com uma opinião pessoal que não fosse apenas emotiva, como acontecia na maioria dos casos que conhecia, mas firmada no conhecimento duma realidade mais consistente do que a imediata informação *cibernáutica*.

Nuno chegava à conclusão que, como dizia a sua mãe, a única maneira de conhecer uma terra era viver lá durante uns tempos. Teria de viajar até ao Médio Oriente e viver algum tempo naquelas paragens. Conhecer o fulcro. O que, para já, estava fora de questão e, todavia, não havia qualquer garantia que ficasse a ter um entendimento suficiente...

Através de páginas da Turquia, islamismo e muitas derivas, Nuno perpassava rapidamente o que, pelas leis do acaso e das suas opções instantâneas, a *Internet* estava capaz de lhe proporcionar durante aquele passeio no ciberespaço. Até que topou desastrosamente com uma estapafúrdia asserção sobre o casamento maometano. Um artigo que era peremptório: uma mulher islâmica estava proibida, pelo Alcorão (Livro sagrado do Islão), de casar fora da religião islâmica. Estava, portanto, obrigada a casar com um muçulmano!...

«Era inacreditável!» zangou-se Nuno. As repercussões eram demolidoras: as muçulmanas, como Harika, não podiam ter qualquer predisposição para se enamorem por indivíduos como ele, baptizados pelo cristianismo, ou nem isso, bastava apenas que não fossem muçulmanos. Ficava claro que ela nunca pensara nele, senão como colega. Não podia acreditar! Como é que, no século XXI, era possível uma tal discriminação... Já ouvira e lera muita coisa, mas isso era demais. Tratava-se de um texto porventura forjado, fora da verdade, uma mistificação. Talvez um uso antigo, já caduco. Não podia ser de outro modo. Sim, com certeza, não se devia deixar levar pela primeira mentira que lhe aparecesse pela frente na *Internet*. Existiam muitas inverdades na *Rede*. Colocavam até muitos ardis a circular para fins estratégicos duvidosos. Com certeza era isso. Ficou mais calmo. Tinha sido apalhado de chofre. Pensando friamente era mais que certo que se tratava de ficção.

Nuno foi, não sem algum frenesi, de confirmação em confirmação, até concluir que de facto era verdade. Casamento de mulher muçulmana só com muçulmano! Leu até o texto do Alcorão donde essa determinação emanava. Não restavam dúvidas. Ficou arrasado. Procurou ainda encontrar contradições específicas da Turquia. Não encontrou. Pelo contrário: vários textos de procedência comprovadamente turca corroboravam inteiramente a lei islâmica. Confirmava-se a singularidade da religião muçulmana sobre o amor!...

Deu-se conta onde estava. Há já algum tempo que o seu mundo era o *monitor* na frente, um *rato* na mão e uma semi-obscuridade a toda à volta. Amir mantinha-se como se não tivesse passado tempo nenhum: na mesma posição, estático, deitado na cama, voltado sobre o lado direito, segurando um livro com uma só mão, numa posição relaxada, mas profundamente concentrado. Nuno precisava de descomprimir. Resolveu trocar umas palavras com ele, interrompendo a sua leitura:

— Parece ser muito interessante o que estás a ler, a avaliar pela tua atenção prolongada!

Amir demorou um pouco até olhar para Nuno. Pareceu não o ter ouvido, mas lentamente, como se tivesse uma força invisível a puxá-lo para o livro, foi erguendo a cabeça e acabou por dizer:

— Sabes que os romanos, tanto quanto se conhece, foram os primeiros a usar o arco na construção?

— Ah... eu logo vi que o que te mantinha tão absorto tinha que ser relacionado com a arquitectura!...

Isso é mesmo assim!... O arco foi inventado tão tarde? Então e os gregos... tão avançados que eram!

Amir ficou contente com a curiosidade de Nuno e explicou:

— Se atentares bem, vês que todas aquelas construções que conheces da Grécia, tipo Acrópole, são peçadas de pilares. E porquê? Porque os vãos são todos vencidos com vigas rectilíneas horizontais. Só o arco permite, pelas suas características geométricas, encarar vãos maiores e portanto abrir o espaço entre pilares, reduzindo drasticamente o seu número, que é o que tens nas construções românicas. O arco revolucionou a engenharia e a arquitectura.

Sempre que Amir falava sobre assuntos relacionados com o seu curso e uma centelha lhe aparecia no olhar, Nuno lembrava-se do pai quando ele falava sobre arquitectura.

— Então é um livro sobre a história da arquitectura? — Nuno, ao mesmo tempo, saía de frente do monitor e colocava-se em pé, em frente de Amir, que entretanto já se sentara.

— Sim, mas numa perspectiva mais amena, sobre curiosidades. Onde mais uma vez se vê que a compreensão da cultura actual está na Grécia Antiga. A própria palavra arquitecto, em inglês, por exemplo, tem a sua etimologia no grego.

— Incluindo a compreensão da cultura árabe! — Nuno esboçava um sorriso provocador.

— Acima de tudo a cultura árabe, que mais directamente absorveu e disseminou a cultura helénica. — Amir fez um gesto vago com as mãos. Depois olhou para o relógio, fez um trejeito de alerta, interrompeu a conversa:

— Vai começar agora um noticiário. Preciso de ver a situação na Argélia. Ouve um tremor de terra... — Olhou para Nuno numa expressão convidativa. Nuno assentiu e foram ambos para a sala ver televisão.

Na sala ainda permaneciam Harika e Li Ming. Asif também se tinha juntado a elas. Ficou o grupo completo reunido, o que era sucesso raro. Um acaso.

Li Ming estava a um canto do sofá de três lugares, rodada a quarenta e cinco graus, com o seu pequeno corpo virado para o televisor; tinha um livro fechado no regaço, com um marcador a dois terços; as mãos abandonadas sobre o livro, muito brancas e esguias, entrelaçadas; sentava-se sob uma das pernas que a sua delgadeza contorcia com perfeição, colocando o pé descalço por debaixo das nádegas; tinha apanhado os seus cabelos longos, muito pretos, num rabo-de-

-cavalo que lhe caía pelo ombro e quase chegava ao cotovelo; a saia subia-lhe bastante acima dos joelhos, mostrando generosamente as pernas um tanto magras; o outro pé, também descalço, pousava sobre os sapatos, que jaziam sobrepostos e desalinhados na alcatifa; a sua atitude era, apesar de tudo, emper-tigada, demarcando bem a distância habitual que a sua maneira de ser impunha naturalmente.

Asif estava num dos sofás gémeos de um lugar, completamente esticado, de tal maneira que a cabeça se apoiava quase a meio das costas do sofá e os pés, de sapatilhas, iam parar lá muito à frente; a cabeça dobrada, com o queixo comprimido contra o esterno; dava a impressão que estava a dormir, mas ia comentando com espírito, aqui e ali, o programa, com uma voz alterada pela posição; a sua tez escura e cabelo preto a ultrapassar mais de metade das orelhas harmonizavam-se com a camisola e as calças pretas que trazia vestidas, dando, porém, ao aposento, um certo desequilíbrio cromático, compensado em parte pela cor creme do terno de sofás.

No extremo oposto do sofá onde também se sentava Li Ming, Harika encostava-se delicadamente, ligeiramente dobrada sobre o lado em que apoiava o cotovelo no braço do sofá, descansando a cabeça sobre a mão, com um ar um pouco ensonado. No colo tinha pousada a outra mão, descontraidamente semi-aberta, com os dedos frouxos, de uma perfeição quase irreal, as pernas elegantemente dobradas, com umas calças de bombazina um pouco coçadas e justas realçando a sua arredondada harmonia. Os cabelos louros, brilhantes, estavam, contra o costume, um pouco desalinhados, soltos, numa profusão que acentuava a juventude dos seus maviosos vinte anos. Havia na sua figura um misto de encanto e abstracção que lhe dava uma aparência um tanto intangível. Quando falava, embora tivesse um trato afável, concordando com o seu aspecto, mostrava agudeza e tinha, às vezes, saídas contundentes.

Nuno e Amir ocuparam os seus lugares predispondo-se para ver as notícias que estavam quase a começar. Amir sentou-se no sofá livre e Nuno puxou de uma cadeira, posicionou-a ao contrário, sentando-se com o espaldar à sua frente e aí colocando os cotovelos, apoiando o queixo nas mãos; era uma das suas posições favoritas: atenta, mas descansada.

De facto, como dissera Amir, passados poucos minutos começaram as imagens sobre o terramoto na Argélia. Inúmeros edifícios tinham ruído, havia escombros por todo o lado. Falavam em milhares de mortos. O epicentro fora a

pouco mais de cinquenta quilómetros da capital, Argel, numa magnitude de cerca de sete pontos na escala de Richter. Uma tragédia. A televisão mostrava uma sequência de imagens pungentes que emudeceu todos os presentes. Sobretudo Amir que tinha mais laços de afinidade com aquele povo, também ele do norte de África, também árabe muçulmano.

— Uma coisa horrível. Já não bastava os problemas que têm. Um país pobre... — desabafou Asif quando passou para outra notícia.

Li Ming, também abalada, acrescentou:

— Ninguém pode nada contra as manifestações da natureza. Neste caso, como tantos outros, cruéis e implacáveis. E não há nada a fazer. Ninguém para culpar. As catástrofes fazem-me pensar como são frágeis as nossas vidas.

— Não ponhas dúvida — concordou Harika. — Na Turquia tivemos também um grande sismo, há quatro anos... em 1999. Foi uma calamidade! Morreram mais de quinze mil pessoas. Mais do dobro das mortes na guerra do Kosovo, que também terminou nesse ano! Por sorte a nós, em Ankara, não aconteceu nada. Mas todo o país sofreu bastante.

— E porque comparas com o Kosovo? Alguma razão especial? — Quis saber Amir

— Lembrei-me. Apenas pela proximidade de datas. E por serem ambas grandes calamidades... Neste caso, a ira do que não podemos controlar pode matar muitos mais e em muito menos tempo. O que sugere a insensatez dos homens que se matam aos milhares em conflitos que se podiam evitar, como se não bastasse viverem já à mercê destes fenómenos tão severos. Devíamos aprender e ser talvez mais racionais...

— Sim, percebo. Mas o mundo não funciona assim. Acho que, se no foco de uma guerra acontecesse um terramoto terrível, nem por isso os confrontos cessariam. As hostes tentariam aproveitar-se o melhor possível da situação. — O cenário de Amir afigurava-se dantesco.

— Talvez não — interveio Nuno. — Não sei se alguma vez isso aconteceu... Depende do tipo de combates e da magnitude do sismo. Porém, estou certo que, se a catástrofe natural fosse colossal, o rumo dos acontecimentos iria mudar.

— Estás enganado — persistiu Amir — “A César o que é de César e a Deus o que é de Deus”. Ou seja o tremor da terra entra nos domínios divinos. Embora pudesse até ser tomado como um aviso do acaso divino, os guerreado-

res continuariam a lutar por César, quem quer que ele fosse, o que quer que ele fosse.

— E que achas tu disso? — Perguntou Harika a Amir, não sem antes olhar meigamente nos olhos de Nuno.

— Acho que se pode morrer ou matar por uma boa causa — declarou Amir, enfaticamente.

De repente Li Ming resolveu atalhar:

— Temos revolucionário!

E logo Nuno:

— Como se pode afirmar que uma causa é boa se for para matar o próximo?

— A questão é que deixa de ser próximo, para ser a encarnação daquilo contra o que estás. Ou até aquilo que torna possível, directa ou indirectamente, o teu sofrimento físico ou psíquico.

Amir levava o assunto para terrenos difíceis, e Nuno podia adivinhar donde vinha aquela demonstração de uma reflexão manifestamente aturada. Li Ming veio em seu auxílio:

— E como vais tu presumir que a tua causa é justa?

— Eu presumo tanto quanto o meu adversário... — Amir demonstrava a sua perspicácia e convicção. — Não será a História da humanidade um desfiar de lutas entre causas distintas?

Li Ming continuou:

— Não seria já tempo para o Homem possuir a maturidade suficiente para encontrar causas comuns?

Amir, dando já sinais de querer por fim ao que podia ser uma discussão interminável, declarou expressivo:

— Enquanto houver atitudes infames e a razão pertencer aos mais poderosos... não haverá paz no globo. Se aqui se abraçam causas comuns, além praticam-se ofensas incomuns. — E levantando-se, no propósito de se retirar, soltou com altivez, de dedo no ar:

— Não é a verdade que governa o mundo, mas sim o poder!... — E meteu-se no quarto.

Os outros quatro ficaram a olhar para ele, calados durante uns momentos. Asif que estivera sempre silencioso, mas seguindo atentamente toda a argumentação, exprimiu em voz baixa:

— Eu compreendo perfeitamente o Amir. É que ele fala com o peso da História do seu país. É preciso não esquecer que a História do Egipto é uma saga de conflitos. Um povo com um passado grandioso e que na História recente esteve constantemente subjugado. Primeiro foram os franceses. Depois os ingleses, que governaram o Egipto durante mais de setenta anos. E só a partir dos anos cinquenta é que ficou livre em definitivo do ponto de vista político e económico. Mas o pior de tudo — Asif baixou ainda mais a voz, passando praticamente a sussurrar — foi a humilhação da “guerra dos seis dias”, com Israel, em 1967, como sabem. Os egípcios sofreram dura derrota. Perderam os territórios da península do Sinai e a faixa de Gaza que estava sob sua jurisdição. O pai de Amir participou na guerra com Israel. Uma vez ele confessou-me tudo: o pai ainda era novo, tinha vinte e tal anos... ele ainda não era nascido. No entanto a mãe contou-lhe que o pai nunca mais foi o mesmo. Não foi só o facto de ter sido ferido e ter ficado a mancar para sempre, embora imperceptivelmente, mas tornou-se na pessoa insatisfeita e irascível que Amir sempre conheceu, quando antes disso era um homem bem disposto e amável. E, quanto ao que pensa dos israelitas, nem será bom falar!...

— Percebe-se... De certa maneira — disse Harika — isso explica o estilo como ele fala, num tom magoado, talvez... Mas noto que é só quando falamos destes assuntos, porque no resto até parece outro Amir. — Harika falou olhando para Asif e Li Ming, alternadamente, e, quando se calou, ficou a fitar Nuno como se esperasse o seu acordo.

— É... é verdade — juntou Nuno depois de se recompor do olhar de Harika — quando se fala de guerra e em particular de conflitos no Médio Oriente, Amir fica intolerante e inquieto. Eu não sabia acerca do pai...

— Espero que nenhum de vocês comente este assunto com ele — disse Asif — embora não seja nenhum segredo, nestas coisas só a discrição é favorável.

Os outros fizeram uma expressão grave de assentimento. E Asif continuou:

— Não é só Amir... Há algumas matérias que são um pouco “tabu” para os que são daquela região e viveram certos acontecimentos. Mas, na minha opinião, não podemos recriminar ninguém sem estudar os contextos e os antecedentes históricos.

— De qualquer maneira — Li Ming aproveitou o ensejo, para puxar por

Asif — acho que vocês, os muçulmanos, envolvem esses assuntos numa mística um tanto estranha!

O desafio caiu na sala causando um hiato de silêncio estrondoso... tudo ficou estático por instantes.

Harika procurou o olhar de Nuno, que este ofereceu e logo retirou embaraçado. Depois quando foi ele a olhá-la, aconteceu o mesmo com ela, ficando a observar o sapato a alisar a alcatifa.

Entretanto Asif, já refeito, respondia a Li Ming, depois da vagarosa fracção de segundo:

— Pode ser... Parece-me que “esses assuntos”, como lhes chamas, são antes de tudo problemas políticos que terão a ver sobretudo com soberania e independência dos povos. Depois, talvez a força mais aglutinadora seja, de facto, como dizes, mística. Ou ainda mais simples: se numa família, com os pais e três irmãos, por exemplo, um dos irmãos se sentir espezinhado por alguém, não ficará, *a priori* toda a família solidária com ele? Não serão os primeiros a pôr-se ao lado do filho e irmão? E se, ainda por cima, acharem que a razão lhe assiste, ainda que a total isenção não se aplique, não será humano que se “*envolvam numa mística um tanto estranha*” de acordo com a tua expressão? — Asif falou compassadamente, calmamente, como se tentasse demonstrar um teorema que para ele era claro, mas que para outros entenderem teria de ser explanado pacientemente.

Nuno e Harika seguiam com muita atenção a conversa. Este era um tema que interessava a Nuno. Ainda há pouco tinha ele andado às voltas com as causas do Médio Oriente na *Internet*.

Li Ming não desarmou e parecia decidida a levar a conversa até ao fim:

— E esse espezinhar, admitamos injusto... esse envolvimento, admitamos lógico... e essa mística, admitamos genuína... tudo isso justifica que se matem milhares de inocentes, que nem sequer têm a mínima noção de porque é que morrem? Tudo isso justifica que um membro dessa família se assuma como justiceiro e mártir e se faça explodir, estourando tudo e todos, inocentes, crianças... tudo! És capaz de defender que isto não é obra de uma “*mística estranha*”?!

Não deixava de ser caricato como Li Ming, com um corpo tão franzino, tão indefesa, se indignava impetuosamente desafiando Asif, com aquele corpanzil.

Asif não perdeu a calma:

— Talvez. Mas sem aprovar ou justificar o que quer que seja, uma vez que, digo-te sinceramente, aquilo a que te referes não é a minha guerra... não deixo de te salientar que não há guerras que não causem vítimas inocentes... Os bombardeiros que arrasam uma cidade pertencem a um exército organizado, pois pertencem... mas quantos homens, mulheres e crianças, inocentes civis, morrem ou ficam feridos habitualmente. É bom que te informes! Ou será por ser um exército organizado, com aviões, tanques, homens fardados, bandeiras e logótipos a preceito, que a causa está desde logo legitimada!? Não me parece. E que me dizes das guerras económicas, dos bloqueios, da promoção de conflitos regionais, de que nem nos apercebemos. É o aparato suicida que te impressiona? É o facto de ser um acto isolado? É por se dar num país distante do conflito? É a lei da guerra, horrenda. Mas, a guerra! O suicida é apenas uma arma, como o soldado que vai para matar e morrer, é um instrumento da guerra. Diferem apenas na probabilidade de desaparecerem. É um acto isolado... trata-se de uma guerra de guerrilha, a guerra possível dos menos apetrechados! Quanto a acontecer em países distantes... Que sabes tu do envolvimento desses países? Em última análise que interesse tem isso! O que está em jogo é a eficácia do golpe. Da intimidação. Do enfraquecimento do inimigo. Da sua maior debilidade para o jogo diplomático. Sim, esses são os jogos da guerra. Tomar partido é, desde logo, alimentar o jogo e acicatar os ânimos. Ainda para mais, pensa bem, se estiveres aqui, no Reino Unido, tens uma opinião; se estiveres na Palestina a análise é diferente; se estiveres na Malásia, sem dúvida os meios de informação te darão outra visão; e quando estás em Hong Kong ainda uma nova leitura. E se fores viajando, viajando... dirás então com certeza: é horrendo. É a guerra!

Li Ming, que encarara todo o tempo Asif, deixando-se prender pelo seu jeito convincente, sentiu, por diversas vezes, vontade de o interromper para o acusar de frieza de raciocínio. Mas, afinal, ele não concordava com os crimes, antes condenava a existência da guerra em si como jogo do mal. A partir do momento em que esse mal deflagrava, o que jogasse melhor ganharia. Um ponto de vista demasiado gélido para Li Ming. Por outro lado, ia pensando ela enquanto o ouvia, de facto era preciso ter alguma cautela ao optar por um dos lados. Ao longo da História, quantos mártires e assassinos se transformaram em heróis! E quantos heróis foram posteriormente vistos como assassinos! Nalguns casos não teriam sido necessários muitos anos para que as circunstâncias ope-

rassem a metamorfose. Por isso Li Ming foi ouvindo e raciocinando, pois os argumentos de Asif, sem a convenceram, faziam com que repensasse as suas posições. Quando ele pareceu concluir, contemporizou:

— Está certo, vou pensar melhor no assunto e... estudar mais História.

Nuno e Harika tinham permanecido calados, mas igualmente participando no debate, ao seguirem atentamente o que os outros diziam, não sem trocarem olhares que, para Nuno, cada vez mais confuso, eram sinais da atracção que existia entre eles. Era impossível que a sua sensibilidade o traísse de forma tão grosseira. Num lance de imaginação montou um diálogo estratégico:

— Mas... Asif, não achas que os muçulmanos têm ideias muito peculiares que, de certa maneira, contribuem para radicalizar as questões?

— Não entendo... muito peculiares! Não confundas a religião muçulmana com fanatismo religioso. Como não podes confundir uma religião, seja ela qual for, com qualquer tipo de argumentação ou acção sectária que dela derive ou nela se inspire. De um modo geral os poderes beligerantes aproveitam o fanatismo para servir os seus fins. Mas tudo isso não tem nada a ver com os preceitos de Maomé, Cristo ou Buda, para citar apenas três...

E, antes que ele divergisse, Nuno jogou a sua cartada:

— Bem, tu desculpa Asif, mas continuo a achar que são peculiares as leis dos muçulmanos. Algumas bem estranhas... Refiro-me ao Alcorão, precisamente. Por exemplo... Uma coisa que soube hoje na *Internet*. Os casamentos dos muçulmanos são encarados de uma forma totalmente diversa das outras religiões...

— Referes-te à poligamia... — disse Asif, sorrindo.

— Por exemplo, mas isso... — Nuno sorriu também, mas depois, muito sério e olhando de lado para Harika, acusou:

— Não... ainda mais grave é o que acontece com as mulheres!...

— Com as mulheres!... — Asif mostrou-se divertido.

Nuno, respirou fundo, chegando por fim aonde queria:

— Sim, por exemplo... uma muçulmana, imaginemos... da Turquia, podia ser a Harika, — e colou os olhos nos dela — se quisesse casar com um não muçulmano não podia. A religião islâmica proíbe tal sacrilégio!... Não me digas Asif que isto não é peculiar! — Nuno assumia um tom irónico. E voltou-se de novo para Harika:

— É ou não verdade, Harika, que uma muçulmana como tu, não pode casar com um não muçulmano?

Harika, semi-paralisada pelo olhar intenso e brilhante de Nuno, baixou os olhos entristecidamente, e numa voz um pouco rouca e sumida disse:

— É verdade. — Depois pigarreou, para aclarar a voz e subindo um pouco de tom, repetiu com desalento:

— Sim. É verdade.

8. Simultaneidade

Como sempre os dias começam muito cedo em Luanda. Ainda há pouco despontou o dia e já o trânsito começa a engrossar. Teresa olha pela janela do carro e observa ensonada a cidade que vai ficando para trás, até dar lugar à estrada com as casas dum lado e doutro e algumas clareiras de vegetação tropical. Há medida que avança, as casas vão rareando até se transformarem por completo numa vegetação que se torna mais e mais luxuriante.

Agora só resta a tira de asfalto à frente do carro e de cada lado uma densa floresta que parece querer invadir a estrada. Existem inclusive troços em que só há espaço para a passagem de um veículo e que mesmo assim ao passar roça pela vegetação, tal é aqui a vitalidade da natureza diligenciando destruir a obra humana.

Teresa não reconhece ao princípio em que ponto do percurso se encontra. Toma consciência que, embora aprecie a exuberância do trajecto, aquele não é caminho para o Caxito!... Procura reconstituir os factos, faz um esforço de memória, mas não consegue estabelecer uma continuidade que a esclareça. Porém, não se preocupa. Em breve passará por qualquer elemento que poderá reconhecer e identificar o sítio onde está. Parece-lhe que está em Cabinda. Pois, sim, claro que está em Cabinda, em direcção ao Maiombe. Como é que não distinguiu logo a vizinhança da floresta? Com aquela pujança só podia ser o Maiombe.

Vê-se ao longe uma série de pessoas em fila indiana, encostadas o mais possível à margem da estrada, que já há muito que não tem bermas. Quando passam por elas, Teresa repara que são todas mulheres e que vão completamente nuas. Algumas ainda têm uma pequena tanga, mas outras não têm nada que as cubra. Uma grande parte leva à cabeça grandes molhos de lenha, com um tamanho cerca de metade da altura delas. Outras, enormes vasilhas de plástico, tão cheias de água, que transbordam de vez em quando com o gingar do corpo. Teresa fica surpreendida pelo aspecto extravagante do grupo, voltando a ficar em dúvida se estaria mesmo no sítio onde pensava estar. Acha que o melhor será perder a vergonha e perguntar ao motorista. Quando deixa de olhar pela janela,

reconhece que não é no jipe habitual que ela agora viaja. Em vez disso trata-se de uma carrinha de nove lugares que com a lotação completa de militares fardados e armados de metralhadoras. Apenas o motorista vai vestido à civil e muito sumariamente, com uns calções, uma t-shirt e uma boina à Che Guevara. Os soldados usam todas as peças usuais da tropa, mas em muito mau estado, sujas, com rasgões e manchas de suor. Uma tropa maltrapilha. São africanos, à excepção de dois caucasianos. Todos eles esqueléticos. Vão em conversa animada, não parecendo dar pela presença de Teresa. Ela não compreende a língua em que falam, mas distingue os sons do russo. Falam todos em russo. De quando em quando o motorista, que também é preto, vira-se para trás conversando empolgadamente com os demais o que, pensa Teresa, coloca em risco a condução; contudo, ela parece não sentir qualquer aflição com isso. Ele fala com todos menos com ela, parecendo também ignorar, por alguma razão, que ela vai ao seu lado. A determinada altura ouve-se um ruído vindo da retaguarda que se avoluma progressivamente. Todos os ocupantes fazem silêncio imediatamente e colocam-se à escuta atentamente, parecendo procurar reconhecer o barulho. Teresa diz: «Não vêm que é uma mota. Ouve-se perfeitamente que é uma mota» Mas os outros não a ouvem. Ninguém a ouve. Nem sequer parecem notar a sua presença. Começa a ficar um pouco exasperada, pensando que o mais certo é fazerem de propósito; não lhe dão nenhuma confiança, a ela, porque é uma mulher branca, que vai ali porque eles condescendem. Se calhar só lhe darão alguma atenção quando precisarem dos serviços dela como médica, como é evidente...

O volume do ruído adensa-se de forma ensurdecadora e uma mota ultrapassa a carrinha a uma velocidade vertiginosa. Apesar disso, Teresa reconhece perfeitamente o condutor: é Edgar, o seu amigo. O amigo de Rogério, Edgar Lima. Mas isso não lhe causa muita estranheza, o que ela acha fantástico é o facto de virem, ele e a mota, envoltos pela noite. E é a noite, Edgar e a mota que os ultrapassam velozmente. Ainda fica a ver a noite a afastar-se à frente do carro deixando o dia continuar como antes.

O motorista ainda acelera no seu encalço instigado por todos os outros que parecem fazer imprecações terríveis, a julgar pelos gestos e pelo tom das suas vozes, mas logo vêm que é absolutamente impossível aproximarem-se da mota que já desaparece ao longe. Todos parecem ter desejo de perseguir aquela figura, sabe-se lá com que intentos, pensa Teresa. Começa a ficar com medo deles. Aninha-se no assento e resolve manter-se calada.

Mais à frente a carrinha estaca. Todos se calam. E ela, que até aí passara por inexistente no meio daquele bando de soldados mal amanhados, passa a ser alvo de todos os olhares. Olham todos para ela de um modo furibundo. O motorista encara-a ferozmente e grita: «Fora!» Teresa em pânico desce da carrinha e repara que está descalça, com uma blusa muito velha e umas calças até aos joelhos rasgadas em vários sítios. Sente-se maltratada, humilhada, confusa. A carrinha arranca com um ronco intermitente e ela começa a correr atrás dela, desesperada, pensando que não pode ficar abandonada num sítio daqueles. Dum lado e doutro da estrada, que agora é uma picada de terra batida com cerca de dois metros de largura, a impenetrável floresta. Só lhe resta correr em frente. Eles vão ter que reconsiderar. Vão ter que a levar. Não vai ficar ali à mercê dos perigos da selva...

Continua a correr quanto pode. Os pés, apesar da falta do calçado, permitem-lhe uma corrida poderosa. A carrinha pára finalmente lá muito à frente e ela vê ao longe que os passageiros se precipitam todos para fora e desaparecem na floresta. Esforça-se mais. Tem que alcançar o veículo. Os pés estão da cor do barro, cheios do pó da picada e a blusa está encharcada em suor. Mas não esmorece.

Por fim chega à carrinha vazia e vê que do seu lado direito há um carro. Entra no caminho, ansiosa, perguntando-se aonde é que irá dar. Percorre alguns metros e a passagem começa a alargar-se rapidamente até se transformar numa enorme clareira, onde se distribuem umas dez ou onze palhotas de adobe muito tosco e em alguns casos o colmo das coberturas é muito raro. Uma das palhotas nem tecto tem, faltando-lhe ainda um grande pedaço da parede circular. À porta de uma das palhotas está sentada no chão uma jovem e esbelta mulher de longos cabelos loiros que veste uma túnica branca até aos pés calçados com sandálias de tiras. Usa um lenço também branco que lhe cobre a cabeça e dá a volta sobre o rosto de tal forma que só resta uma estreita faixa onde se vêem uns tristes olhos azuis. Está enroscada nas pernas de um homem sentado num sofá e completamente coberto por vestes árabes de linho branco. O homem tem a cabeça envolvida num enorme lenço branco e preto estilo Arafat e descaída sobre o peito numa atitude de pesar. Levanta lentamente o lenço e começa por descobrir os olhos. Teresa vê perfeitamente que estão vermelhos e húmidos como se tivesse estado a chorar. Ele acaba por descobrir o rosto e ela então reconhece o seu filho Nuno. Fica surpreendida e contente por ver Nuno ali, mas especialmente preocupada pela sua expressão muda e melancólica. Encara-os

indagadora olhando-os nos olhos alternadamente. A jovem, que não deixa de a fitar desde que ela chegou, acenando com a cabeça para as cubatas, acaba por dizer: «Estão todos mortos! Todos mortos...»

Teresa entra na cubata e depara-se com um espectáculo horrível: homens, mulheres, crianças, todos africanos, a escorrer sangue, abundante, dos corpos nus, torcidos, amontoados. O chão é uma papa de terra e sangue. Foge dali. Corre para uma outra cubata, outra e outra: em todas o mesmo cenário, um morticínio horrível. Estavam todos mortos, cruelmente assassinados. Porquê, mas porquê?! Teresa sente a agonia do horror e da incompreensão. Ela sabe quem fez aquilo. Foram os donos da carrinha onde ela vinha. Desata a correr para o carreiro por onde viera. Tinha de lhes pedir explicações. Eles não podiam fingir que nada acontecera. Esbaforida chega à carrinha que ainda lá estava. Mas abandonada. Não vê ninguém, nem sinais do bando assassino. Dá a volta à carrinha e repara que a chave está na ignição. Imediatamente, entra, põe-se ao volante e mete-se a caminho, perseguindo os culpados.

Ao fim de alguns quilómetros Teresa começa a sentir um profundo cansaço e abatimento pelo que lhe acontecera. Está num estado lastimável. E agora vai conduzir até onde? Perscruta o horizonte no que lhe parece ser uma mancha de azul mais carregado que o céu. E certifica-se que é o mar. A picada vai desembocar no mar, é isso. À medida que vai andando o mar vai-se afastando. Quando mais roda mais o mar, sem sair do horizonte, se afasta. Impacienta-se, carrega mais no acelerador e quanto mais depressa anda mais se afasta. Resolve proceder ao contrário: começa a abrandar. O resultado é imediato: o mar aproxima-se com rapidez. Mantém então uma velocidade lenta constante e num ápice chega a uma praia com um areal enorme. Pára a carrinha mesmo em frente à praia e começa a caminhar pela areia, sentindo algum alívio com uma leve brisa fresca que corre. Teresa sempre gostou de praia. Quando ergue o olhar vê ao longe, no meio do mar, as torres dos poços petróleo que ela já conhece. Ali são em grande número. Em todas elas as labaredas dançam faustosamente no topo.

Teresa caminha em direcção ao mar e nota que a areia não tem a cor de areia. É muito escura, quase preta, enegrecida e de tal forma imunda que os seus pés já têm manchas pretas. Para verificar apanha uma mão cheia de areia e sente a gordura por entre os dedos. Espreme os grãos de areia com força e o petróleo desata a escorrer. «Uma praia que podia ser magnífica» diz Teresa dirigindo-se a ninguém. «Uma profanação!».

De repente, olha para o seu lado esquerdo e vê lá ao fundo um casal, debaixo de um guarda-sol. Dois veraneantes. Teresa não se acha em condições para falar com eles, andrajosa como está. Mas enche-se de coragem e vai tentar perguntar se viram um grupo de soldados por ali. Dirige-se para lá, verificando que é mais longe do que lhe parecia de início. Por fim reconhece perfeitamente o homem deitado: é Rogério, o seu marido. Fica com o coração aos pulos. Ele está com uma linda mulher, muito mais nova. Estão nus. Estão a fazer amor ferosamente. Rogério beija-a quase violentamente, ao que ela corresponde. De bocas coladas, os corpos sôfregos entregam-se ao êxtase. Ela não consegue suportar mais aquela cena. Volta-se envergonhada e desaparece dali para fora a correr até perder o fôlego. Quando se apanha fora de vista, completamente só, sente o peito a arder, a cabeça a estourar e desfaz-se em lágrimas, soluçando num desespero atroz.

E é então que acorda. Teresa acorda do pesadelo a soluçar. Oprimida, cansada, ficando ciente do que agora lhe parece evidente: tratava-se de um sonho. Um pesadelo! Respira fundo, aliviada.

Fica ainda alguns momentos agarrada às peripécias do sonho considerando a sua inverosimilhança. Ainda tenta arranjar uma associação qualquer para aquelas imagens. Algumas coisas, como sempre, têm ligação com as suas preocupações, isso é fácil de verificar, mas a forma como se apresentam, o fantástico e absurdo, torna vã a tarefa de racionalização. Decide abandonar de vez a reconstituição. É o mundo dos sonhos... Teresa encolhe os ombros...

Resolve levantar-se para espairecer os restos da tensão dramática. O quarto está completamente às escuras. Tenta acender a luz mas, mais uma vez, não há electricidade. Sai do quarto, disposta a ir até à cozinha para beber um pouco de água. Habitua-se à escuridão e começa a orientar-se perfeitamente pela casa. A luminosidade que entra pela janela ao fundo do corredor indica-lhe que deve estar uma noite enluarada. A dada altura apercebe-se de um barulho que vem lá de fora, provavelmente do largo em frente. Decide ir ver o que se trata. O largo à noite é sempre sossegado, nunca notou que houvesse quaisquer perturbações durante a noite. Ao sair à varanda logo se lhe oferece uma cena desusada: o largo está pejado de militares. Um *carro de assalto* e três jipes completam o cenário e deixam o largo atulhado. Debruça-se e consegue ouvir com nitidez os soldados. Falam diversas línguas, sobretudo em inglês; Teresa distingue claramente o inglês da América, dos Estados Unidos. Há muitos negros entre eles e

estão todos fardados com grande aparato e sofisticação. Todos os edifícios no largo e nas ruas vizinhas estão destruídos, libertando-se densas nuvens de fumo dos escombros. Tudo destruído. Só a casa onde está ficara aparentemente intacta. Lança o olhar para longe e vê fumos aqui e ali por todo o lado. E destroços e mais destroços. Luanda estava arrasada. Não via viva alma a não ser a tropa.

Uma amargura medonha começa a invadi-la. Toda a vizinhança deve estar sobre as ruínas... Como puderam fazer uma coisa daquelas? Que monstruosa guerra deflagrara agora!

Em toda a volta, no horizonte que a sua vista pode abarcar, as nuvens de fumo sobem rápidas e sobrepostas, num ritmo descontínuo como se o limiar da visão não pudesse captar a sua evolução uniforme, passando de uma posição à posição seguinte saltando posições intermédias. Esta ascensão às revoadas, num desconcertante efeito, é ainda mais acentuada pela absoluta imobilidade dos escombros. O fumo parece ser a única forma a escapar-se dos edifícios arruinados, elevando-se no ar numa mancha densa informe, rarefazendo-se lá no alto, até desaparecer e se misturar com o céu. Sempre intermitente, como numa projecção de diapositivos acelerada. Para Teresa aquela era a consequência das matérias tecnicamente avançadas usadas com total eficácia na destruição. Esse efeito quase cinematográfico, realçando tamanha iniquidade, só aumenta a sua irritação e angústia.

Há dois tipos distintos de militares. Uns, que parecem ser os mais operacionais, pela farda e equipamento que usam, movimentam-se numa lentidão extrema entre os vários veículos e entre os diversos grupos. Teresa pode antecipar perfeitamente os seus movimentos. Alguns deles parecem parados, mas ela depois repara que se movem muito vagarosamente. O outro tipo, ao contrário, age freneticamente. São os de patente mais elevada, com fatos impecáveis guardados de medalhas a brilhar. Formam pequenos grupos espalhados pelo recinto, gesticulando e falando veementemente e em movimentos mais rápidos do que o normal.

Teresa esforça-se por ouvir o teor das conversas. Para além das palavras que ouve bem, não consegue captar as frases. O discurso não é inteligível. Apenas consegue perceber palavras soltas: ...homens... sorte... angolanos... eu... África... nós... acabou... Deus... casa... Angola... pentágono... terroristas... eles... agora... Teresa irrita-se, não compreende nada. Antes que lhe aconteça alguma coisa, foge para dentro e só então repara que a casa está cheia de fendas, como se tivesse

havido um tremor de terra. No chão, pelas paredes, por todo o lado, rachas enormes golpeiam a casa. Angustitada, começa a sentir uma enorme vontade de vomitar. Não aguenta mais! Corre para a casa de banho, e fica desolada ao ver que está tudo semi-destruído. O espelho está desfeito, todo estilhaçado, já pouca realidade devolve. Quer ver o seu semblante de horror, aproxima-se mais do espelho. E a face que se reflecte, desfigurada pelos fragmentos quebrados, é a de uma africana. É ela sim, mas da cor da mais preta africana que ela já alguma vez viu! Leva as mãos à cara, ao corpo, pele de negra, acetinada... Teresa é da raça africana. Admira-se de só agora ter verificado a mudança que se deve ter operado recentemente. É o resultado das suas permanências prolongadas em África, tranquiliza-se. Esta constatação torna-a ainda mais susceptível ao que se passa. Não restam dúvidas que Angola tem novo destino. Luanda foi bombardeada, está absolutamente destruída e ocupada por forças invasoras que se apoderaram da capital. Sente uma tristeza imensa, ao reconhecer aquela terra como sendo também sua. Agora ficaria subjugada a um poder diverso, estranho e estrangeiro. Já se vê interdita, aprisionada, impossibilitada de demonstrar a sua verdadeira identidade portuguesa.

O *bip* do despertador começa a impor a sua pontualidade ao profundo sono de Teresa que acorda como se acabasse de ser puxada para fora de um sinistro abismo. Senta-se na cama, refazendo-se dos pesadelos aflitivos que lhe parecem ter durado toda a noite. Sente alívio e satisfação por saber que tudo por que passou não foi mais que um sonho.

A casa estava em paz, silenciosa. Eram horas de se começar a arranjar para mais um dia. Ainda um pouco estremunhada entrou na casa de banho e sorriu ao ver o espelho intacto mostrando a sua tez de sempre. Espreguiçou-se, fazendo tensões de se libertar completamente das histórias da noite que tanto a tinham mortificado. O que a cabeça inventara, neste caso involuntariamente, ficaria decerto por desvendar. Ela, cientificamente, como médica, e intuitivamente, como criatura humana e como mulher, acreditava que o conhecimento da psique iria progredindo e tornando a pouco e pouco menos obscuro o funcionamento do cérebro quando todo corpo dorme. Provavelmente um dia entrar-se-ia nos domínios do sono e dos sonhos de forma consistente, que pudesse dar um pouco de luz a essas construções que vão do disparate à revelação, atravessando um universo de símbolos o mais das vezes dispostos de forma indecifrável. Desagradava-lhe o facto de sonhar amiúde com Rogério e ele estar

envolvido no sonho com outras mulheres, como sucedera novamente na noite passada. Teresa tentava atribuir isso ao facto de ser ciumenta, contudo ficava inquieta pensando que se podia tratar de alguma revelação ou premonição. Ela sabia, por experiência própria, que no suposto sonho irreal se descobria, quantas vezes, um facto verdadeiro do passado, despercebido pela consciência no momento real; ou ainda um acontecimento que se verificava vir a suceder, de facto, na realidade futura. Perturbador...

Toda a casa dormia ainda quando ela saiu. Esperou uns minutos comprazendo-se com o aspecto descuidado mas usual e inalterado do largo, já se notando alguma azáfama matutina. Depois de manobrar no largo e ficar de frente para a saída, o jipe estacionou. Teresa entrou saudando Pedro, que lhe ofereceu o seu alvo sorriso, como habitualmente.

Os C.H.M., mercê da sua actividade, tinham inúmeros núcleos por todo o mundo, funcionando activamente e com reconhecida acção humanitária. A sua actuação, vocacionada para zonas com grandes conflitos, calamidades, carências, envolvia invariavelmente riscos assinaláveis. Teresa estava consciente dos perigos quando se ofereceu para os *Clínicos Humanitários do Mundo*. Quanto pensava nisso achava que seria muito provável que parte do seu interesse provinha disso mesmo. Ela sempre se sentira atraída pelas causas difíceis, pelas situações extremas. O facto de se especializar em doenças infecciosas também passava com certeza por aí. Não estava totalmente certa, a vida ia-se desenrolando, os acontecimentos sucediam-se... Pela sua especialidade e por falar português tinha sido natural que a seleccionassem para Angola já por duas vezes. Depois de ter prestado um trabalho significativo na doença da malária aquando da sua primeira prestação, prosseguia desta feita no Caxito uma sequência lógica ao dedicar-se de novo a esse flagelo. Porém, agora Teresa participava também num programa de cooperação médica para combate à SIDA e ao vírus HIV, incidindo no rastreio para redução da transmissão vertical. Vocacionado portanto para a detecção e encaminhamento de mulheres grávidas HIV positivas, diligenciando também testes voluntários nos seus parceiros. O objectivo fundamental do projecto em que estava integrada era restringir a transmissão do HIV, da mulher gestante para o bebé. Ela colaborava na fase primária do programa que articulava as fases seguintes com os vários departamentos, noutras localidades.

O jipe seguia a bom ritmo e Pedro ia muito calado, parecendo um pouco ensonado. Teresa sentia com prazer a frescura da manhã. O dia adivinhava-se

ótimo. Passaram por um ponto de abastecimento de água, sempre concorrido. Àquela hora já as mulheres, apenas mulheres, iam e vinham acartando água à cabeça, numa senda diária, para elas banal. Das mulheres de Angola muito haveria a dizer. Do seu espírito de sacrifício inenarrável, da força de trabalho, da resistência ao sofrimento, da resignação pela perda dos pais e dos maridos tragados pela guerra, pelos filhos estropiados, e pelo país faminto, sem nada haver que as consolasse. Falar da mulher angolana era dizer a humildade e generosidade descalças, feridas da intolerância dos homens, caladas de indizível pesar, cansadas de angariar o improvável sustento. Era dizer o calcorrear da paciência infinita, o esforço continuado na renúncia em desistir. Mas também dizer a alegria essencial de todavia permanecerem com um presente cheio de sonhos de futuro, numa esperança inquebrantável.

Ela sabia que a sua condição feminina lhe dava a tendência para empresar um certo estoicismo às mulheres. E particularmente às mulheres de Angola. Mas era genuína na sua forma de sentir. Quantas vezes Teresa se deparara com a incompreensão das mulheres pela guerra e pela situação geral do país. O mais das vezes por total ignorância. E muitas julgavam compreender o que se passava pela mesma razão... Porque a verdade, para além das razões que lhes eram dadas, para além de inimigos, aliados e políticas... A verdade estava no filho para alimentar, nos mortos para carpir, na lavra que se perdera, na água que não havia, nos dinheiros para engendrar... estava em tudo isso e mais, e ainda mais que elas calariam, por vergonha. E por isso a coragem. Conseguir sobreviver nas circunstâncias que Teresa assistira e continuava a assistir, carecia só por si de perseverança e ousadia. Nas mais perspicazes, se indignadas, eram os desabafos severidades inconfessáveis... Enfim, para Teresa as mulheres eram o reduto da população angolana, não fosse o país e os homens incapazes de alentar essa população, não fossem elas a ditar os princípios, a gerar e educar os angolanos que haviam de ser...

A Doutora Teresa Gouveia, como era conhecida no Posto do Caxito, chegou pontualmente, o que nem sempre era possível: tudo dependia dos acasos do tráfego. Mas geralmente chegava antes de tempo.

O posto tinha uma sala de espera que se abria a um alpendre no exterior que servia de prolongamento da sala, com bancos corridos a preencher o quadrado cimentado, que constituía o acesso para o atendimento ao público. Com a temperatura que fazia era mais agradável aquele espaço ao ar livre do que a sala no

interior e por isso mesmo estava quase repleto. Para além da sombra do coberto, duas estupendas mangueiras contribuía ainda para a amenidade do local.

Apenas dois homens permaneciam aí, todo o restante grupo era composto por mulheres que se sentavam lado a lado. Quando a manhã ia a meio, já Teresa passara por duas vezes entre elas ao deslocar-se ao pavilhão contíguo, onde ficava o laboratório. Havia outra alternativa, usando a entrada exclusiva do pessoal dos serviços situada no lado oposto, mas Teresa quando tinha que se movimentar entre as instalações sempre gostava de passar pela sala de espera e pelo alpendre, não só para que as pessoas que possivelmente a iriam enfrentar se familiarizassem com ela, mas também para apreciar a forma como elas se comportavam naturalmente e para de uma maneira geral apreciar todo o ambiente cá fora.

Duas delas estavam perceptivelmente grávidas e conversavam animadamente. Uma outra ia entrando na conversa de vez em quando. Trazia um bebé aconchegado por um lenço que lhe dava a volta ao pescoço e o mantinha suspenso ao nível do peito. Sempre que a criança dava o mínimo sinal de choro, ela retirava com naturalidade o seio da blusa e oferecia-lhe o mamilo, o que parecia contentá-lo. Passados alguns segundos voltava a recolher o seio. O petiz ficava sossegado por uns momentos, volvidos os quais a cena se repetia. De tal maneira que a mãe parecia ter os gestos mecanizados, actuando instintivamente. Ao contrário, o petiz que mamava ininterruptamente na alentada mãe, ao lado, nem se fazia notar. Mais três mulheres compunham o grupo do alpendre. Uma delas devia ser zairense, pelas cores garridas dos panos que vestia em “traje de sair” completo. «Quantos zairenses estariam a viver em Angola?» Teresa não fazia ideia. Provavelmente ninguém saberia dizer... Mas eram muitos, porque se notavam em todo o lado, pela forma de vestir e, logicamente, pela Língua. Embora muitos falassem português, distinguia-se o sotaque diferente.

Teresa já reconheceu uma das mulheres grávidas. Era sua doente e fazia parte do programa de acompanhamento às mães infectadas pelo *HIV*. Tinha sido rastreada depois de uma consulta de âmbito geral e nessa altura ignorava a sua condição. Teresa explicara-lhe com cautela e rigor a gravidade da sua situação, mas não estava certa que ela a tivesse compreendido perfeitamente. Apesar de ser seropositiva não apresentava quaisquer sintomas, mostrando alguma estranheza por ter que participar num programa especial de gravidez e parto, por via da sua infecção. No entanto até agora tinha acatado com humildade todas as

directrizes. Teresa distinguiu-a bem e conhecia-a pelo nome, Ana Maria, que era o seu nome completo. Mãe solteira. Uma bonita mulata de olhos muito pretos e corpo miúdo. Tinha dezassete anos e não sabia quem era o pai do bebé; ou se sabia não dizia... O flagelo que em Angola atacara a mais velocidade do que a própria guerra civil, atingira aquele corpo gentil, uma vida ainda a florescer, havendo o risco de contagiar o feto inocente; se mais inocência não houvesse... esse sim, era perfeitamente inocente.

As leis do acaso, as probabilidades confirmadas. A tenaz progressão do vírus, alastrando-se por todo o planeta e tomando proporções desmedidas nos países mais subdesenvolvidos, como se não bastassem já os restantes problemas. Essas desproporções, essas tragédias estavam na base da motivação de Teresa. Eram no fundo a sua justificação, os inimigos com quem deveria lutar para se sentir realizada e dignificada. A sua especialidade dentro da medicina acertava na essência da sua incompreensão: a destruição, através de factores arbitrários mais ou menos incontroláveis, produzida impiedosamente pela *natureza*. A subsistência dos microrganismos causando a atrofia e o aniquilamento dos hospedeiros, e o esforço de preservação destes para se libertarem dos hóspedes nocivos. Pois era disso que se tratava. À semelhança com as catástrofes e os acidentes, também certas doenças pareciam ser obra do destino. Absolutamente imprevisíveis, aniquiladoras e humilhantes, sem razão inteligível, desde fenómenos de dimensão gigantesca até aos invisíveis microrganismos, a calamidade punha a espécie humana em causa, sem apelo nem agravo. Isolado um vírus, debelada uma epidemia, num qualquer ponto do globo a terra tremia arrasando populações inteiras em alguns minutos. Acalmados os ânimos de Poseidon, a terra sossegava, mas um obscuro micróbio conspirava já contra a humanidade indefesa. Para Teresa, essa sim... essa era a verdadeira guerra. Essas eram as batalhas que cabia ao talento do Homem travar.

Quantas vezes se perguntava se o desaparecimento total da espécie poderia acontecer através de uma catástrofe ou de uma determinada doença global. Cientificamente seria pouco provável, mas possível. Teresa não acreditava que isso pudesse ocorrer. Não julgava que um fenómeno súbito absolutamente arrasador pudesse alguma vez acontecer e mesmo nas mais avassaladoras tragédias tinha, apesar de tudo, fé na humanidade, fé na ciência. Sempre se haveria de encontrar uma forma de suster o monstro, era essa a sua crença. Porque ao mesmo tempo era sua convicção que nada poderia aniquilar a humanidade por completo.

Se aquela adolescente, Ana Maria, estivesse num país socialmente mais organizado, a probabilidade de acontecerem relações sexuais na adolescência seria menor. Se esse país organizado tivesse um sistema educativo capaz, articulado ainda com uma medicina preventiva eficiente, as probabilidades de ter tido relações sexuais indiscriminadas diminuiriam. Para além disso, se a população fosse instruída e sensibilizada por meios adicionais de difusão sobre as questões das doenças transmissíveis, a probabilidade de contrair o *HIV* seria diminuta. E esse era, para Teresa, o exercício de raciocínio a fazer, do lado social. Essa era a contenda a vencer. Não havia para ela outras guerras prioritárias. Aliás, para quê disputar um território deserto, doente, inválido, envelhecido?

O combate fundamental a travar seria inquestionavelmente o científico. O estudo das estruturas que se aperfeiçoavam em danificar o ser humano. Aqui não havia contemplos: a ciência teria que apurar métodos, técnicas e instrumentos, canalizando saberes e intelectos ao serviço duma investigação incansável. Utilizando a multiplicidade de meios que o Homem tem ao seu dispor, principalmente a espantosa inventiva das diversas capacidades do cérebro humano, para aumentar a probabilidade de não se deixar vencer por essas estruturas orgânicas de funesto desígnio.

Das outras calamidades, catástrofes naturais, Teresa não poderia ter concepções tão cabais. Todavia a sua intuição dizia-lhe que, da mesma forma, a “profilaxia e tratamento” encarados de forma científica, se não eram capazes de anular os acontecimentos, podiam precaver ocorrências e minorar efeitos. Sempre que pensava nisso achava que a ciência nunca se havia voltado para esse campo na medida das possibilidades. E talvez a causa fosse sempre a mesma: a dispersão, a falta de eficiência da humanidade como um todo. A dificuldade em reconhecer que os “inimigos” a combater são mais complexos que as tribos vizinhas ou longínquas o mais das vezes de forças desiguais cuja dominação teria apenas vantagens reais efémeras e certamente desvantagens subtis profundas e duradouras.

Para ela as coisas eram tão simples quanto isso: o reconhecimento das causas por que valia a pena lutar estava por fazer. Era só isso! Iria levar sem dúvida algum tempo até que o Homem pudesse ter a consciência de que a Terra não era assim tão grande quanto isso. E por enquanto só podiam dispor desse esferóide. Tinham esse e mais nenhum outro para rentabilizar. E que não era mais nada senão do que um grande organismo... Era necessário que não tivesse

áreas doentes que mais tarde ou mais cedo contaminariam as mais saudáveis. Fundamentalmente era imperioso não acontecer que existissem áreas onde os “vírus” fossem deliberadamente inoculados a partir do exterior...

Quando o globo fosse tomado pelo que é, espaço comum da humanidade, um todo com e para todos, seria talvez então chegado o tempo para a divergência enriquecedora, aquela da defesa das teorias da luta contra os inimigos realmente comuns: a ignorância, a doença, o acidente, em todas as suas variedades e proporções.

Teresa pensava que isso aconteceria fatalmente um dia. Era pelo menos nessa direcção que ela gostava de olhar. Ela que viajava também para justificar as suas ideias, para as sentir mais vivas, para melhor as por em prática. Embora ela desconfiasse que a viagem mais fantástica e enriquecedora que ela podia empreender era a viagem a si própria. De facto, ela transportava, de uma forma ou de outra, estilhaços da ancestral explosão de estrelas; quiçá a partícula da memória do preciso momento em que um som passou a ser uma palavra; enfim... quem poderia dizer se um dos seus biliões de átomos guardaria nalgum ponto as paisagens que um seu parente Neanderthal avistou! Com certeza traria consigo tudo isso e muito mais, pois não havia movimento que não transportasse o seu trajecto...

Quando chegou a sua vez, Ana Maria bateu de mansinho à porta do gabinete da Dr.^a Teresa Gouveia e foi abrindo devagarinho, a espreitar um sinal de assentimento.

— Entra, entra Ana Maria — respondeu Teresa.

Trazia um vestido azulado florido, um pouco curto e apertado, o que lhe dava um ar ainda mais jovem, o cabelo solto quase a chegar aos ombros e estava calçada, como habitualmente, com uns chanatos cor-de-rosa daqueles de firmar entre o primeiro e o segundo dedos do pé. As suas quinze semanas de gravidez sobressaíam com o vestido que usava, mas isso parecia não contar para a sua manifesta timidez. Exalava frescura. As suas feições e o tom castanho da pele não destoariam em qualquer parte do Magrebe e só eram banais em Angola pela mestiçagem causada pela permanência dos portugueses.

— Então, como têm passado — brincou Teresa, a sorrir para a descontraír.

— Tudo normal. — Teresa sabia que Ana Maria era exímia na poupança de palavras. Após alguns exames e perguntas de rotina, incidindo especialmente no seu estado, mais uma vez estava apostada em perguntar-lhe pelo pai da criança. Desde o início que vinha insistindo nesse aspecto. Era importante para

ela tentar cumprir o programa no que dizia respeito ao parceiro. Voltou à carga:

— Tu sabes Ana Maria... eu já falei contigo várias vezes acerca disso, mas tu nunca correspondeste às minhas perguntas. Falo do pai do teu bebé... — Ela começou a remexer-se na cadeira, ao mesmo tempo que penteava o cabelo com a mão e dirigia os olhos para o chão. — Era importante que falasses com o teu companheiro para que viesse cá fazer uns exames. Era bom para ele, que ficaria a saber o seu estado de saúde e era bom para ti, porque tenho a certeza que depois de eu conversar com ele, irias ter uma relação mais completa...

Ana Maria, sossegando mais um pouco, mas sem levantar os olhos, repetiu o que sempre dissera a Teresa:

— Não sei quem é.

Teresa resolveu insistir:

— Tu podes dizer o que quiseres. Mas eu agora vou-te confessar uma coisa: eu não acredito. Eu não acredito que tu, na tua idade, e com o pouco que já te conheço, não saibas. Acho que sabes e queres guardar segredo. — Ana Maria olhou para Teresa e finalmente deixou-se prender no seu olhar. — Não sei que motivos possas ter, mas digo-te: tu não queres ir ter com ele... não queres falar com ele.

— É um branco — respondeu quase imperceptivelmente.

Teresa suspirou e saboreou a vitória por um breve instante. Não queria perder a oportunidade:

— E o que é tem que seja um branco! Não és tu uma mulata!?

— O meu avô era branco. Era português.

— O pai da tua mãe...?

— Sim, ela nunca o viu...

— E tu que pensas disso?

— Era branco... Era português... Teve que partir...

— E tu achas que a história se pode repetir?...

Ana Maria arregalou os olhos, espantada pela asserção de Teresa. Ela adivinhava-lhe o pensamento. E concordou:

— Sim.

Teresa estava determinada a manter a sua energia indagadora, tinha que ir até ao fim:

— Então, quer dizer que sabes quem é, que é branco, e ...— puxou.

— É português. Já foi embora...

Ana Maria encarava Teresa fixamente à espera da sua reacção, mas desta vez o silêncio conservou-se do lado oposto.

Teresa olhou de um lado para o outro, buscando as palavras certas, mas quando a fitou de novo apenas lhe mostrou curiosidade, não sem alguma ternura na voz:

— E como foi que isso aconteceu?

— Gosto dele.

— Gostas?! — Teresa não entendeu por que motivo ela falava no presente, uma vez que ele partira...

— Sim. Ele está em Portugal, mas eu só penso nele. Gosto dele...

— E ele?... Abandonou-te...

— Não. Teve que ir embora. A Companhia mandou-o para Portugal... Ele não queria...

— Mas agora... ele está lá e tu estás aqui. Comunicas com ele? — Quis saber Teresa.

— Não. De qualquer maneira ele tem mulher e filhos. É casado.

— Então já não é novo?

— É novo. Tem trinta e nove anos.

Teresa notou que a avaliação da idade era para Ana Maria muito à maneira angolana e tentou perceber o seu ponto de vista:

— Tu tens dezassete e ele trinta e nove! Uma certa diferença, não achas...

— Sim. Está bom assim. — A expressão de Ana Maria era como se matasse saudades e um sorriso iluminava-lhe o rosto.

Teresa começou a raciocinar friamente, em termos profissionais, retomando a atitude inicial. No clima de intimidade a que tinha chegado com Ana Maria, só faltava confirmar uma questão:

— E diz-me cá Ana Maria: Foi ele o primeiro? E depois dele, conhecestes mais alguém? Compreendes que te pergunto estas coisas por causa da tua doença. Entendes, não é?

— Sim senhora doutora. Foi o primeiro e único. — Ana Maria falou com simplicidade, mas com um tom de quem queria desfazer a possível incredulidade de Teresa, que ela achava natural.

— E ele sabe que te infectou? Ele sabe que é seropositivo? — Teresa começava a ver *o círculo a fechar*, o que há tempos atrás julgava impossível. Fora preciso que Ana Maria fosse ganhando confiança com ela.

— Sim. Ele sabe. Foi aqui em Angola que ele apanhou. Acho que foi por isso que a Companhia o mandou embora. Mas ele não sabe nada de mim. É melhor que não saiba. Eu não quero que ele saiba.

Teresa sentiu-se enfraquecer, comovida com a história daquela jovem, bem ali à sua frente. Que, apesar de tudo, não parecia estar triste com os seus infortúnios, antes revelava, à sua maneira, um estado de resignação invejável, resguardando com brandura o amor que tinha pelo pai da sua criança e lançando-se ao futuro com vontade e coragem. Não se tratava já de ingenuidade... o seu discurso, embora singelo, era firme e convicto.

Teresa foi percorrendo o resto da manhã, nos afazeres habituais do seu trabalho. De quando em quando, involuntariamente, impunha-se-lhe no pensamento a imagem de Ana Maria. Impressionara-a a candura da sua ponderação. Havia nela uma renúncia reflectida sem qualquer amargura, sem qualquer antipatia fosse pelo que fosse. Emanava uma aceitação plena dos acontecimentos. O que se sentia através das suas magras explicações era que tomava o seu caso como se somente a ela dissesse respeito, como se residissem nela todas as causas dos efeitos que agora arrostava. Na sua voz havia uma modulação qualquer que levava Teresa a pensar que a aventura amorosa desculpava tudo o que tivesse corrido menos bem, não atribuindo outra razão que não fosse a da sua paixão.

Era impossível saber que futuro iria ser o de Ana Maria. Teresa não lhe augurava grandes sucessos. Existia alguma probabilidade de escapar. De qualquer maneira o acompanhamento médico constante era obrigatório. No seu caso a intervenção era acima de tudo pedagógica, tendo sido favorável a detecção do seu estado naquela fase por causa da gravidez.

O que mais abalava Teresa nessas pandemias era a sua resistência aos esforços da ciência, à inteligência humana. O longo processo até que se descobrisse uma solução, um remédio eficaz. Ela acreditava, e a história da medicina comprovava, que mais tarde ou mais cedo se encontraria a cura da SIDA, ou pelo menos a redução drástica dos danos, como em tantas outras doenças, mas entretanto ficavam uns milhões de seres humanos pelo caminho, um imenso rol de vidas truncadas, de sofrimento e desgraça. As doenças infecciosas matavam em todo mundo mais do que a guerra, o que não impedia de ser esta a consumir mais recursos materiais. Teresa questionava-se sobre a inevitabilidade do morticínio, não apenas em termos do grau de desenvolvimento da civilização — era indubitável que quanto mais meios fossem consagrados à actividade cientí-

fica maior a probabilidade de sucesso — mas interrogava-se em particular sobre a visível compulsão da *natureza* para gerar o desequilíbrio orgânico sistemático, levando à extinção de um vasto número de seres.

Esse tipo de selecção sem contemplações, aparentemente arbitrária, inquietava-a. Parecia-lhe que a espécie humana obedecia a uma certa forma de entropia, uma tendência intrínseca para a desorganização, e que, também aí, a grande dúvida seria como e à custa de quê as forças se reequilibravam, como e à custa de quê se contrariava tal violência no desenvolvimento biológico do Homem. A antropologia parecia querer dar razão à famosa máxima de Nietzsche: «tudo o que não nos mata, fortalece-nos» Éramos de facto imunes a uma série de doenças que atormentaram os nossos antepassados, mas era uma realidade que cada vez mais estávamos sujeitos a epidemias devastadoras cuja complexidade não parava de aumentar. Teria a *natureza* “necessidade” de arruinar para se fortalecer? Tudo lhe levava a suspeitar que sim, ou pelo menos que, com ou sem propósito, os dados se podiam confirmar.

Num organismo individual era sabido que a protecção contra grande parte dos agentes patogénicos infecciosos se ia fazendo ao longo da sua vida, pelo reconhecimento dos intrusos e criação de defesas capazes de actuarem também no futuro. De tal forma que a probabilidade de adoecer por esses ataques externos seria inversamente proporcional à idade do organismo. Era manifesto que a sobrevivência em padrões mais ou menos aceitáveis dependia dessa capacidade de aprendizagem.

Mas enquanto muitas das defesas faziam já parte do organismo quando nascia, sendo portanto genéticas; e outras seriam geradas pelos meios do próprio organismo ou com a ajuda científica da época, de maneira trivial; o constrangimento vinha da desordem causada nesse organismo por um desequilíbrio estrutural interno desconhecido (sem defesas, próprias ou disponíveis na época) ou por uma obstinada agressão de microrganismos estranhos desconhecidos ou mesmo quando identificados não completamente controláveis. Neste último grupo, as doenças infecciosas eram, para o humano, no ponto de vista do “fortalecimento”, dos factores mais selectivos da face da Terra. Então no caso da SIDA, Teresa, sendo pouco propensa à filosofia, muito menos à metafísica, era forçada a reconhecer que a *natureza* parecia querer ditar as suas leis éticas, uma vez que as probabilidades de criar uma prole saudável aumentavam assinalavelmente nos acasalamentos salubres e estáveis... com todas as implicações acrescentadas para o desenvolvimento das crianças...

Eram essas pequenas faíscas de intuição aqui e ali que confundiam um pouco Teresa. Como se às vezes pressentisse uma determinação nos acontecimentos e não fossem as causas e os efeitos tão independentes afinal. Como se a especialização das espécies tivesse — para além das explicações científicas, das teses de Darwin e seus seguidores — um projecto qualquer associado em que se teriam que obedecer certos trâmites.

Uma vez dera a entender a Rogério, que era muito dado à especulação nessas matérias, as suas inquietações acerca da forma como certas doenças apouquentavam gerações, parecendo querer organizar a humanidade de uma certa forma em função dos seus efeitos.

— Organizar a humanidade, como...!?! — Teresa comentara uma notícia no jornal, da qual extrapolava a ideia. Durante o comentário Rogério manteve os olhos no seu jornal, até ela chegar à ilação acerca dos efeitos sobre a humanidade. Aí ele pareceu ficar mais desperto e atirou-lhe a interjeição.

Estavam em frente ao mar numa esplanada no *Molhe* da Foz do Porto, talvez não houvesse mais de um ano. Sentados em cadeiras de lona liam os jornais, num daqueles sábados de manhã em que a paisagem tem o sabor de outras paragens e apraz ao tempo ser preguiçoso. O programa nesses dias repousados costumava ser tácito: Rogério leria o jornal até o mar se começar a impor como pano de fundo das suas divagações, enquanto ela ia lendo e vendo a paisagem numa atitude mais dispersa e relaxada; depois, quando o apetite fizesse sentido, iriam encontrar um daqueles restaurantes que frequentavam desde os tempos em que namoravam e conversavam mais do que comiam; mais tarde se veria... Mas era certo que há noite o cinema era compulsório, com o mais que provável debate que se seguiria. Teresa e Rogério eram ambos grandes amantes do cinema, sendo talvez a sua maior fonte de prazer intelectual instantâneo. Uma parte significativa dos seus arquétipos e imaginários comuns tinham suporte cinéfilo. Era habitual fazerem referência aos filmes para exemplificar determinadas ideias, para descrever certas sensações. O cinema vivia entrelaçado nas suas vivências culturais. Evidentemente... a música também, mas a música era um caso diferente. Era para eles um fenómeno menos intelectualizado, mais romântico. A música envolvia-os de forma íntima e amorosa, principalmente a Teresa, para quem ouvir certas músicas era estar com Rogério, por mais distante que estivesse dele fisicamente. A música era uma estima mais subtil.

Então, perante a admiração de Rogério, Teresa explicou:

— Às vezes parece que há um desígnio em certas pandemias. A forma como as sociedades têm que se organizar... os comportamentos humanos que é necessário alterar... as características genéticas que não serão transmitidas... a selecção que se vai fazendo. Um cruel projecto de mudança...

Aqui Rogério decidiu interrompe-la:

— Sim, mas a *natureza* é cruel por definição. Ou melhor, a *natureza* não é nem deixa de ser cruel, não há bem nem mal na *natureza*. Ela age segundo as suas leis, que são amorais, destituídas de quaisquer condicionalismos ou conceitos humanos que não sejam existir. Existir é a única missão.

— Mas isso é redutor — Teresa, insatisfeita, olhou por um breve instante para a chávena vazia de café sem a ver e depois para Rogério, continuando — Achas então que as doenças atacam indiscriminadamente e apenas os mais “fortes” escapam. E que dizer do acaso. Se um conjunto de factos casuais determinar que um vasto grupo de indivíduos ou mesmo uma espécie em condições manifestamente mais precárias, sobre todos os pontos de vista, relativamente a outros grupos de indivíduos ou espécies semelhantes, saia incólume a uma qualquer doença que deflagre, também por acaso...

Rogério, começando a sorrir, brincou:

— Isso já são muitos acasos!

— Não és tu que dizes que tudo é fruto do acaso... Bem, adiante, o que tento dizer é que sendo plausível essa casualidade, uma vez que nada está pré-estabelecido, como se encaixam aí os mais fortes, os mais aptos... Esse acaso, esses acasos sucessivos, nada mais serão do que a *natureza*, ela mesma, seja de que forma for, a impor a sucessão dos acontecimentos. Agora a minha dúvida, não sendo metódica, — Teresa sorriu, satirizando o seu racionalismo — é que podia não se verificar uma resposta adequada por um período de tempo, que certamente viria a produzir logo a seguir a extinção do grupo ou da espécie em causa, por falta das reacções progressivas. Ora, o que me parece é que a *natureza* nada percebendo de probabilidades acaba sempre por levar a sua avante, fazendo uma triagem lenta e paciente parecendo ter um qualquer objectivo. À partida é essa a minha intuição e talvez no fundo a minha mente busque uma argumentação racional satisfatória que dê corpo a essa intuição.

— Sim, muito interessante, muito interessante! — Rogério, apesar de manter um certo ar trocista, apreciava deveras a especulação da sua mulher. Olhou para o horizonte, parecendo querer buscar inspiração na contemplação

do mar. Depois, olhou-a admirativo, e corroborou o seu raciocínio. — Estás no mesmo ponto em que estava Einstein quando afirmou «Deus não joga dados com o Universo»!

— Ele disse isso? — Admirou-se Teresa.

— Sim, não necessariamente no mesmo contexto, mas a dúvida é intrinsecamente a mesma, e a resposta dele é essa. A não aleatoriedade.

— Só que isso levar-me-ia para campos ainda mais complicados. E tu, qual é então a tua opinião sobre o assunto?

— Não sei... a evolução, a transformação, a mudança... são realidades inegáveis. Acredito que o homem participa cada vez mais na sua própria evolução, como tu muito bem te apercebes na medicina, interferindo ele próprio no processo decisivamente. Se há um desígnio, um propósito, um objectivo... como tu disseste... essa é uma questão que não está resolvida. Na minha maneira de ver, todas as épocas têm as suas respostas que por sua vez as caracterizam. Há portanto registos temporais de desígnios com todas as suas variantes. Depois... dentro disso há os que acreditam, os que não acreditam, e os que procuram...

— E tu és dos que procuram, claro! — E Teresa achando que ele já estava a ficar sério, riu-se e agarrou-lhe na mão com ternura, dizendo brincalhona:

— Então quando encontrares não te esqueças de me dizer. Está bem?!

Ali em Angola, no Caxito, todos os dias se desenrolava perante ela o drama existencial, especialmente com a malária, pela quantidade de casos, e com a SIDA pela maior desesperança. Embora estivesse ciente da importância dessas questões mais delicadas, cuja resolução lhe traria sem dúvida alguma serenidade, a prática clínica do dia-a-dia mantinha Teresa afastada desse outro nível de consciência. Isso era inevitável, tanto mais que eram dois níveis de consciência de difícil consideração simultânea. De vez em quando, por um razão ou por outra, lá vinha uma circunstância que a fazia meditar. Uma qualquer agitação que abalava o seu referencial onde não cabiam soluções definitivas ou transcendentais. E Ana Maria tinha esse condão. Ana Maria transportava-a para o mundo imponderável das interrogações profundas. Talvez pela sua pouca verosimilhança, talvez pela sua paradoxal atitude de mãe juvenil orgulhosa. A verdade é que, invariavelmente, nos dias em que a atendia, Teresa, logo que se via a sós, entrava numa espiral de pensamentos que a atiravam para esses campos. Nem sempre indo ter ao mesmo ponto mas obrigatoriamente encontrando matéria para cismar.

Por isso, nesse fim de manhã, na sua pausa habitual antes do almoço, sentada no banco de jardim debaixo de uma das mangueiras do posto, Teresa pensou: «Quantas vezes as pessoas são engenhos de arremesso... e, para o melhor e para o pior, sem elas não seríamos nunca lançados para certas paragens!»

9. Causalidade

Na noite anterior nevou silenciosamente pelo tempo suficiente para que tudo agora seja uma alva dissimulação esplêndida. Embora a camada seja superficial, nas primeiras horas da manhã tudo se encobre de branco e mesmo no caminho que Serguéi trilha são os seus passos que vão maculando a encantadora limpidez da neve.

Quando abriu a porta ficou deslumbrado, como se a cena o acordasse para a contemplação da pureza. Todos os anos Serguéi Alexeiev convive com a neve, contudo a emoção dos primeiros nevões no Outono é sempre forte. Uma mistura de regresso à fascinação da infância com um prazer meramente estético o invade.

O frio resolve adornar a natureza, tudo cobrindo, não deixando vestígio da mínima repelência, arredondando tudo, desfazendo as irregularidades mais austeras, presenteando o olhar e o espírito com essa cândida uniformidade resplandecente. A neve tem um lugar muito especial na imaginação de Serguéi, dá-lhe outro ânimo! Não fossem as incomodidades do seu derretimento e o frio que lhe está associado...

Hoje está particularmente bem agasalhado e não se esqueceu do gorro nem das luvas de lã. Vai deixando as pegadas das suas botarras que usa desde o primeiro ano da universidade, vai para três anos. Olha para o relógio: vai ter que estugar o passo. O comboio parará em Krasnograd dentro de vinte minutos e o seu relógio está certo pelos *caminhos-de-ferro*... De outra maneira não podia ser, pois os comboios andam à tabela e ele anda sempre a correr atrás do tempo. O que o salva é poder dispor de um passo bem esforçado ou mesmo de uma boa corrida. Até que era bom para aquecer agora com este tempo. O seu olhar vai captando insistentemente as botas que começam a ficar manchadas a toda à volta junto às solas, pois vão absorvendo a neve liquefeita. Apesar das botas ensebadas e das grossas meias de lã, ele sabe que lá para o fim da manhã vai sentir os pés frios e húmidos, o que fará com que perca alguma concentração durante as aulas. Para já, e a despeito das luvas, a mão que pega na pasta vai meio enregelada causando-lhe a incomodidade do costume.

Quando chega à estação ainda faltam cerca de cinco minutos, o tempo suficiente para que a respiração volte ao normal. Chegará a Donetsk, como habitualmente, uma hora e dezoito minutos depois. No cais cumprimenta dois colegas que, encheurizados com camisolas e cachecóis, conversam animadamente lançando bafos de vapor, batendo cadenciadamente com os pés no chão. Como Serguéi, também eles vão para a Universidade, embora apenas ele vá para a faculdade de economia, já que os outros frequentam cursos diferentes. Conhecem-se de há anos: todos vivem em Krasnograd desde que nasceram.

Serguéi junta-se-lhes durante um instante, ouvindo sem atentar no que dizem, depois afasta-se fazendo-lhes sinal que vai lá dentro à estação. Ele quer ficar para trás... hoje vai fazer o possível por viajar sozinho. Tem de ser hoje, neste primeiro dia de neve em que sentiu uma lufada de boa disposição logo que saiu de casa... Vai tentar entabular conversa com a rapariga que sempre entra naquele mesmo comboio, duas estações a seguir, em Pysmenna, para sair aquando ele em Donetsk. Tem cerca de quarenta minutos de viagem para conquistar a sua simpatia. Já planeia isso há muito... Há muito tempo que repara nela quase todos os dias. Deve andar mais ou menos pela mesma idade, vinte ou dezanove, e toda a sua fisionomia lhe agrada. Uma face redonda simpática, os cabelos loiros encaracolados e cortados logo abaixo dos ombros, com olhos azuis intensos e uma boca bem desenhada, talvez um pouco triste, mas quando ele a viu sorrir nunca mais deixou de pensar nela. Serguéi ultimamente consagra muita atenção à beleza feminina, encontrando grande prazer em encantar-se com os dotes físicos das raparigas da sua idade... Mas no caso dela começou por prestar apenas atenção ao seu rosto, tentando logo captar o seu olhar. Foi a expressão do seu rosto que o cativou antes de tudo e independentemente de tudo, mas quando se deu conta da sua invulgar esbelteza, a partir daí ela passou a ser para ele uma mulher incomparável, que torna as outras banais. Em suma, agora a atracção que sente por ela compele-o a abordá-la, tanto mais que ela não era indiferente aos seus apelos: já por mais de uma vez tinham ficado de olhos presos um no outro ao ponto de se sentirem embaraçados.

Quando entra no comboio, que vem bem preenchido mas com lugares vazios de sobra, procura um lugar qualquer para se sentar. A sua ideia é procurar a rapariga logo depois da estação onde ela entra e sentar-se da maneira mais favorável para a abordar. A partir de determinada altura começa a ficar um pouco inquieto com a ideia, pelo esforço que vai ter que fazer para flanquear a

timidez que o tem estorvado este tempo todo. Porque hoje ele está decidido, seja como for, tem que falar com ela. Não é mais suportável vê-la, viajar com ela, tê-la às vezes tão perto, sem sequer arranjar coragem para lhe perguntar o nome. Não, tem que ser hoje!

A suave paisagem branca vai correndo nas janelas à velocidade da locomotiva. Hoje parece passar mais depressa que os outros dias. Pelo menos Serguéi sente uma aceleração maior. Só que, com toda a certeza, essa rapidez provem mais do batimento do seu coração, da sua ansiedade, do que qualquer outra alteração cinética. Procura distrair-se, não pode por em risco a promessa que fez a si próprio por causa de uma excitação pueril. É forçoso que esteja à altura do seu objectivo. Presta atenção ao que o rodeia e sintoniza as conversas por perto. Uma mãe atrás de si procura acalmar o bebé que choraminga. Dois homens russos ao lado comentam a política actual parecendo não se importar com a sensibilidade das outras pessoas. Uns estudantes, um pouco mais novos do que ele, vão na galhofa lá atrás da carruagem. Alguns cochilam aproveitando para restaurar o sono. Algumas caras não lhe são estranhas, há pessoas que como ele empreendem aquele percurso quotidianamente, como infalíveis pêndulos no váivém obrigatório de que depende a sua vida. Serguéi pensa que quando acabar o curso, enquanto não cumprir o seu sonho de ir para Kiev, prefere ficar a viver em Donetsk, no caso de arranjar lá trabalho, do que ir e vir todos os dias. Mas depois se verá, a vida vai dispor... e o futuro está muito incerto em toda a União Soviética e talvez mais ainda na Ucrânia. O país está em efervescência. Por todo o lado se formam agrupamentos sociais e políticos. Fala-se em liberdade religiosa e na adopção da língua oficial ucraniana. Inclusivamente diz-se que o RUKH, o “Movimento Popular Ucraniano para a Perestroika”, estará a engendrar a mudança do movimento de reivindicação de maior autonomia para que se transforme em luta pela independência total em relação à União. Todos os Ucranianos sentem a agitação que se vive em toda a União Soviética. Já houve manifestações políticas de grandes multidões em Lviv e Kiev. Sente-se uma instabilidade terrivelmente ameaçadora. Serguéi não imagina o que pode acontecer nos dias que hão-de vir, mas a sua apreensão é idêntica à dos seus compatriotas, já que tudo parece estar em dúvida, tudo parece querer estalar de euforia, esboroar de desordem...

O comboio pára em Pysmenna. Serguéi não vê a rapariga no cais. Logo hoje que se decidiu, ela resolve não apanhar o comboio! Mesmo de propósito,

pensa ele desapontado. O destino, o destino é que manda. Que adianta ele fazer planos, estruturar-se, mentalizar-se, predispor-se, se os elementos não estão a favor... Mas eis que de repente sente um estremelecimento quando perscruta ao fundo e vê a rapariga a entrar na carruagem, como uma aparição. Ele falhara na inspecção da estação, por certo ela estava já muito perto da linha... E ela enca-minha-se para o lugar dele... O lugar em frente está vago... Senta-se mesmo à frente dele. Sim, o destino afinal, pensa Serguéi maravilhado. Ela hoje vem mais bonita do que nunca e senta-se à sua frente! Depois de acomodada, um pouco enroscada, como quem se resguarda do frio, dirige-lhe um sorriso de cortesia que o encanta ainda mais. Ela veio ao encontro dele. É mas do que ele precisa para prosseguir o intento que se instalou na sua mente desde que saiu de casa.

— Hoje está muito frio... — afirma com timidez, sorrindo — mas muito bonito... com a neve...

— Sim, já tardava, — corresponde ela, com naturalidade, oferecendo-lhe o rosto aberto e o olhar luminoso — este ano ainda não tinha *pegado*, hoje ficou tudo branquinho.

Claramente ela está aberta à conversa, já não poderá resistir às preten-sões de Serguéi. Sorri-lhe e procura uma toada mais íntima:

— Já nos conhecemos... sem nos conhecermos... eu acho. Pelo menos... Quer dizer... Eu sou Serguéi Alexeiev... Serguéi. — Diz um pouco atrapalhado, pensando que não quer tornar-se formal.

Ela parece ficar contente com a apresentação, sorri mostrando os dentes: tem um dos caninos ligeiramente encavalitado. Ele que não conhecia ainda aquele pormenor, acha-o de uma graça irresistível.

— Eu sou Elena, chamo-me Elena Panych — e estende a mão.

Ele cumprimenta, segurando a sua mão gentilmente, e continua a admirá-la não encontrando nada para dizer. É ela quem não consegue aguentar o silêncio:

— É estudante, claro... com essa pasta...

— Sim. Na *Faculdade de Economia*. Terceiro ano. E a Elena? Também estuda?

— Eu estou no *Instituto de Pedagogia*, mas também estou a trabalhar para um casal, a cuidar das crianças, no centro de Donetsk. Três galfarros, dois meni-nos e uma menina, que estão constantemente a pôr à prova a minha paciência.

— Então... Vai-se habituando para quando for professora. Faz de conta que são as aulas práticas!

— Sim, — ri-se, todavia prossegue um pouco mais séria — mas estes ainda são muito pequenos. O maiorzinho tem quatro e a menina que é a mais pequena ainda só tem 18 meses. O do meio, o mais irrequieto, tem três anos.

— Depreendo que a Elena é de Pysmenna, pois sei que é sempre aí que entra no comboio... Eu sou de Krasnograd: nasci lá... fica apenas a trinta e tal minutos de Pysmenna, e só tem a estação de Chaplyne no meio.

— Sim, Krasnograd, eu sei. Já lá fui umas tantas vezes. Eu vivo em Pysmenna mas nasci em Nikopol, embora já não me lembre de nada. Quando os meus pais se mudaram eu era muito pequena... Gostava de lá ir um dia...

— E há quanto tempo foi?... Quer dizer, há quanto anos é que Nikopol a viu nascer? Se é que Nikopol não se importa com essa revelação... — Serguéi sorri, procurando que o humor cortês amenize a sua curiosidade. Ela acha graça, sorri com simplicidade, mostrando uma vez mais o canino saliente e não se faz rogada:

— Nasci em 1968. Fiz vinte em Agosto. — E parece esperar que ele retribua.

— Tem graça. Eu completei também os vinte. Farei vinte e um anos daqui a dois meses, em Janeiro.

Tudo está a correr como ele desejava, talvez ainda melhor. Tem a sensação que ambos contavam há muito tempo com aquela oportunidade e acha que a conversa se desenrola a uma velocidade inesperada. Momentos há que lhe parece ter já vivido aquela cena, que é uma repetição de um encontro já havido e por isso as frases parecem-lhe demasiado familiares. Afasta essa vertigem que atribui à sua imensa felicidade.

E Elena está bem dentro da sua emoção, só podendo estar também a vivê-la. Pelo menos ele assim pensa... Pensa pelos dois, uma vez que ela mostra francamente não estar interessada em deixar esfriar aquela primeira aproximação. A primeira aproximação significativa entre Serguéi e Elena. As banalidades que vão trocando apenas servem para concretizarem os laços que não tinham ultrapassado o ambíguo mundo telepático de uma atracção recíproca. É o rastilho do enamoramento que, sem estarem completamente conscientes, ambos mutuamente alimentam. De forma que tudo se sucede com simplicidade. Depois de se darem a conhecer firma-se uma espécie de pacto e a relação que se estabelece toma as rédeas. Tudo acontece com se o amor que lhes pertence, que lhes incumbe partilharem, faça acontecer a interligação dos pensamentos, a atracção inevitável entre dois corpos, a junção decisiva de duas vidas...

E é nela que ele pensa, agora que regressa de Donetsk, de mais um dia de Faculdade. Ou seja, de um dia de Faculdade completamente diferente dos outros, pois é o dia em que conhece Elena. É o dia em que sabe que gosta a sério de uma mulher! E que tem uma intuição segura de que ela também está inclinada por ele. Andou o dia todo em alvoroço, parecendo-lhe contudo nunca ter perdido nas aulas o normal poder de apreensão, antes pelo contrário, sentindo até o espírito mais aguçado. Mas isso ele atribuiu ao seu particular estado de ânimo que durante o tempo todo fez com que observasse a realidade exterior e também a si próprio com enorme simpatia e optimismo.

Ao fim de todas estas horas Serguéi está já numa disposição um pouco diferente, porém logo que entra na estação uma nova excitação o invade: a de tornar a encontrar Elena. Ela regressa todos os dias como ele, embora sem grande regularidade no horário.

O comboio vai mais cheio do que à vinda, e ele sente-se um pouco irrequieto. Ela não estava na estação mas podia já estar dentro do comboio quando ele chegou. Começa a percorrer as carruagens esquadrinhando todos os lugares, procurando reconhecê-la em cada face, encontrá-la a qualquer momento, surpreender-se com o seu sorriso... Mas não, cansa-se de caminhar de trás para a frente e de frente para trás ao longo das múltiplas carruagens ao ponto de se sentir estonteado depois do comboio já rodar há um bom pedaço.

Acaba por se sentar. Acha-se tão ridículo quanto despropositado. Se fosse um pouco mais confiante sabia que se ela viesse tinham forçosamente que se encontrar. Para quê forçar os acontecimentos quando o destino lhe deu provas de que eles têm que se unir? Serguéi sorriu consigo próprio da forma como os seus raciocínios passavam de um extremo ao outro por conveniência da sua consciência. Mas é isso mesmo: não deve preocupar-se, sobretudo quando tem uma convicção tão forte. Deve guardar as suas energias para quando o encontro se der de forma natural, de outro modo ainda se arrisca a fazer a viagem a pé num obcecado movimento contínuo, repetitivo, de ida e volta, da primeira à última carruagem!...

Amanhã vê-la-á. Tem a certeza. Entretanto pode pensar nela com calma. No seu sorriso encantador e... como vão combinar um passeio juntos, e... como começarão realmente a namorar...

Apodera-se de Serguéi um sossego bem-vindo. Deixa-se embalar pelos ritmos mecânicos e sonoros do comboio, de que sempre se agradou. Lá fora já

nada se vê a não ser a noite e as suas luzes artificiais cujas características se deixam transfigurar pela distância e pelo movimento.

Aquela *caixa de espaço-tempo* (carruagem) é uma lição de economia. Não apenas como via importante de comunicação, permitindo o transporte de pessoas e mercadorias, o que é, pela sua integração num dado sistema macroeconómico, só por si, uma lição, mas o que diverte Serguéi em particular é a analogia que a sua característica de máquina de *espaço-tempo*, por excelência, lhe permite fazer com o planeamento de gestão, que é um assunto que o apaixona desde o primeiro minuto.

A linha que o comboio segue funciona como linha do tempo, e a composição é o desenrolar do *projecto*. Quando se põe em andamento terá que cumprir determinadas regras que lhe são impostas à partida e de cumprir os objectivos pré-estabelecidos, ou seja, em termos das suas funções imediatas, cumprir cada *objectivo/tarefa/marco* (a tabela horária de paragem em cada estação e apeadeiros) e vencer as *metas* (estações principais), produzindo deslocação de pessoas e bens (passageiros, mercadorias), até à conclusão ao fim (última estação) do tempo estipulado pelo planeamento.

As conjecturas mais interessantes apoiam-se depois nessa base de raciocínio, através de sucessivas análises matemáticas que o movimento cinemático controlado sugere. É aí que Serguéi se vai distraíndo. Como o mais curioso é que o que viabiliza de facto o cumprimento dos *marcos* (estações/apeadeiros) não é a rigidez obrigatória das distâncias entre eles (invariável) nem o tempo necessário entre cada marco (duração ajustada), mas sim o jogo que as *folgas* (flexibilidade/variabilidade) das diversas etapas possibilitam, podendo essas variáveis, como variáveis que são, ser encurtadas ou distendidas conforme o uso dos recursos (velocidade). Mais velocidade (recursos): menos tempo; com limites e implicações de análise cuidada obrigatória, uma vez que podem colocar em sério risco o *movimento*...

Dentro de parâmetros convenientes, um atraso, por exemplo, de permanência num determinado *marco* (estação/apeadeiro), poderá ser recuperado através da variação dos recursos (aumentando a velocidade), diminuição ou anulação da *folga* que existe para o percurso seguinte até alcançar o próximo *marco* no tempo projectado (chegar à tabela). Portanto, era interessante verificar que o objectivo se atingia não apenas pela impreterível consideração das *etapas/marcos* chave, mas fundamentalmente pela análise aturada das *folgas* que teriam que

ser criteriosamente analisadas, avaliadas e dimensionadas em função dos recursos (características da via e da composição, particularmente da locomotiva/velocidade, implicações nos custos/consumos de energia). Seria possível calcular por exemplo o momento a partir do qual era impossível cumprir o *projecto*, fosse qual fosse a variação introduzida, e quais seriam as consequências do desaire (atraso irrecuperável, alteração dos benefícios propostos).

Tudo isto era susceptível de ser equacionado, ajudando Serguéi a compreender perfeitamente as bases dos métodos de planeamento de gestão, tanto mais que os conceitos abstractos de tempo, marcos, recursos, *projecto*, etc.,... seriam facilmente concretizáveis. E a *rede* de interdependências (rede ferroviária) podia ser tão intrincada e interdependente quanto se quisesse... Para Serguéi o motivo de regozijo intelectual era o trampolim que o comboio, essa *caixa de espaço-tempo* fornecia para a imaginação de um modelo de planeamento, já que de facto quando pensava nisso saltava para altas divagações, até o seu pensamento se perder absolutamente no tempo e no espaço... e parecer-lhe a viagem impossivelmente rápida. O mais das vezes presentia que se dominasse seriamente as matemáticas podia fazer alguma coisa de válido com aquele exercício...

Em Krasnograd faz muito frio. A neve cai branda e dispersa obedecendo aos caprichos de um frouxo vento norte. Serguéi ajusta bem o cachecol, abotoa-se completamente e quando salta para o cais enfia o seu gorro de lã até às sobranceiras e ao pescoço. Abandona a estação e começa então a caminhar para casa. O dia, extraordinário como foi, provocou-lhe um certo ardor indefinível no peito que em vez de lhe emprestar cansaço antes o faz sentir vigoroso. De repente firma-se bem, balança o corpo imperceptivelmente e começa a correr com vontade. O que também o anima agora é o apetite, ou seja, a perspectiva de o amansar logo que chegue a casa... O alimento fica sempre aquém da sua necessidade, o que explica a sua actual magreza extrema. O que terá pensado Elena do seu aspecto? Assim tão magro e modestamente vestido. Já há muito tempo que não sabe o que é experimentar roupa realmente nova. Verifica que no seu pensamento já a trata pelo nome, Elena... e que é ela, neste momento, a causa da sua preocupação consigo próprio. Embora tenha plena consciência da pobreza da sua família, os hábitos de uma vida apertada, os poucos recursos, já fazem parte da sua existência peculiar.

De tal forma que com a entrada de Elena no seu campo de acção, pela importância que ela possa dar a esse género de considerações acerca dele, dá-se

conta de que a imagem real exterior que transmite às outras pessoas não é, de maneira nenhuma, consonante com a ideia que ele tem de si próprio. Não é que ele se considere uma alta personagem, longe disso, simplesmente ele não é apenas ele, é também a consequência das circunstâncias adversas que moldaram a sua vida, como também a de muitos dos seus conterrâneos. Uma pequena inflexão na trajetória, ou talvez, no caso dele, a inexistência de alguns acidentes, ou, quem sabe, tivesse ele nascido noutra época, noutra lugar... e tudo seria diferente! Não é um mero voo no céu das conjecturas, uma distorção da realidade dos factos num jogo de considerações hipotéticas mais ou menos inúteis. Não é nada disso que se trata. É um sentimento. É uma forte percepção intelectual. Serguéi está plenamente convencido de que, no jogo que lhe cabe jogar, os dados foram viciados. Contudo não encara essa severa condição com nenhuma espécie de ressentimento. O que lhe interessa é conhecer e aceitar as causas para melhor controlar os efeitos...

Também, pensa Serguéi fortalecendo-se, se Elena o analisasse detendo-se apenas no seu enquadramento social então não teria muito a ver com ele ou com a ideia que fazia dela e portanto nada mais acontecera do que uma simples e irrelevante conversa entre passageiros. Ao admitir essa possibilidade fica desconsolado. Desacelera o passo, começando a andar em passo forte, todavia deixando de correr.

As botas estão completamente molhadas, mas o agasalho aguenta-se bem sem deixar trespassar a humidade. A neve é demasiado leve e espalhada para não se liquefazer e a que existia pela manhã foi-se derretendo durante o dia. Talvez a noite inteira reponha a toalha branca e a manhã se faça idêntica à de hoje... Talvez também lhe traga a mesma Elena que hoje sentiu. E que, quando se encontrassem os olhares, eles voltassem a conversar no meio das palavras, para além das palavras. Pois que o diálogo essencial foi aquele que ninguém ouviu, nem sequer ele ou ela, mas que ambos se alegraram em compreender. As dúvidas que atormentavam Serguéi não podiam desfazer aqueles momentos mágicos, que não poderia ousar descrever inteligivelmente, mas que só a ansiedade podia por instantes negar.

Mais uns dez minutos e estará em casa. Serguéi força progressivamente o passo e recomeça a correr com toda a sua energia.

O comboio esta manhã não é o mesmo em que Serguéi diariamente dormita, na viagem para Donetsk, onde faz pouco mais e um ano arranhou um tra-

balho. Se é que pode chamar trabalho àquele misto de contabilista e moço de recados, numa padaria em que conseguiu colocação. Embora o salário seja muito exíguo, sempre ajuda ao sustento da sua família, reduzida agora a ele e à sua mãe que por seu lado vai continuando a tirar o que pode do terreno por trás da casa, cujo cultivo de ano para ano é maior fonte de alimento, desde os tempos em que o pai perdeu a vida no Afeganistão.

Serguéi hoje vai bem acordado. O comboio não tem nada a ver com o dos outros dias. Estas carruagens que, como sempre, seguem escrupulosamente a sua locomotiva, na austeridade das paragens obrigatórias, no sonoro rodar do aço ritmado pelas juntas de dilatação dos carris, nas brancas paisagens a escaparem-se velozmente para o passado imediato através das rasgadas janelas... estas carruagens hoje não se assemelham, de modo nenhum, com as dos outros dias. Hoje Serguéi olha lá para fora de olhos fixos em nada, ou talvez em quase tudo, porque olha para dentro de si. Toda a diferença parte do facto que faz hoje precisamente oito anos que Serguéi e Elena se deram a conhecer numa conversa animada naquela mesma linha entre Pysmenna e Donetsk. Os quarenta e cinco minutos do dia onze de Novembro de 1988 que ele tem tão presentes como se tivessem acontecido há poucos dias... E esses números, essa data... tornam a viagem inteiramente distinta e transforma o embalo rotineiro do comboio numa memória querida. Um momento passado que transpõe os anos invadindo o presente de Serguéi sem remissão. O comboio hoje tem outra sonoridade; é uma testemunha já antiga que continua a presenciar a sua existência. Como fora feliz naquele dia e a partir dele como a sua vida mudara! Elena superara todos os seus sonhos e tinham sido tão felizes!...

Serguéi começa a focar a paisagem e os reflexos do vidro da janela de permeio. Tem a sensação que o mundo é um comboio vazio em andamento, uma paisagem sem ninguém e uma janela onde ele, completamente só, quase encosta o nariz. Lembra-se do sorriso do seu filho Andrei, morto há quase três anos... Imagina-o a caminhar para ele, hesitante, concentrado, num visível esforço para alcançar o pai. Sente humidade na boca quando a recordação lhe traz os beijos apaixonados de Elena... e súbita, uma imagem dos seus corpos convulsivamente enlaçados vive fugaz no seu pensamento. Elena que o abandonara, que tinha preferido fugir...

Serguéi começa a olhar o horizonte. Aquele dia longínquo tinha sido um dia idêntico. Ao olhar através da janela, ao ver a neve cobrindo tudo, a dife-

rença não era nenhuma. Era um dia igual àquele em que Elena lhe sorrisse com o seu canino encavalitado e que ele achava adorável. Serguéi começa a sentir os olhos marejados e não consegue conter as lágrimas... acaba por deixar que elas corram livremente até à saciedade, aproximando o rosto ainda mais da janela, que perde toda a transparência...

Porém tudo mudara, tudo mudara de facto. A começar por todo o meio envolvente. A Ucrânia era agora um país independente, vivendo entre o abandono do velho *sistema proteccionista soviético* e a aspiração a uma *democracia de mercado*. Algures entre a assimilação identitária soviética e a descoberta de uma nova identidade de inspiração ocidental.

Serguéi quando pensa no seu novo país imagina um navio à deriva. Um grande navio de passageiros que abandonaram um território que não era o seu, mas onde estiveram tanto tempo que já mal se lembram da sua terra de origem. Empreenderam uma viagem que pretendem sem regresso, por mares inóspitos e ignorados, na senda de um qualquer porto independente e acolhedor, sobre o qual os tripulantes não chegaram ainda a acordo. E ainda ninguém se entendera sequer sobre o que seria aceitável, no comando da nave, apelidar de bem comum. Muitos passageiros, aturdidos, confusos, sem qualquer experiência de navegação, iam desacreditando do interesse da viagem, enquanto outros procuravam avidamente tirar o maior proveito possível da perplexidade geral... Era esta a metáfora que servia melhor a sua limitada compreensão das transformações que a Ucrânia sofria, na sua passagem de uma das repúblicas da União para um estado soberano.

Eram muitas transições de uma só vez... A fundação de uma nação com língua oficial ucraniana em vez do russo, procurando raízes etnográficas e sociais que o longo período de desintegração cultural esbatera. A criação de regime político livre e autónomo, inexistente como tal, até aí. A institucionalização de um sistema democrático, sem quaisquer tradições entre a população ucraniana. Enfim, a transição para uma economia liberal, cuja vaga um tanto indistinta de privatizações Serguéi ia assistindo a cada passo.

Eram muitas transições de uma só vez ... cisma Serguéi. Nesse turbilhão não era difícil encontrar terreno fértil para a desordem, o desemprego, a miséria, a corrupção... E ele, já possuidor dum equilíbrio instável, fora apanhado nesse alvoroço histórico. Ele, que era demasiado sensível para não sofrer, demasiado escrupuloso para se depravar, fora aparecer nesse tempo ingrato, um tempo a que a sua natureza não se ajustava.

Por que não, pensa Serguéi, tentar também a sua sorte no estrangeiro? E é a partir desse momento que começa a pensar seriamente em abandonar a Ucrânia. Há dias o seu amigo Oleg Yakovenko falou-lhe nisso, disse ter um plano para emigrar para a Europa Ocidental. Muitos dos seus conterrâneos continuavam a encarar essa hipótese como a mais viável, já que a facilidade de poder viajar, de sair do país, é uma das grandes vantagens da nova situação. Serguéi poderia conhecer outras realidades, que sempre alimentaram a sua curiosidade, oferecendo a sua força de trabalho, numa forma digna e compensadora, conforme se propalava ser comum na Europa Ocidental. Quem sabe não reside aí a sua sorte! Sim, é isso, vai falar com o seu amigo Oleg. Está decidido, vai tratar de emigrar! E agora que se resolve, quanto mais depressa partir, melhor!

A sua decisão traz-lhe já uma nostalgia antecipada. Olha a paisagem de neve que se transforma com a ideia da partida. Entristece-o pensar em abandonar aquilo que sempre estimou. Tudo ganha um pouco mais de distância, mas contraditoriamente o relevo sobressai mais e a atenção ao detalhe passa a ter outra dimensão. No fundo, é uma sensação estranha, como se, pela consciência da possível partida, os mecanismos sensoriais fossem alterados passando a possuir uma percepção instantânea mais apurada, com registo mais vincado na memória. Predispondo-se Serguéi para partir, parece que a sua mente assume uma atitude de despedida e quer já guardar as imagens de forma mais apropriada, acessível de outro modo, talvez como recordação grata. Esse devaneio oprime-o. Na verdade, de uma maneira ou doutra, aquela é a terra que ele sempre quis para ele. Embora tivesse muita curiosidade por ver outros lugares, nunca teve o desejo de permanecer em lado nenhum que não fosse a Ucrânia. Porque para além dos conceitos mais ou menos abstractos, a sua raiz é aquela, é ali que se reconhece, foi ali que começou pensar-se, a sonhar, a ser. Tudo que o rodeia é o seu cenário. O cenário do seu drama, é certo, mas é o que o identifica e lhe permite enquadrar os seus actos.

Não, não é uma decisão fácil sair da sua Ucrânia. Mas se tudo havia mudado, ele também tinha que mudar, procurar outras circunstâncias, jogar a sua sorte. Aliás a transformação que deveras se operava nele todos os dias, fruto das mais ou menos traumáticas alterações na sua vida, ia inexoravelmente criando um homem diferente. Tinha consciência das repercussões das suas vivências na sua forma de ser, desde as quase imediatas até às muito sedimentares. Acontecimentos havia que, para além dos danos imediatos que causaram na

altura em que sucederam, continuavam persistentemente a corroer causando sempre estragos diferentes.

Não era pois só a envolvente que se alterara, ele próprio era arrastado violentamente pela História do mundo, do seu país consequentemente. Ou não teria sido o conflito da União Soviética no Afeganistão que levava à morte do seu pai e à maior dificuldade da família?... E não teria sido a progressiva degradação do sistema soviético, com a derrocada final da “*Glasnost*”, que acabou por atirar a Ucrânia para a penúria, conduzindo às carências que precipitaram a morte de Andrei? Não fora a situação, de tal forma desesperante que instigara a debandada da sua irmã e mais tarde da sua mulher, o resultado de um sistema político e social? E que dizer da adversidade material da sua família, que ele, estudante aplicado que fora, não conseguia manter decentemente. Apesar de enredada, a situação apresentava traços nítidos do envolvimento directo dos factos da História na sua vida. «Mas não é assim sempre? Não é o Homem que faz a História e não é a História que faz o Homem?» pensa Serguéi. Uma altura houve em que ele pensara muito nesse assunto a propósito de alguns temas académicos. Apercebeu-se de que o assunto era prolixo e controverso. Tentou nessa ocasião chegar a algumas conclusões unicamente pelo seu raciocínio. A História teria de se cumprir? O Homem poderia alterar o rumo da História? Seria apenas o Homem o autor da evolução da sociedade humana? E ele, Serguéi, qual era o papel dele no meio disso tudo? Talvez nenhum. Sim, de facto terá havido homens que determinaram percursos da História (dos países, das sociedades, dos grupos...), eles próprios também fruto das circunstâncias da sua época, do seu lugar geográfico. As suas ideias, os seus combates, terão acelerado, transtornado, melhorado, ou, mesmo revolucionado o seu tempo e espaço de influência. Esses homens particulares, embora sejam eles mesmos efeitos de certas causas, são todavia causas de múltiplos efeitos. Contudo, muito haveria a dizer depois dos factores que implicam a aceitação, difusão e implementação do seu pensamento na sociedade plural e mais ou menos ignorante, disposta a praticar (voluntária e/ou conscientemente) sistemas inventados, otimizados, transformados (e necessariamente deturpados), etc., e dar prova da sua eficácia ou falta dela...

Apenas uma coisa Serguéi conseguira concluir: cada fase da História tem suas práticas e seus ideais. Todas as práticas se revelam insuficientes, tanto mais que o processo histórico é incessante, e um sistema pode tornar-se de repente inadequado. Não há período nenhum que não tenha assistido à morte de ideais,

que não conviva com outros e que não esteja prenhe de mais... A História não “podia ter sido”, nem “podia ser”, a História “é”. Podemos estudar profundamente as causas remotas ou actuais e metodicamente concluir, sempre especulativamente (já que os factos se encontram imersos no passado, observados à luz da nossa maior ou menor subjectividade), que o presente é irremediavelmente consequência lógica (explicável) do passado. Porém, o nosso conhecimento dessa lógica é hipotético. Essa torrente que nos traz é muito turva e desregada. Podemos vislumbrá-la de acordo com a nossa dimensão humana, dentro das nossas capacidades de análise, dedução, intuição, síntese, e o que quer que seja que define as nossas limitações e a nossa ignorância relativa. Se até a nossa história individual, pessoal, não podemos dominar! O que é que no passado determinou que a nossa vida transformasse no presente que temos? Conseguimos por certo conhecer muitas causas, traçar retrospectivas muito aproximadas do nosso percurso, mas haverá muita matéria de que desconhecemos o enredo, muito passado que já não lembramos de todo... E qualquer gesto tem uma sequência... Qualquer *biografia explicativa* contém lacunas, sabe-se lá quão decisivas para um perfil verdadeiramente fidedigno. E trata-se apenas de um homem!

Não seria implausível que a História contivesse acidentes totalmente desconhecidos que em colisão com certos encadeamentos gerassem o seu aniquilamento e o aparecimento de novas direcções. Ou então que um determinado ideal, amplamente bem quisto, ao decidir afirmar-se, ao iniciar os seus passos na História, tivesse por motivos perniciosos vários, aparentemente insignificantes, e por isso não identificáveis, causado os efeitos que desenvolvessem consequências práticas numa orientação precisamente oposta à desejada... Não seria pois a História um mundo de conjecturas, um sistema de verdades provisórias, de galáxias de probabilidades, provavelmente até com algumas certezas, mas com inumeráveis espaços vazios, num universo imenso de ignorância?

Apesar disso acreditava que a insistência sem tréguas no estudo da História podia diminuir progressivamente essa ignorância intrínseca, cuja consciência, na sua perspectiva, introduzia a humildade histórica, a presunção da incerteza, o cepticismo necessário a um entendimento científico da narrativa da aventura humana...

E hoje, neste assunto, no geral, ele pouco evoluiu, ainda que tivesse meditado bastas vezes sobre ele. Mesmo quando pensa que os seus infortúnios são facilmente imputáveis aos factos históricos, ele sempre tem a tendência de

desacreditar nas explicações simplistas. Talvez que a sua força interior não estivesse à altura de mudar os acontecimentos... E depois ele sabe que a História não tem *culpas*. Ela flui, não sendo susceptível de ser julgada e as gerações e homens devem ser julgados no discernimento do presente, pois que os conceitos éticos do presente aplicados ao julgamento do passado envolvem a História de tal bruma que não poderá mais chamar-se História. Então, quando Serguéi pensa de forma abrangente, até mesmo para o seu caso ele tem dificuldade em apontar causas claras e conhecer efeitos distintos.

Talvez ele fosse um céptico. Na noite em que viu o derrube do muro de Berlim pela televisão, ficou incrédulo e atónito. Era qualquer coisa que julgava impossível. E pensou: «Isto sim, é História! Onde, em tempos, nada existia que dividisse, uma certeza dos homens ergueu um muro obscuro. Depois outra certeza, que terá levado muitos anos aos homens para adquirir, tratou da demolição do muro. Qual será o próximo lugar onde agora nada existe que divida, e em que se invente um qualquer muro indecoroso a demarcar outras certezas, a separar outros ideais...» Sim, a História... Talvez ele fosse um céptico!...

Serguéi levanta-se, resolve *esticar as pernas*. Sente-se um pouco entorpecido pelo frio e por ter estado muito tempo estático. Provavelmente já não se senta mais até chegar a Donetsk. Também já não falta muito... onze minutos... se chegar à tabela. E hoje, precisamente hoje, neste dia tão grato, vai ter que falar com Oleg! Vai ter que fazer acontecer qualquer coisa de que venha a recordar-se com satisfação.

O dia entra pela frestas dos estores da varanda do quarto que, mergulhado na penumbra, começa aos poucos a ganhar claridade. Pela porta entreaberta vai entrando também uma luz mais fraca proveniente do resto do pequeno apartamento já invadido pela tépida manhã deste Maio já avançado.

Apenas o chilreio de uns passaritos, que costumam voar pelas árvores do jardim em frente à varanda, sacodem levemente o silêncio do tranquilo quinto andar esquerdo.

O quarto de pequenas dimensões tem no entanto um armário guarda-vestidos embutido em toda a largura da parede lateral que fica em frente das portas de correr envidraçadas da varanda. Há uma mesinha de cabeceira de cada lado da cama de casal e uma cadeira num canto onde sempre há alguma roupa. Numa das mesinhas de cabeceira descansam um rádio portátil e um candeeiro com um pé notoriamente elevado e articulado, o que sugere claramente hábitos

de leitura na cama. Tanto mais que na outra mesinha do lado oposto se acomoda uma pequena rima de livros. A luz que já se instalou no quarto permite reconhecer pelo menos o título em letras garrafais do livro que aguarda em cima: “*Sociedade virtual Economia global*”... As vidraças despidas deixam ver os estores exteriores e as paredes também estariam nuas se não fosse a única e perturbante presença, mesmo em frente à cama, de um poster com um dos círculos limite do grande *Maurits Escher*. Os cobertores e lençóis emaranham-se à volta do corpo adormecido de Serguéi que está prestes a abandonar o sono e acordar para mais um dia. Já há muito tempo que ele, quando chegam as seis e meia da manhã, acorda quatro ou cinco minutos antes do rádio ligar automaticamente. Nesses minutos, em que ele sabe que a seguir o rádio vai ligar mais ou menos estridentemente, ele sempre procura, nessa *terra de ninguém* onde o sono ainda manda, uma espécie de magnete que o faça levantar energeticamente, uma forte justificação que dissipe por completo a modorra e a substitua pela vivacidade mínima exigível ao arranque de um novo dia.

Desde que alugou o apartamento que resulta bastante mais fácil descobrir a tal força que guinda Serguéi para fora da cama. Isso é certo. Com o regresso do seu amigo Oleg à Ucrânia decidiu-se definitivamente pela mudança, deixando a hospedaria onde ambos viviam. Foi há cerca de dois anos, logo passado pouco tempo depois de ter começado a trabalhar no restaurante onde agora trabalha. No primeiro esteve pouco mais de um ano a servir à mesa ainda como ajudante e foi aí que afinal aprendeu o fundamental para poder habilitar-se a maiores exigências e, claro, às compensações que o levaram a mudar-se. Está agora mais contente consigo próprio e o facto de poder alugar um andar só para si, ainda que bastante modesto, é motivo para um ânimo acrescido. Ainda para mais ficou a viver no perímetro urbano do Porto e praticamente equidistante do instituto e do restaurante.

Já pronto para sair ainda dedica alguns minutos a umas notas que esteve a introduzir no computador e não resiste a ver os principais títulos de dois ou três jornais da *Internet*. Quando entrou no instituto superior de economia investiu de imediato num PC. No primeiro ano foram incontáveis as noites mal dormidas que a efervescente combinação entre a máquina e a sua persistência exigiu. Actualmente, apesar de ter ultrapassado a fase de exploração e aprendizagem básicas, o computador talvez seja a sua mais assídua companhia, suplantando até, em termos de média de horas dedicadas, o tempo destinado à convivência, incluindo a sua tão apreciada companhia feminina...

Quando saiu de casa e entrou no elevador certificou-se que ainda era suficientemente cedo para não ter de se apressar. Talvez fosse a pé. Quando sentisse o ar matutino ao chegar à rua decidiria. Uma das coisas que Serguéi mais gostava em Portugal era do Sol, da intensidade luminosa que tornava tudo mais colorido. Então agora, em Maio, que a Primavera, em certos dias, parecia lembrar que o Verão estava apressado para entrar... Apesar de ontem ter chovido logo pela manhã, hoje era um desses dias, com um céu azul bem português. Serguéi, de quando em quando, dava-se conta que pensava no país quase como se fosse seu. Com uma franca afeição ou até, em caso disso, preocupação. Também já eram seis anos seguidos, apenas interrompidos com uma ida à Ucrânia, ao fim do segundo ano de permanência em Portugal: tivera saudades da mãe, do país, enfim, dos amigos, de tudo... Da irmã também, evidentemente, mas nunca mais soubera dela... A mãe dizia-lhe apenas que ela estava no norte da Europa, algures nos Países Baixos, e que lhe mandava bastante dinheiro... Quando Serguéi se viu no seu país, depois de passados os primeiros momentos de euforia, começou estranhamente a perceber que ansiava pela hora de retornar, não sentindo desejo nenhum em permanecer. Passado pouco tempo de ter chegado a Portugal teve a pior das notícias: a sua mãe sofrera um enfarte. A notícia chegou duas semanas depois do infortúnio, sem margem para quaisquer dúvidas. Uma coisa horrível, tanto mais que ela estava de perfeita saúde quando ele a deixara. Durante largo tempo não tirava da cabeça que a visita dele tinha alguma a ver com a morte repentina da mãe. Serguéi passara bastante mal durante mais de um mês: doente, sem apetite, com dores de cabeça constantes. Depois disso nunca mais voltou à sua Ucrânia...

Quando começou a caminhar em direção ao instituto comprovou que podia fazê-lo calmamente. Ainda era cedo para a aula que iria ter às nove e meia. Serguéi tinha aquilo a que ele chamava de vida triangular. Três vértices fundamentais. Em primeiro lugar, o trabalho, materializado pelo restaurante, ao qual entregava uma disciplina rígida, fonte primária de toda a sua estabilidade. Depois vinha o estudo que, sendo aparentemente menos exigente por ser mais desobrigado, tinha sido o que lhe consumira mais energia, pela dificuldade de equivalência dos seus estudos, pelos exames especiais de aferição de conhecimentos e de domínio da língua portuguesa, e enfim, por toda a exasperante burocracia implícita, de tal maneira que estivera algumas vezes à beira de soçobrar. O terceiro vértice, a completar o triângulo, conferindo o equilíbrio geométrico que ele achava

essencial à sua vida: uma namorada. O trabalho, o estudo, o afecto. Os lados desse triângulo podiam ter dimensões variadas, ser mais ou menos extensos, podiam conferir maior ou menor proporção, mas ele confiava na segurança dessa fórmula triangular: achava que esses três pólos, só pelo facto de coexistirem, induziam harmonia a tudo o resto. É certo que nem sempre cada um dos pontos estaria de per si equilibrado, como no caso dos estudos, desesperantes em tantas fases, ou a vida afectiva que descambava amiúde... Serguéi não conseguia apaixonar-se completamente. Embora ele se tivesse predisposto há muito para esquecer Elena e já o tivesse feito categoricamente em termos racionais, havia qualquer coisa que não o deixava libertar-se totalmente... A memória que tinha dela não se estabilizava no passado, ainda fazia parte do seu presente, ainda pensava nela, involuntariamente, como a sua companheira. E de tal maneira assim era, que as namoradas de Serguéi entravam e saíam da sua vida, o mais das vezes pacificamente, sem deixarem grandes vazios ou estragos. Inclusivamente, já conhecera mais do que uma ucraniana... Ultimamente mantinha uma relação muito próxima e que o trazia feliz. Com Marta, uma colega do instituto, do mesmo curso de «*Gestão de Empresas*», mas do último ano, quatro semestres à sua frente... Serguéi frequentava o curso completo, a alternativa realmente eficaz para fazer valer a sua instrução superior. Acumularia assim dois cursos em economia. Ele achava que, bem vistas a coisas, não era pior... Só iria fortalecer os seus conhecimentos. Depois... gostava de estudar e as características do seu emprego actual facilitavam-lhe muito a vida. Quando se lançasse no mercado de trabalho para economistas, que afinal era o que estava nos seus planos desde que emigrara, estaria bem mais enraizado na sociedade portuguesa, com uma visão mais concreta das questões económicas do país. Ele tinha tempo... Nestes dois anos preparar-se-ia convenientemente. Tinha uma estratégia que, de dia para dia, ganhava contornos mais nítidos, configurações de exequibilidade mais prováveis. Ultimamente, duas ideias se tinham instalado na sua mente: mudar de nome e naturalizar-se português. Desde que começara a pensar nisso ganhara redobrado entusiasmo. Tinha trinta e quatro anos... Se tudo lhe corresse sem percalços de maior, a partir dos trinta e seis poderia recomençar uma nova vida. Completamente nova. Quase como uma outra reencarnação... divertia-se Serguéi a pensar, satisfeito. Um homem novo. Que era o que de facto ele se vinha sentindo já há algum tempo. Ainda assim impunha-se-lhe a ideia de que o *filio condutor* da sua vida se mantinha. Aliás, quanto mais avançava na idade, mais forte era a sua impressão disso. Recorrentemente encontrava uma estranha e perseverante conexão na sua existência. Como se esse homem

novo, cuja imagem lhe surgiu como um devaneio agradável, uma conclusão natural do seu percurso em Portugal, estivesse desde sempre inscrito nesse *fio condutor*. Uma sensação inquietante de que só podia ser assim e não de qualquer outra forma. O passo que deu em determinado dia na infância em Krasnograd já continha o caminho que o trouxera ali, àquele país distante. Não se tratava de uma ideia determinista, fatalista, em que se impunha o cumprimento rigoroso de um destino, mas antes de uma intuição sensível, mais do que uma interpretação e por isso perturbadora, de que aquele tal passo teria que ser dado para que as coisas acontecessem tal como aconteceram, e quando o deu, ele já encerrava, na sua dinâmica própria, a conexão com momento actual. Uma espécie de círculo limite onde o livre arbítrio, por mais plural que fosse, não deixava de se inscrever sempre dentro do círculo... Se por um lado a sensação começava por ser de desassossegado, de um modo geral, quando se começava a dissipar, conduzia Serguéi para uma certa plenitude racional, uma vez que o fazia sentir *ele mesmo*, na integridade que o distinguiu, sem ambiguidades, compreendendo, a cada instante, *donde vinha, porque estava, para onde ia...* Seguramente que isso também lhe trazia a noção de exclusividade. Mas era, por outro lado, uma exclusividade inclusiva a toda a humanidade... o que era deveras reconfortante... Sendo ainda que toda a exclusividade era uma combinação de identidades...

Embora apreciando a excelente manhã de sol, Serguéi, sem se aperceber, foi estugando o passo. Habitualmente, antes de ir para as aulas, passava uns momentos no café que ficava a uns cinquenta metros do instituto. Já muitos bons momentos passara nesse lugar. Fora aí que estreitara a relação com Marta, os dois conversando longamente sobre tudo e sobre nada. Nesse dia, quando já se preparava para atravessar a rua, para se dirigir a esse mesmo café, alguém lhe tocou ao de leve no ombro, cumprimentando:

— Bom dia Serguéi! — Ele virou-se e reconheceu logo: era o Sr. Edgar Lima. Curioso, encontrarem-se na rua logo no dia a seguir a se terem apresentado! Respondeu instintivamente:

— Bom dia. — E deteve-se. — Como está... — Cumprimentou, estendendo a mão.

Edgar procurou alongar um pouco a casualidade:

— Está muito longe do seu restaurante...

— Sim, mas este é outro dos meus circuitos quase quotidianos. Ali mais à frente fica o “instituto de economia” onde estou a tirar o curso. De maneira que circulo muito por estes lados. O senhor é que não me lembro de ver por aqui...

— Sim, de facto. — Edgar ficou ainda mais curioso em relação a Serguéi. Prolongou:

— Não é uma zona que frequente muito, mas tenho que ir aqui perto, a um cliente. Trabalho para uma empresa gráfica...

Serguéi reparando que Edgar não se mostrava apressado, arriscou:

— Eu ia ali em frente — e apontou com um gesto da cabeça para o café do outro lado da rua — tomar um café. Não quer fazer-me companhia? Eu ainda estou bastante adiantado para a aula.

— Sim. Está bem. Também estou com tempo e um café agora caía bem!

Atravessaram na passadeira, lado a lado, silenciosos. Depois Serguéi tomou ligeiramente a dianteira, entrou no estabelecimento e ficou cortesmente a segurar na porta dando entrada a Edgar. Quando se sentaram foi este que quebrou o embaraço:

— Então, diga-me Serguéi, como é que um ucraniano vive em Portugal?

— Bom... não é muito fácil — queixou-se, embora sorrindo — mas eu tenho tido muita sorte. Já passei por maus bocados... Sabe, aquele restaurante é muito bom, refiro-me neste caso às condições para os empregados, claro. Estou com a minha situação perfeitamente estabilizada. E se tudo correr como espero... — Serguéi interrompeu-se: passava um pequeno grupo de estudantes que o cumprimentou pelo nome, ao que ele retribuiu, trocando ainda algumas graças com eles.

Edgar reparou que ele era uma figura popular por ali e os companheiros pareciam apreciar a sua pessoa. Fez-se um pequeno silêncio, em que Serguéi pareceu esquecer-se do que estava a dizer, mas logo continuou:

— Se tudo correr bem, dentro de dois, no máximo três anos, poderei iniciar, aqui em Portugal, a minha actividade como economista, que era a minha profissão quando abandonei a Ucrânia.

— Disse “abandonei”?! É mesmo essa a palavra? — Edgar sorriu. Ficara na dúvida do uso da expressão correcta e procurava tornar a conversa menos formal.

Entretanto, quando o empregado do café, a alguma distância, reparou neles, Edgar esticou no ar os dedos médio e indicador e pediu dois cafés olhando para Serguéi, que correspondeu à sua expressão inquisidora dizendo expressivamente que sim com a cabeça, e insistindo logo em seguida:

— Abandonou o seu país!?!...

— Não sei. Acho que sim. Não tenciono voltar lá para ficar. Não sei... A vida dá muitas voltas. Eu sei que a língua portuguesa é complexa... subtil... mas acho que sim, que é esse o termo: abandonei. Acho que a Ucrânia se tornou qualquer coisa que se abandona. A minha Ucrânia! É difícil de explicar...

— E então, Portugal!?! Disse-me ontem que já cá está há seis anos! Que tem a dizer de Portugal e dos portugueses. Diz-se tão mal do país! — Edgar inquiriu de um modo enfático alargando os braços e sacudindo as suas mãos enormes no ar. Este era um assunto caro para ele. Era o tema que lhe bailava na mente desde que avistara Serguéi e lhe tocara no ombro. Ele gostava muito de saber como é que os estrangeiros viam o seu país.

— Eu gosto muito de Portugal. Os portugueses, para usar uma expressão vossa, *falam de contentes*...

— Acha mesmo?! Então e parece-lhe uma população um tanto deprimida, triste, como se costuma falar? — Edgar procurava instigá-lo mais um pouco.

— Bom, talvez. Pelo menos mais do que devia ser. Os portugueses deviam estar mais satisfeitos consigo próprios, nisso concordo. Têm razões de sobra para possuírem dignidade. Eu tenho estudado a História... E depois, com este sol, este clima, a cultura... — Serguéi reparava que Edgar lhe bebia as palavras ansiosamente — Bom, teremos que assentar que de economia, de política e comunicação social não falaremos! — Esta última asserção que pretendia ser menos mordaz que divertida, saiu de rajada, de tal maneira que deixou Edgar suspenso e boquiaberto por instantes, após o que riu com prazer. Ele verificava que Serguéi revelava, pelo modo como usava o português e pela forma como se expressava, uma cultura acima do comum. Tudo levava a crer que teria opiniões elaboradas acerca da situação do país...

— Mas então, pelo que me foi dado entender, não é o Serguéi um versado em economia?

— Sim, sim... mas estou mais ligado às abordagens matemáticas... — riu-se, denunciando a evasiva deliberada. — E o senhor Lima, posso perguntar-lhe o que faz?

— Eu estou ligado às artes. Portanto, no campo oposto, segundo dizem... — Edgar sorriu e deu o ar de quem pensava não ser tão oposto quanto era comum dizer-se — Artes gráficas e artes plásticas, embora para mim a pintura,

pois é esse o caso, é mais um *hobby*. No entanto sou capaz de gastar mais energia e mais tempo com a pintura de que com o trabalho gráfico. Porém acho que não correspondo ao estereótipo que a maior parte das pessoas tem dos artistas. Interesse-me bastante pelas ciências, designadamente a matemática e a filosofia, que têm influenciado muito a pintura ao longo da História...

— Vou ser sincero consigo — disse Serguéi baixando de tom e aumentando a cordialidade — acerca do que pensava quando o via lá no restaurante. Dizia de mim para mim: «Este senhor deve ser artista. Das duas uma, ou é artista ou é cientista. Aposto» Acho que tem o aspecto de não estar muito comprometido com a formalidade que a maior parte das profissões exige e que, mais tarde ou mais cedo, se acaba por colar ao indivíduo. É uma coisa que se nota em certos detalhes.

Edgar rindo-se, acrescentou:

— Talvez. Talvez tenha razão. Nunca pensei muito a sério nisso. Mas acho que esse meu ar é capaz de ter a ver também com o facto de eu ser um motard. Se reparar, os motard, mesmo de profissões socialmente mais exigentes, têm uma aparência mais descontraída.

— É um facto. Mas também não é toda a gente que tem o costume de andar de mota... Que toma essa decisão... Em Portugal parece haver poucos adeptos, apesar do clima se proporcionar e o trânsito congestionado também. Não sei bem porquê... Não acredito que tenha a ver com as regras sociais, embora os portugueses sejam, nos meios urbanos, bastante formais. Não sei... E, realmente, o automóvel é soberano, talvez até demasiado...

— Talvez seja um pouco de tudo isso: a apresentação, o status... o estatuto social, a comodidade, mas não podemos esquecer o factor risco: a mota é bem mais perigosa. De todas as maneiras, há uma imagem que muito frequentemente me invade quando penso nisso. Quando eu era criança, o que já foi há muito tempo, — Edgar fez um trejeito cómico, ao agravar a sua idade — talvez tivesse os meus sete ou oito anos, lembro-me de estar à porta de casa dos meus pais, aqui mesmo no Porto, mas mais lá para cima, à espera de um tio meu que me levava sempre à escola e de me entreter a apreciar as bicicletas que desciam a rua, iniciando a travagem, para o cruzamento logo ali a seguir, precisamente quando chegavam ao sítio onde eu estava. Enchiam a rua. Eram às dezenas e dezenas, centenas se eu esperasse mais um pouco. Muitas delas chiavam ao travar. Trago comigo essa imagem e o som dos travões, desde esse tempo. Era de

manhã cedo. Eram operários que iam para o trabalho e o meio de transporte comum era a bicicleta. Se lá for hoje, há mesma hora, na mesma estação do ano, vai ser difícil encontrar um só velocípede que seja. E mesmo motos, como o Serguéi disse, são muito poucas. Às vezes ponho-me a cismar em tudo o que terá mudado verdadeiramente... Isso daria *pano para mangas*... Talvez até desse para um extenso ensaio sobre economia... Mas no meu caso... eu sempre gostei de motos e o problema é que não tenho paciência nenhuma para o trânsito, que aqui no Porto é absolutamente doentio. Penso até que é um factor pernicioso de transformação das mentalidades. Acho manifesto o aumento de ansiedade, irritabilidade e agressividade de um modo geral, no portuense. Em Lisboa dizem que é pior. Não sei se isto tinha que ser necessariamente assim...

— Bom, eu por mim prefiro andar a pé. Se o tempo estiver bom ando a pé. As minhas coordenadas caem normalmente dentro do Porto, dentro da cidade. Moro a cerca de meia hora daqui, a pé. De vez em quando ando de auto-carro. Mas concordo consigo em ambos os aspectos. A História da mobilidade é também a História do Homem. É absolutamente indissociável, economicamente e psicologicamente. Acho até que o estudo da evolução da mobilidade fornecerá uma perspectiva muito interessante de toda a evolução da humanidade. Mesmo até do ponto de vista físico. Não há dúvida que circular de bicicleta, pedalando com certo esforço, para aqui e para ali, não tem mesmo nada a ver com a atitude do corpo confortavelmente sentado ao volante dum automóvel. Isto é, também numa abordagem antropológica, a mobilidade é um factor decisivo.

— Sim, sim. Em absoluto. É talvez também por isso que eu sinto necessidade de correr, o que faço quase todos os dias desde há muitos anos. É uma ideia que tenho, talvez até mais que uma ideia, uma constatação, que o corpo precisa de activar os seus ritmos pelo exercício físico regular. E pela locomoção, que é uma ligação à nossa ancestralidade, pode-se atingir com facilidade, e economicamente, resultados práticos muito interessantes. — Edgar sorria, mantendo contudo um tom que a importância do assunto lhe merecia — Para mim é indispensável. Hoje, ao fim do dia, lá estarei eu a correr os meus oito quilómetros. Enfim não é muito, mas sendo quase diário... já é um bom esforço para introduzir na minha rotina a tal mobilidade que tenha a ver com a nossa constituição física e biológica. É!... A mobilidade... Sim... É curioso. A mobilidade... — A mente de Edgar já divagava, mas não ousou aprofundar mais o assunto. Achou no entanto muito peculiar que a conversa roçasse o seu tema dilecto do movi-

mento, adicionando-lhe talvez mais um condimento, a “automobilidade” encaçada no plano estrito da mobilidade física humana e que vinha, no tempo próprio, reunir-se às suas especulações actuais do tempo e do movimento...

Como se lesse o pensamento de Edgar, Serguéi exclamou:

— Sim!... A mobilidade é um grande tema. Já na Grécia Antiga esse era um tema que andava às voltas na cabeça dos grandes pensadores: «Tudo tem mobilidade. Tudo é movimento.»

Esta era a gota de água que Edgar precisava para ganhar coragem e indagar o que já lhe saltara à mente por diversas vezes:

— Mas diga-me Serguéi, e não leve a mal a minha pergunta... Como é que um homem que fala em cultura grega... não interprete isto que digo como qualquer preconceito da minha parte, não! Apenas um a questão de lógica pura... um homem que se exprime numa língua, que não é a sua, melhor do que muitos que cá nasceram, enfim, além disso, um intelectual... como é que se encaixa num trabalho na restauração? Vai me perdoar a minha indiscrição e impertinência, com certeza...

Serguéi enrubescou e ficou um pouco atrapalhado, levando alguns instantes para se refazer e responder calmamente:

— Bom, senhor Lima...

Edgar atalhou:

— Edgar. Trate-me por Edgar!

— Sabe, isso é uma longa história que levaria o seu tempo a contar. Eu não me importo nada com a sua curiosidade... na verdade, contém também um cumprimento. Mas, o que penso ser a minha vocação tem mais a ver com o curso que estou agora a tirar, de Gestão, como lhe disse, economia portanto...

— Isto é, ser empregado de mesa do restaurante é apenas um meio, como ser estudante, claro...

— Sim. E digo-lhe que chegar até aqui não foi nada fácil! Este emprego é óptimo em termos materiais. E permite-me estudar. É o emprego que mais me convinha para esta fase. E tem as suas subtilidades, a sua arte, a sua técnica... e depois tem algumas refeições garantidas... nos tempos que correm... — Serguéi riu-se, sugerindo as recompensas materiais, e encontrando de novo a descontração — Mas a questão é que, apesar de não ser exactamente o que tem a ver comigo, é para qualquer ucraniano emigrado uma posição principesca! Repare, eu quando entrei em Portugal, comecei trabalhar como servente da construção

civil, quando era já economista pela universidade de Donetsk na Ucrânia...

Edgar sentia-se um pouco consternado pela pergunta que fizera. Embora a tivesse feito com inocência e espontaneidade verificava agora a sua imprudência e ignorância. Esquecera-se de tudo o que sabia acerca da imigração do Leste da Europa, raciocinando de uma forma linear e pouco avisada. Tinha obedecido a um impulso meramente intelectual, com alguma veleidade. Quis então mostrar a sua empatia e fraternidade por Serguéi:

— Quer dizer... tem subido a pulso! E a posição onde está, já é consideravelmente melhor do que já foi, e de certeza pior do que a que há-de vir a ser. O seu handicap é, parece-me, a situação política e social do Leste da Europa.

— Sim, é certo. Mas isso também é outra longa história... — Serguéi fez um gesto vago com a mão que prolongou um pouco para além da frase.

— Sim, sim. Acredito que sim. Um dia tem que arranjar tempo para me contar essa história. Como já viu, eu sou muito curioso... mas... quer dizer que, dentro de... quantos anos disse que lhe faltam para acabar o curso?

— Dois, no máximo três.

— Dentro de dois ou três anos será um economista numa empresa aqui da nossa praça! — Edgar abanava a cabeça para baixo e para cima sublinhando a sua convicção.

— É esse o meu plano. O que não deixa de ser caricato, porque deixei a Ucrânia à beira de problemas económicos gigantescos e agora quero participar nas questões económicas de Portugal, que, apesar de ter também dificuldades nessa área, não é a minha terra!

— E a Ucrânia está fora de questão...

— Sim. Os problemas em Portugal parecem-me, na sua maior parte, equacionáveis. Acho que é possível exercer e aprender a economia com honestidade em muitas organizações. Na Ucrânia poderia talvez aprender mais, uma vez que está tudo em grande efervescência, mas o preço a pagar por essa aprendizagem seria demasiado elevado! Portugal segue à frente quase duas décadas: do *vinte e cinco de Abril de 1974* ao *vinte e quatro de Agosto de 1991*. E depois, são sociedades com um passado diferente, com populações desiguais... realidades distintas. Mas, apesar de todos termos as nossas raízes, o certo é que o planeta é a nossa terra... e como alguém disse “o céu é azul em todo o lado”...

— Concordo em absoluto. — Edgar estava admirado de sentir tanta simpatia por aquele estrangeiro, meio lívido e de cabelo arruivado, em tudo o

oposto dele, todavia possuidor de um esquema mental parecido com o seu, que ele compreendia com prazer. — Qualquer sítio é sítio, de facto. Para ser feliz não é preciso muito. E o lugar... tem a sua relevância, mas pode sempre ser assimulado. A História mostra-nos diversos casos de estrangeiros que foram bem mais longe do que os autóctones...

— Sim. “Quem vê de fora vê melhor”... As pessoas habituam-se às coisas, ao ponto de já nem repararem nelas — Serguéi ia, imperceptivelmente, dando umas olhadelas ao relógio. Gostaria de ficar mais tempo a conversar, mas já ia chegar atrasado... — É verdade que quando somos turistas notamos em pormenores que escapam aos que sempre viveram a olhar para eles sem realmente os consciencializarem. Por isso a perspectiva de um estrangeiro pode trazer uma mais valia, sobretudo se encarar isso com humildade, dado a enorme ignorância que, por outro lado, terá dos aspectos culturais já que o facto de saber a Língua e a História só por si não chega.

Edgar acabou por reparar no nervosismo de Serguéi, consultando o pulso sistematicamente, e de maneira educada começou a preparar a despedida:

— Pois é, mas temos que debater esses assuntos com mais calma. Já vi que tenho parceiro. — Edgar fez um sinal ao empregado para pagar e foi tirando o dinheiro — Temos que combinar um programa qualquer, talvez um restaurante em que seja o Serguéi o cliente... — Edgar sorriu bem-humorado ao lançar a sua ideia e pagou rapidamente ao empregado, fazendo um gesto com a mão a travar o pagamento de Serguéi.

— Com certeza. É uma questão de combinarmos, — levantaram-se da mesa e foram-se dirigindo para a saída — é muito fácil, sabe onde me encontrar! Tenho o maior prazer em recebê-lo no restaurante e nessa altura combinamos qualquer coisa.

— Sim, sim. É o que farei. E há-de ser dentro em breve.

Serguéi e Edgar apertaram as mãos energicamente, despedindo-se. Ambos foram dali a pensar que tinha sido um encontro agradável, um acaso feliz.

Edgar, já na sala de espera para a reunião que iria ter com o cliente que o levava àquela parte da cidade, continuava a pensar em Serguéi. Tinha ficado ainda mais curioso acerca dele. Quando o acaso lhe trouxe aquela oportunidade, obedeceu ao impulso que a curiosidade ditara interpelando-o e estabelecendo o diálogo. Não fora difícil entabular a conversa, pareceu até que o desejo de conhecimento era mútuo, de tal forma o contacto se gerou com fluidez e natu-

ralidade. Porém, o que Edgar entreviu acerca de Serguéi serviu para aguçar ainda mais a curiosidade. Era de facto uma personalidade interessante. O que tinha deixado entrever era suficiente para detectar um *pensador* nato. Um indivíduo que procurava interpretar aquilo que observava e confrontar as suas conclusões com outras explicações. Duma forma geral, um *pensador*, para Edgar, era um indivíduo ávido por confrontos a nível do pensamento e portanto naturalmente culto, mais culto que erudito, já que a sua busca era uma forma de questionar, mais do que uma forma de associar e coligir. Distinguia-se sobretudo pela forma original de entrelaçar os conhecimentos adquiridos com as suas versões pessoais, arquitectando o que seria uma concepção peculiar das coisas. Essa singularidade era para Edgar o que ele apelidava de *pensador* e que o distinguiu dos demais pensadores comuns do género humano, uma vez que ser homem era ser pensador mas não necessariamente um explorador incessante, mais ou menos compulsivo, de construções lógicas, e era isso que queria dizer, para ele, ser *pensador*. Que era, ao fim e ao cabo, a forma como ele se via a si próprio, o que ele considerava ser, em grande medida, a sua natureza, a sua índole, uma vez que estava sempre insatisfeito com as suas próprias deduções, buscando constantemente argumentos universais, da cultura universal, que pudessem derrubar ou corroborar as suas ideias. Nesse caminho, com esse temperamento, era inevitável que alargasse constantemente o campo dos seus interesses, aperfeiçoasse as suas definições, multiplicasse as suas conclusões. Que nunca o eram... porque muito raramente aceitava uma conclusão como definitiva. Havia sempre que a colocar à prova. Considerava-a sempre provisória, temporária... Era esse o seu carácter. No fundo o prazer de Edgar era ao mesmo tempo derrotar-se e vencer-se, por não se contentar com uma vitória fácil, por não perder um desafio difícil, por não aceitar docilmente uma derrota. O mais curioso em Edgar era ele estar plenamente convencido que a sua personalidade, neste particular, não o levava a lado nenhum, que a sua mente o ocupava com jogos inúteis e que muitas vezes o atormentava para nada, só para estar entretida e activa, quantas das vezes cansativamente, sem outro propósito que não fosse o exercício intelectual de pensar, a procura incansável de um momento de regozijo por uma construção aparentemente estável. No ofício de *pensador*...

E era isso que ele sentira em Serguéi, por algumas frases que mostravam um pensamento próprio, articulado, escoreito, que na sua opinião só podiam pertencer a uma intensa demanda pessoal, à actividade de um *pensador*... Pelo

menos fora essa a sua percepção. Ele sabia que raramente se enganava nos juízos a priori que fazia das pessoas quando acabava de as conhecer, e neste caso Edgar sentira, cingida às palavras, a emanção de uma forte energia que ele reconhecia como a de alguém que encaixava perfeitamente naquela sua classificação. Era pouco provável que se enganasse desta vez. Tirar isso a limpo era mais um motivo para a sua curiosidade...

Quando o chamaram para a reunião, Edgar estava tão distraído com os seus pensamentos, que nem mesmo a recepcionista, gritantemente no estilo “por-favor-apreciem-me”, conseguira transportá-lo para uma realidade mais terra a terra. De forma que ela acabou por vir perto dele para lhe comunicar que o senhor doutor o aguardava.

Depois de cumpridas as formalidades, Edgar foi rapidamente elucidado da razão porque fora requisitado: o cliente, uma instituição que o seu interlocutor representava, não teria gostado da forma como ele tinha abordado o cartaz proposto para o anúncio de um congresso: “Direito e Multimédia”. Um tema interessante a que ele tinha emprestado particular dedicação. Edgar dera-se ao trabalho de conhecer em pormenor os programas do congresso, os temas em debate e inclusive fora obrigado a fazer algum trabalho de pesquisa sobre alguns assuntos da área de jurisprudência, isto tudo para criar uma atmosfera mental propícia a uma representação adequada às questões especiais da legislação aplicadas ao mundo da multimédia. Nas reuniões preliminares tinham-lhe sido dadas as intenções essenciais do cliente e todos os pormenores relativos à feitura do respectivo cartaz e, nessa altura, os esboços avançados por Edgar tinham merecido aceitação. Talvez ele tivesse desconsiderado algum detalhe. Isso podia acontecer...

— Sabe senhor Lima, nós gostamos do poster. Do ponto de vista artístico, está muito agradável e sugestivo. A questão não é essa...

— Então diga, diga... — Edgar estava a ficar impaciente. Desde que começaram o diálogo, que já lhe tinha revelado o desagrado do cliente, mas ficava-se pelas considerações sem dar lugar às razões concretas.

— Sabe, o problema foi levantado pelos nossos patrocinadores, pelos promotores do congresso. Mais do que um. Por nossa parte, senhor Lima, nós não tínhamos intenção de o incomodar. Temos em apreço o trabalho gráfico realizado. Não é isso que está em causa... Mas, como há-de entender, os encargos financeiros do congresso são em grande medida suportados pelos nossos patrocinadores. Somos forçados a dar atenção às suas pretensões.

— Compreendo, compreendo... Não se preocupe... não se preocupe. — Edgar dava o ar descontraído de quem está pronto a fazer correções sem melindre.

— Eu próprio fiquei admirado com o caso, porque não é usual aparecerem questiúnculas deste género. Acho que foi fundamentalmente uma companhia que faz pela primeira vez o patrocínio às nossas iniciativas. E certamente logo dois ou três lhe seguiram as pegadas. Eles acham que o tamanho dos seus logótipos e designações comerciais não corresponde ao que ficou combinado.

— Ah. Sim!... — Edgar captou de imediato o que se passara. Em parte a culpa era sua... — Já sei. É verdade. Eu reduzi deliberadamente as dimensões dos logótipos no rodapé do cartaz. Se considerarmos as siglas e letras que inicialmente se tinha falado, o efeito sai desproporcionado para a dimensão do retângulo total, do poster, dando muito relevo ao rodapé. Pareceu-me, ao tentar enquadrar os elementos, que perderia a sua característica de rodapé, passando a constituir uma parte inferior do cartaz, o que iria dar uma visão equivocada, ainda mais que as companhias patrocinadoras só indirectamente têm a ver com os temas versados...

— Sim, mas... — O doutor pareceu ficar pouco à vontade com a explicação de Edgar, que continuou calmamente:

— Eu compreendo o ponto de vista dos patrocinadores. É irrefutável que a sua presença terá menos visibilidade, pelo menos em termos espaciais, o que já não será provavelmente tão linear em termos psicológicos. Uma vez que em certas circunstâncias reparamos mais depressa no mais pequeno do que no maior... Mas eu estou em crer que essas subtilidades não interessarão para o caso vertente... — Edgar, um pouco incompreensivelmente para o seu feitio, estava mais divertido do que preocupado com o assunto

— Certo. Evidentemente. Tem razão. Mas que quer, viraram-se para aí. E como há-de entender, senhor Lima, nós, associação, não queremos, de maneira alguma, causar qualquer contrariedade aos patrocinadores...

— Compreendo perfeitamente. Não há qualquer problema. Mas vamos ter que reequacionar a nossa proposta. — Edgar chegara meteoricamente a uma decisão: não era ele que ia embarcar numa sucessão de cedências que tinham, na sua óptica, um resultado catastrófico na maior parte dos casos, e neste distorcia-lhe por completo a “obra”, roubando-lhe o *carácter* que nela imprimira. Não, não cederia... — Vamos ter que trabalhar uma nova expressão, mais adequada às proporções que resultarão de mantermos as medidas pretendidas.

— Quer dizer, eu pensei que bastava... — O doutor mostrava um tom apreensivo. Edgar ao adivinhar-lhe o raciocínio resolveu atalhar:

— Não, não podemos reduzir à parte superior, à área, digamos, mais criativa do poster e que se afirma como o anúncio do congresso. Apenas porque foi elaborada tendo em conta aquele tamanho específico e não qualquer outro. Isto é, só “funciona” naquelas proporções e com aquelas dimensões. Posso-lhe garantir que as medidas têm exactidão geométrica muito rígida para aquele efeito. Portanto, na prática, vamos ter que apresentar uma outra proposta.

— Mas isso vai dar muito trabalho e consumir tempo, o que nesta altura não é nada conveniente...

Edgar admirado consigo próprio, com a sua fleuma e distanciamento, o que não o caracterizava, nada irritado, como seria de esperar noutro ensejo, rematou:

— Não se preocupe. Nós assumiremos o nosso desvio à solução exigida. Eu, neste momento, estou muito ocupado... mas um colega meu terá todo o gosto em criar um cartaz de acordo com as vossas pretensões, em tempo útil, estou certo disso.

O doutor, advogado como era, habituado aos meandros da disputa conversável, não quis revelar qualquer tipo de contrariedade:

— Ficaremos satisfeitos. Agradeço a sua compreensão.

Momentos depois, tendo regressado ao café onde estivera a conversar com Serguéi, Edgar pensava profundamente como trataria aquele assunto da melhor maneira na empresa. A argumentação era fácil, pois qualquer *criativo* chegaria à mesma conclusão: o cartaz ia ficar horrível! A promoção das companhias patrocinadoras teria quase o mesmo peso do que a promoção do evento propriamente dito... Ainda para mais, sendo os seus logótipos claramente identificáveis, fazendo parte da relação mediática quotidiana das pessoas com a envolvente, a mensagem principal ficaria absolutamente ofuscada. Uma aberração. Como ia ele justificar a si próprio a aceitação dessa aberração? Depois deu consigo a pensar: «Se a subjugação começa no cartaz, como farão os congressistas, ilustres advogados, jus aos patrocinadores? Será que o “enquadramento” do seus temas se adaptará às “dimensões” das suas estratégias industriais» E talvez a sua prerrogativa fosse legítima. A ingerência era justificada pela viabilização da acção. A não existirem os mecenas não haveria com certeza aquele congresso. daquelas palestras, daqueles encontros, resultariam indubitavelmente esboços

para futuras normas da sociedade, neste caso no vasto e hodierno domínio da multimídia. Assim sendo, era manifesto o ângulo de ataque ao assunto... Para Edgar não existiam quaisquer dúvidas sobre “quem devia acatar a decisões de quem” numa matéria daquelas. Era possível que o seu pensamento fosse rebuscado... E que tudo tivesse um processo genuíno... pois, pensou ainda, relutante, ... um processo genuíno aberrante!

Depois convenceu-se: «É apenas um cliente com razão e com mau gosto... apenas isso!...»

Olhou em volta. Afinal conhecia aquele café! Há umas horas a trás pareceu-lhe nunca ter estado ali. Quando entrou não reconheceu o salão. Depois a conversa com Serguéi tinha-o mantido completamente alheado. Agora verificava que já ali tinha estado por mais de uma vez. Porém, já fazia bastante tempo: nos seus tempos de estudante, em que os cafés faziam boa parte da sua morada. Era interessante reconhecer que em vinte anos muito pouca coisa tinha mudado. Não fossem as cadeiras e mesas terem ar de novas, diria que eram as mesmas. Lembrava-se delas assim, do revestimento dos assentos em fórmica beije, iguais aos tampo das mesas; o mais certo era que tivessem feito uma renovação mantendo a traça original, conservando o aspecto geral do estabelecimento. Uma das paredes era completamente espelhada a partir de uma altura aproximadamente igual à das costas das cadeiras, como naquela época, mantendo-se o cristal ainda em muito bom estado. E o quarto de banho continuava com uma portinhola um pouco ridícula pelas suas exíguas dimensões, que todavia causavam permanentes embaraços à sua utilização no movimento de vai e vem dos usuários. A longa pedra mármore do balcão talvez fosse mais amarelada que nesse tempo, mas persistia na sua personalidade austera. A um canto, a mesma pequena cabine que vendia os habituais jornais e pequenas utilidades avulsas sem conta. E tudo era tão conforme àqueles anos atrás, que parecia a Edgar ter recuado até aquele tempo, em que aquele café era lugar de encontro, debate, cultura... E pelo que lhe era dado observar, talvez pela sua proximidade das universidades e escolas afins, mantinha as mesmas características. A frequência era jovem e barulhenta e, como outrora, as conversas eram vivas gerando uma algazarra permanente. Uma sensação estranha invadiu Edgar. Não nostalgia ou qualquer outro sentimento que o remetesse para o passado. Outra coisa muito diferente: ele revisitava um mundo em que habitara quando era jovem. Agora que tinha vivido todos aqueles anos que o separavam dessa altura parecia-lhe

facultada a possibilidade de se sentir ele como era agora, visitando esse tempo, e reconhecer como era então. Era essa estranheza de se repartir em dois e de se poder confrontar com ele próprio em duas fases distintas. Porque o que lhe trazia o ambiente do café não era uma lembrança onde as coisas têm a incerteza da memória, mas mais o acesso a uma realidade distante que viajara até ele. Essa impressão contagiara-o de forma a obter, de repente, fragmentos de si próprio naquele sítio, que, se os recordasse fora daquele contexto rigorosamente preservado, e era esse o encanto, não teriam os mesmos contornos peculiares. O sortilégio que acontecia ali devia-se, sem dúvida, ao facto das mudanças, que as havia, não serem suficientes para desfazer a sensação de interrupção da progressão normal do tempo, de estagnação. E era essa espécie de viagem no tempo que transportava Edgar.

E foi debaixo desse efeito que concluiu definitivamente que a visão que ele tinha agora da ideia que tinha si próprio quando era jovem, era distinta da forma como ele se via nesse tempo. E era já para ele impossível recuperar o pensamento que ele tinha de si mesmo, ou do que quer que fosse, com o método de raciocínio que possuía nessa altura, pois esse perdera-o para sempre. A única coisa exacta que ele podia fazer era conjecturar, à mercê de todos os ardis e fantasias da memória, sobre o que ele pensava que era nessa época...

De todas as formas, qualquer daqueles animados jovens que o rodeavam estavam de certeza numa galáxia que não pertencia, nem de perto nem de longe, ao mesmo universo dele! Acontecia-lhe ficar possuído pela mesma curiosidade de sempre quando se via entre jovens. Gostaria de saber o que pensariam. Que acusações, que justificações. Que propostas. Que ideais, que utopias. Todavia, estava convencido que teriam muito pouco a ver com o imaginário que ele tinha quando, com a idade deles, por ali andava, sem ter a mínima noção do homem que viria a ser... do homem que hoje era. Ou talvez não... Afinal o que eram vinte anos em milénios de civilização. Não tinha Serguéi invocado intrinsecamente a actualidade de Heraclito, ou seus congéneres, de há dois mil e quinhentos anos, ao referir «o movimento» nos pensadores da Grécia Antiga? Talvez que tivesse mudado ligeiramente a encenação mas a peça a representar fosse essencialmente a mesma...

Edgar passou todo o dia com a reverberação da conversa que tivera com Serguéi. Achava agora que tinha sido influenciado subtilmente por aqueles momentos simples mas algo inesperados e sem dúvida fora da rotina. Pelo que

disseram, mas sobretudo, na sua ideia, pelo que não disseram, que muitas das vezes era onde residia muito do interesse da troca de impressões: do que fica na entrelinhas, no que fica adivinhado, no que se imagina do iceberg invisível que aquela pequena manifestação sugere. E tinham-no de tal maneira sugestionado que, estava certo disso, tomara aquela atitude fria e diplomática com o doutor do cartaz para o congresso dos juristas. Pois aonde teria ele ido buscar aquela impassibilidade, dispondo-se insensivelmente a deitar tudo a perder, senão a um estado de espírito apaziguado, até indiferente, quando tinha posto muito empenho e despendido muitas horas de trabalho naquele pequeno poster. Sim, estava na altura da reunião ainda vinculado mentalmente à energia de perseverança e paciência que Serguéi lhe transmitira. Sentira a sua invulgaridade. De tal forma que não tinha a mínima dúvida que ele ascenderia, mais a tarde ou mais cedo, a um lugar relevante na sociedade. Isso era para Edgar uma evidência.

Mas o que mais o impressionava era a asserção acerca da mobilidade e da expressão com que Serguéi rematara: «Tudo é movimento!...» Aqui Edgar parecia ouvir-se a si próprio. Como é que um indivíduo quase estranho, com quem começava a simpatizar à velocidade da fluência das palavras, lhe transmitia a mesma ideia que, nos últimos tempos, ele tinha constantemente no pensamento verrumando-o até à exaustão. «Tudo é movimento!...» dissera ele com a maior simplicidade e quando o disse, Edgar sentira um tremendo alívio, água fresca numa sede antiga, dando substância ao seu conceito, oferecendo a satisfação da identificação com alguém, o prazer da partilha.

Já anoiteceu. As ruas estão secas; os pequenos charcos da chuva de ontem transformaram-se em vestígios insignificantes. Os automóveis enchem as ruas de reflexos avermelhados, mais intensos pelas paragens constantes no tráfego impaciente da cidade. O lento movimento que às viaturas é permitido vai desgastando os redutos já ténues da tranquilidade dos automobilizados. Imbuídos na velocidade vertiginosa da sociedade electrónica, estagnando longos períodos a ansiar pelo descanso do recolhimento de um lar, alimentado as *forças negativas* que se foram acumulando ao longo do dia, os agoniados cidadãos vão-se cansando de o ser. Demasiado agastados para admitirem que talvez seja esta mesma a sua obra, que o que os importuna é o mesmo que já não podem prescindir. De outro modo, como iriam poder ser tão conformemente urbanos, irrequietamente possuintes, dissociavelmente cidadãos...

Há uma parte da cidade a que Edgar não pode escapar na sua corrida a pé, praticamente diária. Nos primeiros dois quilómetros ele está sujeito aos condicionalismos do sítio onde vive. Tem que se sujeitar, quando sai de casa, a esse percurso inicial onde a sua respiração é mais dificultada pelos escapes e a sua fruição mental menos liberta devido à confusão pouco inspiradora do trânsito insalubre do fim do dia. Contudo, está já habituado a essa primeira fase em que vai escapando à densidade para entrar quase abruptamente no sossego do parque que atravessa, para depois fazer a maior parte do circuito nas ruas pacatas e arborizadas de um bairro confinado aos seus moradores, ao qual dá duas voltas completas, antes de retomar o caminho de regresso, em tudo idêntico à vinda.

Há muitos anos que Edgar faz este percurso. A partir de que se instalou no andar onde vive agora e de que fez as primeiras corridas de reconhecimento nas primeiras semanas. Depois de duas ou três variantes iniciais, mais ou menos planas, acabou por eleger este trajecto. Nos primeiros tempos ainda variava de vez em quando pelos caminhos alternativos, mas depois desistiu. Agora percorre o espaço quase sem pensar na orientação, apenas detectando, e nem sempre, as mudanças que a evolução da cidade vai imprimindo à paisagem.

Esse exercício da corrida era imprescindível ao equilíbrio psicológico de Edgar. Ele tinha disso uma noção bem precisa. A salutar actividade física em si estava longe de resumir toda a série de rituais e virtudes concomitantes. Era uma enorme brecha no quotidiano, a entrada numa outra realidade, onde a velocidade de locomoção era mais rápida, a respiração mais acelerada mas ao mesmo tempo mais controlada, o esforço muscular, cardiovascular, respiratório, significativamente acrescidos. Enfim, um sem número de alterações biomecânicas que, num esforço regular e continuado, aumentavam de tal forma a sua qualidade de vida que, depois de adquirido o hábito, difícil seria passar sem ele, pelas imediatas consequências adversas. Mas mais do que isso, Edgar sentia-se transpor as rotinas diárias através doutra dimensão. O sistema de referência desenhava-se logo que ele se começava a equipar, ritual indispensável a uma boa corrida. Aí os seus gestos tinham um objectivo bem determinado e a precisão era importante para que se sentisse confortável o tempo todo do exercício, sobretudo nos cuidados com o calçado. As sapatilhas teriam de ser convenientemente atacadas para não ter de parar para apertar os cordões, o que seria uma quebra desastrosa no ritmo, sem contudo se tornarem demasiado apertadas, o que tornaria o andar desconfortável. Sim, as sapatilhas eram muito importantes, não fossem

elas o meio de contacto com o solo, o principal e único “aparelho” da actividade. Nessa “abertura” de vestir o equipamento, a par dos movimentos da reconversão do vestuário, o corpo e a mente estavam já a programar-se para outras cadências, outros ciclos. A predisposição quando acabava de se equipar era já total e Edgar podia imaginar-se a correr. A partir daí, era uma espécie de aventura. Ver-se passar por sítios assíduos numa atitude diferente, tendo uma percepção cinematográfica distinta, própria da velocidade, da locomoção... quase cinematográfica. Só por si esse fenómeno era agradável, mas a maior das vantagens que Edgar atribuía à sua disposição de correr tinha a ver com a reflexão que esse movimento lhe proporcionava, não fosse ele um cultor do pensamento...

Quem o visse a correr quase todos os dias diria: «Aí vai um atleta, um homem que se preocupa com o corpo» Porém, no caso dele, embora o corpo fosse importante, apenas em parte tinha a ver com o seu objectivo. Para além do propósito trivial de se «manter em forma», Edgar não só lhe parecia que para pensar, com objectividade e clareza, necessitava daquele exercício regular, como também achava que havia um estrato do seu pensamento que só lhe era acessível através daquele tipo de deslocação. Em particular, existia uma espira de meditação que apenas lhe surgia nessas circunstâncias. Nem em todas as vezes subia a espiral da meditação até esse ponto, mas quando isso acontecia sentia-se plenamente compensado por todas as outras ocasiões em que nada atingira, tanto mais que, de uma maneira ou de outra, mesmo não havendo quaisquer ideias dignas de nota, durante o percurso da corrida, fosse pela circulação sanguínea, pela oxigenação, pelo incremento na velocidade de diversas actividades biológicas, fosse pela atípica postura social, pela informalidade, fosse pelo que fosse, todo o raciocínio fluía numa corrente mais límpida, com um rumo mais consciencializado, através duma trama mais trabalhável.

Não podia comparar a lucidez obtida na corrida a pé com qualquer outro tipo de actividade. Edgar gostava, é certo, da sensação de conduzir a mota, e em particular a velocidade trazia-lhe emoções exclusivas, pelas indubitáveis doses suplementares de adrenalina... mas, para ele, nada se assemelhava à lógica imbatível, ao optimismo edificante, ao pináculo da convicção, granjeados no entendimento adquirido pelo acto da locomoção célere. Os pensamentos mais profundamente inspirados a que Edgar teria tido acesso, à excepção de conclusões dispersas no decurso da *cogitação paralela* em certas leituras de livros, seriam talvez esses ao correr a pé, numa espécie de liberdade física e mental; despidos de

qualquer função social e aplicados à simplicidade da competição exclusivamente consigo próprio; entregues ao desafio por uns segundos a menos que a vez anterior, ao gozo de um momento de dedução esplendidamente elucidativo, ou tão-somente à confirmação da sua estabilidade atlética.

Nem sempre Edgar se preocupava com a sua condição física. Fora adquirindo a atenção consigo próprio, nessa matéria, como aliás em tantas outras, através de uma aprendizagem individual relativamente árdua. No momento mais propício, em que seria fácil seguir os conselhos dos mais velhos e ensinamentos dos professores, enquanto fora novo e estudante, ele tinha-se revelado um dos mais caprichosos e obstinados jovens de entre os seus colegas. Nunca tomou como válida a palavra dos seus mestres. Não é que não lhes desse atenção, pelo contrário, Edgar foi sempre dos melhores alunos das turmas que frequentou. A questão não era tanto a de não absorver os ensinamentos: a sua curiosidade invulgar revelou-se desde muito novo. Mas o problema era acatar como válidos e procedentes os enunciados dos outros. Os próprios pais sentiram sempre algumas dificuldades, relativamente aos seus irmãos, na sua educação. Em criança, sendo muito brioso, a sua pertinácia exasperava os mais pacientes. Tornou-se muito rebelde, embora à sua maneira, de uma forma inteligente, contornando as contundências e evitando as represálias. A sua forma de ser contribuiu, naturalmente, para que os amigos escasseassem. Nunca fora de ter muitos amigos...

No liceu e na faculdade a sua propensão para não tomar ensinamentos para si era a sua forma de estar. A sua mais natural atitude perante tudo era a dúvida, a desconfiança, a descrença. Edgar só assimilava realmente as conclusões a que chegava por si mesmo. Numa tarefa trabalhosa, com métodos que ele forjara, tratava tenazmente as ideias que se lhe apresentavam interessantes, para o mais das vezes rejeitar, sobrando-lhe os argumentos, e outras mais raras para fazer reciclagem, após reciclagem. Quando as tomava como suas, se ainda lhe restavam dúvidas, procurava por todos os meios por à prova a sua consistência. Muito pouco restava para o que Edgar admitia, de forma cabal, ser da sua aceitação ou adopção.

No entanto a vida ensinou-o a tornar-se afável e atencioso, no trato genérico banal com os seus semelhantes, poupando-os às suas impertinências, por consideração e como forma de sobrevivência pacífica e economizadora de energia. Contudo, Edgar gostava de encontrar amigos, aqueles com quem podia

realmente ser ele, obstinado, singular, insatisfeito, mas pronto também a aceitar os outros pelo que eram. Contudo, eram muito poucos os que deparava susceptíveis de acompanharem a sua extravagante vivacidade.

Se foi ganhando docilidade social com os anos, sendo o mais das vezes compreensivo com os outros, não se conformou às “sabedorias” e “visões” disseminadas do seu tempo. Nunca deixou a sua inquietação intelectual, as suas dúvidas permanentes e a constante busca de conhecimento.

De forma que, quando se tornou um artista comprovado, não se lhe conheciam tendências ou correntes em que gostasse de se incluir. Mesmo os críticos e admiradores não eram concordantes nas classificações usuais. Também não tinha qualquer tipo de propensões especiais, ou por clubes desportivos ou por qualquer outro tipo de manifestação de tendência associativa. Ninguém saberia elucidar com precisão que tipo de simpatias Edgar nutria pelos grupos políticos. Para alguns colegas e artistas na empresa de artes gráficas, onde trabalhava avançado, ele era uma espécie de orgulhoso extravagante, para outros era um simplório esquisito com sorte. Porém, para dois deles, ele era tido como um artista de talento e um homem com um carácter admirável.

Edgar tinha começado a correr já depois dos trinta. Um dia tivera que correr para apanhar o comboio em Lisboa, Santa Apolónia, numa viagem de regresso ao Porto. A sua forma física deixara-o ficar mal. Não tinha conseguido vencer o tempo, ficando completamente exausto e perdendo irremediavelmente o comboio. Não achou plausível o seu comportamento. De tal maneira que a viagem que fez no comboio seguinte ficou-lhe para sempre na memória. Veio todo o tempo a cismar naquele percalço, na sua inabilidade, na sua inépcia relativamente à sua forma física. Ainda chegou a pensar que podia ser questão de saúde. Edgar tinha aversão aos médicos, tinha horror a tudo que tivesse a ver com a medicina. Costumava dizer sempre: «Estamos tanto melhor quanto mais longe estamos de médicos e advogados» Só nas últimas Edgar recorria aos serviços do médico. De maneira que mais uma vez aprendeu à sua custa. Começou por uma tentativa cautelosa, experimentando caminhar em passo apressado, durante um par de quilómetros. Passado um mês já estava a correr sem grande esforço, quatro a cinco quilómetros, umas três vezes por semana.

A partir de certa altura começou a ler tudo o que apanhava que se relacionava com a corrida. Nas livrarias, mais tarde na *Internet*, nada era demais para a teoria que acompanhava a sua, cada vez mais, prática física de eleição. E

foi-se aproximando, tanto quanto possível, ao programa ideal para a sua idade e modo de vida.

Hoje em dia Edgar regozijava-se ao pensar naquele benfazejo dia em que sucumbira perante uma corrida de quinze minutos até à estação de Santa Apolónia. Não restavam dúvidas que, também neste caso, as suas rotinas estavam erradas e desadequadas a um desempenho razoável do seu corpo. Deixara-se submergir pelo entorpecente quotidiano dos automobilizados urbanos, não contrariando os efeitos nefastos dum prolongado desprezo pela manifesta carência. «Só mesmo um ser excepcionalmente dotado não necessitaria de manutenção dos seus *aparelhos motores*! E apenas um néscio como ele não compreenderia nisso...»

Hoje, como nos outros dias, já sentia a humidade do suor por todo o corpo. Os músculos iam já completamente quentes e o movimento absolutamente mecanizado, parecendo-lhe quase autónomo. Lembrou-se que fez os últimos metros completamente absorto. Não tinha consciência nenhuma dos sítios por onde passou. Apenas a memória que tinha dos lugares, por demais conhecidos, lhe dava um relato instantâneo.

Frequentemente, quando corria, Edgar meditava na sua mobilidade, metáfora de todo o movimento. Como o passado, o que deixava de ser, era já algo transformado em lembrança, em imprecisão da memória, realidade aparente. Na forma como um passo que dava era logo inexistente, transformando-se de imediato no passo seguinte. E que não conseguia aprisionar o momento, o momento que passava, pois ele não era o passado que se dissipou, nem o futuro em que imediatamente se dissolveu. Essa visão um tanto matemática do infinitamente pequeno, do instante presente, ou do *continuum* instante presente, que o movimento transmitia. Do momento presente a desprender-se do passado e a converter-se em futuro. Ao correr, essas imagens tomavam outro relevo e os raciocínios eram contagiados por essa dinâmica. O presente... parecia ser qualquer coisa esmagada entre o passado e o futuro. Porque o seu movimento, patente na sua memória dum passado imediato e na sua previsão de um futuro imediato, era no presente, em cada instante, que o consciencializava. Esse presente, tornado assim consciente, por mais instantâneo que fosse, tinha forçosamente que conter em si passado e futuro, porque se assim não fosse era impossível coordenar a sua corrida... A deslocação seria independente em cada instante... e o movimento seria desgovernado! Fosse como fosse, para lá de todas

as divagações e especulações, o presente distinguia-se por um atributo singular: era o lugar onde a consciência se manifestava. A consciência vivia permanentemente no presente. Sim, a consciência era o eterno presente!...

Tudo se resolvia aí, nesse imponderável presente. Embora se alimentasse de passado e se animasse de futuro, era esse o admirável momento onde a consciência fluía. Uma *corrida* impregnada da recriação incessante do *acumulado sucedido*, para a percepção de um *trampolim* de representação do *real* instantâneo, no salto imediato para o devir. Devir esse, naturalmente, consequência da formulação e posicionamento do salto, ele próprio transformando-se logo em presente real instantâneo, para se transfigurar imediatamente a seguir em *acumulado sucedido*.

Esse raciocínio, na sua aparente simplicidade, arrebatava Edgar. Aliás, fora essa lógica de sucessão subtil em que ele penetrava que estivera na origem do seu interesse pela reflexão sobre o tempo. Tinha sido por aí que ele começara a questionar a natureza do tempo. Onde ele se apercebera que o que parecia ser simples era, na verdade, de extrema complexidade para a sua mente, um tanto viciada no tempo cronométrico. De tal maneira que depois deu por si a duvidar das concepções que apreendera e que admitia como dados adquiridos.

Um dia acontecera ficar espocado na montra de uma relojoaria da *baixa*, até ao ponto de vir alguém de dentro da loja e lhe perguntar se não estaria interessado nalgum relógio... Ele olhara para a pessoa como se ela aparecesse de repente vinda de outro tempo, de outro lugar, como se não pertencesse de todo ao seu universo. Tão longe o levava o pensamento! Mas afinal, ele não... não queria nenhum relógio, mas «já agora... ele gostaria de saber se era vulgar existirem relógios como aquele... Aquele ali, ao lado do *Ómega Speedmaster*, com os ponteiros romanos pretos e fundo branco...» E o senhor da loja não soube o que ele queria significar com o «se era vulgar», não entendera a dúvida. Edgar explicou: «Sim, pelo menos para mim é invulgar... é a primeira vez que vejo um assim... está a ver o ponteiro dos segundos... o ponteiro comprido dos segundos roda continuamente, não faz intervalos em cada segundo... é um movimento ininterrupto, pelo menos à vista desarmada...» E o lojista ficou um tanto admirado com a incredulidade de Edgar: «Ah, sim... não há muitos, mas vai havendo... sabe, é outro tipo de mecanismo...» Pois, mas para Edgar aquele era um mecanismo que o perturbara, revelando-lhe a enorme ignorância em que tinha vivido todo esse tempo. Talvez até tenha visto outros relógios daquele género, mas nunca a circunstância o fez pensar, o permitiu enquadrar na essên-

cia da questão: «O tempo... era ele contínuo ou descontínuo?» O tempo com que estávamos habituados a conviver, que ia decorrendo durante as nossas vidas, medido em horas, minutos e segundos, saltava, não importava quantificar o salto... Passava de alguma maneira de um ponto para outro, como nos ponteiros dos segundos dos relógios comuns, ou, se pelo contrário, era um movimento contínuo que ia fluindo sempre como um rio que corria sem parar?

Fora esse problema que levava Edgar a ficar parado diante da montra da relojoaria. O relógio, já nem se lembrava da marca, tinha pouca importância. O que era realmente significativo era o mundo de preconceitos que desabava e uma quantidade de dúvidas pertinentes que se juntavam à sua curiosidade. Já que Edgar não saberia responder à interrogação sobre a continuidade ou descontinuidade do tempo, quer recorrendo à sua intuição, quer aos seus limitados conhecimentos científicos.

Portanto, no início, quando se enamorou pelo tema do tempo, abriram-se-lhe uma série de portas que estavam fechadas até aí, e, só pelo facto de as abrir, os assuntos relacionados começaram a entrar naturalmente. Como na sabedoria oriental: «Quando o discípulo está pronto, o mestre aparece!» Edgar começou então a penetrar nessa vastidão indómita. E afinal, aparentemente, tudo começara numa corrida a pé!...

Hoje, ao entrar no elevador para o seu sétimo andar, não se sentia particularmente cansado fisicamente. Mais uma vez pensou, ao rever mentalmente o trajecto, que havia muitas partes de que não se lembrava, tão distraído, ou antes, concentrado, tinha passado por esses trechos. Sentiu uma vontade irresistível de estar defronte do seu cavalete, não sem uma boa música por companhia. E esse era já um aliciante para depois do seu frugal jantar: a selecção musical que escolheria hoje. Que tipo de música seria a mais conveniente para acompanhar o seu ultimato aos fundamentos daquilo que havia de ser a composição pictórica a que chamaria talvez, quem sabe, «dinâmica atemporal». Um belo paradoxo! A música era importante! Quantas vezes Edgar fizera, voluntária ou involuntariamente, depender a sua vida dum pequeno verso de uma simples cantiga, para ele definitivo, ou apenas uma, para ele saborosa, harmonia instrumental. Mas hoje... depois logo se via. No momento exacto a inspiração ditaria. Não adiantava fazer grandes planos. Confiaria no instinto de momento. E até lá deixou-se entreter pelos prazeres tonificantes do duche, os apetites de um estômago impaciente e os afazeres, que nunca faltavam nem nunca terminavam, da lida doméstica...

Quando Edgar se postou em frente à sua tela ainda esteve alguns minutos em silêncio, não saberia dizer quantos, pensando em como poderia então imprimir, ao seu trabalho plástico, a ideia final de separação do tempo e do movimento. Era curioso como precisamente hoje se tinha defrontado com os dois tempos e dois movimentos que lhe davam mais que pensar. E essa coincidência dava ainda mais significação ao assunto.

Mas isso era frequente acontecer-lhe. Quando andava com o cérebro às voltas, embrenhado com algum tema exigente, os acasos significativos sucediam-se... Como se a sua energia pensante captasse ou fosse captada através da intensidade que punha na matéria em causa. O certo era que, no dia em que decidira encerrar o universo conceptual básico da tela que tinha em mãos, esbarrara na conversa com Serguéi, em que ele lhe transmitira o que Edgar queria de sobremaneira revelar no quadro: «Tudo é movimento» E também como Serguéi personificava o tempo arrastado, insistente, da mente perseverante, com fé em si própria, construindo a antítese intemporal duma perseverança tenaz. A par disso, tinha sido também hoje, em que queria avançar para a dimensão mais plástica, resolvendo a representação do tempo e do movimento, que tinha sofrido, a propósito da recusa do seu poster, o impacto feroz do tempo voraz, do seu tempo quase palpável, gráfico, o mais patente possível, o tempo de equação económica, onde o saber era apenas mais um meio para um fim imediato... O tempo absolutamente circunscrito ao hiato accidental sociopolítico da realidade nua e crua. A História dos nossos dias. Colado portanto ao movimento ideológico das opções estratégicas das sociedades actuais. Um movimento compacto, com velocidades estruturais próprias, progressivamente mais rápidas, e no entanto movendo-se com a lentidão *paquidérmica* duma imaginação pobremente limitada, com fórmulas cansadas, incapazes de um tempo para a paz, para a concórdia, e enfim, caracterizando um movimento sempre obscenamente desequilibrado, aturdido pela fome, deslumbrado pela abundância. Quem sabe, talvez este tempo corrompido sofresse já do que o faria desaparecer, que o faria implodir de iniquidade até que a consciência sucumbisse. E então aí ficaria entregue à sua verdadeira inexistência que nunca deixou de possuir. Cessaria a consciência do abstracto tempo existente, na verdade concretamente inexistente!

Era interessante pensar que, se calhar, nada disso tinha a ver com coincidências, mas sim com a forma como a sua imaginação interpretava a realidade, dando-lhe os matizes necessários para se combinar com as suas fantasias inte-

lectuais, para dessa forma atear mais o fogo do seu solilóquio. Edgar estava friamente consciente que esse mundo das coincidências significativas e acontecimentos correlativos não passavam de meras probabilidades na colecção das sensações susceptíveis de serem catalogadas no arquivo do extraordinário. Fosse como fosse, ele procurava não dar demasiada importância a esses factos, até porque não podia de imediato estabelecer uma teoria satisfatória para eles. Então relegava-os para um plano relativamente leviano, usufruindo apenas dos jogos de memória e de associação que daí advinham, para melhor fundamentar os raciocínios. Quanto ao resto pensava sempre: «Um dia hei-de me debruçar sobre esses fenómenos psíquicos de interligações atípicas...» E não deixava de tomar nota mentalmente sempre que sentia esse tipo de conexões mais ou menos inexplicáveis. De quando em quando esboçava uma conjectura, mas até aí, protelara sistematicamente o que lhe parecia demasiado exigente para entrar assim de rompante...

Ao fim de algum tempo decidi a música que queria escutar: Chopin, Frédéric Chopin. Sim naquele momento teria que ser Chopin. E em particular os estudos. Procurou e encontrou um CD com os estudos “op.10 & op.25.” Sim perfeitamente. Entraria na busca da serenidade que Chopin lhe induzia...

Acabou por decidir que teria que representar um segundo plano no quadro, como pano de fundo do plano onde decorria a narração alegórica da especulação sobre as categorias possíveis do tempo. Assim, por detrás da figura que caminhava vir-se-ia a vislumbrar um espaço, quase monocromático, de aparência cósmica, através das fendas que iriam existir em primeiro plano, como se este fosse um solo rachado irregularmente por motivo de uma seca extrema. Essas fissuras não só contribuiriam ainda mais para a sensação pretendida de fragilidade, de desagregação, como evidenciarão o seu carácter imaginário perante a sobriedade estática do espaço que por meio delas se franquearia. Isto daria, se conseguido (o que exigiria por certo algum esforço...), o efeito pretendido. Depois, para que o movimento fosse o protagonista, aquele que saltaria à vista como rigorosamente imposto na tela, existiria também uma fita irregular com certa espessura, com semelhanças com as imagens do ADN, em espiral dupla, que perpassava todos os pontos de maior evidência cinematográfica, espiralando-se em ilusão tridimensional ao longo de todo o rectângulo pictórico. Daria também a impressão de não ter princípio nem fim “entrando em cena” aleatoriamente, da esquerda para a direita e vice-versa.

Uma das maiores dificuldades seria conseguir “contar toda a história” sem criar um resultado visual pesado, porque apesar dos vários elementos dificultarem a simplicidade global, essa era uma opção essencial. No final, havia que conseguir uma sensação de leveza, de imponderabilidade, de uma beleza quase diáfana. Isso era muito importante para Edgar. E ele estava ciente do trabalho que aquilo que ele imaginava poderia encerrar. Mas isso era ainda outra questão...

Era tarefa complicada conseguir esboroar o tempo e enaltecer o movimento, uma vez que na mente de qualquer um a associação é imediata. O movimento era indissociável do tempo, sendo um exercício quase antinatural imaginá-los separados. Mas a conclusão da sua especulação filosófica, de que queria fixar memória plástica, era precisamente essa: a separação total do movimento e do tempo. Sendo que a realidade última seria o movimento. Se a inexistência do tempo era a sua dúvida que se tornara certeza, o movimento era a sua certeza que não se tornara dúvida...

Sem criar novos termos (o que também não estaria fora de causa...), usaria, para já, os vocábulos existentes. Porque movimento sem tempo talvez exigisse outro nome. Todavia, Edgar concebia o tempo como ferramenta do homem para medir ou denunciar as manifestações do movimento que ia descobrindo, assinalando, tornando mais ou menos mensuráveis, ou apenas definindo o modo da sua natureza incerta. Esse era o tempo do homem: “à sua imagem e semelhança”... A sua criação. E de que outro modo haveria de ser?

Porém o movimento, no sentido *heraclitiano*, e daí o seu deslumbramento pela expressão de Serguéi, a mudança permanente, a transformação continua, o fluir constante de tudo o que existe, não carece necessariamente de tempo. Quando muito, o tempo serviria, pobremente, para sossegar as mentes mais inquietas, estabelecendo uma compreensão razoável das suas efemeridades.

Todavia na mais gélida, granítica, estaticamente imperturbável estátua, havia um movimento imperceptível de interacção constante que a desgastava e consumia incessantemente até ao seu desaparecimento total. E quando se contemplava a sua beleza plástica, em absoluto repouso aparente, era sabido que no seu interior as moléculas e átomos se movimentavam irrequietamente, buscando sem descanso uma qualquer forma de combinação e de obtenção de novas estabilidade. Metaforicamente, a estátua (e aí estaria um bom pretexto para um outro trabalho), na sua imobilidade, dava-lhe bem a projecção para a noção do movimento de tempo indeterminado. Daí podia voar para outros espaços até che-

gar sempre ao movimento, enquanto a alteração, regressão, evolução, expansão, contracção, vida, morte, pensamento, sonho, eternidade, universo, eram tudo conceitos que perdiam a estribeira do tempo, mas, mesmo nesse tempo inconcebível, inexistente, a sua modificação ininterrupta, o movimento, era evidente...

Desaparecesse a concepção do tempo, a possibilidade de o pensar, a espécie que o tornou mensurável, constante, relativo, aleatório... Se extinguisse a raça humana, a expansão do universo se acelerasse de forma incontrolável, caótica, ou, uma qualquer degeneração levasse a um colapso global, a uma regressão estonteante de todos os universos possíveis e inimagináveis para os estados primevos, em que espaço e tempo não mais seriam inteligíveis... De todas as maneiras, o movimento estaria lá! O movimento que tudo sustém, a inexorável transformação, era uma evidência. O movimento não precisava de referencial externo. O movimento era apodíctico. A evidência era que «tudo se move e não se movendo não se conserva, não persiste, não é. Porque se é, move-se.»

Cada vez mais agradava a Edgar a ideia de se livrar do tempo. Ao eliminar o tempo da sua cosmologia, os conceitos de princípio e de fim perdiam implicitamente todo o sentido. Não teria existido nenhum princípio nem nunca haveria um fim para o universo. Esse axioma por si só fazia desaparecer um sem número de problemas metafísicos e afins, racionalmente irresolúveis. Sim, essa necessidade falaciosa estava de vez eliminada, pois não sendo o tempo um atributo do universo, o instante inicial, os instantes sucessivos, ou sequência de instantes (ou mesmo sequência de sequências de momentos), parcialmente mensuráveis ou não, e o instante derradeiro, não tinham, quaisquer deles, algum significado. Pois se tudo que o rodeava (Edgar não via excepção), não tinha nem origem nem termo, topando-se em tudo com a lei do grande Antoine Lavoisier: «Na natureza, nada se cria, nada se perde, tudo se transforma» E realmente essa Lei, enunciada no século XVIII, cada vez fazia mais sentido. Tudo se transforma incessantemente, «tudo é movimento». Introduzir fosse que espécie de tempo fosse, ele seria sempre parcelar, adequado ao sujeito (o que quer que este fosse), interpretável segundo cláusulas transitórias.

A um objecto que se moveu sempre, que se move agora, e que sempre se moverá, que tempo pode ser atribuído para caracterizar o seu movimento? Apenas em parcelas limitadas do seu percurso poderia ter algum nexos falar de tempo...

De repente, Edgar teve um sobressalto ao pensar no “seu tempo”, nas horas (e sorriu consigo mesmo do caricato paradoxo...), pois lembrou-se que

teria que receber um telefonema de Rogério sobre o seu regresso de Amesterdão. Teria que confirmar a sua vinda para o ir buscar ao aeroporto. Já eram quase dez da noite e o voo era às onze. Por esta altura ele devia estar a telefonar... Edgar notou que despertara do seu *sonhar acordado* precisamente na hora a partir da qual tinha pensado, no dia anterior, que começaria a preocupar-se.

Como o homem vivia agarrado ao seu tempo... ao seu cronógrafo psíquico, à cronometria humana essencial. A sua glória e a sua miséria! Era bem uma invenção do Homem indispensável à evolução da espécie. Relatar a História da humanidade era mergulhar no tempo e nas suas múltiplas formas. Na referência do sistema solar, dos anos... o calendário. Na progressão do conceito de tempo, ele mesmo uma transformação contínua. A aceleração vertiginosa (ou talvez não...) da ciência e da técnica, o desenvolvimento e a invenção a empurrarem as sequências comportamentais. E os novos procedimentos a impelirem a expansão do conhecimento... O Homem não existia sem o seu tempo, sem os seus tempos. Era praticamente inseparável dos ritmos padrão que fora estabelecendo para si, mediante a sua necessidade e a observação do movimento, parcelando-o, classificando-o, caracterizando-o, definindo-o em suma. Criando o tempo. O concebido, mensurado, humanizado, conveniente, abstracto tempo!

Contudo, a instabilidade, a mudança, ou seja, o movimento de que o Homem era feito e que o gerara, era vital à coerência dos universos que formava seres dinâmicos mais ou menos inteligentes, alguns susceptíveis como ele, Edgar, de se colocarem ao lado das coisas — e não em qualquer posição antropocêntrica — para dessa forma tentarem obter a maior liberdade de pensamento possível.

E o telemóvel não tocava. Edgar certificou-se do estado da bateria. Sim, estava tudo perfeito... E mudo. Mais uns cinco minutos e seria ele a telefonar. Não aguentava ficar em suspenso por muito mais.

Era um facto, continuava ele na sua meada, que o Homem não abdicava da sua situação de herói. Tanto individualmente, como antropológicamente. Também não havia muito tempo que deixara de ser o centro do universo de forma cientificamente comprovada. Contudo continuava hoje em dia a pensar-se, genericamente, a inteligência soberana, a excelsa razão. Esquecendo até que as repugnantes misérias do seu insignificante planeta estavam por resolver. Como poderia ambicionar ao que sempre fora o mais empolgante desígnio da humanidade: a aventura do conhecimento, a viagem ao desconhecido. Pela

ciência, pela técnica, sobretudo pelo desejo de saber. Lançando-se talvez numa grande vontade colectiva de conhecer. Numa energia arrebatadora de viajar, para dentro de si e para longe, para muito longe, para cada vez mais longe, no *seu espaço* e no *seu tempo*. E cada vez mais perto da sua verdadeira natureza cosmológica. Quem sabe não faltaria ao Homem um grande projecto planetário íntegro? Mas aí Edgar hesitou, e o seu raciocínio abrandou, como sempre lhe acontecia no campo mais delicado da organização da sociedade. Porque, para uma vontade colectiva genuína, despojada, suficientemente abnegada e solidária, era preciso inventar, esperar outro Homem... Quiçá outro tempo! Já que este parecia “ter o pêndulo danificado”... A espécie mais evoluída do planeta parecia ter uma vocação mórbida para a hegemonia territorial, étnica ou ideológica e para uma espécie de *concorrência vital* aparentada com a das espécies mais primitivas. Talvez que, apesar de aparentemente sofisticada, a Humanidade ainda continuasse a comprovar os mais elementares enunciados de Darwin, submetendo-se irremediavelmente aos seus instintos.

A música continuava a encher a sala. Às vezes sozinha. Edgar elevou um pouco mais o volume do som. Não havia dúvida que era preciso concentração para a música. Principalmente a clássica. Para ele era difícil concentrar-se de fio a pavio numa peça: os sons serviam-lhe de indutores de pensamento. De tal forma que quase podia escolher o tema do pensamento, bastando-lhe para isso seleccionar o género da música adequado. Mas mesmo que se desconcentrasse e deixasse de atentar no som, se por acaso a música parasse, Edgar também estava. Era uma presença imprescindível. De qualquer forma e feitio ela não podia estar ausente da sua vida. A música era a sua mais aturada companheira!

E, de súbito, o som do telemóvel veio invadir todo o ambiente. Edgar deixou tocar duas ou três vezes antes de agarrar o aparelho. Depois, devagar (ele apostava noventa e nove em cem em como sabia quem era...), dirigiu-se à mesa do computador onde estava pousado, e leu no visor: «Rogério G.» Finalmente, Rogério dava sinais de vida.

10. Acaso

Nem por isso o aeroporto de Schiphol está muito frequentado a esta hora. Respira até um certo ar calmo. Não são demasiadas as pessoas que circulam para aqui e para ali, com ar compenetrado. Se bem observadas saber-se-á dizer quais as que acabam de chegar e as que vão ainda partir. De todas as formas, não se vê ninguém a correr neste momento, nem tão pouco a apressar o passo. Sobretudo os que se espalham pelas mesas dos bares e restaurantes têm um aspecto totalmente descontraído. Alguns esperarão longo tempo pela sua hora de embarcar e isso nota-se na sua maneira distendida de estar. Grande parte encontra-se com certeza em trânsito, fazendo a transferência para outros destinos, acatando a rigidez dos horários. De uma forma geral, a boa disposição impera por todo lado, com a contenção habitual dos sítios públicos, naturalmente. Existem, com é de esperar, algumas excepções, poucas, aqui e acolá, em que a propósito da viagem revela a existência de um qualquer justificação mais dramática. E depois há os que viajam porque a profissão a isso obriga, que aqui em Schiphol são bastantes e nem todos são facilmente detectáveis.

Um casal, com dois filhos pela mão, vem caminhando pelo recinto comercial mais concorrido. Pela atitude, pela indumentária e pela forma como se arranjam não será difícil de estabelecer que são holandeses de Amesterdão, de partida para férias para qualquer ponto do mundo. Ele, muito loiro, de cabelo comprido, não demasiado, vestido completamente de ganga e com umas botas vermelhas de sonoros tacões, que o vão anunciando pelo ruído que provocam no pavimento. Traz uma menina, dos seus seis, sete anos, pela mão, que parece uma boneca, de tão bonita e garridamente vestida. A mulher, talvez um pouco mais velha que ele, vem mais à frente, de mão dada com o filho que deve ter à volta de dez, doze anos. Em muitos países seria considerada muito extravagante a sua maneira de vestir, mas não aqui na Holanda, onde a liberdade de costumes é doutrinária. A sua saia é extremamente curta, mas as pernas estão bem protegidas por umas meias de algodão grosso de cor amarelo-torrado. O cabelo,

na rebeldia do seu intencional corte desigual, tem madeixas de várias cores. A sua camisa, revelando claramente a inexistência de soutien, vai aberta generosamente. Mesmo que os vários colares que lhe caem sobre o decote constituam um adorno de resguardo parcial, o efeito é estrondosamente sensual, incitando a curiosidade do mais tímido. O casaco, também de ganga, mas forrado a pelo branco, permanece aberto de par em par, dando-lhe contudo um toque agradável de aconchego. Curiosamente, o rapaz, que tem uma aparência bastante sisuda, é a figura mais formal do pequeno grupo, embora a sua formalidade não deixe também de constituir uma singularidade, pois está vestido de fatinho completo, parecendo um *executivo* em ponto pequeno.

Os quatro dirigem-se para o convidativo restaurante, repleto de anúncios coloridos, onde está Rogério que os seguiu e observou desde que os focou na sua amplitude visual. Acomodam-se numa mesa precisamente ao lado da mesa onde ele está. Quando se sentam sorriem-lhe ao de leve. Ele retribui e aproveita para limpar as lentes dos óculos vagarosamente, concentrando-se de forma a ser mais fácil deixar de ser o curioso observador que vem sendo até ali.

Rogério acabou de limpar as lentes e lembrou-se que ainda não tinha telefonado a Edgar. Já era a terceira vez que se lembrava, todavia por uma ou outra razão não o tinha feito até agora. Depois de ter encomendado um jantar ligeiro voltara a sentir o dever imperioso de o fazer, mas distraiu-se mais uma vez com aquele grupo familiar assaz colorido. Levou então a mão ao telemóvel e procurou a memória do contacto de Edgar. Depois da rápida conexão ouviu de imediato do outro lado:

— Sim, Rogério, já estava em cuidado!

— Pois é, tens razão. Mas não há qualquer alteração ao combinado. A chegada está prevista para a meia-noite e trinta e cinco. Hora local aí no Porto, claro. Saio daqui às onze... em Portugal é uma hora a menos...

— Sim, mantém-se então tudo conforme tínhamos falado. E quanto ao resto? — Edgar provocava Rogério num tom carregado de subentendidos — Ontem à noite não te perdeste?...

Rogério respondeu evasivamente, dando-lhe contudo a entender que mais tarde, quem sabe, talvez se abraße. E não se alongaram muito mais.

Era interessante como Edgar o interrogava com alguma malícia parecendo pressentir alguma coisa. Como que adivinhando a sua aventura renovada. Mas a intimidade entre eles gerava essa espécie de telepatia e isso acontecia fre-

quentemente e com naturalidade. E um amigo era assim mesmo. Era presumível para Edgar o que Rogério tentara na noite passada, depois do relato apaixonado que ele fizera da última estadia em Amesterdão, há dois anos atrás.

Aliás, não era preciso muito. Rogério tinha Edgar como uma pessoa de invulgar perspicácia. E achava até que ele próprio seria das poucas pessoas a poder avaliar a real dimensão da imaginação do amigo, porque conhecia a sua personalidade, difícil de perscrutar numa relação banal. Mas ele, que o conhecia há vinte anos, sabia bem a complexidade e argúcia singular da sua mente, que, se lhe conferiam muita facilidade para se relacionar, também o deixavam marginalizado quando as relações se aprofundavam, já que a maior parte das pessoas não entendiam as suas posições, achando-as extremadas, próprias de um «artista», diziam. Desconheciam quão amante da ciência e da precisão ele era e quão rigoroso consigo próprio e com o mundo ele se esforçava por ser.

Edgar adorava ler as biografias dos grandes cientistas da História da humanidade e de conhecer o seu pensamento. Não raro punha-se a estudar assuntos científicos para os quais não estava devidamente preparado academicamente, o que lhe exigia grande entrega pessoal. Era muito cioso do cumprimento das suas obrigações, de todo o tipo. Tinha uma particularidade que Rogério não conhecia a mais ninguém: relacionava-se com os números de uma forma que se diria gnóstica, dando-lhe a impressão que ele associava significados diversos aos números, o mais das vezes de alguma transcendência. Como se os acontecimentos, para ele, tivessem sempre um qualquer número associado, que simbolizava algo de místico. Rogério nunca conseguira que ele se abrisse muito sobre essa faceta.

Ultimamente já nem dava indícios dessa predileção, talvez por treinar a discrição relativamente às suas preferências herméticas. Porque Rogério sabia que ele continuava na mesma. Era como se, para além dos dados de qualquer situação vulgar, ele introduzisse mais um dado acessório (para ele essencial...) representado por um número. Rogério sempre desconfiou que ele fosse apologista de qualquer filosofia de tipo pitagórico, mas nunca conseguiu descortinar ao certo. Quanto mais tentava penetrar no assunto mais Edgar se esforçava por ocultar a sua tendência e disfarçar a suas atitudes misteriosas.

Numa ocasião, numa das primeiras constatações de Rogério, ele contrariara-o por causa da sua insistência na escolha de um quarto de hotel, numas férias que fizeram em conjunto:

— Mas Edgar porque teimas por causa do número do quarto, quando a senhora te diz que são quartos exactamente iguais?! — A recepcionista mostrava-se já pouco à vontade...

— Como podes dizer que são iguais. Então não vês que o número é diferente?

— Mas que importância tem o número?

— Tem toda... Tem toda a importância! — Edgar mostrava-se impaciente, mas ao mesmo tempo notava-se que não queria explicar-se, que queria calar-se, mas não se conseguiu conter completamente e ainda deixou escapar:

— O número é essencial. Se for este número horrível que a senhora me quer dar, as minhas férias não vão ter qualquer interesse. Vão ficar arruinadas. Eu estou certo disso!

Depois, quando se deu conta do que acabara de dizer, Edgar mudou de tom e, muito rapidamente, desenvolveu uma estratégia perante a recepcionista que revelou toda a sua inteligência: simulou que tinha dito uma graça, que estava a brincar, rindo-se e juntando mais algumas palavras que acabaram por transformar uma situação que se estava a tornar deveras embaraçosa numa situação bem divertida. E acabou por ficar com o quarto que tinha o número que ele queria!... Mas a Rogério ele não tinha convencido, e ele sabia disso...

Aquilo que mais o divertia, até por gerar inúmeras conversas interessantes, era o cepticismo agudo de Edgar, acerca de tudo e todos. Não acreditava em nada à primeira, tudo lhe parecia duvidoso, suspeito, susceptível de incorrecções. De tal maneira que a sua primeira reacção a qualquer ideia sobre a qual não tivesse pensado era a negação. Conseguia estabelecer o seu raciocínio mais facilmente a partir da negação. Só depois de conseguir através das sua apurada lógica tornar a questão irrefutável para si próprio é que aceitava o desconhecido, e mesmo assim, quantas vezes com reservas, sujeito à sua meditação posterior. Partia do princípio de que «nada é verdadeiro até prova em contrário»!

E depois... aquela mania dele de se manter afastado da rádio e televisão. Assegurava que era tudo virtual, fabricado, «a tele-hipnose colectiva» zombava ele. «Um negócio de milhões sem grandes escrúpulos», era a sua ideia dos meios de comunicação. Estava sempre fora dos assuntos que entretinham a maior parte das pessoas. Argumentava: «Se as notícias forem realmente importantes não haverá maneira de eu as não saber. De uma forma ou de outra virão ter comigo...» Mas nele isso não constituía qualquer pretensão, sequer uma maneira

qualquer de sobressair. Não, não tinha nada a ver com isso, muito pelo contrário. Edgar fazia todos os possíveis por passar despercebido. Era para ele uma grande satisfação sentir-se um estranho, ser tomado por um desconhecido. Aliás, ele era um homem solitário, pouco dado a multidões ou a sociabilizar muito.

Mas Edgar acreditava nisso, acreditava que as coisas viriam ter com ele, caso fossem relevantes. Não era só relativamente às notícias, mas relativamente a tudo que não fossem as suas indagações pessoais, os assuntos que sempre tinha em mãos e que o assoberbavam completamente. Apesar de não perder tempo com grandes futilidades, ele parecia andar sempre a tentar dar vazão aos seus variados projectos. A estes entregava-se com vontade, não tendo tempo a perder. Já para tudo o resto afirmava qualquer coisa como: «O acaso é nosso constante e vigilante companheiro. Encarrega-se de nos fazer chegar tudo aquilo que temos que saber e atender. Não podemos escapar do que nos cumpre descobrir, pois o acaso não iria permitir» Rogério não podia deixar de ficar a pensar em muitas das expressões que Edgar proferia. E parecia que ao longo dos anos ele se vinha tornando mais repetitivo e mais sintético, parecendo ter uma chave mais ou menos metafórica para todas as situações. Rogério tinha a impressão que ele procurava, cada vez mais, catalogar aquilo que não lhe interessava dedicar mais tempo, para melhor dispor da sua energia para as actividades e pensamentos em curso. Edgar transmitia normalmente a ideia de quem estava permanentemente distraído. Contudo, quem o conhecesse bem poderia desfrutar bastas vezes da sua estruturação mental, das suas análises que, por mais singulares e radicais que se revelassem, mostravam também um profundo trabalho racional.

Sim, Edgar acreditava firmemente no acaso. Numa espécie singular de acaso quase providencial, embora Rogério não lhe conhecesse religião nenhuma. Contudo nem sempre aceitava o fortuito pacificamente: «O acaso prega-nos as suas partidas. É preciso estar atento para sabermos o que o acaso traz que nos serve, e que se destina realmente a nós. Temos que tomar o que nos faz falta, e rejeitar o que não nos convém veementemente, pois o acaso é matreiro. Não podemos andar ao sabor dele, mas antes, temos que ficar a ganhar. É preciso estar muito atento ao acaso que sendo constante companheiro, nem sempre é grande amigo...» Rogério parecia estar a ouvi-lo. Já conhecia os seus argumentos de cor. A sorte, o azar, a casualidade, o imprevisto, enfim, o acaso era um dos temas favoritos de Edgar. E sobre isso Rogério gostava imenso de o ouvir, pois ele era realmente um grande indagador do assunto. Não só a nível das

ideias, como depois na prática, ele estabelecia um sem número de relações entre os acontecimentos e as coisas em geral, de modo a estar bem precavido ou disponível, conforme as achasse nocivas ou proveitosas. Era um supersticioso... Edgar era um rematado supersticioso! Mas até a isso Rogério achava graça: como ele andava constantemente numa espécie de jogo de sorte e azar com tudo. Procurando incessantemente o melhor vento para a sua nau.

Todavia, a sua força de carácter e grande generosidade equilibravam todo aquele burburinho interior que só os muito chegados lhe conheciam. Na generalidade as pessoas apreciavam a sua presença bem disposta, ansiando por privarem com ele mais amiúde, pois Edgar era mais esquivo do que assíduo, prezando estar só, ou só com a namorada... Outra coisa que lhe era peculiar: o sexo oposto. Era muito mulherengo, era perdido pelo feminino. As suas companhias preferidas eram as mulheres, mesmo que não tivesse qualquer relação íntima com elas. Gostava de conversar com elas, tinha várias amigas, de todos os géneros. Mas convivía sempre separadamente com cada uma delas. Era visto muitas vezes acompanhado de uma presença feminina, mas poucas vezes a mesma em duas vezes sucessivas.

Mas o seu interesse ia muito para além da mera atracção sexual. Edgar era de opinião que não só a sua imaginação ficava mais apurada com a companhia feminina, como achava que tinha mais a aprender com as mulheres do que com os seus iguais homens. Desenvolvia toda uma teoria acerca das mulheres terem uma constituição mais apta, mais resistente e uma inteligência prática e intuitiva de que o homem não dispunha. Alegava que a natureza se aprimorara com a mulher numa tenaz perseverança para a conservação da espécie. «A mulher fragilizou-se para melhor se fortalecer. As suas inigualáveis qualidades reprodutivas, com todos os exércitos biológicos defensivos de que dispõe para o sucesso da espécie, fazem dela o sexo mais forte. A mulher é o *sexo forte*! Tão forte e hábil que emana uma aparente debilidade perante o homem para que ele, ufano, cumpra o papel de indispensável companheiro com o sucesso que a natureza requer» Sim, Edgar tinha uma concepção muito particular sobre as mulheres!... A Rogério sempre lhe parecia que o amigo distorcía a realidade para conveniência de uma concepção muito própria, numa maneira de pensar um tanto facciosa. Mas no fim de acesas discussões nunca chegavam a posições concordantes. Acabavam invariavelmente na comparação da força física, das características físicas intrínsecas ao homem e que, ao fim e ao cabo, se ajustavam ao termo *sexo forte*, visto ser este mais poderosamente musculado, mais apto a tra-

balhos esforçados ou violentos. Mas também aí Edgar não dava o braço a torcer, invocando sempre que isso era uma parte importante mas não de todo a principal e sempre lhe fazia notar a resistência à dor, a capacidade de sofrimento, a força psicológica, a reacção à adversidade, etc., Edgar alongava-se em superioridades femininas, em que o homem muito improvavelmente batia a mulher. Enfim, admirava o *belo sexo* em todos os sentidos e prezava muito as mulheres. Talvez daí adviesse, em parte, o seu grande sucesso junto delas.

Mas era muito inconstante com as suas namoradas... Ultimamente tudo levava a querer que estava mais estabilizado com Carolina, pois já há uns anos que Edgar, quando se dava a confidências, não falava noutro nome... Mas quem o tivesse conhecido quando era mais novo, ter-se-ia abismado com a rotatividade das suas invejáveis companheiras. Sim, porque ele era muito selectivo e as suas apaixonadas tinham, de um modo geral, tanto de bonitas como de atraentes. Eram frequentemente extravagantes.

E depois, aquela obsessão pelas motas. Um motard incondicional. A sua impaciência perante o trânsito e a fobia de chegar a todo o lado num ápice... Um Edgar irreconhecível, uma vez que era tão paciente com tantas outras questões que envolviam grande consumo de tempo. Mas esperar em filas e «padecer de *urbanopatia*», como ele dizia, meio a brincar meio a sério, referindo-se ao que ele designava por «patologias das cidades acéfalas contemporâneas», a mais grave das quais, a circulação automóvel.

Rogério sempre pensou que, acima de tudo, Edgar tinha grande gozo por andar de mota, prazer que lhe vinha da juventude e que nunca abandonara. É certo que juntava o útil ao agradável, mas essencialmente a questão era essa. E tanto assim era que Rogério sabia muito bem que ele se passeava muito frequentemente pela cidade quando o trânsito já não era estorvo, optando sistematicamente pelo arrebatamento da mota e não pelo conforto do carro. Com os seus quarenta e três anos não mudara absolutamente nada nesse particular, nem mesmo a sua velocidade média habitual tinha baixado para regimes mais aconselháveis e consentâneos com a sua idade... Para ele, segundo afirmava sorridente, a mota era uma “fonte de juventude”. Rogério nunca percebera bem o que ele pretendia dizer com isso, mas era verdade que ele parecia ter muito menos idade do que tinha...

Apesar de tudo, eles tinham muitas coisas em comum. Eram ambos esforçados, persistentes, teimosos, combativos e gostavam imenso de uma boa dis-

cussão académica, desde que mantida dentro de parâmetros elevados de sentido de humor. Contudo, também eram muito diferentes, ao ponto de haver grandes espaços das vidas de cada um que não partilhavam e que inclusivamente desconheciam. Passavam também longos períodos sem se avistarem, mas quando se encontravam era como se tivessem estado juntos à umas horas atrás e a sua relação era sempre muito intensa.

Rogério sentia, invariavelmente, uma espécie de área na sua mente reservada a Edgar, que meia volta resolvia conviver com o seu pensamento. Era mais do que uma lembrança e nada tinha a ver com saudade; era como se pudesse dispor da sua forma de pensar para manter um diálogo imaginário, um modo de argumentar consigo mesmo, progredindo nas suas deduções com a hipotética argumentação de Edgar. Podia forjar uma longa discussão em que procurava respostas para determinadas dúvidas, como se tivesse acesso ao tipo de ataques e defesas que Edgar apresentaria mediante os raciocínios de Rogério. Estavam de facto muito próximos.

Ainda ontem à noite depois de ter falado ao telemóvel com ele, Rogério tinha ficado com a sensação estranha que ele conhecia perfeitamente os seus mais secretos desejos. Que sabia onde ele queria ir exactamente. Como se presentisse, também ele, e tão distante que estava, da força que aquele magneto exercia sobre Rogério e o obrigava a ir naquela direcção, um tanto às cegas. Porque afinal, depois do *Dam*, nas primeiras ruas e cruzamentos, ele sabia o caminho, mas depois a partir de uma certa altura começou a ficar um pouco confuso. Porém, foi sempre andando para onde a memória lhe ia dando pistas através de pequenos sinais que reconhecia.

Quando começou a esforçar-se por se lembrar do nome do bar já não estava certo de o encontrar sem perguntar. Começou a sentir que estava muito perto do local. Não ia perguntar por ela, que era o nome que nunca mais esqueceria, Ninoshka, pois que sorte mágica lhe traria alguém que soubesse quem era a Ninoshka que ele procurava!... Mais a mais o nome verdadeiro dela não era aquele, tratava-se simplesmente de um “nome de guerra”. De facto, era um sintoma de um certo desespero quando pensou em perguntar por Ninoshka.

Tantas voltas deu ao miolo que acabou por se lembrar que o nome do bar terminava em “*paradise*”. Sim estava certo. Como é que não se tinha lembrado antes! Tão fácil... paraíso... paradise... “qualquer coisa *paradise*”, não tinha a menor dúvida. Resolveu perguntar a alguém que tivesse ar de quem soubesse

onde era aquele “paradise”. Chamou a atenção de um indivíduo que estacou ao ver a sua atitude indagadora, adoptando uma solicitude cívica descontraída. Rogério sorriu e um tanto timidamente explicou-lhe o seu intento, que não se lembrava bem do bar, tinha estado ali há dois anos... “paradise”. O homem cofiou o queixo devagar, procurando recordar-se. Parecia interessado em ser agradável, em descobrir qual era o bar. Rogério escolhera bem, parecia realmente um entendido. Mas nada, não dizia nada. Até que por fim lhe disse num inglês quase perfeito: «Há vários bares cujo nome contem a palavra “paradise”, mas nenhum aqui bem perto. Já ali a cerca de cinquenta metros há o “Túnel do Éden”, não será esse?»

E Rogério lembrou-se finalmente do nome correcto que confundira: “Eden”. Quando o homem pronunciou o nome do bar foi como se apanhasse um choque. Depois ficou um pouco atrapalhado da sua excitação e agradeceu ao oportuno transeunte, que lhe pareceu ter sido enviado pela sorte...

Ao percorrer lentamente os metros que faltavam ainda não se libertara de um certo nervosismo. Já não acerca do nome do bar mas agora da possibilidade dela não estar lá, por não frequentar mais aquele lugar, ou até talvez já nem estivesse em Amesterdão. Afinal ela era uma emigrante do Leste da Europa. Mais uma das muitas que a “bola de neve” do desabamento soviético empurrara para ali. Eram bonitas mulheres, na verdade, e com muita aceitação no meio, com grande solicitação no “Red Light District”.

Rogério não tinha uma posição muito sólida sobre a prostituição. Inclina-se a pensar que era um fenómeno demasiado complexo para que ele tivesse uma opinião rígida. Contudo, fora sempre arredo a esse género de experiências, não porque não tivesse até uma certa curiosidade de conhecer esse mundo, mas por suspeitar temerosamente que teria muito pouco a ver com ele. E depois havia o perigo dalguma doença grave, ou de ser apanhado na teia dos prazeres proibidos, das histórias de vidas viciosas e perdulárias que se contavam entre os homens. Certamente que a obscuridade que a maioria das sociedades devotava a essas matérias nada tinha de sensato, gerando degradação, infâmia, exploração... marginalidade afinal. Mas o aparente sucesso do escancaramento da prostituição entre os holandeses, tanto quanto Rogério pudera observar, nada tinha a ver com a instauração da dignidade humana na indústria do sexo, ou como se quisesse chamar à oferta de proveitos sexuais mediante retribuição pecuniária. Pelo menos era susceptível de ser mais controlada... Todavia, pulu-

lavam proxenetas e dependências de todos os géneros, miséria humana... O assunto estava longe de estar resolvido, fosse ali, fosse noutra qualquer lugar da terra! Rogério sempre teve tendência a pensar que, exceptuando os casos patológicos, a prostituição era o resultado de desequilíbrios sociais, tanto no aspecto educativo, como no ponto de vista económico. Principalmente as mais aviltantes formas de venda de prazeres sexuais denunciavam essa evidência. Porque a prostituição teria com certeza diversas escalas e era inerente ao fenómeno humano, já que haveria mentalidades prostituidoras e prostituíveis, enquanto houvesse corruptor e corruptível, ou no limite, enquanto houvesse desejo, porque só o amor poderia gerar o equilíbrio altruísta do desejo. E Rogério nunca acreditara muito nas teorias do amor à escala social, bem pelo contrário. O amor era qualquer coisa de muito particular, individual, física, psíquica, biológica, transcendental característica da unicidade de cada ente. Não necessariamente partilhado, o amor implicava abnegação, mas não seria exigível nem razoável que todas as aventuras da libido fossem contempladas com essa felicidade.

O que é certo é que Rogério tinha cedido ao desejo *ilícito* por duas vezes. Uma aquando da despedida de solteiro de um amigo, numa *discoteca de meninas*, no Porto. Mas tinha bebido de tal maneira que, para além de ter alinhado na brincadeira, o que não teria acontecido se estivesse sóbrio, tinha restado muito pouco da experiência, uma vez que o álcool lhe apagara a maior parte da memória. E da segunda vez, que fora mais que uma vez... — a verdade é que para Rogério aquelas três noites foram um pequeno romance — o caso com Ninosha. Mas aí a aventura ultrapassou, pelo menos no que lhe dizia respeito, as fronteiras entre cliente e prostituta. Tinha decidido entregar-se ao acaso, porque não... Mas o acaso entregou-lhe um pouco mais do que ele pretendia. E mesmo agora que, a tremer de excitação, ia a por a mão na porta para entrar no “Túnel do Eden”, não sabia se isso era bom ou se era mau...

Mal entrou reconheceu logo os tons avermelhados da decoração e os confortáveis sofás lilás circundando as mesas baixas dispersas pelo recinto. Estava tudo mais ou menos na mesma... o balcão pequeno ao fundo, constituído apenas por “*barwomen*” vestidas alegre e sumariamente... uma animação agradável, um pouco contida... um corrupio de bebidas de todas as cores e de raparigas igualmente coloridas que saíam às fornadas de umas portas de vaivém que se situavam ao lado do balcão e que se cruzavam, animadas, com as que permanentemente reentravam. Era extraordinário como tudo se mantinha tão igual.

Até a música de fundo continuava a ser à base da romântica “*chanson française*” dos anos sessenta, contribuindo para o ambiente adocicado, lúbrico, que se respirava.

Rogério apenas entrou não conseguiu que os seus olhos parassem de dar voltas e mais voltas em busca de alguém que se parecesse com a Ninosha de que ele se lembrava. Agora que estava ali, no lugar mais provável para a encontrar, a lembrança não lhe trazia referências exactas da sua fisionomia, contudo estava confiante de que quando a visse imediatamente a reconheceria. E ali podia naturalmente perguntar pelo nome dela, que logo o informariam. Estava no sítio certo. Continuou a percorrer a sala com o olhar ansioso. Já o tinham acomodado, já tinha um copo na sua frente e as suas pupilas não paravam de focar, frenéticas, todos os recantos, à procura de um perfil, de um rosto, de uma figura, qualquer sinal que lhe trouxesse Ninosha ao presente, que a fizesse saltar da feliz história que a mente de Rogério guardava, para ali, para aquele momento, para o desejo premente que não sabia já como apaziguar. Mas nem o menor sinal dela... um desespero. Mais uns instantes e perguntaria a algum empregado, ela tinha que estar por ali, ou não devia andar muito longe, tinha que ser! A sua expectativa não admitia qualquer outra hipótese...

De repente pensou em Teresa, a despropósito, ou talvez não, se concordasse que já há muito tempo que não sentia momentos de tal agitação em relação a ela, a sua companheira, a mulher que amava. Não tinha quaisquer dúvidas disso. Mesmo naquele momento que ansiava pelo calor de outra mulher, Rogério não tinha a mínima incerteza quanto ao seu sentimento por Teresa. Ele não se imaginava sem ela. Perdê-la seria perder grande parte de si. Era a mãe do filho que sonharam, era a amante, a amiga, a mulher que ele mais quisera e que pensava querer para sempre. Não, não tinha nada a ver, não havia que misturar as coisas, que confundir sentimentos ou sequer duvidar dos seus desejos. Embora não pudesse negar que o que sentia por Ninosha tinha qualquer coisa de bonito. Podia ser na prática aquilo que era, mas ele pensava-a com ternura, com compreensão, curiosamente sem qualquer preconceito e ainda menos sobranceira. Não saberia explicar exactamente a si próprio a miscelânea que ia na sua lógica a propósito da vontade que tinha de Ninosha, sobretudo por pensar estar muito perto dela. Sem saber bem como e porquê Rogério queria-lhe bem, mas não imaginava sequer que ela se pudesse alguma vez interpor a Teresa. A sua mulher era o seu mundo de eleição, o seu universo predilecto.

— Então! Estás por cá? — Rogério deixara-se, por instantes, enredar nos seus pensamentos, distraíndo-se, e uma bela mulher colocara-se à sua frente, parecendo querer insinuar-se.

Rogério observou-a melhor e exclamou radiante:

— Ninosha! — Era ela!

— Rogério...

— Mas como?... Lembras-te do meu nome!?... Não é possível... Já dois anos se passaram!

Entretanto ela sentou-se. Alçou as pernas com elegância e recato. Ele reparou nela. Estava muito bonita. Vestida com simplicidade, deixando contudo adivinhar o seu corpo magnífico. Os fartos cabelos loiros encaracolados caindo naturalmente. O rosto muito pálido, irrepreensivelmente modelado, os olhos muito azuis, inquiridores. Era assim que ele se lembrava dela. Não tinha mudado nada. Ele sabia que ela andaria pelos trinta e tal anos, mas se lhe dissesse que ainda não tinha feito os trinta, ele não duvidaria disso. Ninosha irradiava frescura, sensualidade e era dona de um certo ar nostálgico, ausente e desprotegido que a tornava ainda mais apetecível aos olhos de Rogério.

— Claro que me lembro — respondeu ela num tom peremptório — Rogério...

— Bem, fico contente. Sabes que pensei em ti algumas vezes!? E a prova é que aqui estou... Corre bem a tua vida?

Ela esboçou um sorriso divertida:

— Claro que a minha vida tinha que ir bem... aqui na terra da abundância...

— Vejo que continuas na mesma, um pouco sarcástica quanto à Europa da União, que não a tua Europa do Leste, claro. No entanto é aqui que estás, foi aqui que decidiste viver.

— Dizes decidi... — e o rosto dela murchou um pouco, rodando para baixo e os seus olhos ficaram a olhar para o chão.

Rogério notou que alguma coisa a sensibilizara e resolveu recuar:

— Bem, ninguém decide da sua vida, ela acaba por dar voltas e reviravoltas, e que remédio temos nós senão jogarmos as cartas que nos calharam. — As palavras dele fizeram um efeito quase imediato, pois ela levantou o rosto e olhou-o nos olhos, reconhecida.

— Sim aqui estou no local ideal para jogar todos os jogos. Não é este o

grande mercado livre?! — Ninosha começou a divertir-se com pequenos trocadilhos, como gostava — E aqui a mercancia sou eu. Não é tudo uma questão de oferta e procura?! Pois cá estou eu, a oferta para a grande procura!

Rogério achava graça ao sentido de humor de Ninosha, como ela desmontava o jogo em três penadas, sem dramas, mas com o cinismo que bastasse para dar a ideia que as voltas do mundo dava não seriam tão inocentes quanto isso...

— Mas diz-me, Rogério, o que fazes em Amesterdão, vens em trabalho como na última vez? Quando é que regressas para Portugal?

— Também ainda te lembras que sou português. Realmente estou muito admirado! Fico satisfeito. — Rogério não podia ser mais sincero — Sim, em trabalho, como o costume... Amanhã à noite regresso.

— Ao Porto.

— Como sabes? Também isso?

— Mencionaste-o da última vez, já não te lembras, com certeza. Pois eu não me esqueci. Mas confesso-te uma coisa, agora... uma vez que voltaste, que me procuraste... Eu memorizei mais facilmente porque conheço uma pessoa que me é querida, também da Ucrânia, que está em Portugal já há uns anos e também vive no Porto. Mas promete-me que se encontrares algum ucraniano, não dizes que me conheces, pois, quem sabe, pode ser ele, e ele nem sonha que estou aqui! E eu morreria se ele me encontrasse!...

Rogério, um pouco espantado com a história, imaginou, pela maneira como ela falou, que se trataria de caso de amor, e insistiu:

— Não me digas que tens uma paixão nas terras do meu país?! E como haveria eu de te denunciar se nem o teu verdadeiro nome sei?!

— Nunca se sabe, nunca se sabe. O acaso é caprichoso... Confio em ti! E então ficas a saber: eu sou Elena, chamo-me Elena Panych — e estendeu a mão, na brincadeira, como se fosse uma primeira apresentação.

Rogério aquiesceu, cumprimentou, segurando a sua mão com delicadeza, depois com ternura.

Ela ficou alegre com a apresentação, e riu-se mostrando os dentes: um dos caninos levemente encavalitado. Aquele pormenor, recordou-se ele, que lhe dava um ar sedutor...

Sim, ali estava Elena, que para Rogério era simplesmente uma ucraniana emigrada no mundo do sexo, como tantas outras iguais a ela, que nestes tempos abundavam em Amesterdão. Como ela dizia as ucranianas eram o “mercado” a

funcionar. Elas eram, em quantidade e qualidade, um dos melhores filões para a “Indústria do sexo” da União Europeia. Se os homens da Ucrânia constituíam uma imensa oferta de mão-de-obra barata para a considerável procura existente, as mulheres ucranianas desempenhavam um papel idêntico nos serviços para que eram requestadas, satisfazendo também, noutras mercados, a ávida procura... Afinal, tudo uma questão de concorrência. Os ucranianos tentavam obter colocação a todo o custo, por qualquer soldo, fosse de que maneira fosse, tornando-se assim extremamente competitivos. Não tivesse a Ucrânia mais de cinquenta milhões de bocas para alimentar, com ou sem bancarrota... E assim tudo funcionava bem, os empresários da União Europeia tornavam-se mais competitivos, os ucranianos não morriam à fome e o mercado concorrencial revitalizava-se... Um primor. Como Elena dizia, era a terra da abundância!...

Rogério não podia imaginar que a pessoa de quem ela falava era do marido, Serguéi, que acabava de se familiarizar com o seu amigo Edgar, que simpatizara particularmente com ele. Ele não podia saber que Edgar muito provavelmente lhe falaria nele, no ucraniano de quem ele também teria uma ideia por causa do restaurante onde já tinham jantado ambos por diversas vezes. E aí, como Elena lhe tinha dito, ele não poderia dizer que conhecia qualquer ucraniana fosse onde fosse, sob pena de trair hipoteticamente a sua confiança.

Mas Rogério estava muito longe dessas conjecturas sobre o acaso e agora não parava de pensar que naquele momento ser feliz era estar com ela na intimidade, num espaço de todos os diálogos, num tempo de encontro e volúpia. Com ela. Precisamente com ela, com Ninosha que era Elena, e que já habitava irremediavelmente dentro dele, desde que se despedira dela, fazia dois anos. Ele suspeitava que nos momentos mais arrebatados lhe ia chamar Ninosha, mas isso não teria qualquer importância, porque ela saberia, e disso ele tinha uma certeza inexplicável, que seria exclusivamente ela que Rogério viera encontrar.

Para além do desejo, que assim urgente era nele invulgar, Rogério sentia uma confiança irracional nos dois... no sucesso do seu reencontro.

E agora ali num restaurante do aeroporto observava pelo canto do olho a colorida família que se sentara na mesa ao seu lado. Ia distraíndo o seu pensamento que durante todo o dia viajara insistentemente de Ninosha para a reunião e da reunião para Ninosha.

Dois pólos, em tudo opostos, que estabeleciam curiosamente e para seu benefício, uma certo equilíbrio psicológico. Porque na questão profissional

Rogério teria que encarar uma derrota, ou na melhor das hipóteses um sucesso adiado, uma vez que nada se concluiria. O cliente, inesperadamente, parecia ter introduzido novos dados, nas análises até aí realizadas, que tinham alterado as posições relativas dos projectos em concurso. Rogério, que já quase dava como certo o trabalho, ficou muito desapontado, abatido mesmo. Eles tinham todo o direito de alterar as suas atitudes, já que o assunto era absolutamente privado e ele era um convidado entre os demais, não havendo expressamente quaisquer tipo de compromissos até à selecção da proposta vencedora. Ele estava consciente de tudo isso, mas alimentara, e talvez fosse esse o seu erro, expectativas muito elevadas em consequência do desenrolar dos inúmeros contactos.

Já no enlace com Ninoshia teria que agradecer aos deuses os momentos de suprema satisfação que com ela vivera. Chamou-lhe Elena nas conversas próprias de estrangeiros que trocam formas de ver à luz das diferentes culturas de cada um. Elena era formada superiormente e a sua educação era perceptível. Depois, quando começaram nos arrulhos (e sobretudo no resto...), Rogério não se coibiu, consciente ou instintivamente, de lhe chamar Ninoshia. E ele achou que a ela lhe agradaram aquelas duas formas de tratamento, talvez por se sentir, com ele, a viver ambas personalidades, ou por qualquer outra razão trivial, o que é certo é que ela não parou de rir toda a noite com os ditos bem dispostos de Rogério.

Eram portanto, neste caso, duas ondas que se anulavam, o trabalho e o prazer, ambas de grande "amplitude", mas de "frequência" distinta, ao ponto de dissiparem o choque que qualquer uma delas, de per si, provocaria na estabilidade emocional de Rogério. Esta viagem de quase dois dias, que não teriam significado algum para milhões e milhões de seres, de vidas, que nem o calendário notaria a sua falta, eram dois dias que Rogério jamais esqueceria. Porque o homem que chegara àquele mesmo aeroporto de Schiphol, se transformara fatalmente, pelo que vivera nessas poucas horas, naquele outro homem que aguardava ali calmamente o seu regresso a casa, às suas metódicas rotinas. Não no sentido da evidência de que ninguém podia ser igual ao que havia sido, porque nada permanece, mas sim num sentimento indubitável, reflectido, de que as situações por ele vividas tinham obrigado a que se encarasse de modo diverso e obrigariam, implacavelmente, a que se ponderasse agora como até aí nunca o tinha feito.

A certa altura sentiu-se observado pelo casal ao lado, ou, mais exactamente, por ela, pela senhora de cabelo ás madeixas coloridas e meias-calça ama-

relo-torrado. Pensou que com certeza, para ela, o extravagante era ele e por isso o espreitava, ainda que discretamente, pelo menos a princípio. Porque passado algum tempo, já Rogério saboreava o seu jantar, ela insistiu de forma mais insidiosa, parecendo querer que ele também reparasse nela. Rogério achou um pouco desusada a sua atitude, dado que ela estava *sobejamente* acompanhada. O marido acabou por notar o enlace oftálmico, mas a sua completa indiferença pareceu absolutamente sincera. Então, já um pouco perturbado, Rogério deu consigo a pensar que o charme que Elena lhe atribuíra permanecia ainda na sua atitude, a sua aura de macho confiante era por certo esplêndida. E a sua imaginação começou a fabricar outra história acerca do grupo que não distava mais que três ou quatro passos da sua cadeira. Achou então que eles não eram marido e mulher, mas eram irmãos. Sim, tanto a primeira como a segunda hipótese eram plausíveis. Afinal em que se baseara ele para admitir que era um casal e dois filhos? Não podia objectivamente tirar tais conclusões baseadas simplesmente em intuições e deduções superficiais. Nem sequer podia estabelecer rigorosamente de quem seriam as crianças. Poderiam nem ser deles. Eles podiam nem ser da mesma família... O frio raciocínio lógico, depois que colocou em funcionamento a racionalidade em pleno, demonstrava que não podia concluir nada que fosse garantidamente verdadeiro.

Rogério foi comendo e divertindo-se a pensar naquele episódio, na curiosidade que podia suscitar numa mulher sensual daquelas, do seu puro desinteresse por isso e de como a mente constrói constantemente enredos a partir de quase nada. Contudo, todos dependiam desses enredos, sobretudo da capacidade de discernir os verdadeiros e de não tomar os falsos por certezas, pois disso dependeria em grande medida a melhor ou pior progressão de cada um...

No fim do jantar pediu um chá: teve receio que o café não prestasse. Voltou a captar os sons da mesa ao lado que continuavam a vir na língua local, que ele de todo não entendia. Todavia a forma como se comportavam as crianças com a senhora era apenas compatível com a intimidade que existe entre mãe e filhos...

Quando chegou o seu chá os quatro levantaram-se, não sem alguma algazarra (eram realmente um grupo bem colorido...) e ela atirou-lhe um olhar provocador antes de começar a caminhar. Depois, ajeitou as engelhas das meias afaçando as pernas com alguma provocação à mistura, atrasando-se um pouco em relação aos outros. Alcançou-os com uma corridinha de passinhos curtos. Os

miúdos foram andando à frente de mãos dadas. O homem abrandou o passo para que ela logo o apanhasse. Ela acelerou um pouco mais nos últimos passos e agarrou o homem por trás e desatou a fazer-lhe cócegas, ao tempo que se ria alegremente. Ele virou-se e num gesto rápido prendeu-lhe os pulsos, a seguir puxou-a para si, abraçou-a e colou-lhe os lábios à boca com ímpeto. Ficaram a beijar-se apaixonadamente por alguns segundos que para Rogério foram uma eternidade. Quando se afastaram, ele apressou-se no encaço dos filhos e ela, compondo os cabelos, virou-se para trás atraindo de imediato os olhos de Rogério que obedeceu sem hesitação. Trocaram um intenso olhar carregado de cumplicidade. Os olhos dela eram tão verdes!... Rogério, ainda fecharia os olhos para os ver, de quando em quando, nos dias que haviam de vir...

Que tipo de capricho poderia existir na vontade daquela mulher, Rogério estava muito longe de conseguir imaginar. Era para a sua inteligência um completo mistério. Seguramente não teria muito cabimento tentar desmontar o episódio para lhe encontrar uma qualquer coerência dentro dos seus parâmetros de comportamento social. No entanto, a sedução que ela conseguia exercer era qualquer coisa de extraordinário. Apesar do seu estado de indiferença, de “macho saciado”, ele avaliara bem o apelo daquele corpo, o fascínio daquele olhar, a força magnética que ela empregara para se insinuar com a sua eminente condição de fêmea.

Sem dúvida um enigma. E desvendá-lo estava fora dos planos de Rogério. Parecia-lhe também que haveria ali algum desequilíbrio, mas, ao mesmo tempo, quem era ele para saber, para julgar, pensou...

Ele já matutara muito sobre o sexo, tinha até algumas posições muito próprias sobre o supremo imperativo sexual e as suas mais complexas formas de manifestação. Porque para Rogério esse era um assunto primordial e, na sua ideia, o último tabu da evolução social. Constituía a maior “vontade” dos seres vivos: unirem-se sexualmente. Uma ordem compulsória genética. Uma instrução irrevogável instalada em todas as unidades viventes. Do grau de eficiência e prioridade desse preceito dependia a sucessão — reprodução e continuidade — da vida tal como ele a conhecia... Esse código tão poderoso, que se confundia com o étimo de vida e que a mantinha, fora-se tornando mais e mais rebuscado e complexo na ânsia de permanecer, no cumprimento cabal de salvaguardar a existência. E então poder-se-ia assistir, desde as plantas mais singelas aos mais elabora-

dos mamíferos, à miríade de processos e estratégias que a natureza engendrou para desencadear a acção sexual. O encanto era tão poético quanto a beleza de algumas flores ou tão repugnante quanto o cheiro proveniente do cio de alguns animais. O sexo tinha de ser o menos falível possível. Os intervenientes deviam ser obrigatoriamente compelidos para a prática. E por isso a sexualidade se especializou tanto na sua compulsão inerente à vida, aperfeiçoando os mecanismos de sedução e restringindo as possibilidades de encontros indesejados, que só poderiam enfraquecer a continuidade pela degeneração dos códigos fecundos.

Sim, Rogério já cismara muito nisso. Todavia, se conseguia às vezes distinguir claramente certas evidências, também noutras alturas as ideias turvavam-se um pouco, parecendo não aguentar por muito tempo a nitidez. Que o código terminante estava implantado, esse era um dado adquirido, uma certeza manifesta, sendo a sua presença tão gritante que chegava até a incomodar... E depois, sem essa força tamanha as espécies teriam ficado pelo caminho, nem reprodução que superasse o extermínio, nem promiscuidade combinatória que gerasse uma multiplicidade evolutiva com a abundância patente. O impulso sexual era pois o primado vital. Uma espécie de sopro cósmico que se alojara no planeta... por enquanto.

Tomando outras formas, era também inequívoco que a energia de vida habitava todo o universo, já que estrelas, planetas e outras existências do cosmos, nasciam e morriam em quantidades enormes num ritmo incrível, e disso dependia a sua vida, a vida do universo.

O sexo, aparentemente natural e pertença do conhecimento a priori individual e colectivo da espécie humana, tornara-se confuso, virtual, mercantil e permanecia tabu. Que teria acontecido, algures na História, para que o sexo se tornasse tabu? Teria sido a posse? O instinto de posse. A exclusividade? Talvez, ela mesma, exclusividade, necessária ao desenvolvimento harmonioso da espécie. Ou a escassez do número de espécimes de determinado sexo...

Fosse como fosse, sempre se assistiu a toda uma dissimulação, ocultação, mistificação, deseducação, sinuosidade das matérias sexuais. E só nas sociedades contemporâneas, embora com alguma insipiência, se falava de educação sexual. Ou seja, a matriz de conservação básica da espécie humana continuava mergulhada no obscurantismo. E a tendência parecia ter alguma entropia inerente. Nas sociedades ditas evoluídas, a libido tomava conta de todos os meios de

comunicação, disseminando-se, através da propaganda, no que era, na verdade, o meio mais eficaz de mercantilização. Porque, para além de obscura, era comum a todos e acicatava o apelo mais forte existente nos seres vivos: o sexo — reprodução e continuidade — a vida, o estímulo essencial. Assim, confundia-se o apetite sexual da espécie, com a estimulação dos aparelhos biológicos ligados à libido, para fixação de arquétipos nos indivíduos, que pudesse induzir o mercado a funcionar de maneira mais rápida e eficiente. Como dizia Ninosha, Elena: «Não é este o grande mercado livre?!»

Rogério não sabia até que ponto isso seria pernicioso, o que ele percebia é que para anunciar um simples refrigerante, por exemplo, havia que lançar mão de um modelo fotográfico, um espécime extremamente sensual que se dispusesse a exibir libidinosamente, de acordo com os supostos sonhos mais íntimos ou provocando os desejos mais adormecidos dos potenciais interessados... no refrigerante! Seria isso fonte de satisfação ou frustração? Bem, o visado podia sempre desferrar-se e comprar o refrigerante ...

Estava assim criado um novo ente, que a época expandia com o maior sucesso, com todas as ferramentas que a humanidade podia dispor: o estimulante virtual. Que de uma forma ou de outra, positiva ou negativamente, sem entrar em questões éticas, alimentava colossalmente o inconsciente individual e coletivo do Homem povoando-o de um incontrolável caos de apetites exacerbados, e bombardeava a consciência, a partir de idades destituídas de uma formação interpretativa mínima, com inumeráveis mensagens eróticas, mais ou menos dissimuladas, nem sempre fáceis de desmultiplicar. Esse ente enraizava-se de tal maneira que poderia ter pelo menos dois efeitos catastróficos. O primeiro seria a contribuição para o aumento, a longo prazo, do logro da relação sexual por falta de equivalência entre os contextos virtuais modelares adquiridos e a crueza dos contextos reais praticáveis. Ou seja, as expectativas ficariam quase sempre frustradas, o que aumentaria, certamente, a insatisfação individual, trazendo o repercutente mal-estar social. O segundo efeito catastrófico seria a banalização total do efeito erótico, através da insinuação constante e do cada vez maior atrevimento, chegando ao ponto de rotura, ou seja, para muitos já não teria qualquer efeito, de tal maneira poderia ser vulgarizada a mensagem erótica que deixaria de o ser, arrastando consigo o aparecimento de um maior refinamento do estímulo sexual, conduzindo à extravagância e à aberração, por isso mesmo com níveis de consumação mais problemáticos. Deste modo, a exacerbação artificial

do estímulo sexual, pensada com objectividade, parecia a Rogério cientificamente doentia e pernicioso para a evolução da espécie. Seria esperar muito dos humanos que todos eles tivessem uma formação e um discernimento tais que saíssem incólumes do jogo da propaganda sexual, que degradava conceitos e criava inverdades que iam progressivamente arruinando a libido do enlace genuíno, baralhando o vigor de uma propagação optimista da espécie.

Contudo, para Rogério, não havia que arrear caminho, aliás seria impossível, pois se as coisas tinham inflectido nesse sentido... Se as espécies tinham evoluído naturalmente até aqui, ao “Homo Ciberneticus”, correndo a grande velocidade para próxima etapa, seria uma asneira pensar sequer em travar o movimento, sob pena de um efeito de frenagem possivelmente arrasador. A questão não residia aí, em introduzir, fosse como fosse, qualquer tipo de proibições ou censuras. A situação, na sua perspectiva, pelo que reflectira até aí (sem contudo estar absolutamente certo...), resolver-se-ia quase por si própria, sendo a fase actual uma fase intermédia, como todas as fases... A humanidade ia-se apercebendo que, no rumo que a evolução tomava, cada vez mais o homem intervinha no seu próprio sucesso na sua estadia no planeta e compreendia que o seu comportamento era decisivo para a sobrevivência e progresso. Tornava-se inequívoco que, pelos níveis tecnológicos que atingira, pela capacidade alcançada na manipulação biológica, pelo acesso franco à comunicação planetária e agora que entrava velozmente na era quântica, o destino do Homem, perigosamente ou não, estava, em grande parte, nas suas mãos. O incerto era cada vez mais o planeável e o desesperante tornava-se no provavelmente resolúvel. A evolução natural, que nunca deixaria de o ser, uma vez que o Homem é natureza, passava a ter uma componente de intervenção humana com uma predominância nunca atingida. Tudo levava a crer, portanto, que a evolução passaria a ter uma consciência (passando a ser uma “*coevolução*” como tinha apelidado Edgar, gracejando ou não...). Assim sendo, o Homem, logo que se soubesse a navegar a todo o pano nessa evidência, não arriscaria mais a “criar corvos”, não fossem eles mais tarde “comer-lhe os olhos”... Seria a consciência quase espontânea de uma realidade que já não poderia ser negligenciável: o Homem não mais podia deixar aos interesses equívocos, demasiado circunscritos, ou aos meros caprichos do acaso, a construção de um presente e a projecção de um futuro que estavam de forma determinante ao seu alcance. Rogério estava ciente que essa consciencialização vinha a caminho. No caso do sexo, essa consciência iria determinar, naturalmente, através de uma abordagem psicossocial descomprometida, a desistência gradual do emprego arbitrário da esti-

mulação sexual. Nesse processo os fenómenos de impacto negativo iriam sendo detectados, ir-se-iam transformando noutros, como sempre...

Rogério olhou o relógio. O tempo voava. Voltou a pensar na mulher dos olhos verdes e madeixas coloridas que lhe abrira as portas ao devaneio, mais uma vez, sobre o tema que mais inquietação trazia ao mundo... Que tipo de relação estaria ela a propor? Para quê aquela muda manifestação de desejo? E porquê ele? Certamente porque estava ali à mão... Havia certos encontros que não se podiam explicar, fugidios, ainda que intensos, tresloucados, como aquele. No entanto, de facto, eles tinham trocado qualquer coisa, se assim não fosse nem sequer se olhariam daquela forma. E ele, quisesse ou não, era participante, tinha sido com ele. Teria havido uma ligação entre dois seres, um dos quais fazia parte dele, isso era indubitável... Para quê pensar nisso... De súbito estremeceu com o toque do telemóvel. Pensou imediatamente em Teresa e em como estava tão longe dela naquele momento. Antes de atender fez votos para que ela não percebesse nada. Certamente que era impossível que ela soubesse de alguma coisa, pela sua voz apenas, ou sequer pressentisse. Mas a ligação com Teresa não era compatível com as suas infidelidades, fossem elas quais fossem e aquele temor vinha da sua consciência pesada e não da lógica pura.

— Então correu tudo bem? — Quis saber Teresa sobre a sua reunião...

— Não... Correu tudo mal... — ia Rogério a explicar.

— Onde estás? No aeroporto?

— Sim, embarco às dez e meia...

— Correu mal, como?...

— Não se decidiram. Não levo nada... nenhum compromisso. Desconfio que estão a inclinar-se para outra proposta. Não sei... Foram um pouco enigmáticos.

— Então estás mal disposto? Ficaste irritado!

— Um bocado... mas já me esqueci! — Rogério quis mudar de assunto:

— E tu! Quando ganhas juízo e voltas?

Do outro lado não se ouviu nada. Rogério chamou por ela duas ou três vezes para se certificar que ela continuava em linha, e depois ouviu Teresa:

— Sabes, a noite passada sonhei contigo! Estavas na praia, a fazer amor com uma linda mulher. Não era eu, porque a mulher era muito bela e eu estava a observar... Estavas muito entusiasmado!...

Tão longe que estavam um do outro e Rogério sentiu-se atrapalhado, como se ela o acusasse de alguma coisa, de Ninosha. Sentiu-se incomodado pela

insólita coincidência do sonho de Teresa. Quis desfazer de imediato a estranha sensação da existência de qualquer forma de transmissão subconsciente.

— Enfim, sonhos. Deixa-te de brincadeiras. Bem, o que me interessa é que estejas bem!...

— Sim, estou rija, apenas um pouco preocupada com os meus sonhos...

— E Teresa emitiu uns risinhos, como que a dizer-lhe que sabia que ele era capaz de tudo, mas ao mesmo tempo que talvez só se quisesse meter com ele...

Teresa disse-lhe mais umas graças, garantindo que se despediam de bom humor. Isso era importante para ela, uma vez que lhe era intolerável a sensação de algum resquício amargo entre os dois, assim tão separados pela distância. Quando isso acontecia, o que era raro, tudo ficava diferente, mais difícil, e até as cores e odores de África perdiam o seu encanto e Angola era só negritude, carência e ficção.

Apesar do seu humor, Teresa estava apreensiva com o seu sonho, sobretudo no que a Rogério dizia respeito. Ela era muito atreita a sonhos reveladores e premonitores. Tinha um certo respeito por tudo que lhe aparecia nos sonhos, embora a experiência lhe ditasse que, para se preservar, deveria tentar não relevar demasiado o seu conteúdo. Todavia, já por diversas vezes lhe tinha acontecido sonhar com coisas que vieram depois a acontecer, embora os pormenores fossem diferentes, o caso em si mais significativo viera a cumprir-se. Do mesmo modo, situações passadas que se repetiam em sonho, com as deformações que lhe eram habituais, mas que revelavam um facto novo e importante que estava patente no momento passado e ela não se tinha inteirado dele, vindo mais tarde a certificar-se da exactidão do que o sonho lhe revelara. Teresa sabia que muitas pessoas confessavam que isso lhes acontecia também. Mas eram meandros da mente que continuavam um mistério.

Mistério ou não, ela sonhara com Rogério completamente envolvido sexualmente. Quisesse ela ou não, o sonho desencadeara a suspeita, ateando a sua imaginação acerca da estadia de Rogério em Amesterdão. Havia dois anos, ele tivera que ir lá também... e quando regressou ela descobrira que a roupa dele revelava sinais de aventuras com o sexo oposto à mistura. Havia provas mais do que concludentes que ele se tinha envolvido com alguma criatura para além do convívio meramente social...

Teresa nunca lhe dera a saber a sua descoberta...

E agora, com a ida dele de novo, o sonho que tivera avivava a sua memória. Nessa altura tinha passado mal por algum tempo. Mentiu-lhe sempre deli-

beradamente, dizendo que andava com gripe, que se sentia em baixo por isso, uma febrícula... Enfim, camuflou sempre a razão do seu abatimento. Não queria dar a entender que sabia, que tinha descoberto. Tinha sido, por mero acaso, ela mesma a meter a roupa dele na máquina de lavar, o que não era muito frequente, pois era a empregada que habitualmente tratava dessa tarefa. Dessa vez, não por qualquer premeditação ou intuição, pelo menos consciente, mas sim por mero acaso, recolhera as roupas de Rogério e o desde logo notou um cheiro muito intenso para ser proveniente dum contacto trivial... Para além disso havia manchas de maquilhagem dispersas e o leve aroma de um perfume que era demasiado doce para ser masculino... Depois, acima de tudo, o facto do acaso se proporcionar, o facto de se ter detido sobre os sinais involuntariamente, eram suficientes motivos para que crescesse nela uma certeza inquebrantável do que acontecera. Mas ela quis manter o segredo, naquilo que seria para Rogério sempre isso mesmo: um segredo, qualquer coisa de inenarrável, pelo menos perante ela, algo que só faria parte apenas da intimidade dele, não afectando assim em nada a relação dos dois. Partilhar a verdade, naquele caso, era, para Teresa, ter que comungar a perfídia, ter que aceitar o acontecido. «Não, nunca! Guardaria para sempre essa mágoa.» Tanto mais que ela estava segura de que não teria sido mais do que uma aventura fortuita, dessas de uma noite, em que os homens caem facilmente... Mas, e também por não ter tido qualquer vivência do género, Teresa ficara abalada. Passou uns tempos colocando uma série de dúvidas a si própria. Esse episódio, que era dos mais banais no meio das histórias que ela ouvia contar sobre casais, a ela causara-lhe uma grande transformação interior. Nunca antes podia ter imaginado que teria uma reacção que gerasse alterações tão profundas no modo de encarar o mundo. Porque uns raciocínios lhe trouxeram outros, numa sucessão de pensamentos incontrolláveis, cujo culminar era o imaginário envolvimento mais sério de Rogério e o fim do seu casamento. Ou mesmo, não sendo aquele o caso, agora a hipótese de que isso pudesse acontecer tornava-se encarável, plausível. Ou seja, descambou a pensar no que seria para ela a maior infelicidade da sua vida: a perda de Rogério, a ideia de se imaginar sem ele... Da sua vida sem ele. Esse abismo, que já não tinha quase nada a ver com o facto inicial, de uma aventureca qualquer, aparecia-lhe, pela amplidão da sua ideia de marido e mulher, pai e mãe, mais e mais profundo, causando uma sensação de angústia de que não era fácil libertar-se. Pensou que o problema estava nela, por não saber meter o assunto na gaveta própria, arrumá-lo e

pronto. Mas saber isso adiantava-lhe de pouco. O cérebro lá tinha a sua autonomia para a martirizar. Foram, pois, mais as consequências do que o incidente em si. Mais o pensamento do que a realidade. Todavia, isso fez com que Teresa desse uma grande cambalhota intelectual. Ela lembra-se perfeitamente que foi quando começou a desanuviar desse estado sombrio de confusão que se reforçou a ideia de trabalhar, mais uma vez, com os *C.H.M.*, os *Clínicos Humanitários do Mundo*. Entregar-se a mais uma missão. E só a ideia, por estranho que lhe parecesse a princípio, dava-lhe um ânimo novo, uma lufada de ar fresco parecia entrar na sua vida. Embora estivesse dedicada ao seu trabalho no Hospital e no Instituto, eram rotinas de que nem o seu abatimento fazia com se que ressentissem. O que poderia realmente dar uma reviravolta em tudo era uma comissão, talvez de novo em África. Mais tarde Teresa racionalizou a sua vontade. Seria a lógica da compensação: a sua vida privada era posta em causa, enfraqueciam as suas convicções, era preciso contrabalançar realçando a sua dimensão humana. Ela era mais do que uma profissional competente, uma esposa apaixonada ou mãe afeiçoada. Era um ser humano com dimensão e visão mundiais. Ela tinha ambições e causas ao nível da humanidade. Encerrar-se nos seus problemas diminutos era fechar a porta a um mundo que ela tinha imensa curiosidade em conhecer, em que tinha uma vontade imensa de participar, de colaborar. Um mundo que apelava ao seu desejo de ir mais longe, para ajudar a minimizar os efeitos das grandes calamidades, para cooperar nos movimentos de solidariedade além fronteiras. Entregar-se a uma dádiva maior, seguir à procura de novas aprendizagens, buscar uma mente mais alargada. Enfim, partir.

Agora que estava ali em Angola e que se cumprira a sua intenção que lhe parecia já longínqua, o sonho trouxera-lhe à memória aquele período conturbado. Era curioso que não fora logo depois de acordar, nem durante o dia, mas começou a aparecer-lhe aquele incómodo quando a noite caiu e ela regressava a Luanda. Foi quando planeava telefonar a Rogério ao pensar que ele regressava à noite para o Porto. A suspeita saltara-lhe não sabia bem de que forma, como um detalhe que sobressai de repente numa paisagem banal e que carece de interpretação. Como se esse pormenor do sonho regressasse da sua condição esbatida, quase desaparecida, para se tornar numa espécie de lembrança de um acontecimento real. Misturaram-se pensamentos antigos com a recordação do sonho, com pressentimentos incongruentes, numa amálgama que se insinuava na sua imaginação, na sua lógica, impelindo-a a ligar umas coisas

às outras. A estadia de Rogério em Amesterdão havia dois anos, a circunstância do sonho acontecer precisamente agora que ele visitava aquela cidade novamente... Ela ao mesmo tempo pensava que o sonho não seria mais nada senão do que a manifestação da sua preocupação a nível das camadas mais recônditas e sofridas da sua mente. Ou seja, o medo que Rogério desencadeasse um romance que interrompera. Mas receava também que fosse mais um daqueles sonhos reveladores que trazem a verdade ou qualquer coisa de muito próxima da verdade, sem que haja qualquer explicação racional para isso.

E em vez de se atenuarem as suas preocupações com o telefonema, o que era uma desconfiança sem grande espessura racional, passou a converter-se, a partir daí, depois de ouvir Rogério, numa certeza intuitiva. Bastaram alguns minutos para se tornar numa convicção total. Ela desligara o telemóvel ainda no quarto. Permanecera por momentos absorta, sem saber exactamente por onde vagueara o pensamento. Depois, ainda distraída, foi andando para fora do quarto, passou pela sala, por Mariana, que estava a ver as notícias com Afonso. Estavam de mão dada. Na televisão estavam a dar, na sequência do dia anterior, mais uma reportagem sobre o terramoto na Argélia. Teresa ainda ficou um pouco em pé a inteirar-se das catastróficas consequências do abalo. Pareceu-lhe qualquer coisa de desumano, de atroz. A natureza ao ritmo da coerência sismogénica do planeta e da brutal incoerência para com a existência humana. Para além das baixas, dos estragos, enfim da tragédia humana e material, o que incomodava Teresa era esse desajuste de propósitos, humano e cósmico, que se pensava serem coincidentes, mas a verdade é que nesses momentos o Homem ficava desligado, desamparado, atónito e revoltado pela incompreensão, e constatava ser um simples brinquedo nas mãos dos elementos perante os quais nada podia. Sentiu-se magoada com a fragilidade da humanidade. Resolveu então ir até lá fora, à varanda. O balcão do seu entretenimento nocturno.

Deu uma vista de olhos ao largo, já sem crianças. Hoje só havia um pequeno grupo de cinco ou seis jovens numa roda e os pares de namorados aqui e ali. A menina do lenço escarlate continuava a usá-lo e mantinha a sua muito curta mini-saia rosa forte. Virou-se na direcção da varanda e sorriu para Teresa em jeito de cumprimento. Teresa sorriu também e ficou satisfeita pela cordialidade.

E foi quando ela vagueava os olhos pelos edifícios em volta que a intuição se instalou de forma indubitável. Ela convenceu-se definitivamente que Rogério tinha tido mais um caso ou até repetido a experiência que tivera dois

anos atrás. Era tão firme o seu sentimento de posse da verdade que se tivesse provas concretas em seu poder não estaria mais convicta...

Era uma certeza inexplicável, mas ainda assim uma certeza. Os sinais que lhe tinham chegado e que a levaram a uma persuasão sem reticências já não importavam. A ideia estava alojada para sempre. Porém, não pondo em causa a veracidade do que intuía, intrigavam-na os mecanismos que tinham facultado o acesso remoto ao âmago dos acontecimentos.

Teresa saía da sua ortodoxia científica e procurava então uma explicação para o aparentemente inexplicável: a sua certeza. Os dados eram todos inconcludentes, fabricados pelo subconsciente ou pela imaginação. Como era possível que ela formasse um juízo que garantia ser infalível a partir dessas pistas imaginárias? Talvez que não fossem de todo irrealis, mas obtidas por outra forma de percepção que não a apreensão do conhecimento predominante. Porque ela reconhecia que os elementos que a convenceram, embora dispersos e voláteis, existiam em quantidade que bastasse. Não tinha ela sonhado com Rogério na companhia de outra mulher numa noite por de mais propícia? Teresa inclinava-se até a pensar que o momento em que Rogério entrara no seu sono, teria sido à hora em que ele praticava de facto o que o sonho sugeria. Como esse conhecimento lhe fora dado, nas deambulações do subconsciente, Teresa não podia assegurar, mas ela gostava de pensar que o equipamento mental não se comunicava apenas por intermédio das linguagens veiculadas através da visão ou audição. Garantidamente existiam outras linguagens, menos conhecidas, menos exploradas, com símbolos e códigos de interpretação mais subtil. Sem dúvida que o Homem era um emissor e receptor de inumeráveis sinais na vizinhança ou remotamente, pois nessa esfera a distância física poderia não ser relevante face à velocidade de propagação e a outras características inerentes a esse tipo de comunicação.

Era nessa área que Teresa encaixava melhor as suas percepções intuitivas, onde a racionalidade tomava parte na associação e ligação da imagética e do alfabeto dessas linguagens. Muito improvavelmente poderia alguma vez descodificar as suas premonições e revelações, ficando-se portanto pela simpatia por tais heterodoxias, ela mesma uma intuição também, uma vez que certamente nunca discutiria sobre o assunto com ninguém. Que tinha provas mais do que evidentes de certas formas comunicação imperceptível, era inegável. Aliás existia uma profusão literária, na sua maioria de gosto duvidoso, explorando, em

todos os sentidos, a matéria. Também por isso não seria muito sensato abordar esses temas com qualquer pessoa. As leituras realmente interessantes eram raras, difíceis de encontrar, e o mais das vezes noutras línguas, o que transformava a curiosidade em fadiga. Teresa já lera por diversas vezes, em exposições credíveis, que a telepatia, por exemplo, era inclusivamente uma realidade indispensável à comunicação convencional que, doutro modo, sem um complemento de trocas de informação instantânea não explicativa, conduziria a um desajustamento sistemático, a mal-entendidos sem fim, ou, no mínimo, a uma velocidade de transmissão do conhecimento e ideação muito lenta. Isso era facilmente verificável no dia-a-dia, na conversação corrente que fruía sem grandes atropelos mercê desse contacto imperceptível que se estabelecia.

Esse era realmente o campo tão maravilhoso quão incompreensível, onde a ciência caminhava muito lentamente, a que chamavam de parapsicologia. Mas para Teresa, ela não se atreveria a confessá-lo, todos esses fenómenos faziam simplesmente parte do sistema sensorial comum, apenas se encontravam ainda numa fase de desenvolvimento primário. Para ela fazia todo o sentido que essas faculdades fossem aumentando progressivamente, bem como o respectivo acompanhamento científico se tornaria mais adequado. As tecnologias que permitiam estudar o funcionamento do cérebro eram cada vez mais especializadas, aliadas aos avanços das ciências do foro psicológico, acabariam por enquadrar naturalmente o conhecimento de uma consciência concomitante que conviveria com as percepções que actualmente careciam de uma explicação plenamente convincente...

O sonho sobre Rogério só por si constituía matéria suficiente para a informação que ela acreditava ter tido. Informação que se tornara absolutamente consciente pela maneira como se instalou na memória, o que não acontecia com a maioria dos seus sonhos. No seu caso muito poucos eram os sonhos que eram eleitos para sobreviverem ao tempo: a maior parte não se lembrava de todo; um grande número apenas tinha acesso quando acordava, e logo a seguir se esquecia para nunca mais; alguns havia que lhe regressavam ainda, meio esfarrapados, durante o dia subsequente à noite em que os tivera; e então por fim a categoria dos mais escassos, que perduravam por longo tempo, quase intactos, desde o instante em que os conhecera conscientemente. A esta última classe pertencia, numa percentagem diminuta, os sonhos que Teresa sabia lhe revelariam, de forma mais ou menos velada, indícios susceptíveis de, se convenientemente analisados, a esclarecerem sobre questões passadas ou futuras, relativas à sua vida ou mesmo

a situações que não lhe diziam directamente respeito mas com os quais estaria de alguma forma emocionalmente envolvida. A suspeita de que Rogério tinha andado a divertir-se em segredo, desdobrando-se numa forma que a magoava, nascera pois de um desses sonhos que persistiam e que se imiscuíam no pensamento, instalando-se e progredindo até formarem verdades, com ou sem demonstração.

E depois durante o telefonema... Teresa quando começara a falar com ele estava completamente alheia às suas suspeitas. Mas alguma coisa se teria passado para que lhe viesse à ideia, de repente, sobrepondo-se a tudo o resto, a imagem dele a fornicar arbatadamente na praia. E fora o tom da voz... Com certeza que fora o modo como ele lhe perguntara com algum acento de impertinência quando é que ela voltava. Era uma pergunta completamente despropositada. E ele tinha largado a interjeição: «Quando ganhas juízo e voltas?» Fora esta pergunta que desencadeara a lembrança do sonho e foi a partir daí que a equação se mostrou de solução possível.

Agora Teresa aparafusava tudo concludentemente: Rogério estava descontente com ele próprio no que a ela dizia respeito, e espontaneamente transformara-a a ela no seu espelho, ainda que desfocado. Pois perante ela, conforme o sonho lhe revelara, ele é que devia ganhar juízo e voltar para ela, metaforicamente, claro. Tudo fazia sentido. As peças do puzzle encaixaram-se. Não por vontade dela, que preferia nunca ter sabido de nada, pois considerava que esta era uma dessas histórias em que a ignorância era uma afortunada dádiva do destino, mas sim porque os acontecimentos se impuseram à sua intuição. Mesmo que fosse a sua mente a fabricá-los, ou a dispô-los de modo a que se tornassem ideáveis e conclusivos, nunca fora esse o seu arbítrio, o seu desejo consciente. Teresa sentia, como em outras tantas vezes, que as coisas vinham ter com ela, mesmo quando não tinha qualquer noção de que as procurava... Quantas vezes ela tivera a sensação de que a vida funcionava um pouco como se ela viajasse a grande velocidade, sem possibilidade de se deter, e lhe parecia que não era ela e o veículo que se deslocavam mas sim a paisagem que avançava vertiginosamente em sua direcção! Como se, desencadeada a viagem, apenas lhe restasse manobrar o melhor possível, de lidar com tudo o que lhe aparecia pela frente, que vinha de encontro a ela. Sem possibilidade de parar, ou seja, de fazer com que a paisagem não avançasse para ela, a única atitude a tomar era manter a maior estabilidade possível, para que o veículo não se desgovernasse e sofresse algum acidente...

Não, desta vez não ia esbarrar, não se deixaria enredar pelos sentimentos. Se Rogério tinha necessidade das suas folgas, melhor e pior para ele. Melhor para ele que se ia divertindo com a experiência da diversidade e pior para ele que ia perdendo a incondicional confiança de Teresa, a sua afeição absoluta. Isso era irremediável. Ela sabia que, por mais que lutasse para que nada se perdesse, era impossível travar o processo de degradação que se seguiria àquela notícia. O que ela mais desejava era que essa deterioração não a atingisse muito, ao ponto de inverter a marcha... De tal maneira que a paisagem em vez de caminhar para ela, começasse, inversamente, a afastar-se! Aí ela estaria condenada a acelerar sob pena de não ter sequer a possibilidade de conduzir. E ela bem sabia que nem sempre estivera em condições de acelerar ou até de sequer saber como fazê-lo...

Num baque a electricidade falhou mais uma vez. Gerou um burburinho enorme com alguns impropérios à mistura. Depois tudo mergulhou num silêncio pesado por uns minutos. Um silêncio que sabia a uma censura muda, amarga, a desgosto. Fazia lembrar a guerra. Porque quando havia guerra a luz falhava: «...Por causa da guerra... Sabotagem... O inimigo...» E agora as pessoas pensavam: «... Já não há guerra, estamos em paz... Porque é que a luz falha mais do que dantes?!» Porque isso era o mais desesperante: a impressão de que a electricidade, desde que terminara a guerra, sofria maior número de cortes. As razões seriam diversas e com certeza inteligíveis, mas ficava aquela sensação de moléstia, mais uma, a corroer as paciências urbanas.

Os “geradores” começaram a funcionar. O primeiro, que possuía um dispositivo qualquer que assegurava ignição automática em caso de falha de energia da rede exterior, ligou imediatamente a seguir ao corte, acrescentando um ruído incómodo ao largo, ainda que razoavelmente silenciado para o tipo de motor que era. Mas quando o barulho de outro dos geradores se veio juntar, aí o ensurdecedor troar das máquinas foi, durante os primeiros minutos, verdadeiramente insuportável, só se tornando mais tolerável passado algum tempo, não porque o barulho diminuísse mas porque o ouvido se foi progressivamente adaptando... O terceiro “gerador”, que garantia o fornecimento na casa onde ela estava, permaneceu em silêncio. Teresa lembrou-se que Afonso tinha dito ao jantar que o gerador não tinha gásóleo e que ele só tinha possibilidade de o trazer no dia seguinte. Logo por azar...

Com o incidente Teresa ficou completamente ligada ao presente, àquele momento desagradável, que significava que provavelmente já não tomaria o duche

que programara. O abastecimento de água da rede pública, em grandes áreas de Luanda, era insuficiente. A maior parte dos habitantes, que não tinham possibilidades económicas, acartava a água donde podia e usava a água de uma forma que Teresa nem queria imaginar... As casas dos mais afortunados possuíam depósitos particulares abastecidos por camiões tanque, também privados. Essas casas, que se podiam dar a esse luxo, estavam também equipadas de um sistema de bombagem eléctrica que colocava a rede interior de água da habitação a funcionar em condições praticamente normais. Mas não havendo energia eléctrica, se não se dispusesse da autonomia de um gerador, nada feito. Ficavam sem luz, sem ar condicionado, sem água e sem disposição nenhuma para o que quer que fosse. Assim se entretanto tudo continuasse na mesma, Teresa ir-se-ia deitar, sentindo a pele pegajosa de um dia inteiro de calor, ansiando para que no dia seguinte de manhã as coisas já tivessem normalizado. Não podia deixar de sentir que a ineficiência de Afonso, apesar dele próprio sofrer com isso, tinha muito a ver com o seu desconforto.

Autonomia. Era essa a palavra-chave em Angola, autonomia. E para se ser autónomo era preciso um esforço inicial muito grande. E por isso só grandes organizações se conseguiam instalar e fixar ali. Com uma logística capaz de criar a autonomia baseada nas possibilidades criadas que supriam as parcas estruturas existentes. Sem uma autonomia quase integral estariam entregues à inépcia dos sistemas públicos e aos particulares de competência duvidosa.

Teresa não tinha vontade nenhuma de se recolher e apetecia-lhe ficar ali na varanda até a luz regressar. Ficava tão mal humorada sempre que aquilo acontecia. Os pensamentos de revolta sucediam-se em catadupa. Mas Angola era isso mesmo, ela já sabia. A luz que faltava, a água que não havia, o calor, o paludismo, a diarreia, o espectáculo da indigência, o favor remunerado, a insurreição passiva, a complicação premeditada, tudo isso ela já conhecia, tudo isso fazia parte da sua opção. Porque ela tinha bem presente a sua experiência no passado e constatará suficientemente que as melhorias eram poucas. É certo que agora se encontrava quase tudo e algumas das privações dos inícios dos anos noventa já circulavam como anedota. Mas só alguns estavam bem posicionados para usufruir da fluidez dos mercados, a pobreza era a situação gritantemente dominante, embora a maior parte da população nem consciência tinha do que pudesse ser um conforto razoável... socialmente aceitável.

Para além das duas moradias onde os “geradores” insistiam em aturdir todos os residentes, o largo era o único espaço vizinho que exibia a sua exce-

lente iluminação E a música lá estava, a desmentir a tristeza, fazendo com que alguns dos jovens, que todavia ali conviviam, se requebrassem ritmadamente, às vezes de modo quase imperceptível. De resto, agora a luz que se soltava das janelas era da luminosidade frouxa das velas, numa visão tétrica de vidas esparsas, unidas pela aziaga e repetitiva falha de electricidade.

O céu ficou mais nítido e as estrelas aparentemente ganharam mais brilho. A Lua, que adquiriu distinção, ostenta o seu quase quarto minguante, como se vê pela sua forma próxima de um “D” e em Angola, por ser hemisfério sul — em vez de ser “mentirosa” como em Portugal e no hemisfério Norte... — a Lua é “verdadeira”, o que quer dizer que se trata de um “D” por estar *Decrescente*, logicamente.

Teresa lembra-se perfeitamente quando Rogério lhe explicou estas subtilidades acerca da Lua. Ele era um tanto fanático pelas fases da Lua, mas de um modo metódico, científico. Sabe sempre qual é a fase em que se está. Atribui a isso importância para a sua vida quotidiana. Acha que existem influências mais ou menos benéficas para o corpo e para a mente emanadas dessa enorme massa tão próxima da Terra. Aliás, Rogério era dado a um certo relacionamento com os astros, fundamentalmente com o Sol, o que também advinha da sua paixão pela arquitectura. Para ele, conforme às vezes dissertava para ela, uma edificação teria que começar a pensar-se, se fosse possível, se não estivesse constrangida a priori pela sua localização, pela sua relação com os astros a começar naturalmente pelo Sol. Porque Sol era iluminação, calor, manifestação intensa, e a sua penetração no espaço habitado encerrava possibilidades infinitas, cujas opções eram, consoante os fins, susceptíveis de favorecer ou arruinar o ente arquitectónico.

Quando eles se conheceram, Rogério fazia longas prelecções sobre a arquitectura e arte de uma forma geral. Sempre fora um temperamento apaixonado. Quando se apanhava a desenvolver um raciocínio que tivesse a ver com as suas predilecções, e sentia que Teresa o escutava atenciosamente, ele empolgava-se de tal modo que atingia uma desenvoltura e brilhantismo tais que ela se encantava e imaginava que podia ficar a ouvi-lo eternamente... Tudo em que se metia levava até ao fundo, alegremente, impondo-se horários violentos e disciplinas espartanas para conseguir os seus intentos. Muito aplicado e concentrado, perfeccionista, porém, atencioso com os demais, sobretudo com ela. A sua acti-

vidade profissional e todos os inúmeros satélites, cada vez mais numerosos, absorviam-no praticamente na totalidade, ao ponto de menosprezar quase por completo a vida social. O único amigo assíduo que Teresa lhe conhece é Edgar. Sem dúvida muito amigos e fortemente influenciados um pelo outro. Ela sempre diz a Rogério, o que ele sistematicamente refuta, que eles são muito parecidos. E são, pensa ela, não nas ideias, nos gostos ou formas de actuar, mas sim no carácter, pela energia que põem em tudo que faziam, e pela ideia que ambos dão que fizeram uma aposta arriscadíssima em si próprios e que tudo depende disso, e também, de forma invulgar, o desprendimento que votam às questões materiais e a ventura de nunca terem que pensar muito nisso... Eram razões de sobra para Teresa os considerar da mesma estirpe. Edgar é também, de todos os amigos e conhecidos de Rogério, aquele de que mais gosta, que mais admira.

E Teresa olha de novo a Lua, recordando uma noite de Outono, em que ela enlevada aprendeu de Rogério, que divagava contente, como ele sentia a combustão finita do Sol, a gravidade que tudo sustenta, as marés, a Lua e as suas fases e como ela era mentirosa, e o momento em que apontou e lhe disse: «Vês, está em forma de "C", o que te pode dar a mnemónica: "C" de Crescente, mas como a Lua é mentirosa está em fase decrescente. E vice-versa "D" para Decrescente que é crescente! Vês, nunca mais vais esquecer as fases da Lua!» E depois olhou-a, como se o que lhe acabara de dizer os ligasse para sempre, puxou-a para si com delicadeza, e deu-lhe o beijo ao ar livre mais longo de que ela tinha memória. Ela lembra-se bem. Rogério, o seu grande amor, o seu maior amigo... E então as lágrimas soltam-se finalmente, espessas e mornas, primeiro renitentes, depois fluidas e bastas. Rolam-lhe pelo rosto abaixo sem que se importe, sentindo um silêncio magoado por dentro, preenchendo-a até doer e ter dó de si. Deixa-se chorar, deixa-se invadir por uma nostalgia do tamanho dessa noite sem fim, sem luz, sem água, sem Rogério, sem nada...

E tudo o que ela sabe, que já de maneira alguma põe em causa, que a faz amargurada, é tão fortuito!... De uma substância tão volátil. «Porque tinha ela que saber?! Que acidental despertar a inteirou do sonho que conduziu à angustiante suspeita? Para se recordar tão claramente do sonho tinha que acordar num instante bem determinado. O acaso que escolhera esse minucioso momento tinha-se comprazido a dar-lhe o terrível presságio.» Agora que sofre, que o mundo desaba, por mais insignificante que seja o caso, Teresa sente-o desmesuradamente ignóbil, injusto. É engolida pelo desespero perdendo as margens da realidade.

Quando começa a serenar instala-se uma estranheza no pensamento sobre a lógica das coisas, a forma como a imaginação se pode apropriar dos acontecimentos. Imagina que talvez exista um fluido incomensurável e imperceptível que mantém tudo e todos em contacto permanente, mas de tal forma subtil que só em raras circunstâncias a sua substância se manifesta na mente humana. Acha a ideia tão estapafúrdia quanto interessante. Vai-se sentindo cada vez mais aliviada e o próprio ar circundante lhe parece mais leve e transparente. Atenta no largo que esteve sempre ali à sua frente, indiferente ao seu drama. Repara na menina do lenço escarlate: torce-se a rir com as cócegas que o namorado lhe inflige. Afinal a vida é composta disso mesmo: de alegria, de sofrimento e, sem dúvida, de perdão. Sendo este o primeiro passo para a sua tranquilidade. Não apenas o perdão a Rogério, que se calhar já há muito o concedeu, mas às circunstâncias, aos acontecimentos que lhe foram adversos, ao passado que lhe tornou o presente tão amargo. Sim, é imperioso que perdoe, pois, para Teresa, isso é condição indispensável para a possibilidade de um futuro auspicioso...

11. Linguagem

Na luz e sombra dos edifícios o sol da manhã impõe os seus matizes. Num deles, pela quantidade de vidros de que uma das fachadas se compõe, reflectem-se os que lhe são vizinhos e também, lá no alto, o raiado brilho intenso do corpo solar espelhado directamente por um dos painéis, numa esplêndida prodigalidade urbana. De tal maneira que as pessoas que caem no raio de acção daquela luz tão vivamente reproduzida são obrigadas a proteger a vista com a mão, por ficarem momentaneamente ofuscadas ao olharem em certas direcções. Os passeios esquadreados em quadradinhos sem fim vão permitindo o passo firme aos transeuntes que não deixam de se cruzar, incógnitos, apressados ou nem tanto, hoje mais descontraídos pela amenidade do tempo e pelo Sol. A cidade revela, pelas ruas, pelos recantos, pelas casas acanhadas, ensombradas pelas modernas torres, que nem sempre foi assim... Que está na posse de ancestrais e incontáveis histórias. Mesclada de velho e novo, o Porto é uma urbe carregada de Portugal, até no nome.

Serguéi nunca estranhou muito a cidade. A língua sim, os símbolos, signos e significados da linguagem falada, ele estranhou no início. A linguagem arquitectónica não. Talvez por muda, estática, firme, simbólica com certeza, mas na generalidade menos ambígua, mais interpretável. E sobretudo inofensiva, pelo menos pelo seu estado petrificado, imóvel, sem ofender ninguém, a não ser algumas sensibilidades estéticas mais apuradas, e mesmo assim de forma passiva.

Depois de se ter despedido de Edgar, Serguéi foi caminhando para o instituto em passo ligeiro. Demorara mais do que tinha planeado no café, o que o ia impedir de apanhar Marta antes da sua aula. Mas não estava de maneira nenhuma contrariado, podia encontrar-se com ela a seguir às aulas e combinar qualquer coisa para mais tarde... Sentia-se até satisfeito pelo atraso, já que tivera a oportunidade de uma conversa que lhe agradara de sobremaneira. Considerava até ter sido uma sorte o ensejo de conhecer alguém com quem simpatizara. Não era muito frequente sentir-se assim empolgado numa pequena conversa. O

encontro casual transformara, no espaço de alguns momentos, um cliente anónimo do restaurante numa pessoa conhecida, porventura uma relação que poderia aprofundar. Não podia deixar de se sentir lisonjeado por ser notório que existia uma curiosidade genuína sobre a sua pessoa.

E agora vinha a pensar precisamente na linguagem, cujo domínio lhe permitia entabular uma conversa praticamente em pé de igualdade. Uma coisa que há uns anos tinha julgado impossível. Chegou a desesperar do português... Pensava que nunca iria perceber a população e que o mais que conseguiria era um vocabulário de sobrevivência. Jamais iria trocar ideias, pensamentos, exprimir opiniões, combater e defender pontos de vista. Num país de Língua estranha, Serguéi seria sempre um solitário, com a agravante de ser um intelectual, de sentir um enorme prazer nas manifestações do raciocínio, na partilha e debate de conceitos. E eis que se patenteava claramente a prova em contrário. Naquele caso era indubitável que o interlocutor possuía uma cultura acima da média, que era um intelectual como ele, e no entanto o diálogo fluiu como entre dois compatriotas que dominassem o uso da sua Língua sem qualquer constrangimento. Não é que ele não estivesse já seguro da sua aprendizagem e não tivesse posto à prova os seus recursos. Mas acontecera a confirmação inequívoca de que conseguia estabelecer um entendimento perfeito, dentro de um padrão elevado, com suporte em significados manifestos e subentendidos, que só seria possível pela posse da mesma linguagem, pelo domínio pleno da Língua portuguesa.

O regozijo de Serguéi ia pois muito para além da perspectiva de um novo conhecimento, intelectualmente interessante, abrangendo pois o testemunho de que a apropriação do sistema de linguagem português estava praticamente consumada, de que possuía o conhecimento das regras de um jogo que podia praticar sem inibições, até ao limite, até exaurir todas as possibilidades ao seu alcance, em que podia arriscar todas as consequências...

Sentia-se fortalecido com estas comprovações. Interiormente havia sempre dúvidas, hesitações, sobretudo pela fragilidade numa certa erudição, por insuficiente treino. Porque, quanto ao pensamento de si para si, Serguéi sentia-se muito perto da mente bilingue, não considerando o russo e o ucraniano como duas línguas distintas... Já por diversas vezes dera por si a pensar em português, o que nunca acontecera em inglês, essa sim, uma linguagem até agora de mera conveniência. E a estruturação do pensamento era diferente. Pois se a matriz era diferente... Não se tratava já de traduzir, ou encontrar a interpretação mais ade-

quada para as expressões russas ou da Ucrânia, mas sim de equacionar as questões com os conceitos em português, sem atentar em qualquer outro significado que não o português. Então, embora não pudesse pensar como um português, podia muito bem simular uma lógica através da Língua portuguesa. A partir daí, se quisesse ir mais longe, e ele estava interessado nisso, teria que mergulhar ainda mais na História, na literatura, nas letras e artes em geral, nos costumes, enfim, na cultura. Entender o pensar e o sentir e encontrar a alma daquele povo. Sim, porque Serguéi não tinha a menor dúvida que a Ucrânia vagueava dolorosamente à procura da alma que perdera, ao passo que pressentia que os portugueses tinham-na tão grande que muitos nem dela se apercebiam... E já que ali estava, ele inteirar-se-ia dos factos e das suas razões.

Acabou por encontrar Marta no final das aulas da manhã. Ela já ia a caminho da saída em passos miúdos, os ombros um pouco descaídos e os cabelos pretos encaracolados movendo-se ao de leve ao ritmo da marcha. Serguéi reconheceu-a pelas costas, hesitou, mas depois, pela roupa, pelos sapatos e pela maneira de andar, teve a certeza que era ela. Foi no seu encalço e deixou-se caminhar uns metros atrás dela. Já em plena rua, deu uma pequena corrida silenciosa, aproximou-se sorrateiramente por trás e tapou-lhe os olhos com as mãos sem proferir palavra. Ela apenas teve um leve sobressalto ao primeiro toque, pela surpresa do contacto da pele, porque logo de seguida permaneceu por instantes completamente relaxada, como que a receber a vibração de umas mãos que lhe eram familiares e bem-vindas, e depois exclamou:

— Serguéi!

Ela não tivera a mínima dúvida que era ele. E a ele agradou-lhe imaginar que ela pensava nele, porque não tinha ido ao seu encontro em toda a manhã, e que as suas mãos eram concretização do seu desejo de o ver, mas não quis certificar-se. Em vez disso, de imediato lhe lançou o desafio:

— Marta, hoje é quinta-feira. Só tenho o turno do jantar no restaurante!

— Sim, entras às seis, já sei... E daí? — Ela começou a andar de novo, um pouco de lado enquanto ele não se pôs a caminhar ao lado dela. Depois, quando já seguiam lado a lado, ele colocou-lhe o braço sobre o ombro chegando-a mais para si, envolveu-a com afecto e continuou:

— E sendo assim, podíamos fazer um programa. Comíamos qualquer coisa simples...

— E depois íamos para tua casa!... — Marta, antecipou-se, dando-lhe a entender que já sabia o que ele queria e que era tudo o que ele esperava dela...

— Não necessariamente, — ele queria vê-la alegre, meiga — podemos ir a qualquer lado, diz tu...

— Então se sou eu a dizer, vamos aproveitar este sol e vamos dar um passeio a pé, depois sentamo-nos numa esplanada, apenas pelo prazer de estarmos juntos, usufruindo da companhia um do outro e deste excelente dia!

Não seria bem aquilo que Serguéi pensava serem os componentes para gozarem um excelente dia juntos. Marta, nos seus vinte e três anos, onze anos mais nova do que Serguéi, tinha uma ideia muito mais romântica do namoro do que ele. Era ávida de conversação com ele, gostava de o ouvir falar. Contudo, Serguéi nem sempre era muito pródigo em palavras com ela. Às vezes era muito mais falador com os colegas deles do que com ela. Então Marta entristecia a pensar que Serguéi e ela não tinham uma relação afectuosa equilibrada. Ele nunca debatia com ela esses assuntos, nem sequer alguma vez lhe dissera qual era a natureza e até onde se estendia o desejo que tinha por ela. Que ele a quera muito, era por demais visível e até para ela ligeiramente intimidador.

Serguéi não quis convencê-la. Suspeitou de uma possível contrariedade e não quis desagradar-lhe. Sorrindo, anuiu:

— Está bem. Acho que me vai saber bem passear. Por estes dias tenho andado pouco.

Marta ganhou um novo ânimo. Começou a andar mais apurada, mais decidida. O seu semblante iluminou-se, sorrindo.

— Então faremos todo o percurso, não muito depressa, desde a Avenida Brasil até à ponte da Arrábida, por aí fora, e volta, até ao *Molhe*. — Marta fechou os olhos ao falar como se fizesse o trajecto mentalmente.

Ele pensou que era o velho circuito de sempre, aquele que oito de cada dez portuenses não se cansavam de repetir... Talvez um pouco mais alongado, até à ponte... Mas seria salutar.

Serguéi acostumara-se ao Porto, acabara por gostar da cidade. Quando estava em Vila Nova de Gaia, nos primeiros tempos, vinha constantemente ao Porto, por isto ou por aquilo, achando que era uma cidade velha, sombria. Encantava-se contudo com as zonas à beira-rio e junto ao mar, que pela superfície espelhada da água se tornavam mais luminosas e inspiradoras. Conforme se dizia que «com o tempo gosta-se daquilo que se conhece e conhece-se aquilo que se gosta» também ele foi aprendendo a gostar da cidade, das suas partes antigas tortuosas e confinadas, mas mais ainda das zonas rasgadas, bem abertas ao

Sol, que as havia em quantidade suficiente. E depois foi ganhando razões de habitante, de uma vivência quotidiana, da familiaridade dos locais, das praças, dos cafés, do aconchego dos recantos mais dilectos. Enfim, sem esquecer as causas sentimentais, pela sua adopção natural, pelo sustento garantido do trabalho, pelo conforto que nunca tivera antes. Tudo eram motivos de sobra para, ao fim destes anos, ter um apego à cidade mais próprio talvez de um português do que de um estrangeiro como ele. Em boa verdade, um estrangeiro muito especial, porque se era um facto que ele se sentia adoptado pela cidade, pelo país, ele também elegera a cidade, também abraçara o país, a sua população. Ao ponto de aprender profundamente a sua Língua, de se esforçar por entender a sua História, de tentar penetrar nos seus símbolos. Ao ponto de apreender os seus desejos, ambições, esperanças, segredos, para melhor se integrar, para estar mais perto das gentes e ambientes que o rodeavam, para entender como participar e como pretendiam que ele participasse. Ao ponto de abandonar a ideia de regressar à Ucrânia, de pensar na hipótese de não mais voltar ao seu país! De tal forma que às vezes quase se sentia como um português, um portuense e em muitas causas tomava o seu partido acerrimamente. Serguéi não podia apontar nenhum motivo distintivo para que tudo isso pudesse ter acontecido assim, daquela maneira. Quando ensaiava uma visão retrospectiva da sua vida entrava num remoinho entontecedor, de onde sobressaíam alguns pontos fulcrais em que se apoiava, que constituíam os marcos fundamentais de permanências, partidas, chegadas e viragens da sua existência.

Nessas espirais do passado que se entrelaçavam a perder de vista, com tudo o que aconteceu e tudo o que poderia ter acontecido se as opções tivessem sido outras; nessas tramas imaginárias em que o raciocínio se perdia em ramificações de ramificações; a fiada do seu percurso surgia-lhe por vezes evidenciada, nítida, como estabelecida pela convergência de todas as outras linhas, de todas as outras tramas, envolvida por um emaranhado nebuloso que mais realçava esse fio que a sua memória distinguia como sendo a sua existência real, toda a sua vida. E nesses momentos aparecia-lhe o seu destino como resultado de uma lógica inabalável. E Portugal e o Porto pareciam ter estado sempre no plano. Desde início que o seu objectivo, sem que o soubesse, era vir parar ao extremo europeu. O seu trilho revelava-se traçado minuciosamente, juntando-se a ele as contribuições para a sua formação e desprendendo-se dele todas as divergências que iam ficando soltas para trás. Serguéi ficava atordoado pela complexidade dos

seus pensamentos mas sentia um certo prazer em verificar que tudo estava certo, justificado, que se fizera o que tinha de ser feito... No fim sobrava sempre um estado de alheamento, de confusão, uma certa angústia, por sentir que o seu sofrimento, as suas paixões, as suas vitórias e derrotas, nada mais eram que o cumprimento de um desígnio que era inalterável, que de uma forma ou de outra ele era obrigado a desempenhar.

Naturalmente que essas suas ideias, a que de quando em vez dedicava algum tempo, acabavam por se dissipar, não sendo para ele mais do que divagações, produto da sua mente dada à meditação.

Outras vezes sentia de um modo diverso, mais amargurado... Quando estranhava o passado tendo a impressão que ele se desvanecia numa distância incomensurável e que só se faziam nítidos os fragmentos mais mortificantes. Esses eram os momentos mais difíceis para Serguéi, as arbitrariedades da sua memória insensível... Porque, para além de qualquer fio condutor que a sua imaginação lhe facultasse, os nós estavam lá, bem visíveis. Às vezes tinha a sensação que renascera, que vivia uma nova vida, que o Serguéi que agora conhecia era uma mutação do anterior, do ucraniano à beira do abismo, que perdera tudo, que desesperara de lutar, que abandonara tudo. Mas logo a memória implacável lhe acirrava o fio condutor e os nós doíam como sempre, sem qualquer mitigação desencadeada pelos seus novos sonhos... Elena continuava presente no seu imaginário, como uma inacessibilidade, um amor mal resolvido, uma quimera dolorosa demais para a sua objectiva irrealdade. Todavia ela ocupava o lugar que nunca perdera. Serguéi continuava a amá-la e lembrava-se cada vez mais dela conforme a conheceu, naquele primeiro dia, no comboio. A memória trazia-lhe todos os pormenores: a brancura da sua pele, do seu rosto, a intensidade dos seus olhos muito azuis, a forma elegante como ela estava sentada... Uma lembrança do primeiro encontro de tal forma viva que, se ele se deixasse arrastar, parecia-lhe ouvir os sons da carruagem em movimento, o burburinho dos passageiros, e sentia até o cheiro que se desprendia de todo o cenário, nessa manhã de onze de Novembro de 1988. Era uma memória indelével. Contra a sua vontade, a cena reaparecia-lhe vezes sem conta e parecia regressar cada vez com mais vivacidade, mais enriquecida de pormenores, que até aí lhe eram indiferentes. E isso bastava para que se soltasse o rol do que desejava arrumar metodicamente num gavetão do tempo. Mas não, parecia que a sua consciência tomava a liberdade de se com-
prazer com o seu sofrimento, encadeando os elos mais desafortunados da sua vida.

— Estás muito pensativo! — Marta há longo tempo que observava Serguéi que ia comendo em silêncio, visivelmente absorto pelos seus pensamentos.

Eles tinham entrado num café que servia refeições ligeiras, depois de andarem num autocarro que os deixou numa área residencial, já mais perto da Avenida Brasil. Depois de serem servidos, Serguéi mergulhou em profundo silêncio, parecendo a Marta que ele estaria num mundo muito distante. Tanto assim era que se sentiu desligada, resolvendo por isso cortar-lhe o pensamento. Ele acusou a insinuação e obrigou-se a regressar rapidamente das suas reflexões:

— Então disseram-me que houve um tremor de terra muito violento na Argélia!?

— Sim, não viste na televisão? Foi terrível. Devastador. Andas sempre a leste. Pois... se foi lá que vieste! — Marta riu-se da sua piada espontânea — O que quero dizer é que todas as pessoas viram na televisão, menos tu!

— Eu também vi... mas só de raspão...

— Ah... Aquilo foi mesmo péssimo! Um sismo muito forte. Foi do grau sete ou oito de intensidade. Uma quantidade de edifícios completamente destruídos, e há muitos milhares de mortos. Já te deste bem conta do que a vida pode valer!... De repente aparece por aí um sismo e lá vamos... As consumições e complicações, em que sempre nos envolvemos, desaparecem num instante. Não valem nada. Não têm importância nenhuma. — Marta dramatizava a fatalidade com sinceridade, assustada com o despotismo da natureza.

Serguéi achou que seria melhor amenizar a conversa:

— Sim, mas parece que aqui no Porto a probabilidade de um tremor de terra, com uma magnitude preocupante, é praticamente inexistente...O solo é muito rochoso...

— Estás bem informado... Às vezes desconfio se tu és mesmo a pessoa que dizes que és. Do pouco que dizes que és... E penso se não serás um português espião ou qualquer coisa do género. Falas como um português, e até com um ligeiro sotaque do Porto; nunca te vi com amigos da Ucrânia; e sabes muitas coisas sobre Portugal que nem eu própria sei! — Marta, mais bem disposta, sorria e entrava no seu assunto favorito: ele! — E estás sempre a dizer bem de Portugal... Mas aí... Enfim, aí é que eu já suspeitaria de qualquer coisa, porque um português que se preze não diz bem de Portugal!...

— Ora aí está um bom assunto! Diz-me tu porque é que os portugueses dizem mal de Portugal. Então se é o seu país! Porquê?! — Ele aproveitava para

lhe lançar o desafio. Era um tema que sempre o interessara e sobre o qual tinha as suas próprias teorias. Era-lhe grata aquela questão porque contribuía para lhe acicatar a curiosidade que o levava a estudar Portugal e os portugueses, de tal forma que actualmente possuía conhecimentos bem acima da cultura geral média da sociedade portuguesa.

— Sim... É uma pergunta interessante mas difícil de responder... — Marta, com ar de quem gostaria de lhe dar uma resposta, ficou por um momento pensativa, continuando devagar — Suponho que têm tendência em se fazerem de vítimas. E por isso culpam o país de todas as suas desgraças. Habitaram-se a apontar os defeitos todos a Portugal...

— Está bem. Mas acho que estás a descrever os sintomas! E as causas? Qual é a causa dessa fobia. O que é que leva alguém a maltratar aquilo que lhe deu a essência?

— Não estás a empolar um pouco! A essência?! E depois, normalmente só se diz mal de Portugal entre os portugueses, é uma pecha íntima, nossa. E não é um fenómeno transversal a toda a sociedade. E garanto-te que, se confrontados com estrangeiros, os portugueses já reagem de outro modo. — Que era o que ela fazia agora ao reagir à expressão contundente dele...

— Nem sempre... E com certeza que é a essência. Pois não é o teu país que te dá uma língua, um passado, uma História, uma paisagem, enfim, uma cultura, para construíres quem és!... Claro que sim. Retira o que o teu país te deu e ficas com muito pouco, sem significado, ao ponto de não poderes saber sequer exactamente quem és! — Argumentou ele veemente sem contudo perder a bonomia.

— Postas as coisas nesses termos... Vejo então que condenas esse procedimento. Que para ti é qualquer coisa como insultar a própria mãe! — Marta atirava-lhe com o exagero para caricaturar um pouco a posição dele, que lhe parecia um tanto extremada, e para ver até aonde ia a sua condenação...

Nesta altura Serguéi e Marta já se preparavam para pedir os cafés e hesitaram se ficariam ainda mais um pouco, já que a conversa estava animada. Combinaram que, logo a seguir a tomarem café, pagavam e saíam para o Sol. Continuariam o debate pelo caminho.

O café era pequeno e agradável. Quando eles saíram estava completamente cheio e o barulho das conversas era tal que quando se acharam na rua pareceu a Serguéi que se tinha feito silêncio de repente. Mas foi uma sensação

instantânea, desfeita logo a seguir pelo ruído dos carros e sobretudo por uma sirene na passagem de um carro da polícia em correria. A tarde estava soberba, um prenúncio do Verão. Após alguns passos Marta tirou o pulôver azul que trazia e colocou-o pelas costas, fazendo um laço com as mangas à altura dos seios, mostrando a camisa em tons de lilás que, ajustada ao corpo, entrava meticulosamente, a toda a volta da cintura, numas calças vermelhas, de sarja, justas, sem cinto. Serguéi manteve o seu casaco. Trazia vestido um casaco cinza primaveril e umas calças de ganga azul.

— Bom, não diria que a mãe e o país onde se nasce — ele retomava abruptamente o assunto, exactamente no ponto onde tinham interrompido, para surpresa dela — sejam idênticos, mas contudo, diria que são equiparáveis. É certo que poderás sempre dizer que uma mãe te dá a vida. E que o faz num acto exclusivo, que podia acontecer em qualquer ponto do mundo. Em qualquer país a tua mãe te poderia dar o ser, criar e educar. Sim, como falamos da vida, de uma relação transcendente, de um mistério da natureza, dirás que não tem equiparação...

Marta foi seguindo o raciocínio de Serguéi que, conforme lhe era peculiar quando estava bem disposto com ela, tomava a forma de dissertação, que era como ela mais gostava de o ouvir. E, deixando-o conjecturar as objecções que ela levantaria, não o interrompeu.

— ... Que a relação com a mãe, mesmo se não atentarmos nas questões éticas ou religiosas, tem um carácter venerável, digna de um respeito sem limite. Pois que não ofenderias a tua mãe sem colocares em sério risco a tua própria dignidade. Mas esta descrição, que te diz da singularidade maternal, revela pontos de contacto com a tua origem geográfica, onde começaste a aprender a ser. Que é disso que tratamos. Não vamos complicar com outros conceitos mais subjectivos que apenas atrapalhariam a simplicidade nua de existir pelo menos um país a quem deves o máximo respeito. Respeito no sentido de consideração, estima, veneração também. É um facto que podias nascer em qualquer ponto do globo... mas... não nasceste em qualquer ponto do globo... nasceste aqui! E tudo que te foi dado é uma parte integrante da tua personalidade, é a tua circunstância inalterável e incontestável. Por isso quando digo equiparável, é que como tal, devias também venerar as tuas origens e preservar a dignidade ao respeitares essa realidade. Podes argumentar que esse raciocínio se aplica a todo o planeta, porque vieste ao mundo na Terra, e até dizeres a todo o sistema solar,

galáxia e mesmo universo. E com certeza que eu concordarei contigo, porque a extrapolação é correcta e o princípio se aplica. Mas eu te direi que será de todo muito incoerente não começar pelo exacto sítio em que aparecemos, que conhecemos, e cujas linguagens usamos todos os dias, em que aprendemos, consciente e inconscientemente, as referências para os nossos sistemas de percepção, com as quais podemos entender e confrontar outras referências, outras culturas menos familiares... Também podes muito bem alterar que nem sempre aquilo que nos acontece é aquilo que nos convém. Também só posso concordar. Não escolhemos o sítio onde nascemos. Ele pode ser miserável, desgraçado, muito desfavorável... E aí, dirias tu, o que te restava senão dizer mal, já que bem não podias dizer... O que podias fazer senão censurar o estado de coisas em que o teu país vivia submergido. E então aí eu contestaria em absoluto a tua atitude. Não só as tuas palavras se revelariam inúteis como inibidoras da acção. Gastarias a tua energia contra ti própria para denegrir a tua origem, tornar-te-ias conformada com a tua aversão, habituavas-te a não gostar de ti. E isso é, na medida certa, talvez aquilo que não podemos dispensar: gostarmos de nós, respeitarmo-nos afinal! Eu te diria que “melhor é acender uma vela do que amaldiçoar a escuridão”... Amaldiçoar a escuridão não iria mudar a tua situação!

— Quer dizer: temos revolucionário! — Marta caminhava a maior parte do tempo com os olhos no chão, completamente concentrada no que ele dizia, mas com aquele último provérbio não pode deixar de o interromper ao imaginar o que seria “acender uma vela” na quantidade de “escuridão” que havia por todo o lado.

— Bom, vamos com calma... Repara que até agora evitei intencionalmente quaisquer considerações de tipo ideológico ou outro de alguma maneira subjectivo. Fiz tenção de me cingir aos princípios mais básicos, de outro modo estaria a introduzir complexidade antes de chegar ao que penso ser essencial e objectivamente axiomático. Não falo ainda de uma acção individual ou conjugada de tipo subversivo, porque na maior parte dos casos os efeitos positivos, se os houver, são penosamente lentos... Não, não entraria por aí. Transformar com sucesso a situação deplorável de um país abruptamente é tarefa para semi-deuses. E, neste campo de ruína e miséria, eu estou à vontade, porque, como tu bem sabes, era esse o preciso retrato da Ucrânia quando emigrei para cá. Portanto sei bem do que te falo... No entanto, acho que nunca, ou, se quiseses, muito raramente, me ouviste dizer mal do meu país! Razões não me faltariam, te garanto. E quanto mais longe estamos do sítio onde nascemos melhor o analisamos, como

aliás acontece com tudo de que nos distanciamos, mas também mais afeição sentimos. E confesso-te que, apesar de tudo, foi aqui em Portugal que me senti mais próximo da Ucrânia... Nunca me arrependi de ter vindo. Foi essa a minha decisão e isso não vem ao caso... A situação era incomportável... Mas, mesmo agora que abracei em absoluto este país, que Portugal faz parte integrante da minha vida e é o grande credor da minha gratidão, de tal forma que às vezes quase que me sinto português... Digo-te a verdade, mesmo agora sinto que, e aqui está um ponto importante para o nosso debate, na hipótese remota de um conflito entre os dois países, se estivesse envolvido em qualquer tipo de conjuntura que colocasse os dois países em situação oponível, eu tomava partido sem hesitar: certamente que a minha origem se sobreporia, de forma implacável.

— Um patriota. Um grande patriota exilado! — Ela brincava com ele, dando ao mesmo tempo a entender, pelo tom irónico, que ele estaria a sair dos tais conceitos objectivos.

— Mas não, mas não! O que te queria demonstrar era que se trata de um factor mais essencial, mais básico, quase irracional, que te liga à origem e ao princípio. Se quiseres, uma vivência psíquica, biológica, um sentimento, uma memória que habita em ti, a mais antiga, aquela que se imprime no início. Com certeza que é um registo que actua numa certa idade e durante um certo período da infância, continuando depois a ampliar-se, mas uma vez a inscrição feita será praticamente impossível rasurá-la. O patriotismo é algo de mais complexo e subjectivo que necessita de um imaginário mais elaborado. De tal maneira é independente dessa noção civilizada que, no limite, se considerares um selvagem do interior da selva que não possua esse conceito de pátria, ele vai ter o mesmo apego à sua naturalidade, a mesma nostalgia, em caso de falta, como se pertencesse a um grande e valoroso país...

É pois a evolução desse sentimento, ligado mais às raízes, de que te falo, e que está na base do respeito por nos próprios. Se renegamos a terra donde partimos, se a amaldiçoamos, é um pouco como negar esse sentimento, que, como é impossível de rejeitar, causará no mínimo um desgaste terrível ao nosso ego. E regressemos então à maledicência dos portugueses, que na minha ideia é contraproducente, vexante, e estorva o avanço que poderia surgir se a energia fosse orientada noutra direcção...

— Já percebi o teu ponto de vista e não posso deixar de te dar alguma razão, — Marta parou um pouco no meio do passeio, e olhando para ele, mani-

festou o ponto da sua discordância — mas o que inferes é excessivo! A teoria que desenvolves não deixa de ser interessante, mas acho um exagero quando a empregas nas críticas que os portugueses fazem ao seu país, que têm até, o mais das vezes, um certo sentido de humor e são praticamente inofensivas, tens que concordar. Sabemos ambos que, no seu íntimo, é por demais evidente que todos têm grande amor a Portugal!

— Não digo que não... Não digo que não. Mas a verdadeira questão não é essa. O que eu condeno tem consequências mais vastas. Pois que a partir daqui é que o caso me interessa verdadeiramente.

Serguéi ia tão entusiasmado com a sua exposição que de repente deu conta que já há um bom pedaço que tinha o mar mesmo ali à sua direita, num tom de azul carregado, muito brilhante, atlântico. Estacou com satisfação, sentiu uma brisa, o ar era ligeiramente mais fresco. Inspirou devagar e profundamente como que a sentir a presença do mar. Marta ficou a olhar em frente, para o horizonte do mar, ao longe. Pararam um pouco junto a um murete que servia de resguardo a uma pequena arribas rochosa. Enlaçaram as mãos e estiveram assim durante algum tempo, silenciosos, a olhar o mar, serenamente, afectuosamente.

Foi ela a quebrar o silêncio:

— Há no mar qualquer coisa inexplicável... É inspirador, misterioso ao mesmo tempo... De todas as maneiras, atractivo!

— E sobretudo para vocês, os portugueses!... — Deslaçaram-se e continuaram a caminhar a par — E, se me deixares, é por aí que eu vou passar, pela História...

— É claro que sim, senhor professor... — Marta entrava com ele divertida. Mas, no fundo, ela apreciava-o naquele tom entusiasmado, um pouco sério, de intelectual preocupado.

— Dizia eu então que era no descrédito, no desrespeito pelo próprio país, nesse dispêndio de energia em sentimentos antinaturais, que residia a minha principal discórdia, em particular por ser intrinsecamente indigno e por conter o verme que contraria a progressão saudável da sociedade. Bastava que mudassem a agulheta para mudar o carril e passassem a construir o raciocínio construtivo a partir da questão de base: «Se as coisas nos são adversas, se não nos identificamos com elas, é porque nalgum ponto algo correu mal. O que é que correu mal?» Este é o trilho que interessa percorrer. Não é certo que se encontrem todas as respostas. É com certeza mais estafante do que “amaldiçoar”, mas

é esta a “vela” que interessa acender “na escuridão”. Porque só ela é susceptível de nos poder revelar as causas directas, indirectas, próximas e remotas, da nossa insatisfação. Porque no caso de Portugal, eu estou em crer que existem todo este tipo de causas que geraram descontentamento na alma dos portugueses, ou seja, não é só de agora, nem é linear, essa acrimoniosa predisposição, essa pecha como tu lhe chamas... Passar-se-ia para a interpretação tão exaustiva e isenta quanto possível da História. Porque afinal é disso que falamos. E aí sair-se-ia definitivamente das culpas, da tendência de culpar sempre alguém, ou alguma parte da História. Porque a História, aquela que o passado aprisionou, não tem culpas, a História pura e simplesmente aconteceu. Podemos, quando muito, falar de causas determinantes, de acontecimentos antecedentes ou consequentes, porque o conceito de culpa é inaplicável. Qualquer sistema moral seria deturpador. Como poderíamos por exemplo estudar a sociedade egípcia com um sistema moral do tipo judaico-cristão? Os conceitos de bem e mal não são estáticos. Podemos sempre introduzir os nossos conceitos éticos actuais, mas isso já numa fase bem posterior, depois de dominarmos os factos, de os interpretarmos extensivamente, de estarmos na posse duma síntese à prova de mistificações baratas...

— Já tinha reparado que acentuas muito o papel da História em quase tudo... — a Marta, de repente, pareceu-lhe que Serguéi enveredava por um raciocínio erróneo — Mas nesse aspecto, no caso de Portugal, dos portugueses, há um grande orgulho na História, como sabes, principalmente pela época dos descobrimentos. Portanto por esse lado não faltam motivos de congratulação, e de maneira nenhuma de menosprezo...

— Certo! Mas isso está na base do edifício lógico que te vou edificar! Tudo tem a ver... O que estava a colocar como condição fundamental para, ao enveredar pelo estudo das causas, depois de ter abandonado o inútil maldizer, encarar os acontecimentos, não como culpados seja do que for, mas simplesmente como elos de uma cadeia que possa fazer sentido, e descobrir o que é que correu mal de facto! Porque se te prendes a culpas voltas para trás, ao bode expiatório, e por conseguinte à vítima, que só lhe resta amaldiçoar, e paras no percurso mais atrás ou mais à frente Se pelo contrário quiseres avançar, descartas-te da moral, e vais encontrar mais facilmente as conexões históricas, as razões das tua angústia, da tua nostalgia, da tua mágoa, o que quer que seja que te pode levar às tais queixas sistemáticas, por onde começamos o nosso debate. Pois só conhecendo profundamente as razões poderás solucionar os problemas.

Não é garantido que este método te dê as respostas todas ou sequer que seja conclusivo, o que te posso assegurar é que é muito mais edificante que outro qualquer e te torna bem mais enriquecida como pessoa e como portuguesa do que a outra forma de estar que não procura as formas de solução pelo conhecimento das causas e se limita apenas a apontar os defeitos.

Nesta altura já tinham percorrido uma boa parte da larga avenida, estando quase ao fim do jardim entre o amplo passeio e a delimitação com a praia. Sem dúvida uma zona muito agradável e habitualmente pouco congestionada tanto de carros como de pedestres. Os recantos abrigados à sombra das árvores distribuíam-se aqui e ali, convidativamente. Havia mesmo um pequeno mirante sobre o mar, de acabamento intencionalmente tosco, com terraço, varandim e bancos em betão, tentando imitar a natureza em alguns detalhes, sobretudo nas pequenas cercas de talhe troncular. Esse recanto, um pouco sobrelevado, embora desabrigado e completamente exposto, seduziu Serguéi e Marta, pela sugestão decisiva que fazia da potencial vista do mar, de tal forma que se detiveram por um instante a contemplar o lugar. Olharam-se e dialogando apenas com os olhos decidiram ir até lá, apressando um pouco o passo. Instalaram-se a saborear o assento que nem por isso era muito confortável. E calados, de mãos dadas, ficaram a olhar a paisagem. De uma total transparência, sem uma nuvem sequer, o azul imperava. Depois de uma magra faixa de areal, que se seguia à profusão de seixos e calhaus junto à pequena ravina onde culminava o miradouro, a espuma em tons esbranquiçados enrolava efervescente, perfeitamente audível, alternando com os pequenos estrondos duma rebentação não muito assanhada das ondas. Depois, quando os olhos subiam, desprendendo-se dessa irregular agitação localizada, a serenidade tomava conta do pensamento em absoluto: uma linha muito tenuemente encurvada a separar o azul carregado do espelho marinho do imenso azul mansamente celeste. Os tons convidativos à contemplação eram agradavelmente riscados pelo voo das gaivotas, a lembrarem no seu grasnar que estavam ali, que pertenciam a um momento bem vivo, apesar da intemporalidade daquele vasto e perfeito horizonte...

Provavelmente Serguéi e Marta tiveram sensações muito parecidas. Era muito natural que uma certa plenitude os invadisse. Ainda se deixaram estar por ali algum tempo, já que depois que se sentiram ligados, não resistiram a trocar afectos, dando toda a liberdade ao desejo que o lugar e o acanhamento permitiam...

— Pois, para mim é no mar que as coisas começam — Eles retomaram o passeio, e Serguéi, encurtava, a partir da influência da visão do mar — o tema do “descontentamento” dos portugueses, claro, para tomar o fio à meada.

— A História dizias tu, a História...

— Sim, eu interessei-me logo pela História de Portugal, mas talvez de forma algo direccionada, não foi só por estar aqui e querer saber onde tinha vindo parar, o que para além da geografia só a História me poderia esclarecer... Foi, depois de saber o trivial, dos descobrimentos, dos heróis do mar, tudo isso, que comecei a achar estranho e contraditório esse processo de rebaixamento, de espécie de complexo de inferioridade, de culpabilização, de “vitimização”, fenómenos que estão na raiz do tal azedume, da tal maledicência autocrítica... Já que o mais lógico era que os portugueses fossem orgulhosos, vaidosos, e com o “rei” na barriga!” Talvez até um pouco de impertinência fosse justificável. Mas não! Tudo ao contrário. E então pus-me a estudar as coisas sempre na mira de poder compreender a História toda. Digo “toda” porque é evidente que os sentimentos de que falamos também fazem parte dela.

— E então, a que conclusão chegaste? Afinal, como tu próprio afirmas, uma vez que estás mais distante podes entender melhor!...

— Sim e sobretudo torna-se mais fácil libertar-me dos juízos moralistas, ou ideológicos!

— E dizes que tudo começa no mar?!

— Bom, penso que sim. A minha modesta teoria passa por aí. Os portugueses nunca se conformaram por terem perdido o império! Esta é que é a verdade!

— Como assim?! — Marta ficara surpreendida com a afirmação bombástica dele — Ao tempo que isso já lá vai! Já ninguém se lembra disso!

— Pois estás muito enganada. Mas talvez não entendas bem o que eu quero dizer, porque também não é fácil. E não é só por isso. Esse é um elo do encadeamento histórico. Mas também precisas de atentar que vinte e nove anos em quinhentos nem chegam a seis por cento do tempo, o que em termos de uma civilização, de um país, de um povo, é muito pouco. Há muitas coisas que tu não te lembras, que nem sequer sabes que existem, mas que percorrem os teus neurónios, que participam na estruturação do teu pensamento.

— Sim, mas daí até ao complexo de perda do império... — Marta ironizou céptica.

— É!... Então fica sabendo... Os vectores que te dão a resultante, que eu chamo “resultante magoada”, são: o império, e quando falo do império quero significar os descobrimentos, a tal opção pelo mar, a alternativa da aventura, a fama, a glória, os novos territórios, as riquezas culturais e materiais, enfim, tudo o que se possa associar à ideia de império, mas numa perspectiva popular, de população, das implicações para os portugueses como povo, por um lado quanto às suas expectativas, conhecimentos, posses, miscigenação, território, etc., etc., tudo o que está associado ao facto de se possuir efectivamente um império, e por outro lado quanto ao seu imaginário colectivo, à consciência de um país como um espaço pluricontinental, multiracial, próprio de uma demanda global e com todas as consequências intelectuais da percepção de um mundo heterogéneo que se tornou familiar. Esse é o primeiro vector que seria perfeitamente inócuo se encarado dentro de uma inevitabilidade histórica, comum também à Espanha, que perceberíamos recuando ainda mais um pouco, passando infalivelmente pela ciência e culturas *greco-romana*, *árabe* e *judaico-cristã* que a península absorveu e sem a qual não se manifestaria o Renascimento ibérico, nem se desenvolveria a sabedoria náutica que o caracterizou. Mas isso não é muito relevante para o nosso assunto de momento. Porque o que interessa é verificarmos como essa herança que, como te dizia, será inofensiva se apreendida como um protagonismo histórico, com os sucessos e desgraças de todos os acontecimentos da História, que, quando muito, enobrece quem participou dele, pela elevação inerente, pelo valor, pela coragem de quem vai à frente, mas que também se lhe agarra o pé de outras vicissitudes menos dignificantes que, como é lógico e humano, se sucederam em tão arriscados, ambiciosos, desesperantes e cobiçosos empreendimentos. Mas não te vou falar nos reveses, nas crueldades, na escravatura, nos morticínios ou sequer no domínio despótico e humilhação de povos livres. Não me vou estender nem no que pode parecer valoroso aos nossos olhos de hoje nem naquilo que nos envergonharia à luz dos conceitos de ética e democracia actuais. Não!... Porque tudo isso faz parte da História. E ela processou-se como tinha que se processar. A História não tem “se”. Tudo aconteceu porque tinha que acontecer. Está feito. Irremediável. E encarando-a como sabedoria, a sua aprendizagem é prestimosa para nos dar matéria para que a História que vamos fazendo seja desenhada com a lição aprendida, para desse modo podermos evitar o sofrimento e criar condições para um desenvolvimento tão harmonioso quanto possível, pelo menos de acordo com as verdades da nossa época,

com as verdades mais excelentes que possamos encontrar, tendo em devida conta o que consideramos que correu mal...

— Acho que te estás a perder! — Marta achou que ele se entusiasmava ao ponto de se desviar do tema — Se vais enveredar por uma dialéctica da História...

— Não, não. Apenas te queria mostrar como os portugueses não fizeram a verdadeira e historicamente inteligível assimilação da sua heroicidade, porque, e aqui vem o segundo vector, o Estado Novo, consideremos o período de 1933 a 1968, encarregou-se de lhes retirar essa possibilidade. Ou seja, existe uma geração a quem foi subtraída por completo a verdade histórica. O Estado Novo, simbolizado por Salazar, criou o estereótipo mais traumático que os portugueses tiveram até hoje e do qual muitos não se aperceberam e os que têm consciência disso não deixam de se sentir profundamente marcados por essa quimera. A ideologia desse período fabricou um mito, à semelhança de outros mitos criados na Europa, pois era apanágio das correntes ideológicas que alastraram na época, como sabes. Em Portugal esses mitos foram muito naturalmente construídos e fortalecidos à custa do mito da História de Portugal, e em particular do mito “heróis do mar”. E esse é, conforme te apontei, o segundo vector: o mito histórico. É esse ente mitológico do “português herói” que os portugueses carregam. Foi exaltada a ideia de homem superior com a facilidade que a própria História proporcionava. A História nacional foi adaptada, deturpada, algumas partes enaltecidas, outras apagadas. Os grandes feitos foram exaltados, glorificados, exacerbados; os desaires foram esbatidos, esquecidos, alguns ocultados. E os heróis... Bom, os heróis nem por isso, porque o herói eram os “heróis do mar”, o povo português.

— Alto aí!... — Marta embora a sorrir, manifestou a sua confusão, a sua contrariedade — Já não estou a gostar nada da conversal!

Era mais que certo que ela estava a gostar de o ouvir. Aliás ela seguia-o com o enorme espanto de o saber estrangeiro e de o sentir tão à vontade com a História de Portugal e os portugueses. Por outro lado, pelo que conhecia dele, a imagem dele a procurar tudo o que tinha a ver com um assunto e a ler afinadamente o que encontrasse era-lhe familiar...

— Não se trata de gostar ou não gostar... Vamos tentar seguir com objectividade a questão. Peço-te que entres na minha análise histórica. Porque te posso dizer que estudei o assunto! Eu sei que não há dois compêndios iguais, que

não há duas visões idênticas. Mas, neste caso, se comparares apenas superficialmente as fontes oficiais com outras menos ortodoxas e sobretudo estrangeiras vais verificar o que te digo. As versões são por demais diferentes e é notória a camuflagem, ao ponto de ser até grosseira em alguma partes. A heroificação foi absolutamente intencional, premeditada. O mais que posso é concordar contigo que a intenção não seria de todo malévola. Porém vamos ter ao que te disse anteriormente: isso não interessa. Por aí perdemo-nos em juízos de valor. Eram as ideias desse tempo, das classes dirigentes... O que nos interessa são as causas e os efeitos: o que é que isso veio a determinar para os nossos dias, porque aí sim, já podemos fazer uma apreciação do que se passa hoje, com base na ética de hoje... Que é na mesma provisória, contudo aplicável... E as causas e os efeitos estão à vista! Tu vais ver como as provas são de sobra! Mas vamos aos vectores. O regime contribuiu então para que não só se ignorasse a História, como ainda se criasse um ideal para o império, que se forjasse uma História para reforçar a mitificação de uma nação heróica, que por direito inalienável usufruía de um império. É certo que essa fruição era distribuída apenas como noção à população, porque só as classes mais privilegiadas tinham direito ao usufruto por inteiro... E assim se sustentou o sistema. Esses eram os alicerces do edifício: o orgulho histórico, a pátria heróica, o império. Não vamos entrar em conceitos mais subjectivos. Temos que dividir para perceber. Mas isto basta para o entendimento da minha teoria... Nestas bases, o Estado Novo, como criador, possuidor e administrador do ente mitológico, estruturou a sociedade, a educação, todo o ensino (purgando todas as contradições), erigiu os valores humanos e sociais concordantes e conseguiu facilmente articular um sistema económico mais ou menos eficiente, através de uma lógica de classes dóceis, submissas aos auto-legitimados detentores da verdade.

— Isso não é mais que uma forma de ver a ditadura, entre muitas outras. Já tive conhecimento de muitas, cada qual a mais original... — Ela interrompeu-o para se desviar e sentar-se numa balaustrada, descansando um pouco. A avenida larga terminara, bifurcando-se. Eles seguiram pela rua que acompanhava a beira-mar. Ainda era bastante acentuado o desnível para a praia lá em baixo. Viam-se alguns, poucos, veraneantes prematuros, estendidos na areia. Ela meteu as mãos nos bolsos, preparando-se para ficar ali um pouco. A princípio ele permaneceu à sua frente, olhando-a, admirando a sua juventude, depois sentou-se ao seu lado, também de costas para o mar. Ainda pensou se ela entenderia bem

o que ele queria dizer, se lhe conseguia transmitir aquilo que queria. Logo a seguir se desvaneceu a sua dúvida, pois apesar da sua aparente ingenuidade, Marta não só tinha por si os estudos académicos como também era muito curiosa e leitora aturada. E também se ele não fosse claro com certeza que ela logo o interromperia. De todas as formas, ela não podia ter sequer uma pálida ideia de como ele tinha adquirido a bagagem que lhe permitia aquele longo discurso. Passados uns minutos ela deu um impulso para a frente, pôs-se em sentido e puxou-o com força agarrando-o pela mão. Riram-se e continuaram o passeio lentamente. Ao fim de uns metros em silêncio, foi Marta que quis que ele retomasse a explanação: — É como te digo, tenho ouvido muitas teorias mas a tua é muito singular. Dizias então que a ditadura...

— Então, o Estado Novo e a sua ditadura conseguiram manter a ideia até bastante tarde, face às ideias que se foram transformando na Europa, onde o conceito de colonização começou a mudar para uma significação próxima de apropriação indevida e, com o pós-guerra, os regimes totalitários em voga começaram a desaparecer, alastrando-se as ideias de liberalismo e democracia. Isto, como é evidente, na Europa Ocidental, porque na Europa de Leste como sabes... não tão bem quanto eu... tudo foi bem diferente. Mas aqui na península Ibérica assistiu-se a uma grande obstinação dos regimes ditatoriais. Em Portugal, particularmente, o sistema foi-se fechando ao mundo por falta de identificação ideológica, pela estagnação política, até próximo do isolamento a partir dos anos sessenta. Mas aqui não me vou alongar muito, já que o nosso entendimento das particularidades gerais políticas e sócio-económicas do que ficou conhecido por Salazarismo deve ser com certeza muito semelhante. Apenas te queria fazer realçar o que eu considero ser o terceiro vector e ficar-me-ia pelos três vectores fundamentais da tal resultante da mágoa dos portugueses. Este último deriva directamente do sistema de gestão do “Estado-providência Salazarista” que atingiu um dos graus mais especializados entre os seus congéneres, como sabes. A forma como o Estado chamou a si a estruturação social, económica e política, centralizando o poder de forma monolítica e prepotente, assumindo a gestão, protecção e controlo total do país e dos seus cidadãos, desde as organizações mais elementares de carácter social e cívico público até às estruturas mais sofisticadas da economia corporativista privada em que se baseava. Mas mais uma vez te friso que para o nosso propósito não interessa agora saber em que medida é que a aplicação dessa forma de gestão autocrática sacrificou algumas classes, privile-

giando outras, prejudicou algumas forças vivas da sociedade, beneficiando outras, ou o tipo de justiça e injustiça que se terá praticado de acordo com os valores do regime. Nem tão pouco nos vamos deter sobre a liberdade, conceito de que se usa e abusa de tal maneira que tenho a ideia que a esta altura ninguém já sabe muito bem o que é... Olha, aí está um bom tema para um dos nossos próximos passeios culturais...

— Acho bem! Mas não vais negar que, para nós os portugueses, a questão da liberdade signifique muito. Porque aí também é a História que nos elucida sobre os atropelos que se praticaram. E há factos e datas que se devem homenagear e nunca esquecer!

— É certo. Mas isso está fora de causa. O que importa agora é apontar a terceira força: o Estado-providência. Assim se a primeira é, se estás lembrada, o imaginário da epopeia do vector “império”. Se a segunda força é a História mitológica que o Estado Novo redesenhou, com o vector “mito histórico”. Então, e por fim, a terceira força é o bloqueamento, o constrangimento com que o vector “Estado-providência” moldou os seus providentes, os seus protegidos, desabilitando-os de decidir o que quer que fosse, de se organizarem para a mínima causa, destituindo-os do comportamento gregário, da participação compartilhadora. Então e para concluir a minha teoria, que espero seja devidamente criticada, os portugueses são possuidores de uma força, que podés classificar de negativa, resultante de três vectores que terão actuado durante demasiados anos para que possam ser facilmente dissipados do *ente psíquico-cultural* português. São eles: o império, o mito histórico e o Estado-providência. Tudo isto ruiu praticamente ao mesmo tempo. O colapso foi total! O império eclipsou-se de um dia para o outro, ao ponto de muitos ainda me perguntarem: «Para quê? Para que serviram tantos anos de crenças e lutas!» E o mito histórico ainda paira, à mistura com o mito da saudade, que, talvez oriundo dos descobrimentos, das viagens camonianas de meses a fio de problemático regresso, se transformou numa saudade sebastianista sem outro contexto que não místico, e tentando absorver o herói revolucionário, esse também já em vias de extinção. O mito histórico, como tem substância real que sobeje, vai perdurar até que o saber da História, com objectividade científica, venha a educar as gerações mais novas, isentas de visões estereotipadas e preconcebidas. De qualquer maneira, o mito histórico tem já a chama mortíça e só contribui para a melancolia, instigada pela nostalgia da perda do império. A ideia de que os outros são os responsáveis e ele não; a

invenção de uma entidade abstracta a que chama “este país” que possui o exclusivo dos mais perniciosos atributos; o facto de ter muita dificuldade em sentir-se solidário, em associar-se para resolver os problemas colectivos ou até de os identificar como colectivos, e a desproporção e desadequação com que abraça essas questões quando enfim as identifica e se resolve a agir; o conhecimento precário do interesse da civilidade; todas estas características muito peculiares do português são consequências das imposições, ou falta delas, do Estado-providência. Do vector a que muito se deve a imprecação e a incompreensão quanto à forma como uma sociedade livre organizada deve funcionar. Face a estes três vectores, a todos eles associados sentimentos de perda, a resultante final só podia ser a mágoa e a melancolia, que se manifestam através de um processo de auto-crítica feroz, negativismo exagerado e vitimização sistemática. O que se traduz na prática por uma culpabilização e maledicência disparada para todos os lados quando não sobre si próprios!

— Terminaste?! — Marta, para brincar com ele, encheu os pulmões de ar e soprou com força com as bochechas cheias, como que a fazer de muito estafada.

Ele pegou-lhe num braço e torceu-o um pouco com cuidado. Ela fez-se frágil e ele deu-lhe um beijo na face.

— Terminei, por agora, porque isto é só uma pequena parte das lendas que tenho para te contar. E não brinques, porque cansaço maior é encontrar uma boa saída. Porque aí sim. Isso é que deve ser apaixonante! Todavia quanto mais esmiuçares o passado, mais estarás apta a esboçar uma solução. Eu sei que a minha teoria não passa disso mesmo: de uma teoria, do resultado do meu esforço para compreensão das coisas. Não tenho qualquer presunção relativamente a ela. De qualquer maneira, não a considero estática. Estou sempre aberto a novas reformulações.

— Pois te digo, que embora não deixe de te felicitar pelo teu patente esforço de compreenderes a História de Portugal e os portugueses, não concordo contigo em algumas deduções, mas sobretudo nas conclusões a que chegas atribuindo a rabugice dos portugueses a causas tão profundas quando a questão pode ser bem mais superficial.

— Rabugice?! Superficial!?! Começas logo por suavizar uma forma de estar que é tão vincada que depois que entrei em Portugal, passado um ou dois meses, já tinha essa percepção. É demasiado acintosa, corrosiva e generalizada

para apelidares simplesmente de rabugice. E por isso também nunca poderá ter uma razão superficial.

Marta tinha a sua estratégia de diálogo. Não só estava interessada em ouvir os argumentos de Serguéi como achava que havia algum exagero nas suas análises, nas suas conclusões. Por isso foi tentando contrariá-lo em alguns pontos.

— As perdas que apontas como traumáticas estão todas bem digeridas há muito tempo. Os mitos que estabeleces são em grande parte pertença de uma cultura original. Mas todos os povos têm os seus mitos e os seus heróis, e a sua identidade histórica e cultural vive disso mesmo. A mitologia é própria de toda e qualquer civilização. É ela que vai implantando os marcos assinaláveis da História. O surgimento do império foi uma consequência natural. Alguém tinha que ter o papel de mostrar ao mundo que a terra era redonda. Aconteceu ser Portugal. Alguém tinha que desvendar para sempre os oceanos, calcular rotas, cartografar continentes, globalizar o comércio, encontrar outras raças, enfim, tornar o mundo mais pequeno e compreensível. Aconteceu ser Portugal. O império existiu de facto. É um facto histórico. E os portugueses foram os heróis do mar. Ninguém inventou isso. É também um facto histórico. Os americanos quando foram à Lua não foram heróis? Talvez fossem mais heróicos os feitos dos navegadores, comparativamente aos conhecimentos das respectivas épocas. Mas isso nem interessa... Os portugueses têm os seus heróis de facto e só têm é que recordá-los como heróis que foram. E o império que consequentemente se fundou, quando pensas que se evaporou estás redondamente enganado, porque o império real que os heróis reais ajudaram a fundar, ainda existe e é real. Em cada terráqueo que fale a língua portuguesa há um produto do império. E se não fosse por mil e uma razões que te poderia apontar, pelo menos essa é a prova provada que não podes apagar, eclipsar, para usar a tua expressão, o império. Porque ele faz parte da História, não pode se esquecer, e é bom que o não seja. Nas estradas, nas avenidas, nas picadas de parte da África está o império. Na arquitectura de certas pedras seculares na Ásia está o império, no tratamento amistoso dos japoneses para conosco está o império, no sotaque de cada brasileiro está o império...

— E então, vá lá, diz: na alma de cada português está o império! Pois é isso que estou a sentir! — Serguéi achou que era altura de interromper a veia poética de Marta — Pois é precisamente esse um dos males de que te falei. Não são os factos. Porque os factos são factos. Existiu um império. Houve grandes

feitos. Há as consequências positivas e negativas da formação e existência do império. Há os heróis da História. Há o orgulho e satisfação de ter sido Portugal talvez o maior vulto da epopeia marítima. Há milhões de motivos para estar irmanado com muitas e diversificadas populações. Tudo isso é válido. Tudo isso é logicamente admissível. O que não é aceitável é mitificar a situação, começar a dotá-la de uma dimensão que ela não tem. Dotar Portugal de uma espécie de ente espiritual que encerra uma ideia de um império vivo, de uma corrente invível que une todos os lusófonos, que pretende perpetuar a História. Como se Portugal tivesse um desígnio místico de salvação do mundo que lhe advém das suas características, sem dúvida fantásticas e originais, mas que não passam disso. Já pensaste se os franceses, que estiveram em tanto lado e o francês é falado por tanta gente, tivessem dessas veleidades também. Ou os holandeses que calcorrearão meio mundo! E que dizer dos ingleses que foram donos do globo, com um império assinalável, com a segunda Língua mais falada do planeta, só suplantada pela chinesa, enquanto que o português é apenas a oitava! Esses, se reivindicassem direitos históricos, então é que nunca mais ninguém os aturava, porque esses aí também ainda não assimilaram completamente a perda do império... Se enveredas por aí, pelo mito histórico, lá vais ter à nostalgia. Ao sentimento do que poderias ter e não tens. À extrapolação desmedida dos factos que vai acabar em misticismo, em quimera, que ao ser confrontada com a realidade nua e crua te vai criar a tal melancolia indesejável, que gera o azedume de que falamos.

— Não se trata de misticismo, mas sim de um sentimento cultural de pertença a determinados contextos, de comunhão de uma parte significativa da História, da identificação com os valores filosóficos, ontológicos, metafísicos, enfim, toda uma forma de ser e estar que foi necessariamente transportada e estabelecida nos lugares onde os portugueses permaneceram. Até nas questões culturais mais triviais como a habitação e a alimentação encontras os traços indeléveis dessa presença marcante. Desprezá-la ou ignorá-la não ajudará nada à consciência histórica de quaisquer das partes. Não falo de mística, falo de consciência.

— A questão no meu entender é que para falares de consciência cultural e até étnica, já que falamos de quinhentos anos de uma considerável miscigenação, não poderás mais falar do teu império, senão como um facto que pertence ao passado, estritamente histórico. Então é essa volta que vais ter que dar!

Reconverter as ideias de potência colonizadora em todas as vertentes: territorial, evidentemente, cujo problema já nem se punha, mas sobretudo cultural. Conseguires, ao fim e ao cabo, pensar já não apenas em Portugal, o país que protagonizou os grandes feitos da História dos Descobrimentos, tomando para si vastos territórios, mas sim em povos que a determinada altura acolheram, a bem ou a mal, um povo com quem conviveram por longos anos. Sem entrar nas vulgares evidências de conquistadores e conquistados, subjugadores e subjugados, porque doutra forma também não existiriam expansões territoriais e porque foi a História que aconteceu. O que interessa reter é que a visão que te proponho, embora possa parecer idêntica à tua, é tão-somente oposta. Se por um lado tu falas de uma História a servir de justificação para um império, por não antipatizares com o mito da superioridade dos portugueses, que na prática por falta de objectividade, se transformou, como te tentei demonstrar, numa espécie de complexo de inferioridade resultante da tal sensação de perda, ao contrário eu falo-te de algo bem diferente, duma História que por força das circunstâncias te dá a oportunidade de poderes estar em situação altamente privilegiada para poderes confraternizar com grandes e diversificadas faixas de população em todo o globo. E quando eu digo confraternizar é no mais rigoroso sentido do termo e em todas as possibilidades que se acharem oportunas.

— Sim, percebo, o que pretendieras evitar seria todo o tipo de neo-colonialismo ou qualquer hipótese de relacionamento hegemónico, ou desequilibrado... Mas aí estamos de acordo. Não sei como podes pensar que eu tenha outro tipo de ideais. Acho que fui um pouco mal interpretada ou não consegui explicar-me bem. A única coisa que eu queria argumentar era que a História é feita de factos e também dos mitos que os homens criam. As utopias engrandecem as mentes. Queria tentar afirmar que os portugueses devem conviver com o seu passado com um sentimento de brio, e comprazerem-se com os resultados do império a que pertenceram e que pertencem à História Universal. Queria afinal manifestar a minha discordância pela tese da nostalgia de perda do império. Penso que existe uma consciência suficientemente generalizada de que as coisas são como são. E para muitos foi um grande alívio que tenhamos perdido o império... Sim, eu sei que isso não está em causa, que é comparar o imediatismo de vinte anos com um imaginário de cinco séculos, contudo, também veio ajudar e muito à assimilação de todo o fenómeno... A guerra tinha-se tornado insuportável, e disso eu estou mais do que documentada pelo que foram os dramas

do meu pai e do meu tio... Acho que nesse aspecto está tudo assimilado, salgado, entendido. Cada um percebeu a História à sua maneira e os mais novos já pouca influência sofrem dos mais conservadores... Portanto, quanto ao império e mito histórico, estamos conversados! Tu pões-te a ler esses livros de autores estrangeiros e artigos dispersos na Internet e ficas com ideias... E quanto ao Estado-providência, aí sim, posso concordar, mas só em parte, e talvez com outra leitura e uma conclusão diversa. É um facto que somos, a maior parte de nós, destituídos de espírito solidário, de responsabilidade recíproca, que temos uma convivência pouco espontânea, enfim, uma série de características que, quanto a mim, têm muito que ver com o Estado Novo e com o ambiente oprimido que se viveu durante todos aqueles anos. Mas daí a dizer que os portugueses têm mau feitio, dizem mal de tudo, mal do país constantemente, e que se inferiorizam facilmente por causa do regime anterior é um exagero... Já te questionaste se os portugueses não estão sempre descontentes e maledicentes apenas porque estão insatisfeitos com as políticas que se têm seguido ao longo destes anos? Já pensaste que a resposta pode ser tão simples quanto isso!?

— Sim, já pensei nisso. Mas por aí fui dar ao mesmo. Todos os países, de uma forma ou de outra, se queixam dos seus governos, todos criticam constantemente isto ou aquilo. Esse é o jogo dos sistemas democráticos. Apontar culpas e defeitos ao poder, às classes dirigentes, com razão ou sem ela, essa é a discussão saudável que importa ter a liberdade de fazer. Mas isso está muito aquém do que falamos. Desde os Estados Unidos à actual Ucrânia, desde a França ao Brasil, enfim, em todos os países assentes em regimes de votação supostamente livre, as populações têm sempre as suas acusações e decepções com origem na política, mas nenhuma delas se manifesta da mesma maneira. É inequívoca, por exemplo, a antiga dependência e submissão da Ucrânia à ex-U.R.S.S., na forma como a população ucraniana manifesta as suas ansiedades políticas. E no caso dos portugueses não só é manifestamente agravada a sua posição crítica relativamente à situação política, como é perfeitamente visível que o seu pesar e acrimónia vão muito para além do mero discernimento político ou social. E depois, sempre que penso nisso, encontro os mesmos defeitos nos líderes em Portugal, ou talvez até, em alguns, numa forma ainda mais arreigada. Ou não serão as classes dirigentes representativas da mentalidade dos portugueses? Todos enfermam do mesmo mal. E aí apanhas em cheio uma geração que teve uma influência directa ou preponderante do Estado Novo. Grande parte da liderança política,

económica, cultural, etc., é fundamentalmente baseada em indivíduos que já estariam na idade adulta, ou muito próximo dela, quando o regime de partido único foi deposto e a democracia começou a dar os primeiros passos. Portanto a sua formação mais marcante estava já adquirida. E toda a sua educação familiar terá sido, salvo algumas poucas excepções, do tipo mais comum na altura, de acordo com o estatuto social do regime. As lideranças são por certo um ponto fraco, senão o ponto mais fraco. Mas os que fazem parte dessa pequena pirâmide, responsáveis em grande medida pelos sucessos e desvarios do país, e que estão no topo da pirâmide social dos aparelhos do poder, são impelidos precisamente pelos três vectores que te falei na minha teoria. E nesse caso de forma mais marcada, pela faixa etária e grau académico que granjearam. Eles carregam e veiculam essa forma de sentir e proceder. Não me refiro apenas aos políticos, ou de alguma classe em particular, mas falo na generalidade, talvez com alguma relevância para os que lidam com o mundo da comunicação, que de certa maneira, tem um peso, diria, eminente e algo desequilibrado, nas consciências dos portugueses. Portanto, como deves calcular, isso só reforça a minha teoria, porque os efeitos vêm por aí a baixo cultivando e adubando as mentalidades, para o efeito final que tu conheces.

Já há algum tempo que se avistava a ponte da Arrábida, na sua engenharia imponente. A *obra de arte* de engenharia mais carismática do Estado Novo no Porto. Não perdera a sua beleza ao fim de todos aqueles anos. Quanto mais se iam aproximando mais a sua escala se impunha à paisagem. O rio azul-escuro acinzentado ia navegando numa corrente perceptível, compacto, com uma personalidade vincada, atestada pelas margens secularmente ajustadas. O rio Douro que esteve sempre ali, indiferente, correndo, desprezando épocas e teorias. Nas suas margens sim, contavam-se histórias. Como em todos os rios do território, a margem direita progrediu mais acentuadamente. E o Porto ribeirinho relatava monarquias e impérios, riquezas e misérias, desvelos e abandonos, no seu apego ao passado, na relação estreita com o rio, a grande via que gerou a cidade. E nos portuenses de gema havia um sempiterno afecto pelo rio. E pela ponte da Arrábida, um dos seus *ex-libris* mais arrojados, memória dos anos sessenta.

Serguéi e Marta caminharam durante algum tempo em silêncio, fosse pelo efeito da aproximação da ponte, ou porque a própria conversação pedia fôlego. Não havia concordância em qualquer uma das suas posições, nem convencimento à vista. Mas o ânimo, quer dum quer doutro, era o mais jovial, como

aconteciam invariavelmente nas suas discussões. Eles tinham o prazer do debate. Sobretudo Marta gostava de o espicaçar para o ouvir falar e saber o que ele pensava. Ela achava que Serguéi era um caso extraordinário, independentemente de ser seu namorado, ela considerava-o fora do comum, pela forma apaixonada com se interessava pelos assuntos, pelo incrível à-vontade com que esgrimia o português, mas acima de tudo pela simplicidade que, apesar dos seus atributos, era o seu modo de ser, aceitando sempre outras opiniões, não sem dar uma certa luta intelectual, mas nunca presumindo ser dono de quaisquer certezas. A atestar isso mesmo, quando já estava próximo o edifício que naquele tempo apoiou a construção da ponte e que todavia permaneceu sempre ali, Serguéi disse-lhe:

— Sabes, eu posso ter parecido muito convencido com a minha teoria, mas quero que saibas, como anteriormente já te dei a entender, que não tenho a certeza acerca das minhas deduções. É para mim um assunto interessante. Há associações que faço frequentemente com o meu país. Não posso deixar de o fazer. É um processo espontâneo e tem mais pontos de contacto do que possas imaginar. Pode parecer descabido mas é verdade... De maneira que os raciocínios constroem-se e desfazem-se, não sendo muito fácil destrinçar, às vezes, os dados factuais das minhas concepções pré-estabelecidas, isto é, do que me agrada mais como teoria, e que do se me afigura com ligações mais lógicas. Estudar um povo tão antigo como Portugal, pode ser deveras apaixonante, mas é igualmente tarefa muito custosa, há-de convir! Um destes dias cismeiei que este feitio, como tu dizes rabugento, podia ter uma origem diversa e comecei a pôr em causa a minha própria teoria, para que vejas do meu desapego. E dei comigo a pensar numa questão ainda mais complicada que introduzia uma nova incógnita: porque é que um povo com novecentos anos de História, de soberania, guerreiro, valoroso, aventureiro, corajoso, e repara, não estou a enumerar qualidades à toa, são características que a própria História relata de forma desobrigada... Porque é que um povo assim se deixou neutralizar durante quarenta anos? Ou, se quiseres, de uma forma mais científica: «O que levou o povo português, com as características que a História lhe conheceu, a permanecer na mais longa ditadura da História da Europa Ocidental?» Porque Marta, essa é uma questão importante!

— Sem dúvida! A mais longa, dizes tu? De toda a Europa Ocidental!? — Ela não tinha pensado nisso.

— É um facto. E idênticos ideais políticos varreram a Europa. E nem todos se podem gabar de possuir a mesma valentia dos portugueses!

— Realmente! Parece-me uma pergunta pertinente. Mas talvez encontres mais razões na organização do Estado Novo, nas estruturas do poder, no esquema repressivo, ele também composto por portugueses, na tal pequena pirâmide, do que propriamente nas características da população em geral...

— Pois é, e não é que por aí vamos dar no mesmo!... Não se conseguem resultados desses apenas com repressão, também é necessária a mística... e andamos às voltas. Adolf Hitler foi amado pelas massas. Tinha uma estrutura poderosa. E sem a mística sabiamente propagandeada não teria havido nazismo... Sim! As coisas têm a ver umas com as outras. Tudo tem a ver com tudo. A complexidade introduz-se na mais simples narrativa histórica. Colocamos as perguntas e tentamos responder, mas a compreensão é sempre parcial e precária, porque assenta obrigatoriamente em truncamentos, sem os quais nada podíamos entender.

Eles já tinham dado a volta, automaticamente, conforme estava no programa, tendo portanto a ponte pelas costas e caminhavam agora, através de um acordo tácito, num passo mais ligeiro, pois ainda queriam gozar um pouco do sol da tarde numa das esplanadas no *Molhe*. Aí poderiam descansar e contemplar o mar, o que era o mais apelativo pretexto do passeio. Com a passagem do rio para a sua esquerda e o sol a aproximar-se, passaram a ter então um objectivo mais definido.

— Isso é fatal — concordou Marta — e não há nada a fazer. Mas as coisas acabam por se encaixar... Achas que no caso da Alemanha ainda sobram simpatias ou traumatismos?

— Acho que em qualquer lado sobram sempre simpatias e traumatismos. Isso é inevitável. Faz parte da espécie humana. As vivências não se podem pura e simplesmente apagar. Ficam a reverberar, consciente ou inconscientemente, durante muito tempo, transmitindo-se através das gerações... O que interessa saber é até que ponto esses acontecimentos, esse imaginário, é susceptível de atingir, e de que forma, um povo inteiro, o percurso histórico de um povo. Eu penso que sim, em grande medida. E talvez por isso as minhas causas te pareçam mais rebuscadas. No caso da Ucrânia que foi, como é lógico, onde comecei a fazer-me muitas perguntas embaraçosas... havia outras formas de desfragmentação. Em relação ao caso português, assim como se poderá encontrar pontos de contacto, há situações muito discordantes que desde logo separam as duas análises. Porque a Ucrânia tinha a sua nacionalidade, o seu conceito de pátria, se quiseres, absolutamente esfarrapado, muito diminuído pela pertença às repúblicas

soviéticas. A revolução começou com a independência e reaquisição da noção de nacionalidade. Ou seja, a liberalização, a abertura aos princípios do regime democrático, toda a transformação social inerente, nasceu sem a forte coesão nacional. Em Portugal a ideia de nação é antiga e sólida, não consta que, mesmo com os desmembramentos sucessivos do império, tenha sofrido a mínima beliscadura.

— Em muitas coisas até parece haver pátria a mais — sorriu Marta — mas tenho a ideia que são normalmente as mais supérfluas. Mas concordo contigo. Mal fora...

— Pois, mas há uma coisa ainda mais importante! A mais importante de todas. Na Ucrânia, premeditadamente, o russo era a Língua oficial. O ucraniano passou para o idioma secundário e toda a gente falava russo!... Então, nem nacionalidade, nem Língua! É claro que foi logo uma das primeiras conquistas da independência: o ucraniano passou a ser a Língua oficial. Tu vês Marta que a propriedade que pode agregar mais um povo, o elemento de ligação verbal, intelectual, da comunicação, de preservação cultural escrita e oral, etc., — a Língua — não era usufruto do povo ucraniano... No vosso caso a força de união pela linguagem nacional tem um expoente invulgar, diria até admirável. Não só os portugueses dispõem de uma Língua poderosa e rica, em termos de consistência cultural, de recursos vocabulares vastos, vigorando com uma dispersão geográfica notável, como também possuem uma secular coesão social através da Língua, essa firme ligação entre as populações que nutrem por ela uma notória consideração. Esse factor é fundamental!

— Sim, é importante. Mas não exageras!... Ainda que falássemos uma outra Língua não seríamos um povo!? — Marta provocou-o mais uma vez, nitidamente a instigar uma reacção.

— Podiam ser um povo!... Com uma outra Língua, claro! Mas o povo português é que não eram de certeza! Pois a individualidade está flagrantemente na Língua. Identificas-te com a tua *tribo* pela Língua. Para o bem e para o mal o que te distingue inequivocamente das outras tribos é a tua linguagem. É com ela que pensas, que comunicas, que sonhas, que articulas a compreensão do mundo. A tua Língua é a matriz do teu raciocínio. Contem os signos e símbolos com que questionas o universo. Quando a perderes, para o melhor e para o pior, deixarás de ser o que eras. A Língua é a definição de um povo. O que nos diferencia, a nós humanos que a criamos, é a Língua, porque quanto ao resto talvez nos tenhamos todos conhecido em Babel...

12. Tempo

Pela porta envidraçada entreaberta, de acesso ao terraço, entra uma aragem que a noite de Maio vai espalhando pela cidade. À medida que o tempo foi passando a amenidade dissipou-se e agora o prazer que a leve deslocação do ar ainda há pouco trazia à sala, é já uma sensação de frescura desconfortável que o corpo sente mas ainda se recusa a reconhecer. Do dia, que quase podia ser um dia de Verão, e da sua passagem veloz, já só resta a possibilidade do seu final nocturno, como qualquer coisa de harmónico, consequente, que terminará com mais uma das parcelas que o Sol e o sono vão demarcando com a exactidão da vida.

A música, que se desprende da sofisticação tecnológica que a reprodução sonora constitui nos dias que correm, transmite ao ambiente a profunda imaginação melódica de *Miles Davis*. A caixa do CD, esquecida sobre a mesa do computador, mostra em letras bem legíveis qual é a audição em causa: “Seven Steps to Heaven”.

Depois de falar ao telemóvel com Rogério, Edgar fez as suas contas e verificou que não precisava de se apressar, ainda tinha tempo de sobra para se debruçar sobre a sua tela, antes de se por a caminho para o ir buscar ao aeroporto, o que, àquela hora, não estava a mais de meia hora de carro. Depois sentou-se um pouco ao computador, percorreu alguns sítios na *Internet* que entretanto lhe tinham vindo à mente e a seguir fora à sua folha em *Excel*, onde tinha todos os seus CD arquivados, disposto a escolher uma música que lhe parecesse calma e inspiradora. E rapidamente fez a sua opção. Pareceu-lhe que nada seria melhor naquele momento que “*sete passos para o céu*” do *Miles*. Sentiu que vinha frio da varanda e resolveu fechar a portada. Notou de imediato a diferença.

Movimento no sentido de transformação, não correspondendo a nenhuma lei específica conhecida. Não um movimento associado a qualquer tipo de lei equacionável pela progressão científica humana. Edgar retomava os seus pensamentos, sentado agora no seu banco de estirador regulado na máxima

altura. Aproveitaria este tempo de que ainda dispunha para ir fazendo sobressair algumas partes da tela que mal se esquisavam, à medida que ia reflectindo. Interrompeu-se durante um instante para acertar um alarme para a hora mais propícia, já que confiava pouco na sua infalibilidade nestes casos, sobretudo se estava com as ideias aquecidas pelas suas indagações filosóficas, o que frequentemente acontecia quando pintava.

Seria difícil, senão impossível, transmitir a ideia de transformação sem movimento. A própria arte era uma expressão do movimento em si. Com certeza que ainda mais susceptível de ser desintegrado. Todavia, aos aparelhos sensoriais humanos todas as formas que ele representasse pareceriam animadas ou associadas ao movimento. A distinção intelectual do movimento como uma mudança constante, como uma transformação ininterrupta sem uma sucessão determinada (excepto em intervalos isolados e parcialmente analisada) e não como a deslocação, fosse de que tipo fosse, uma mudança de estado, qualquer que se afigurasse, que implicasse a existência de um referencial que o Homem necessariamente predeterminaria, implicaria sem dúvida algum exercício de imaginação. Então, no plano artístico, ou seja, da representação da ideia, Edgar teria que encontrar algum elemento plástico, mais ou menos figurativo, um qualquer efeito que suggestionasse o que ele pretendia. Não estava ainda na posse do que pudesse ser. Mas isso teria que lhe surgir, sob pena de ficar o objectivo por atingir, deturpado, a exposição da ideia incompleta. Edgar pensava que a tela tinha que falar por si, não gostaria de enveredar por vias explicativas de “arte complementar” ou tipo “instalação” em que poderia explicar o objecto de arte com outras formas de narrativa que se interligariam para que o conjunto produzisse o efeito pretendido. Não queria sair do âmbito da tela. Isso também constituía um desafio. Tinha a ambição de conseguir alguma coisa. Quanto mais não fosse, se a explicitação não se revelasse totalmente bem sucedida, ficaria uma memória para si próprio de uma etapa decisiva do seu pensamento. Isso afinal era o mais importante.

O homem estava de tal maneira moldado à ideia do movimento, aferido pelos seus conhecimentos mais essenciais, que era tarefa árdua encarar um movimento caracterizado tão-somente pela constante alteração, como todo e como parte, como uma propriedade intrínseca à vida, definida como manifestação contemplável mas imensurável, no que ao Homem se refere. Ou seja, quando o Homem se dispunha a explicar a vida, a transformação persistente, tinha que o fazer com as suas limitadas qualidades, os seus atributos específicos. Seria sem-

pre a concepção do Homem, fabricada pelas suas capacidades.

A figura humana teria que existir no quadro, precisamente a mostrar que não tinha a resposta. Era deste paradoxo que Edgar teria que se desvencilhar. Porque o Homem continuaria a ser «*medida*», simplesmente, uma medida que renunciava a ser «*a medida*», que se transcendia ao se anular, ou antes, que se posicionava correctamente, o que equivalia não a nulo, mas a qualquer coisa de muito insignificante, todavia ao mesmo tempo imprescindível, como fazendo parte da integridade dessa transformação persistente cuja formulação o Homem ignorava e certamente sempre ignoraria!

Podia haver o risco de, ao criar os efeitos pictóricos, lhe aparecer um ambiente surrealista. O problema era, para Edgar, se sobressaísse qualquer tipo de sensação mística. Ele queria evitar a todo o custo a impressão de que porventura existisse sequer alusão a um pensamento místico ou qualquer associação com transcendências divinas, sobrenaturais, ou quaisquer que fossem as formas de imaginação para além da trivialidade humana. Porque aí sim, seria um insucesso total, a maior contradição em que a sua especulação podia cair. Se admitia um homem incapaz de conhecer, apenas capaz de pertencer, de se buscar a si próprio, de até se ultrapassar, mas sempre limitado à sua estrutura e às possibilidades intrínsecas à sua estrutura, ainda que essa estrutura fosse ela mesma mutante também... Se concluía por uma vida/transformação sem tempo, com a sabedoria humana restringida ao que a sua organização substancial lhe permitia; se a sua especulação concluía por um Homem que tinha acesso ao seu mundo, por si construído, segundo o discernimento circunscrito à sua essência; como seria admissível dotar esse mesmo Homem do conhecimento de qualquer transcendência que não fosse ela mesma produto da sua imaginação. Seria sempre necessariamente uma ou várias divindades à sua medida, ou seja, quer fossem, criadas, inspiradas, sugeridas, impostas, transpostas, beatificantes, mortificantes, malquistas ou apaziguantes, o que quer que fossem de mais ou menos edificante, ou de mais ou menos entorpecente, seriam adequadas à sua particular compreensão, para serem, de uma maneira ou de outra, entendidas, sentidas, presumidas, pressentidas, pelas propriedades específicas do ser humano, um ser que a indagação de Edgar deduzia como uma ínfima parte de um todo e não como o presunçoso pertencente a um todo excepcional singular.

Ele queria evitar os equívocos, até para ele próprio, naquele tipo de percurso especulativo, pois ele era leitor assíduo dos sábios das religiões de todo o

mundo, com particular incidência dos orientais. Não estava disposto a enveredar por um percurso do qual se mantivera sempre arredado, pois, mesmo tendo como norma nunca eliminar *a priori* quaisquer hipóteses, esforçara-se sempre por fazer uma interpretação objectiva, considerando as grandes religiões mais como filosofias onde aprender os ensinamentos de homens superiormente dotados que buscaram a sabedoria. Talvez até se arriscasse a pensar que, se nunca os tivesse estudado, não teria empreendido as aventuras de raciocínio que agora lhe permitiam enunciar o que ele achava ser a maior sensação de perda e ao mesmo tempo a maior libertação do pensamento: a inexistência do tempo!

Era curioso reconhecer que ele, Edgar, era, juntamente com os seus contemporâneos, um elemento de uma civilização absolutamente baseada e edificada à volta do tempo, certamente não do tempo sobre o qual ele divagava, mas apesar de tudo uma das suas subordinações, da sua existência perfeitamente, ou quase, sistematizada, dominada. Mas o que para ele se tornava um pouco caricato era a forma como o Homem construía toda, ou quase toda, uma estrutura social planetária baseada no tempo, no movimento, essa abstracção criada por si e para si. E suportados por esse tempo, os homens se definiam pela crescente velocidade a que esse movimento, nas suas múltiplas formas por si inventadas, estava sujeito. De tal maneira que boa parte do planeta estabelecia os seus modos de afirmação, sustentação, sobrevivência, à custa dos ritmos cada vez mais acelerados das estruturas e meios produtivos, da rapidez dos movimentos da vida da humanidade ou de grande parte dela! A ironia consistia em que o Homem acelerava a velocidade que só a si respeitava, que era unicamente consequência do seu tempo, por si criado, para a rapidez por ele engendrada como necessária, aumentando infalivelmente os ritmos estruturais do seu próprio organismo, impelindo-se assim para um andamento em círculo vicioso, tendo como resultado qualquer coisa de estonteante em aceleração progressivo. Ou seja, visto de um certo ângulo, dava a impressão que o Homem corria atrás de uma inexistência, sintonizando-se com qualquer coisa que estava totalmente localizado. O mais que poderia era alargar a sua virtualidade ao sistema solar, ao planeta onde nasceu. Mas, em rigor, essa ideia de tempo residia única e exclusivamente em si próprio. Esse era o tempo que existia encerrado no Homem!

Edgar acordou das suas profundidades intelectivas com o alarme do telemóvel a tocar. Verificou que estava mesmo na hora que ele pretendia. Deixou ficar mais ou menos tudo como estava, excepto os pincéis que introduziu num

recipiente com água, despiu uma camisa enorme que usava para não se sujar com as tintas, vestiu um blusão e saiu rapidamente para o patamar. Não precisaria de se precipitar, estava muito a tempo. Ao descer no elevador do seu sétimo andar, olhou para o espelho, a verificar se estava minimamente apresentável. E sorriu ao encarar-se. Pensou que de cada vez que se via ao espelho se achava mais velho. Mais velho! O tempo... Aquele era o implacável tempo. Ou na sua teoria: a implacável transformação, que o tornava dia a dia mais velho. Contudo sentia-se em forma. Nunca se pensava com a sua idade. Não se imaginava como era na realidade. Por isso ao espelho, quando consciencializava a sua imagem, surpreendia-se constantemente. A figura que tinha na sua mente como sendo a sua era qualquer coisa de indefinido que não conseguiria sequer descrever, mas que não se alterava muito com a idade. Era definitivamente uma imagem virtual, no sentido de que não tinha uma realidade de facto, mas correspondia a qualquer idealização psíquica para a forma de se encarar e de assumir a sua presença perante os outros.

A garagem àquela hora estava praticamente completa. Os seus vizinhos estavam quase todos em casa. Uma esmagadora maioria estaria com certeza em frente aos seus aparelhos de televisão... Accionou o comando electrónico do carro que imediatamente fez estalar os correspondentes mecanismos, ao mesmo tempo que um aviso sonoro muito breve anunciou a operação.

Quando saiu do edifício ainda não seria um quarto para a meia-noite. Ligou o leitor de CD que automaticamente continuou a música em que tinha ficado da última vez: *Johann Sebastian Bach*, em *Suites para Violoncelo Solo*, por *Janos Starker*. Escolhia sempre a música para o carro o mais apaziguadora possível, e os sons graves tinham um efeito calmante sobre ele. Edgar irritava-se muito no trânsito. Foi guiando devagar, gozando a folga que tinha para chegar ao aeroporto, o que nele não era assim tão frequente. Ele era normalmente um desses tais que correm atrás do tempo...

A questão nem era a do Homem estar dependente do tempo... Edgar, quanto mais abrandava o ritmo nervoso, mais acelerava com as suas divagações. O seu pensamento não se coibiu de lhe trazer de novo a questão do tempo. ...Porque qualquer actividade necessita de um método e qualquer método precisa de um ritmo e qualquer ritmo vive de um tempo. Tal como na música, sem tempo não haveria composição, não haveria nenhuma peça musical. Há músicas e músicas, pensou ele concentrando-se um pouco no som do CD. Não, a cro-

nometria era algo diferente. A cronometria tinha toda a pertinência e uma importância vital para tudo. Todavia, como sistema de medida, que permitia atribuir unidades e termos comparativos para todas as ciências, tal como o sistema métrico, ou qualquer outro auxiliar abstracto do conhecimento humano, mas de maneira nenhuma como entidade absoluta, ou mesmo relativa, fora do Homem... A extravagância, se a houvesse, era a de considerar o tempo como um meio substantivo onde os acontecimentos se sucedem ou como um valor civilizacional puro, onde a velocidade era um bem inexorável. Ou seja, alçar o tempo àquilo que ele não era: a expressão de uma certeza suprema ou de uma verdade metafísica. Pois Edgar pensava que isso sim, era risível, tão divertido como quando, havia pouco tempo no elevador, ele achara da sua própria cara: qualquer coisa que ele não se imaginava! A comparação do real com o fantástico. O frente a frente entre a existência e a inexistência. E ele tinha sorriso também ao verificar que era com essa inexistência, uma imagem que a sua mente fabricara, que ele vivia, que ele enfrentava o mundo. Porque embora ele pudesse saber provisoriamente como era, a maior parte do tempo actuava imbuído do aspecto com que se idealizava.

No parque de estacionamento havia lugares de sobra. Decidiu deixar o carro o mais próximo possível do edifício do aeroporto por causa da bagagem de Rogério. Quando começou a andar no seu vagar, pareceu-lhe que ali a temperatura era mais amena que na zona onde morava. Ele gostava bem do mês de Maio, embora pudesse variar muito de ano para ano, sempre havia dias e noites muito do seu agrado: nem frio, nem calor. A sala de desembarque tinha bastantes pessoas, muitas delas, provavelmente, pela hora, aguardando o mesmo avião que ele. Foi caminhando para uma zona onde serviam café. Tinha tempo suficiente para se sentar a tomar um café. Há frente do balcão havia uma série de mesas mal arrumadas possivelmente dispostas em rectângulo quando devidamente ordenadas. Havia algumas vagas. Edgar escolheu uma mentalmente, fazendo votos para que não ficasse ocupada enquanto ia buscar o café. Lembrou-se que ali era tipo pré-pagamento e de facto lá estava a caixa registadora no extremo do balcão com algumas pessoas numa fila em frente. Ele embirrava com esse sistema de serviço, que lhe parecia não ser serviço nenhum. Só teria alguma lógica se tornasse os produtos mais económicos, o que normalmente não era o caso, e ali muito menos, antes pelo contrário, os preços eram disparatadamente altos dentro do aeroporto. Nunca conseguiu determinar muito bem qual fosse o critério, embora, é claro, tivesse as suas suspeitas... Mas era suposto que um aeroporto fosse uma espécie de átrio de

boas vindas, pela sua natureza. Em Londres acontecera-lhe a mesma coisa, mais que uma vez, quando estivera em trânsito. Mas ali havia mais alternativas e algumas com um tipo de serviço diferente, e com outro preço também...

Quando chegou a vez dele, acabou por pedir também uma água com gás. Achou a menina da caixa muito simpática. Pensou em como preferiria ser servido por ela numa mesa, sem ter ninguém impaciente atrás dele, como neste caso o indivíduo alto e gordo, enorme, que tresandava ao charuto que fumava desalmadamente. A jovem não lhe deu qualquer talão, antes o meteu ao bolso e tirou ela mesma o café na máquina ao fundo, tendo disposto, simultaneamente, enquanto o café saía lentamente através do maquinismo, a garrafa da água, um copo alto de plástico, um pires, um pacote de açúcar e uma colher mínima, num pequeno tabuleiro. O café ficou pronto e ela colocou a chávena no lugar, oferecendo-lhe um sorriso de despedida que derreteria o mais apático. Fez tudo isso num abrir e fechar de olhos. Quase que lhe apetecia ficar ali ao balcão a ver aquela eficiência em funcionamento, de modo tão gracioso e simpático. Porém, equilibrou o tabuleiro até à mesa que anteriormente o seduzira e sentou-se descontraído. Sempre admirara pessoas eficientes, que dão a sensação que as coisas se fazem por si mesmas, tal era a destreza com que manipulavam os objectos. Talvez porque ele se considerava a si próprio desajeitado, o mais das vezes com o pensamento a estorvar-lhe a acção. De todas as formas, para se atingir aquele tipo agilidade não bastava a habilidade inata, era de certeza indispensável ter uma fabulosa acumulação de gestos repetidos.

Quando se postou à espera de Rogério ainda não tinha saído ninguém do seu voo. Certificou-se que era aquela a única chegada para aquela hora e que a hora estava de acordo com o horário previsto.

Avistaram-se praticamente ao mesmo tempo, sorrindo ambos.

— Ainda há bocado te vim trazer aqui e já te vou levar... — Disse Edgar enquanto se cumprimentavam.

— É, mas para mim, se me parece que ainda há pouco parti e já estou de regresso, também, ao mesmo tempo, me parece que se passou uma eternidade!

Foram andando para fora do aeroporto. Rogério não deixou que Edgar o ajudasse com a bagagem, que dominou com facilidade.

— Uma eternidade! Conta lá, conta lá! Grandes aventuras! E o trabalho? — O tom de Edgar pretendia ser mais brincalhão que curioso, insinuando vagamente qualquer coisa...

— Não, nada de especial... Mas muitas coisas aconteceram. Ou seja, porque o tempo foi densamente preenchido é que me parece que passaram mais do que os dois dias. E, ao fim e ao cabo, se fizeres bem as contas, para dois dias ainda falta uma noite bem dormida... espero! No entanto parece-me muito mais. Mas isso acontece sempre que se viaja, pelos menos comigo, há sempre uma impressão de dilatação no tempo.

— Comigo acontece o mesmo. E Amesterdão? Tens boas notícias do projecto?

Entretanto chegaram ao carro. Edgar abriu a mala e colocaram a pouca bagagem.

Mantiveram-se em silêncio durante alguns momentos e apenas retomaram a conversa quando o automóvel já rolava na quarta velocidade das cinco possíveis.

— O projecto... Enfim... No primeiro dia fiquei convencido que a coisa estava garantida. Pela maneira como eles reagiram, pela afabilidade, pelas perguntas que fizeram, por tudo, cheguei até a pensar que iriam dizer algo de definitivo nesse dia... Mas não disseram nada de concreto. No dia seguinte vieram com uma história, sempre muito simpáticos, claro, que teriam que reanalisar as propostas dentro de certos princípios ainda não considerados. Uma abordagem com novos pressupostos. Logicamente, para mim foi uma decepção enorme!... Eu estava muito convencido!

— Mas... O que te parece? Têm alguma coisa na manga? Este projecto é de grande envergadura!

— Eu acho que eles já analisaram as propostas de trás para frente e de frente para trás, quase até à exaustão, tanto quanto esta fase permite. Pelo menos a avaliar pela nossa... E por que é que as restantes seis haviam de ser diferentes! Não. Eles têm uma nova proposta. Essa é a minha suposição. Surgiu mais uma hipótese nesta altura e eles vão ter que a enquadrar.

— E isso é possível? Fora do âmbito... do prazo, do concurso? — Edgar mostrava-se indignado por solidariedade com o amigo.

— Aqui, no caso vertente, é legítimo. — Rogério esclareceu Edgar com calma — O concurso é totalmente privado e por convites. Para mais o regulamento é claramente explícito nas suas cláusulas. Que são muito amplas para eles. E todas as hipóteses e prazos de análise e reanálise, assim como a introdução de mais propostas em qualquer altura, ou até a anulação do concurso, tudo

isso faz parte das regras do jogo. E eu estava bem ciente delas quando entrei na corrida. Não. Por aí, neste caso, não há nada para censurar. A única coisa a fazer é esperar. Porque, para dizer a verdade, nada está perdido! Ainda acredito no meu projecto. Ainda aposto nele.

— Ótimo, vejo que nem tudo é mau. Ainda continuas optimista... E quanto ao resto?

— Que resto?! — Rogério fez-se desentendido, sorrindo, mas percebia bem onde é que ele queria chegar...

— Não sei. Amesterdão. A cidade. Os canais. Os holandeses. Sei lá... Tudo!

— Digo-te que acho que Amesterdão estagnou. Acho a cidade envelhecida. Mas isso deve acontecer-me em parte por causa da sensação que tive da primeira vez que lá estive... Não sei... Os olhos com que se vê também contam muito...

Edgar reparou que ele se tinha habilmente evadido do assunto dos namoros que ele tentara abordar. Tomou como inoportuno aquele momento e educadamente não insistiu. Estava certo que as confidências não se fariam esperar por muito tempo. Não deixava ele próprio de reconhecer a sua curiosidade...

— E por cá? — Continuou Rogério, já noutra tom — Liga aí o rádio para ver se ouço as notícias. Ah! Esqueci-me que o teu carro não tem rádio! Só tem leitor de CD. Continuas com as tuas manias! Acabaste por eliminar também o rádio do carro. Onde irá parar essa tua fobia!?

— Não se trata de fobias nem de manias! Eu já te explico pela enésima vez... Antes disso diz-me: vais a algum lado em especial ou vais para casa? Tens pressa?

— Lógico que vou para casa. Não tenho pressa absolutamente nenhuma. Se quiseres podemos ir a qualquer lado beber uma cerveja!...

— Pois era precisamente isso que te ia propor. Vejo que, como é frequente “nestas coisas” estamos bem sintonizados. — E Edgar acentuava com um sorriso que era “naquelas coisas” para realçar que havia muitas outras, designadamente o que ele chamava de fobias, em que estavam em frequências completamente diferentes.

Combinaram então ir a uma cervejaria. Daquelas que estavam abertas até às duas da manhã. A seguir Rogério lembrou-lhe:

— Explica-me lá então essa história da enésima vez. Eu sei que por mais vezes que me faças entrar nas tuas ideias, principalmente as que eu acho mais

fora do comum, nunca o fazes da mesma maneira, nem usando exactamente os mesmos argumentos. Talvez por isso te motive a repetir. Talvez porque entretanto o assunto tenha ganho novos contornos ou meandros com interesse... — Manifestamente, Rogério acicatava Edgar.

— Isto não é fobia, podes chamar-lhe uma estratégia de combate.

— Eu não dizia! Essa não conhecia ainda: estratégia de combate! Que tem o rádio a ver com estratégias, para mais com combates! Mas tu agora combates contra quê!? — Rogério mantinha o seu modo prazenteiro, ainda para mais por ver Edgar a sorrir continuamente.

— Trata-se de um combate contra a minha avidez do instante, contra o demasiado efémero. É um combate contra, se quiseres, a minha falta de força de vontade. Eu sei que se instalasse rádio no carro, mais tarde ou mais cedo iria desobedecer aos meus princípios, à minha disciplina, e acabava por ligar o rádio sobretudo nas estações e horários com notícias. Aliás era isso que me acontecia antigamente... E o rádio do carro é o primeiro passo do processo. Mais tarde ou mais cedo acabava por ser sugado por essa espiral. Eu iria querer saber mais e mais e seguir o maior número de evoluções noticiosas possível...

— Mas isso é assim tão problemático!? Essa tua avidez não é nada de mais. É comum a milhões de pessoas. As pessoas gostam de andar informadas! — Rogério assumia um ar um pouco mais sério dando-lhe a entender que seria mais um capricho dele do que outra coisa qualquer. A verdade é que ele entendia muito bem onde o amigo queria chegar e, embora estivesse longe de ser tão intolerante, tinha uma visão global dos mass-media que não era muito oposta da dele. No entanto, sempre que o tema vinha à baila, ele incumbia-se do papel de “advogado do diabo”, tentando explorar a situação, contradizendo-o ao máximo, com alguma habilidade, a fim de aceder à argumentação e ao pensamento de Edgar. De extrair tudo o que pudesse das suas análises mais recentes, das seus últimos avanços...

— Pois, mas sabes, a minha avidez pelas notícias não é o que me preocupa mais. O que me leva a elaborar uma estratégia é a avidez que *eles* têm em satisfazer a minha avidez! — E Edgar soltou um riso um tanto sarcástico como se sublinhasse a sua intenção premeditada de ficar fora daquele processo. Entretanto ia continuando a guiar devagar, prestando atenção à condução de uma forma instintiva.

— Bem, não sei... Isso tudo soa-me muito extremado. A mim o que me preocupa mais são as proporções que toma a publicidade para se insinuar, quase

sem qualquer preocupação ética, usando todos os recursos e explorando todas as fraquezas humanas. Por outro lado, depois do primeiro impacto, torna-se incómoda e fastidiosa. E proliferam cada vez mais doses maciças por todo o lado. — Rogério tentava atalhar para o fulcro da questão.

— Pois... claro... a publicidade, os produtores, os anunciantes. Mas o que me inquieta acima de tudo é o que *eles* fazem para que eu atente na publicidade! Porque repara, isto é o jogo do gato e do rato. A propaganda só funciona se tiver audiência. Cada vez mais as pessoas se esquivam da publicidade, porque como é, por definição, repetitiva, é tanto apelativa quanto saturante. Então são criados mecanismos cada vez mais sofisticados para que a finalidade, onde estás tu e eu, seja atingida. Para que o contacto não seja evitado e a mensagem chegue ao destino. Isso é fatal. Então é aí que está a questão fundamental. Nós já não sabemos o que são programas reais e montagens meramente ficcionais. O que importa é que te cative. Já não sabemos o que é uma notícia: se é um relato que tenta, honesta, idónea, rigorosa e desapaixonadamente, dar-te uma interpretação colada o mais possível ao real, ou se é uma preparação e disposição de sons, imagens, textos... a partir de um pretexto com conteúdo noticioso, de acordo com o perfil psicológico padrão da audiência que pretende impressionar. Estamos assim, quer tu digas que eu tenho manias ou não, na grande farsa do entretenimento social! O mal, se o houver, não está no facto de ser entretenimento, porque, até aí, mesmo que as formas de diversão possam ser discutíveis, poderíamos arcar com as responsabilidades de forma mais ou menos consciente, mas as coisas complicam-se quando já não sabemos de facto a que tipo de ilusão aderimos e posso garantir-te que abundam os espectáculos informativos de elaboração requintada e escasseiam os genuínos boletins noticiosos.

— Sim, sim! Eu já conheço mais ou menos as tuas posições contestatárias neste domínio... E chegando aí, cortas a comunicação com o mundo. Porque, afinal, como não podes ter a certeza do que é isento e do que não é... fechas-te no teu conhecimento e o mundo fica lá fora. Já agora, aplicas essas precisões a todas as formas de comunicação, porque em maior ou menor grau, todas tem a sua subjectividade inerente, e acabas um lunático, para não dizer marginal, uma vez que a sociedade onde vives não te oferece o que tu pretendes, que não sabemos muito bem o que é... — Rogério instigava-o como podia, fomentando a vontade de disputa intelectual. Porque na realidade ele conhecia bem a relutância do amigo aos malabarismos mediáticos.

— Estás muito enganado. Eu estou constantemente debaixo de fogo. Mesmo que quisesse, como tu dizes, alhear-me do mundo, era impossível. Vou a um café: lá está uma televisão a um canto em grande intimidade com os frequentadores. Vou a casa dos amigos: há rádio ou televisão em amena transmissão familiar. Vou a um restaurante mais popular e lá está a televisão imponente. Vou de boleia de carro com um amigo e lá está o rádio com notícias a toda a hora. No trabalho, nos espaços comuns, há um rádio em surdina constantemente... Enfim, quando converso com os colegas, eles têm sempre notícias frescas, que, para além das grandes catástrofes e acontecimentos sensacionais são, na sua maioria, mexericos políticos. Estou sempre rodeado de comunicação, e sobretudo, dos efeitos em cadeia da comunicação social. Porque geram-se grandes paixões a partir do que tantas vezes se verifica serem inverdades ou meias verdades.

— E os jornais! Pelo menos os jornais escapam às tuas exigências?!

— Os jornais são cada vez mais veículos de opinião. Repara qual é a proporção dos artigos ditos puramente noticiosos relativamente aos artigos de opinião. Abundam opinantes. Faz o cálculo e ficarás surpreendido. É também certo que haverá muita matéria que vais ter dificuldade de classificar. Algumas vezes a imparcialidade é patente e noutras nem tanto. Mas o que tem mais aceitação são as correntes de opinião, a polémica, a explicação subjectiva, quantas vezes tendenciosa. De vez em quando lá compro um ou outro jornal, mas não me conseguem fidelizar. E também aí não consegues fugir do tal jogo do gato e do rato de que te falei, pois todo o tipo de anúncios enche os jornais. Inclusivamente chego a ter a impressão que, nalguns casos, há quase tanta publicidade como conteúdo, com inclusão de extensos cadernos publicitários...

Edgar ainda deu duas voltas na área do restaurante para estacionar o carro, interrompendo o seu discurso apenas quando encontrou um lugar, mantendo-se em silêncio enquanto manobrou com agilidade para estacionar.

Apesar da hora a cervejaria estava a abarrotar de clientela, uma frequência heterogénea, proveniente dos lugares mais dispersos da cidade e cercanias. Porém, um empregado imediatamente lhes indicou uma mesa. Rogério, depois que se sentou, demorou o olhar por toda a enorme sala, detendo-se neste ou naquele grupo. De um modo geral, o ambiente era aprazível e os frequentadores respiravam jovialidade. Edgar, por seu turno, depois de uma vista de relance pelas mesas, fixou os olhos num poster com vários gelados de bolas em

taças, em coloridas composições de irresistível efeito. A partir de certa altura já nada distinguia na imagem absorvendo-se completamente na contemplação dos seus pensamentos. Rogério, já inteirado com precisão das particularidades do sítio onde estava, voltou a insistir:

— Para alterar essa situação, ou seja, para alterar tudo o que dá origem a essa situação, seria necessário mudar o mundo, as pessoas, tudo... Porque seguindo o teu raciocínio às últimas consequências não restará praticamente nada do tipo de civilização que é a nossa, ou... na qual vivemos. O sistema socioeconómico do mundo dito civilizado, ou melhor, mais rigorosamente...

O empregado aproximou-se, distribuiu uma lista a cada um e foi preparando a mesa, com diligência. Quando terminou desapareceu silenciosamente, para voltar dali a dois minutos. Continuando sem nada dizer, olhou cada um nos olhos inquirindo os seus pedidos. Rogério e Edgar entreolharam-se, como que a certificarem-se que tinham a sua escolha decidida e qual seria o primeiro a fazer o pedido. O empregado registou na memória o que pretendiam, sorriu para os dois e retirou-se na sua maneira discreta.

Rogério continuou a sua refutação:

— Todas as sociedades tecnológicas avançadas se apoiam num sistema económico que se alimenta, sobrevive e progride através da competição entre produtos, marcas, ideias, pela preferência aquisitiva das populações. Sabes tão bem, ou melhor do que eu, que a disputa organizada é a base em que assentam os mercados. Logo, ou os artefactos se impõem, seduzindo o comprador, determinando a sua preferência, ou sucumbem. Por conseguinte, com os meios que há ao alcance das organizações produtivas, e tendo elas possibilidades muito idênticas, a informação, a atracção, a competição enfim, passa muito pelo veículo mediático, já que é ele que entra em contacto directo com o comprador. Que outra forma haveria!?... Publicidade é sinónimo de civilização. Aliás, nem sei para que estou a dizer isto!... Só para te reafirmar que terias que mudar tudo. Criar uma sociedade que funcionasse noutros moldes. Havemos de continuar assim e de ano para ano o peso da propaganda há-de ser maior. E a sua infiltração na comunicação, em todas as formas de informação, de relação com o público, crescerá progressivamente. Não há volta a dar. Esta é a estrada por onde vamos... É por isso que me pareces, neste aspecto, a remar contra a maré. E sempre te digo: assim acabas por não ser um homem do teu tempo!... — Desta vez, pensou Rogério, o amigo teria que se esforçar para contra-atacar.

Edgar deixou-se estar algum tempo calado, parecendo não querer reagir. Entretanto o empregado regressou e colocou duma assentada o que tinham pedido. Deram o primeiro gole nos finos ao mesmo tempo. Depois atacaram as *francesinhas*, dispostos a saborearem o petisco com vontade. Foram comendo calados com prazer e Edgar foi o primeiro a terminar. Olhou por instantes para o amigo que também estava prestes a findar. Foi então que resolveu vincar a sua posição:

— Eu não quero ser um homem “do” meu tempo! Quando muito pretenderei ser um homem “no” meu tempo. O que os meus contemporâneos pensam ou fazem tem uma sensatez muito relativa para mim. Aliás, mais!... Se quiser ser um homem do meu tempo arrisco-me a ser um homem sem liberdade para pensar. Para, por exemplo, pensar na História. Pensar que nem sempre tudo foi assim e que as coisas não vão permanecer assim. Que o Homem em cada época se ilude com a sua verdade transitória, efémera, e afirma que o caminho é este ou aquele, que o progresso se manifesta desta ou daquela maneira, quando, se pararmos para pensar um pouco, vemos que a História nos ensina precisamente o contrário, que houve grandes certezas que ruíram e factos totalmente inesperados que ocorreram. Eu tenho necessidade, e daí a minha estratégia de combate, que é um gracejo, mas que exprime uma certa forma de estar na vida, de sair desse enorme ruído da competição do nosso tempo, para poder pensar. Tão-somente pensar. Nem se trata de animosidade contra isto ou aquilo, sequer simpatia por isto em detrimento daquilo, apenas silêncio, ou antes, interrupção desse ruído, para me poder ouvir, para saber o que penso afinal. E além disso, não me parece que essa tal civilização avançada tenha enveredado pela estrada da bem-aventurança. Bem pelo contrário! Há qualquer coisa de retardamento nesse sistema, qualquer coisa de inferior em termos de evolução. Parece-me ser o condicionamento em massa. As multidões são condicionadas, quais “hominídeos instintivos”, a participarem nesse jogo. O desejo, sob todas as formas, nem sempre legítimas, é incutido, alimentado, disseminado e explorado. E não me falem em liberdade de opção, porque a consciência e os sentidos possuem limiares restritivos, susceptíveis de serem habilmente considerados pelas tecnologias de persuasão que estão muito para além dos conhecimentos básicos das populações, sejam elas de onde forem. No limite, parece-me que estamos todos embarcados num gigantesco embuste. A tal ponto que agora, para culminar, aparecem as chamadas indústrias culturais, em que a cultura, embora se soubesse ter

já um tipo de abordagem concorrencial, se assume, enfim, de alma inteira, como subproduto das grandes estruturas produtivas... O desvirtuamento dos conceitos torna-se inevitável. A redução ao factor recreativo comum, através da selecção numa lógica tendencialmente mercantil, será a consequência mais que provável... Mas voltemos ao mais banal: o que acontece é que eu não quero ficar pendurado um noticiário completo à espera do desenvolvimento incerto de *notícias engodo*, forçado a assistir às interrupções premeditadamente aleatórias dos anúncios; eu não quero ter que ler meia página do jornal para ver no fim que se trata de uma promoção de determinada organização; eu não quero esquecer-me do filme que estava a ver, durante a interminável publicidade pelo intervalo fora; eu não quero assistir ao relato de vidas cujos protagonistas, que carecem de cuidados de saúde mental urgente, são impingidos como algozes anti-sociais, em episódios telejornalescos de gosto e métodos duvidosos, só para satisfazerem a morbidez das nossas mais obscuras catacumbas psíquicas, pela glória de uma dúzia de minutos de intervalo publicitário; eu não quero ser transformado à força num amante de futebol, só porque isso é economicamente saudável; eu não quero ser informado das notícias do mundo à luz das concepções de uns poucos e de simplórias ideologias de pacotilha; eu não quero ver adicionados ou misturados assuntos vitais para uma população inteira e seus vindouros com espectáculos, radiofónicos ou televisivos, de diversão inoportuna e intenções equívocas, desvirtuando-se a dignidade dos contextos, meramente para satisfazer interesses comerciais... Enfim... Poder-te-ia desenrolar coisas sem fim que eu não quero... algumas bem mais melindrosas que estas, outras sucedâneas, que eu, por achar que me devo preservar e defender a minha integridade, sou obrigado a elaborar as minhas estratégias. Acho que, em todo este processo, para além com certeza da ignorância de muitos bem-intencionados pelo meio, está bem patente uma desmedida desonestidade. Diria mesmo: uma colossal desonestidade. E tudo em nome de quê? Dessa competição que tu tentas justificar! Eu sei que o Homem nasceu a competir, cresceu a competir e o que gosta mais é de competir. E também estou perfeitamente ciente que sem competição não há empenho para o jogo... Mas há uma reticência do tamanho do universo aqui... Há que reflectir um instante e lembrar que o jogo tem de ser limpo. Sob pena dos jogadores, subvertendo a lisura das regras, se nivelarem pelos mais primitivos instintos da *concorrência vital*. E depois, o «Homem competitivo» não é com certeza uma fase evolutiva terminal...

— Sim, posso até concordar contigo... — Rogério mantivera uma atitude absolutamente atenta até aí. Afinal era este tipo de reacção que ele pretendia provocar. Inteirava-se assim em que ponto estava a indignação de Edgar pelos mecanismos sociais do seu tempo. — Mas do que falas é das contingências, dos acidentes de percurso que sempre há. Não há rotas sem escolhos. É de homens que falamos. Há sempre erros para cometer, engenhos para aperfeiçoar.

— Entretanto, eu quero participar o menos possível nessas rotas. Aguento bem com os prejuízos de não embarcar nessas viagens... Para além disso, a tua observação dá a entender que são minudências não tão agradáveis que vão ocorrendo no paraíso civilizacional. Não vês que vivemos muito pouco tempo para andar aqui enredados em ficções elaboradas para fins que nunca saberemos exactamente quais sejam, nem em que medida é que nos causam infelicidade. Ao entrares nos vícios desse jogo que, ao contrário do que queres fazer crer, têm uma relevância essencial para o teu modo de vida, para a forma como ages, como trabalhas, como pensas, enfim, com sentes, és contaminado, influenciado, convencido, de forma engenhosa e, independentemente da tua vontade, vais adquirindo peças dum puzzle, totalmente inútil, que te toma tempo e espaço no teu imaginário, que vais montando, improfícua e ininterruptamente, ofuscado numa patética alienação. Porque a realidade está muito longe do cenário que te é fabricado. Entretanto, cada vez mais, o público, o fim último desse imbróglho comunicacional, é chamado a colaborar, pelas mais diversas formas ao alcance das ciências estatísticas, psicológicas, sociológicas, na elaboração daquilo que lhe é proporcionado, em sintonia com os padrões que estão mais próximos das suas potenciais pretensões, e perversões, mesmo que ele próprio não o saiba explicitamente... Entra assim num circuito fechado em que é a vítima de si mesmo. No limite, a fantasia é comparticipada por ele, de forma a uma aceitação garantida, apertando-se o fluxo criativo. A novidade, a singularidade, vão tendo cada vez menor lugar no seu mundo, que acaba por se tornar numa ludibriosa ilusão. É pois, este percurso, um meio para o embrutecimento e rebaixamento das populações. Ao invés de uma civilização de progresso, o que interessa é o êxito na manutenção dos mercados económicos, dentro dos parâmetros estabelecidos por entidades cujos membros estão, em proporção esmagadora, fora dos padrões civilizacionais, em que eu e tu somos apenas dois elementos susceptíveis de serem aderentes à sua estrutura produtiva. Então, como vês, temos aqui dois grupos distintos. E como não queria avançar muito para campos que não esta-

ria muito à vontade para discutir, apenas te digo que, em termos simplesmente lógicos, temos, seguramente, aquela velha história de que «a *Grécia Antiga* era uma civilização fantástica, inventora da democracia, próspera, culta... um lugar e um tempo muito bom para viver... desde que não se fosse escravo!».

Rogério não resistiu a rir. Edgar tecera aquela pequena trama para concluir que eles, como elementos do mundo civilizado, eram, ou estavam destinados a ser, escravos. Esta era a nova mensagem de Edgar. A sua conclusão sobre o destino da sociedade: a “escravatura”.

— Não posso acreditar que pensas nisto! O processo histórico é irreversível. A liberdade passou a ser um bem maior, pertencendo aos valores adquiridos e imprescindíveis da nossa geração. — Rogério, neste particular, era sincero, não só achara a ideia risível como implausível.

— Acho que te estás a cingir à imagem da escravatura que tens dos filmes, ou, se é a da História, é de uma História petrificada nos bancos da escola ou pouco mais. O conceito de escravatura tem evoluído. E, quando te falo de escravo, não podes, nos dias de hoje, associar a um indivíduo semi-selvagem, com os direitos muitos reduzidos, pobre homem... tens que te transportar para a nossa sociedade e deparar que aqueles que de uma forma geral garantem os serviços básicos, sem os quais não era possível manter o funcionamento da nossa forma de viver, laboram quase graciosamente. Ou seja, aquilo que é a sua retribuição, é o mínimo necessário para que possam laborar. Isto é, laboram para poderem laborar. O que lhes sobra não tem significado e é com certeza mais do que necessário para preservarem o ânimo. Não vamos a pormenores, nem a países mais assim ou mais assado, mas eu sei do que te falo. Não precisamos de esmiuçar para concordares comigo. Incluindo, evidentemente, sem dramatizar, todos os emigrantes do mundo, que asseguram uma quantidade inumerável de serviços e participam em todo o tipo de trabalhos de baixo valor. Não será então essa massa anónima planetária uma forma de escravatura?! Não é ela, tal qual os seus homólogos de antigamente, que garante a sobrevivência da civilização nos padrões a que a esta convém, vendo-se privada, por inerência dos seus diminutos benefícios e dos elevados níveis de desempenho de produção exigidos, dos direitos atribuídos ao resto dos seus concidadãos?

— Bem, bem... Pobres e ricos. Pobres e ricos sempre haverá... Opressores e oprimidos. Exploradores e explorados... Capital e trabalho. Maniqueísmos sem conta... Por aí vais ter à política, à interminável discussão política...

— Não... — Riu-se — Na política estamos nós sempre... Mas, sim... realmente eu não quero ir dar a “essa” política. Queria pintar-te um cenário apenas para te mostrar o carácter dialéctico do conceito de escravatura, começando pelo mais evidente, até te dar a ideia do escravo mais sofisticado, o *escravo massificado*. Ia tentar subir, ou descer, os degraus e meandros da escravidão, até chegar onde estávamos antes: o elemento da estrutura produtiva que funciona para entrar no processo de aquisição e que entra no processo de aquisição para que a estrutura produtiva funcione. Era aí que estávamos! No circuito fechado que se asfixia por definição. Aí é que surgiu na conversa o termo de escravatura. Assumamos então que admitimos um conceito mais lato de escravo. É incontestável a compulsão que existe de sincronização com os estereótipos massificados para a aquisição de produtos e serviços orientada única e exclusivamente pela dita competição, pelos competidores e os seus meios, pelo poder da sugestão, pelo poder do poder de sugestão. Compulsão social de tal maneira determinante que, em caso de desarmonia, sobrevirá fatalmente um sentimento de exclusão, pois que até as definições de sucesso são uniformizadamente estereotipadas. Não é o Homem escravo dessa compulsão?! Não é o Homem civilizado escravo dos desejos promovidos pela sua sociedade mercantil!? Aqui reside a tal escravatura *pós-industrial*. A tendência será, por um lado a educação/alienação do escravo massificado, e por outro a concentração dos poderes. Ou seja, as estruturas produtivas conglomeram-se ou abarcam-se entre si, reformulando e controlando a competição, e por sua vez, de uma forma ou de outra, associam-se ou assimilam as estruturas mass-media e até culturais, para aumentarem a eficiência da máquina produtiva, evitando inclusivamente a polemização das mensagens. Paralelamente, as estruturas produtivas entrosam-se e emparceiram com a política institucional, na maior convivência possível, imiscuindo-se de tal maneira que as fronteiras se tornam indestrinçáveis, já que não podem subsistir desligadas sem se lesarem mutuamente. Poder-se-á, inclusivamente, dar o caso do Estado e estruturas produtivas constituírem um só ente, o que confere um maior grau de operacionalidade...

E este é o mundo em que vivemos hoje, porque tudo o que afirmei é apenas a minha perspectiva de como as coisas se passam. E como te disse, para eu fazer esta análise, que é tão errónea ou tão certa como qualquer outra, até prova em contrário, tenho que delinear as minhas estratégias de combate, porque de outro modo, quando as grillhetas me aleijarem, eu nem vou saber porquê!

— Sim, estou a perceber! Isto é, acho que me perdi um pouco aí pelo meio, mas não te quis interromper. O que me parece, em termos muito simples, é que se fosse como dizes viveríamos todos num sistema que só de pensar me arrepiava. A palavra que, de repente, me vem à cabeça é totalitarismo. Tu queres convencer-me que a civilização actual se baseia em sistemas totalitários! E aqui não me posso coibir de falar em política, tenha ela que definição tiver! Onde metes os cidadãos eleitores? Onde estão os milhões de votos da expressão livre da vontade das populações? Onde deixaste, enfim, a democracia, porque, se bem me parece, os escravos, seja em que civilização for, nunca votaram. É impossível manter uma escravatura, por mais subtil, rebuscada, ténue que seja, numa sociedade democrática moderna que se permite questionar livremente até à exaustão, onde todos têm a oportunidade de se manifestarem de todas as maneiras e mais alguma, e em que o eleitor, ele mesmo, é o responsável pela forma como essa sociedade é organizada e dirigida. Esse Homem que somos nós não poderá nunca considerar-se um escravo! Um escravo de quê? E de que forma? Então ele não participa na construção social!? Não é ele que elege uma maioria donde saem os representantes da população? Não preciso de te dar lições de política, porque, apesar de dizeres sempre que nesse assunto não te sentes muito confortável, eu sei muitíssimo bem que dominas todos esses conceitos. Então para onde atiraste todas essas noções!?! Que fizeste da democracia!?! Escravatura! Ora, Edgar, a tua retórica desta vez levou-te longe demais! — Rogério lançou mão de todos os trunfos. Aproveitou para o provocar ao máximo, estimulando-o a ser mais conciso e explicativo. O único receio que teve foi que ele desistisse, o que às vezes acontecia. Ele já não era o infatigável Edgar das intermináveis disputas de café dos tempos de estudante. No entanto, a sua jovialidade estava intacta, pois ficou a sorrir após as últimas palavras de Rogério, deixando por momentos a conversa em suspenso.

Entretanto, o empregado, na sua eficiência circunspecta, já tinha recolhido tudo e deixado a mesa completamente limpa, porém, tendo reparado que estavam em acesa conversa, não os incomodou mais. Rogério usara uma forma de argumentação que tencionava que funcionasse como numa partida de xadrez, em que depois de desencadeado um forte ataque, só restaria ao adversário, nesta altura do jogo, contra-atacar... Qualquer tipo de defesa seria, provavelmente, o princípio do fim, a aceitação do seu erro. Aproveitou a hesitação de Edgar para lhe perguntar se ia comer mais alguma coisa, ou se queria café como ele. Edgar

também só tomaria um café, e ao responder começou a procurar o empregado percorrendo a sala com o olhar. O empregado apercebeu-se rapidamente e passado um instante estava junto da mesa para os atender. Aproveitaram ambos o hiato para dar mais uma vista de olhos pela frequência da cervejaria que estava agora menos concorrida. Rogério achou que Edgar aguardava a chegada dos cafés para lhe responder. Continuava calmo, seguro de si, parecendo saber que Rogério o estava a acicatar, à espera de qualquer coisa interessante ou quanto mais não fosse pelo prazer de ver Edgar entusiasmado numa discussão, o que ia sendo cada vez menos frequente. Para Rogério isso era uma prova de vitalidade da amizade que os unia... Eles tinham-se ligado muito através dos grandes debates intelectuais, do gosto que tinham ambos pela argumentação construtiva, na busca de níveis cada vez mais altos de consciência e de conhecimento.

Depois que o empregado serviu os cafés, Edgar ficou a olhar algum tempo em silêncio para o líquido escuro, como se estivesse a decifrar qualquer reflexo na sua superfície. A expectativa de Rogério fez com que esses instantes lhe parecessem mais longos, pois suspeitou que o amigo estivesse indeciso em continuar ou não no tema. Este, depois dessa pequena reflexão, abriu lentamente o pacote de açúcar, colocou o granulado branco dentro da chávena e, sempre com gestos compassados, começou a mexer com a minúscula colher, efectuando vagarosamente os pequenos movimentos circulares com a mão, ficando a repetir o gesto prolongadamente. De repente, parecendo libertar-se de qualquer coisa que o absorvia profundamente, levou a chávena sucessivamente aos lábios de modo a, em três ou quatro goles rápidos, tomar todo o café. Depois fitou Rogério e disse-lhe em tom de confiança:

— Sabes Rogério, a democracia não existe.

— A democracia não existe! Isso é mesmo teu! Essa só poderia ter vindo de ti. Eu ainda vou saber um dia o que é que para ti existe!...

— Se vamos por aí fugimos do tema... Um dia eu te direi o que existe. Mas quanto à democracia... A vontade das populações através do poder dos votos... A soberania dos eleitores. A liberdade de questionar o sistema... Sim, tudo isso se fica pelas boas intenções! O poder, a responsabilidade, a liberdade dos cidadãos fica-se pelo plano teórico. Os princípios na realidade não se efectivam. A democracia não chega a acontecer. A democracia não existe! Não passa de um conceito cujos realidade objectiva fica muito aquém do enunciado teórico. Aliás, se me tivesses prestado atenção, ter-te-ias apercebido que eu

inclui a política institucional no contexto social determinado pelas estruturas produtivas em concorrência. O sistema democrático é subsidiário do poder económico e utiliza exactamente os mesmos meios e as mesmas ferramentas de persuasão. Sabes muito bem que os mass-media tanto vendem um perfume ou um automóvel como um grupo ideológico, um político, um presidente... Digo-te isto sem qualquer juízo de valor. E não imputo qualquer tipo de má fé ou más intenções seja a quem for. Nem queiras ver uma qualquer teoria da conspiração na minha análise... Porque as coisas são bem mais simples do que isso. São os mecanismos a funcionar, como estão preparados para funcionar. As estratégias para a competição dos mercados são em tudo análogas às estratégias para a competição do imagético ideável de grupos ou personalidades em concorrência de ideias, de interesses, mais ou menos subjectivos. Outra atitude é que seria de estranhar, porque eles lançam-se para esse mundo comunicacional, cujas estruturas têm as suas regras, as suas redes de operacionalidade, estando portanto à mercê do funcionamento dessas organizações e consequentemente do poder que as dirige. Para poderem actuar de forma mais eficaz criam habitualmente as suas próprias máquinas, cuja autonomia nunca pode ser total, já que, mais uma vez, dependem das limitações dos recursos e meios disponíveis. Isto para te dizer que o processo é idêntico, apenas mudam as designações, o tipo de apropriação em causa e o número e características dos envolvidos em toda a competição. Em vez de serem os potenciais proveitos através da aquisição, directa ou indirectamente pecuniária a efectuar pelas populações, o objectivo passa a ser a participação electiva concorrencial por intermédio dos votos. A esse processo se designa de democrático. Como se fosse possível admitir que todos os participantes tenham uma educação, uma formação cultural e um perfil psicológico analogamente imune ao resultado do desempenho de que as mais avançadas tecnologias de persuasão são capazes. A democracia seria aplicável numa sociedade com um grau de evolução tal que a maioria das pessoas possuíssem um nível de instrução e entendimento compatível com a capacidade de discernir conscientemente aquilo que mais se enquadra no seu julgamento cívico. E aqui está grande parte da questão, a consciência com que é apreendida a significação que a filigrana da psicologia aplicada veicula nas mensagens difundidas. Acresce que somente no seio de uma sociedade com sentido do bem público, com o entendimento da noção alargada de civismo, é que começaria a fazer sentido falar de uma autoridade emanada das populações. Neste contexto, a democracia que tu idealizas

não tem correspondência com uma realidade concreta. Como te disse: a democracia não existe. E tu agora vais-me dizer, não digas ainda... aquilo que todos os supostos democratas dizem: «A democracia pode não ser perfeita, mas é o sistema político mais perfeito que existe!» E eu digo-te que, logo à partida, nem sei bem quantos tipos de democracias é que há! Provavelmente tantos quantos os países ditos democráticos, o que me leva a não saber muito bem do que falamos quando empregamos o termo democracia... Certas diferenças de articulação, supostamente insignificantes, conduzem a regimes acentuadamente díspares. Por outro lado, pergunta a ti próprio que tipo de lógica garante que as camadas mais facilmente sugestionáveis da população, por dedicarem menos tempo às questões subtis da política e por, de um modo geral, serem culturalmente mais desfavorecidas, e porque constituem as grandes maiorias do todo social têm mais possibilidades de estabelecerem um juízo isento e esclarecido para decidirem o que é mais benéfico para um país! O esquema da democracia mais directa, de eleições gerais directas, aparentemente o que se aproxima mais da vontade popular, acaba por ser o processo mais inadequado ao progresso, mais susceptível de perverter os ideais que o geraram. As massas são galvanizáveis através de slogans, modelos, imagens, ideologias, que não têm qualquer relação com a verdade, com o verdadeiro conteúdo e com o verdadeiro teor da fonte emissora original. De forma que voltamos à mesma velha fórmula da *lei do mais forte, do mais apto!* Aquele que mais força tiver, entre os demais, para se impor, para dominar os aparelhos de informação e persuasão e que se adaptar mais eficazmente ao papel de sugestionar as populações, à heroificação ficcional colectiva, será vencedor. O que não implica que seja portador das ideias mais honradas, dos melhores conhecimentos para a eficiência do funcionamento da sociedade, do sentimento cívico mais forte. Não, nada disso é absolutamente necessário para vencer... Parece-me também que aqueles que invocam essa história do “sistema mais perfeito que existe”, excepções devidamente contempladas claro, não só constituem o grupo dos acomodados que mais beneficiam com as imperfeições do sistema, como, e também por isso mesmo, mais contribuem para a estagnação da ciência política, do pensamento político. Como se não soubessem que nada é imutável e que todos os sistemas evoluem, aliás, estão em constante mutação, quer se consiga ou não apreciar as mudanças no tempo de vida de um humano. E, para te escandalizar um pouco mais... Os regimes democráticos, na minha concepção, não garantem a liberdade que a democracia pro-

mete, da sociedade justa de cidadãos livres... O Estado, organizador, regulador e gestor, cujas instituições laboram na maior ou menor de subordinação aos aparelhos que as legitimam e possibilitam, na sua interdependência com o poder dos mass-media, no seu mais ou menos indispensável liberalismo económico, na sua relação osmótica com as estruturas produtivas, por sua vez sujeitas às estruturas produtivas mundiais, etc., dissolve total ou parcialmente os seus poderes, alinhando necessariamente nos efeitos da subjugação natural à concorrência estabelecida tanto num país, como globalmente, restringindo a população aos consequentes comportamentos em conformidade, numa redução ao denominador comum do imperativo mercantil, e restringindo o indivíduo, o Homem. Numa forma de restrição que se alarga a uma maneira genérica da maneira de viver, de sentir, de estar dentro dum determinada sociedade. Restrição no sentido em que é privado de dignidade, de clareza de raciocínio, de acção solidária, de uma consciência serena, enfim, da liberdade!... Outro argumento contra uma crítica livre e autónoma das democracias, usualmente utilizado a seguir ao do “sistema mais perfeito que existe”, já em desespero de causa, é o de acusar o questionador, neste caso eu, de não acreditar na democracia por ser adepto, apoiante, ou simpatizante, como se fosse sempre obrigatório um envolvimento emocional — outra distorção político-social —, de um qualquer regime obscuro, radical ou de má memória, tentando assim pela intimidação, desarmar qualquer análise que ponha em causa as suas referências intelectuais de apreensão e identificação colectiva mais imediata, esquecendo-se de duas contradições, de sinal contrário, mas ambas fundamentais: uma é que a liberdade implica a discussão, sem quaisquer preconceitos e que só os sistemas totalitários não se concebem discutíveis, a outra é que já houve regimes ditos democráticos que elegeram ditadores imortais, pela sua extravagante desumanidade, com amplas maiorias que os admiraram e que participaram em formas de organização social que o tempo demonstrou serem humanamente aberrantes. É certo que generalizar é sempre reductor. Nessas épocas, como agora, há tendências, forças, movimentos, grupos, indivíduos que não se inscrevem nas ideias dominantes do seu tempo e que poderão ter um papel de assinalável qualidade cívica e humana. Porém, apenas servirão, na melhor das hipóteses, para atenuar a mancha ou refrear a velocidade das influências decisivas. Com certeza que nos dias de hoje se podem distinguir correntes de pensamento e actuação dissonantes, em grupo ou isoladas, que se movem no interior desse grande oceano da sociedade da concorrência.

Inclusivamente concorrendo também, competindo com os seus rivais. Até porque a questão não se põe tanto no facto de concorrer mas sim na maneira como se concorre... Mas, dizia eu, generalizar encerra sempre erros e injustiças, o que é importante é que se ganhe o sentido do movimento histórico, dos antecedentes, das aplicações e consequências das ideias e das acções prevaletentes e responsáveis pela evolução patente. E parece-me ser evidente o paradigma do nosso tempo. Aliás, eu atrever-me-ia a dizer que a História... eu não estarei cá para assistir... irá classificar o nosso tempo, do ponto de vista político, com um conceito que não andarà muito longe do termo, não diria de totalitário, mas... totalizador. A sustentação de um modelo económico uniforme, imposto a nível quase planetário, ao ponto de a não inclusão poder significar a ruína; o asfixiamento de valores ancestrais de relacionamento humano por substituição com princípios fictícios que conduzam à necessária actividade dos mercados; o incremento da velocidade biológica imprescindível à espiral que garante o desenvolvimento económico, essencial à manutenção do sistema competitivo; os esquemas de protecção social, mais ou menos aviltantes, para os milhões e milhões de humanos, que entretanto ficaram fora dos mercados para garantir a eficiência das estruturas produtivas; a alienação introduzida nas mentalidades por inerência ao funcionamento dos meios de difusão comunicacional, arrastados pelos imperativos dos mercados em competição; enfim... podia estar aqui a noite inteira, seria demasiado fastidioso, mas não posso deixar de mencionar, talvez o que é menos visível, o que dá já uma ideia do que eu considero ser o preço a pagar... todas as patologias resultantes da desadequação do Homem espontâneo a uma sociedade que lhe impõe padrões de vida de acordo, não com as suas necessidades básicas, mas sim em consonância com as exigências dos mercados concorrenciais; tudo isto quando for analisado pelos historiadores, libertos deste quotidiano e de factores e polémicas circunstanciais, na posse das causas e dos efeitos, vão talvez denominar por qualquer coisa próxima de “totalização mercantil”, em que todas as actividades sociais estão dominadas pelas instituições que, directa ou indirectamente, controlam o poder económico, o todo mercantil. Sim, estou convencido disso. Se não for exactamente assim, será em termos muito semelhantes. Eles dirão que tipo de escravidão foi a nossa! Certamente que todos pagamos, de uma forma ou de outra, o preço por este enorme logro. Mas isso nem chega a ser um drama. É este o nosso tempo. É o preço que temos a pagar por vivermos neste nosso tempo! Cada época tem as suas especificida-

des. O drama, se o houver, é nós não termos querido, ou não termos sabido, fazer a discussão do nosso tempo, sobre o nosso tempo. Deixamo-nos engolir pela voracidade de velocidades artificiais, delegamos demasiado os poderes, no fundo, vamo-nos deixando conduzir, pensando que a democracia se faz apenas com governos e grupos políticos, enquanto nem o nosso bairro controlamos...

— Bem, não direi que não tenhas alguma razão, contudo em todo o teu discurso encontro principalmente, número um, um tom algo emotivo que radicaliza a análise, número dois, e o mais perceptível, também mais criticável, não apontas soluções alternativas. Afirmas que a via é errada mas não apontas sequer um caminho! — Rogério estava satisfeito com os argumentos de Edgar. Achava, todavia, que o tom era de desabafo, o que em Edgar era pouco característico. Porém, era bem ele, o mesmo de sempre, que pegava num tema, desmontava-o completamente, demonstrava a sua inconsistência, até reduzir os conceitos há sua inexistência. Esta era mais que uma habilidade da sua inteligência, era sim, uma forma de ser. Edgar era assim! Não se contentava com dados adquiridos. Procurava destruir as verdades, ou proposições tidas como tal, para melhor as compreender, muitas delas refazia-as à maneira dele. Sempre com uma atitude científica, sem grandes emoções à mistura. Mas, aqui neste caso, Rogério notou que, por mais que uma vez, ele se deixou emocionar, tomando o assunto a peito.

— Repara que tentei descrever-te o que pensava sem dar o acento tónico em Portugal, nem em país nenhum específico. É claro que acho que o problema é mais acentuado nuns países do que noutros. Mas a questão é mundial. Se quisermos ir em busca de uma solução possível não poderíamos, com certeza, equacionar apenas algumas variáveis, nos tempos que correm em que os mercados agem como um todo. Além disso a minha questão não é tecnicista... nem estou a ver nenhuma solução milagrosa. Penso que seria fundamental que todos soubessem que a política ou a sociologia não são exactamente como o futebol... E que, começando por aí, isto é, sem uma tendência clubista, apaixonada, sem uma posição rígida, sem preconceitos, é que a discussão profícua pode ter lugar. Darem-se conta que se a competição social fosse menos entre todos e mais para todos, se venceriam muitos desafios julgados impossíveis. Era importante as pessoas tomarem consciência de como podem ser manipuladas para finalidades em que não acreditam. Pensarem sobretudo por si próprias. Saberem antes de tudo em que é que acreditam, tendo a noção que enquanto a sociedade não funcionar, no seu todo, como um organismo vivo, em que todos os componentes con-

tribuem, de uma maneira ou de outra, para a saúde ou o mal-estar do corpo que, neste caso, é mais que humano, é a própria humanidade. A não haver um acidente ou conjunto de acidentes em que a natureza ou o Homem resolvam destruir este percurso civilizacional, a mudança seria uma espécie de revolução intelectual de subversão de certos valores nocivos, ou doutro modo o Homem ficará sujeito a um percurso lento e penoso atravessando convulsões tanto mais graves quanto maiores as suas dependências económicas e psicológicas. De certa forma, quebrar esse ciclo vicioso de negação e fruição do desejo, penalizando a vantagem do supérfluo e incentivando o essencial. Necessariamente uma metamorfose económica: a economia da razão em lugar da razão da economia! Uma espécie de *teoria dos jogos* em que o vencedor fosse a humanidade... Não tenho uma solução que te aponte, todavia existem outras formas de evolução, num certo sentido, do próprio Homem como espécie, que nesse caso se faria com uma forte componente do saber, do querer saber como fazer, o que, no tempo da electrónica e da cibercultura, está muito facilitado... Uma participação social com outro tipo de envolvimento, numa dimensão menos egocêntrica, com menos fatuidade, mais humanizada e planetária. Talvez menos antropocêntrica também. Isto é, imagino que seria possível acelerar o processo evolutivo no melhor sentido, com a ideia dum bem-estar frugal, solidário, compreensível e global, que substituiria progressivamente a inquietação da sociedade mercantil causada pela insatisfação de desejos induzidos, de prazeres artificiais. Tentar abreviar o que mais tarde ou mais cedo acontecerá: um equilíbrio racional que permita que o Homem não funcione para a economia, mas sim com a economia. Os recursos existem... Os homens continuam muito divididos e pouco conscientes da sua ignorância. Talvez, quem sabe, venha a existir uma mudança biológica! Ou uma coisa e outra... Não imagino, mas sei que as concepções, fatalmente, hão-de mudar...

— Eu acredito que o Homem sairá vencedor, apesar de tudo...

— Sim. Às vezes penso como seria interessante voltar cá daqui a quatrocentos ou quinhentos anos, para ver como as coisas se passaram! — Edgar dava sinais de se ir relaxando.

— Normalmente penso que o futuro é imprevisível. — Rogério diversificava agora o diálogo — Sobretudo com a aceleração que isto leva. E se pensarmos bem, não será tanto assim. Imagino que todas as épocas em geral pensaram que cada vez se progredia mais rapidamente. O avanço é relativo, é

proporcional a cada fase da sociedade. Contudo, mesmo tendo isso em conta, nunca foi tão manifestamente poderoso o modo como o Homem interfere na natureza e nele próprio! Ao ponto de se transformar decisivamente no protagonista da sua própria evolução

— A “*coevolução*”! Tínhamos que voltar ao ponto de partida... — Edgar sorria com gosto — O que, se não me engano, faz, mais coisa menos coisa, quarenta e oito horas!... Nessa altura não me deste grande margem para rebater...

— Sim. É verdade. É um dos meus devaneios preferidos ultimamente.

— Mas antes vamos ter de pagar a conta. Daqui a um bocado eles são capazes de fechar. — Edgar fez sinal ao empregado, que parecia esperar que isso já tivesse acontecido há algum tempo atrás.

Depois das contas feitas, o empregado finalmente resolveu emitir um som, agradecendo e desejando as boas noites.

Já na rua, foram caminhando devagar, em silêncio. A certa altura Rogério, sem mais nem menos, confessou:

— Sabes, Edgar, em Amesterdão estive com a minha ucraniana!

— Ah! Eu bem que suspeitava! Ela é ucraniana?! É curioso!...

— Sim. É do Leste. Nota-se logo. Muito bonita... — Rogério ficou com um ar sonhador...

— E então?!

— Foi bom demais...

13. Desejo

Poder-se-ia dizer que aquele dia não teve qualquer significado, que fora mais um dia igual a tantos outros dentro do campus, não fosse aquela sensação de cansaço. Não era um cansaço como os outros, como após uma corrida mais prolongada e mais esforçada que o habitual. Não, não tinha o seu epicentro no corpo propriamente dito, mas sim na cabeça. Uma espécie de aumento da densidade cerebral que transmitia uma impressão extenuante ao pensamento e a todo o organismo. Uma fadiga incômoda, irritante, que tornava qualquer ambiente circundante dolorosamente monótono e hostil. Um mal-estar que transformava as pessoas em incomodidades a evitar, em perturbadores do equilíbrio extremamente precário do organismo. Parecia que, a qualquer momento, se iria soltar um gemido, um grito, qualquer coisa que estava contida naquele desentendimento de si próprio, naquele enfraquecimento mental, naquele abatimento físico.

Nuno passara todo o dia assim. Estranhando-se. Embora a causa de todo aquele estado fosse bem do seu conhecimento. Simplesmente, era inaceitável que se descontrolasse daquela maneira. Aliás, ele nem podia falar de descontrolo, pois não teve qualquer vontade consciente de ficar assim. Tinha sido um processo absolutamente autónomo e independente do seu arbítrio. Ele revoltava-se mais até com o efeito do que com a causa. Até porque na causa estava o centro da questão: Harika!

Raciocinando friamente ele conseguia perceber que o país dela tivesse os seus costumes, advindos da religião. Todos os povos têm os seus costumes. Ainda que lhe pudesse parecer algo de muito extravagante a religião controlar as raças, as etnias, na união entre homens e mulheres, enfim, deveriam ter as suas razões... de preservação dos genes, ou outras que fossem... Ele podia compreender. Se não aceitava, compreendia. E também não se poderia concluir imediatamente que Harika não gostasse dele, que, como mulher, não o quisesse... E isso era o mais importante para ele. Todavia as suas dúvidas tinham-se mantido

e adensado. Mas nada disso o incomodava, pelo menos conscientemente, uma vez que podia racionalizar mais ou menos as suas discordâncias, as suas dúvidas.

O que o estava a incomodar, era todo o estado psíquico que aqueles acontecimentos exerciam sobre ele, sem que tivesse qualquer hipótese de domínio sobre qualquer dos efeitos. Porque só podia ser disso... Ainda chegou a pensar que pudesse ser de qualquer desarranjo orgânico. Mas não... Não só pelo tipo de cansaço que era, como também pela exagerada recorrência de certos pensamentos, que lhe revelavam, afinal, qual era a causa da sua prostração.

Inclusivamente tinha sintomas físicos invulgares, dispersos e não localizáveis com rigor, principalmente nas costas e nos abdominais, doridos, como se tivesse dado um tombo, mas acima de tudo na cabeça, uma espécie de dor de cabeça generalizada, mais nas têmporas, não muito forte, mas persistente, incomodativa.

Quando acabou as aulas procurou sair isoladamente, para fazer o percurso a pé inteiramente só, de volta para o apartamento. Talvez descansando um pouco se sentisse melhor...

Ainda não tinha vindo ninguém quando chegou. O apartamento estava deserto. Não estranhou. Era um dia de horário curto e viera directamente. O silêncio contribuiu para se sentir ainda mais oprimido. Pensou que não era justo que a natureza se rebelasse com aquela intensidade. Que preço é que ele teria que pagar por gostar de Harika! Porque fora gostar dela daquela maneira, até doer! Nunca mais queria estar apaixonado... Depois pensou que isso não se controlava. Acontecia. Mas porquê o desencontro, se a natureza labora constantemente na junção? E se não há encontro, porquê o sofrimento? Talvez, pensou Nuno, que tenha que ser assim mesmo, porque a forma de diminuir ou acabar com o desalento é conseguir a reunião desejada. Dessa maneira a natureza continua a sua infatigável faina! Em suma, há que persistir, até à consumação... Porfiando, estaria de acordo com a natureza, o que só lhe podia fazer bem.

Nuno conseguiu sorrir levemente dos seus pensamentos que pareciam estar a tomar um rumo mais positivo. Contudo, resolveu ir deitar-se um pouco na sua cama. Antes disso tomou ainda um analgésico para a dor de cabeça. Estendeu-se completamente vestido e passados uns minutos adormeceu.

Quando acordou não sabia onde estava. Não se lembrava em que sítio adormecera. O quarto estava agora completamente às escuras e não podia distinguir o que quer que fosse. Continuou preso por instantes, não poderia saber

por quanto tempo, à indefinição da transição entre o sono e a vigília que o impedia de conseguir determinar exactamente o sítio onde se deitara. Por um momento pensou que estava no seu quarto, no Porto, em casa dos pais, mas logo desfez a ideia, quando sobreveio o reconhecimento de um dos lados do quarto onde incidia uma réstia muito ténue de luz da janela, que mal permitia adivinhar alguns objectos, mas que foi o suficiente para de repente se recordar de tudo, num flash interior, despertando de vez, simultaneamente. Era muito raro acontecer-lhe isso. Já lhe sucedera algumas vezes, mas muito poucas... Talvez fosse a hora a que se deitara, talvez o incómodo em que adormecera, uma coisa ou outra teria gerado aquele lapso de memória, ou aquele acordar retardado. Uma sensação deveras desconfortável. Tinha havido, algures nesse intervalo, um vestígio de pânico, medo de que a situação se prolongasse...

Contudo, já feito e bem acordado, quando se sentou e ligou computador Nuno reparou que o sono fora manifestamente benfazejo. O aperto que sentia antes na cabeça tinha desaparecido quase por completo. Só isso era o suficiente para se sentir mais bem disposto. Sentia-se mais leve, menos rígido, enfim, mais descontraído, menos pessimista. Resolveu “dar uma volta” pela *Internet*. Verificou se tinha correio: não tinha nada que lhe chamasse a atenção, nada que merecesse uma abertura imediata. Foi percorrendo alguns dos seus endereços habituais, alguns dos quais relacionados com Portugal. Entretanto ia vendo se aparecia algum dos seus conhecidos, que estivesse simultaneamente na *Net*, com quem quisesse conversar. Ou seja, foi entrando pouco a pouco dentro da interactividade da dita *Rede global* até se sentir completamente envolvido. Passado algum tempo, mais uma vez constatou como aquele exercício o equilibrava. Não podia compreender que houvesse detractores dos computadores ou da *Rede*. No caso dele, não tinha dúvida alguma que esses meios eram já qualquer coisa de imprescindível à humanidade, funcionando como uma espécie de aliados tecnológicos, que a ele lhe davam alento e o faziam divergir de pensamentos menos bons. Como se o processo encerrasse uma espécie de harmonização consigo próprio. Sentia sempre uma dinâmica, dificilmente ultrapassável pelo que quer que fosse, que o estimulava de forma espontânea, sentindo-se activo, participante, vinculado e na posse de um infindável repositório do saber humano. Talvez por isso mesmo tivesse escolhido um curso ligado à *Internet*.

O seu companheiro de quarto, Amir, ainda não chegara. Começou a ouvir algumas vozes na sala. Estaria Harika na sala? Não conseguia distinguir a

sua voz... Resolveu ir à cozinha — hoje ia comer qualquer coisa simples ali em casa — e ao mesmo tempo via quem é que estava na sala... Certificou-se, ao passar, que apenas Li Ming e Asif estavam sentados a conversar e a ver televisão. Cumprimentaram-se com um aceno. Depois de ter satisfeito o escasso apetite, resolveu permanecer um pouco na sala. Sentou-se em silêncio num dos sofás a pensar que até nisso, no apetite, estava diferente. Ele que normalmente comia bastante, mais do que seria desejável, sentindo-se com vontade de comer várias vezes durante o dia, agora não ligava nada à comida e o seu apetite deixava muito a desejar...

Falavam, Asif e Li Ming, de uma professora que tinham em comum, que leccionava algumas disciplinas de matemática em vários cursos. Li Ming, como era seu costume, sentava-se à-vontade no sofá, numa das suas posições semi-acrobáticas preferidas, que só o seu tipo de corpo magro permitia, não se importando em mostrar as pernas muito acima do que seria discreto. Asif estava habituado e já nem reparava. Ela gostava de alinhar por certas modas... E era precisamente um pouco à volta da moda, incidindo na maneira de vestir da tal professora, que a má-língua girava. No entender de Li Ming ela era demasiado formal, conservadora, o que, no seu entender, denotava desde logo que estaria ultrapassada nas suas preferências científicas, nas suas paixões pelos assuntos matemáticos. Ao contrário Asif achava que uma coisa não implicava a outra e que até se podia dar o caso da professora não ter uma consciência absoluta daquilo que usava ou que, na ideia dela, aquele era um padrão actualizado. À volta disso tentavam dar exemplos que demonstrassem, cada um para seu lado, o que afirmavam. Li Ming sempre um pouco mais impertinente e Asif conciliador mas não concordante.

Entretanto entrou Amir que saudou o grupo. Ficou de pé. Os argumentadores mal deram por ele, de tal maneira estavam engalfinhados na discussão. A certa altura, aproveitando a recente entrada de Amir, Li Ming resolveu virar-se para ele e para Nuno e indagar a sua opinião. Ainda tentou descrever a professora a ver se eles a conheciam, mas depois desistiu, colocando a questão em termos impessoais, ou seja, se a maneira como as pessoas se vestiam podia, de algum modo, dizer o que elas eram e o que pensavam. Afinal um assunto se calhar tão velho quanto o andar vestido, pelo menos tão antigo quanto a moda!...

— Digam lá! Diz lá tu Amir! Uma pessoa que se veste como as pessoas se vestiam há vinte ou trinta anos atrás não é necessariamente uma pessoa retró-

grada? Partindo do princípio que não tem problemas económicos graves, é evidente.

— Bem, há pessoas e pessoas. Eu não me arriscaria a dizer nada de definitivo sem conhecer a pessoa em causa. Mas diria que, de uma forma geral, e... assim por alto... eu acho que uma pessoa tem a ver com o que veste.

— Estás a ver Asif, houve bem: tem a ver com o que veste! — Li Ming visivelmente satisfeita, já tinha algum apoio na contenda. E muito rapidamente para Nuno:

— E tu, que pensas tu Nuno acerca disto?

— Acho que nos dias de hoje é possível traçar um retrato psicológico duma pessoa a partir do que ela traz vestido. Salvo raras exceções, depende mais do observador do que do observado. Isto é, se a leitura for bem feita, a “linguagem” utilizada acabará por denunciar o utilizador... — Nuno expressou-se sem entusiasmo mas procurou ser preciso e sincero. Era mesmo aquilo que ele concluíra, quando pensara sobre o que as pessoas vestiam. Uma espécie de linguagem com os seus códigos.

— Pois é isso mesmo Nuno, eu não diria melhor! — E virou-se exultante para Asif:

— Vês! Ficaste isolado. Ninguém aqui pensa como tu! A “Infinitéssima” — era a alcunha da tal professora, já se via bem porquê — é completamente démodé, e está mais do que ultrapassada!

Asif assistira a tudo tranquilo, sorrindo até. Na verdade, o assunto não lhe merecia muita importância, mas já que teimara com Li Ming agora iria até ao fim. Os dois davam-se muito bem, embora isso inclui-se as constantes discussões em que se viam engalfinhados. Pareciam *David e Golias*, mas só fisicamente, porque nos debates era mais frequente ser o Golias, Asif, a levar a melhor, mantendo usualmente um porte calmo e amável para com ela.

— Uma vez mais Li Ming — Asif começou a tentar destruir a tese dela, numa voz vagarosa e firme — consideras as coisas apenas à luz da tua própria experiência, dos teus valores, do teu mundo...

— Então e como é que querias? Todas as pessoas julgam pelos seus valores! — Li Ming deixou logo escapar a sua renitência, fosse qual fosse o argumento que ele tencionava empregar.

— Eu não queria ter que chegar aqui, mas vou te abrir o espírito, porque tu julgas as pessoas tomando como bitola os exemplos, os modelos a que

estás habituada em Hong Kong. Por exemplo, eu olho para ti e vejo logo que não és chinesa da China mas sim de Hong Kong só pela forma como te vestes, e isso bate certo com a tua teoria. Mas, porque é patente a moda estilizada, ocidentalizada, que optas por usar. Repara que não estou a fazer nenhum juízo moral ou estético, apenas, digamos, técnico. Podia até ir mais longe e saber a que estrato sociocultural é que correspondeste. Mas porque é perfeitamente possível encontrar, na sua variedade, as características uniformes e distintas que permitem uma classificação, com uma margem de erro tanto mais pequena quanto mais se puderem conotar os pormenores com as tendências e estilos.

— Pois, pois, e daí! Só estás a corroborar a minha teoria. Isso é o que eu digo, por outras palavras.

Nuno e Amir escutavam com serenidade, estando interessados no que Asif tinha para dizer. Ele prosseguiu sem se deter no que Li Ming dissera:

— Se viajarmos para ali, não muito longe, até à China, de preferência ultrapassando as novas zonas económicas especiais, já nos vamos deparar com maior dificuldade em distinguir as pessoas pelo modo como se vestem, já que as possibilidades de escolha são menos abundantes, ou seja, a variedade está mais restringida, por múltiplas razões, e portanto vai ser mais difícil estabelecer associações através da identificação com modelos, com tipos estéticos. E, antes que me digas que ainda assim é possível determinar uma série de dados, e para não entrarmos em questões de carências sociais, que levam a uma simplificação tal do traje, que pouco se sabe da pessoa a não ser que é pobre, eu salto na progressão, alongo a viagem e vamos muito mais para Sudoeste, para o Dubai, por exemplo. Aterramos no Dubai, e para além do clima onde vivem, da religião que professam, pouco mais saberemos acerca das pessoas. A uniformidade das túnicas dos homens e das mulheres é tal que nos parecerão todas iguais. Os pequenos detalhes que existem, por si só não permitem identificar a diversidade psicológica, profissional, sociocultural... das pessoas. — Asif deixou transparecer um pequeno ar de satisfação ao ver como Li Ming estava a ficar baralhada — O percurso desde Hong Kong até Dubai, e podíamos ensaiar outros, foi só para, a pouco e pouco, te aperceberes que o teu juízo é faccioso, demasiado centrado na tua percepção das coisas e que há medida que perdes as tuas referências, ou seja, que elas deixam de ser válidas, quando presumes uma classificação de acordo com elas, incorres numa ilusão, como no erro de paralaxe, em que o problema é da tua posição como observadora... Se te prendes demasiado aos teus parâmetros, às tuas ideias

subjectivas, nunca vais entender os outros, sobretudo se possuem valores que pouco ou nada têm a ver com os teus. E o mundo será qualquer coisa que somente existe na tua imaginação. Para que isso não aconteça tens que acreditar talvez mais na personalidade, no ar, na fisionomia, nos gestos, no modo, nas palavras certamente. E não digo que se desprezem os adereços, mas que se enquadrem cautelosamente na sua interdependência mais ou menos relevante com os outros inúmeros factores. E se assim fizeres, estou seguro que vais descobrir que a “Infinitésima”, a senhora *Morgan*, assim é que é, eminente matemática, está muito para lá das tuas coordenadas. E porque não começas por descobrir o seu curriculum? O que tens que fazer é procurar saber qual é o sistema de referência que ela usa, porque, conforme eu teimava contigo antes, é capaz de não estar relacionado com a moda de há vinte ou trinta anos, como tu pensas, mas sim com qualquer outra razão mais simples ou mais extravagante, não sei, ela o saberá, já que se trata da sua originalidade.

Todos gostaram de ouvir Asif, que, como de costume, com o seu estilo convincente, fazia valer os seus pontos de vista. Li Ming, que era a mais visada, não deu o braço a torcer, antes procurou caricaturar o partido quase incondicional que Asif tomara pela professora:

— Já estou a perceber tudo! O que temos aqui!?!... Temos paixoneta. Pois é, eu logo vi que uma tão forte defesa só podia ser por paixão. Sim, sim, não desmintas, estás apaixonado pela “Infinitésima”. Pronto não se fala mais nisso. Ela anda na ultra-moda. Ela é o supra-sumo da matemática! Certo.

De repente, Li Ming pareceu lembrar-se de qualquer coisa urgente, levou a mão à cabeça, pôs-se a pé num salto e deu uma corrida para o seu quarto. Nuno ficou sem perceber o que para outros parecia natural. Encarou Amir com um ar de surpresa e inquiriu-o com um movimento do queixo para cima.

— Não sabias?! É Harika que está doente. Acho que não saiu do quarto desde manhã, — esclareceu Amir, em voz baixa — mas ao que sei não é nada de muito grave, não te preocupes...

— Porque havia de me preocupar!?! — Nuno tomou a expressão de Amir como uma insinuação, mas logo viu que assim ainda mais se denunciava e disfarçou:

— Ah, pois... claro, está doente. Ainda bem, ainda bem que não é grave! — E mostrou despreendimento, para não trair a inquietante preocupação que sentia, ao ponto de subitamente lhe aparecer uma dor na boca do estômago,

como se tivesse levado um soco. Com a maior discrição foi para o quarto, para o computador.

Ela também doente! Nuno, que não se sentira bem todo o dia, sabia agora que Harika também estava mal. Mesmo que não quisesse, não podia deixar de fazer analogias. Sim, ela ficara afectada, como ele, por aquela história do casamento dos islâmicos, ao ponto de não ir para as aulas... Ou não, não tinha relação nenhuma com isso, apenas tivera uma indisposição qualquer, quem sabe própria das mulheres, ou o que quer que fosse que a debilitara... Como saber! A acreditar na sua intuição, ou talvez no que lhe agradava que fosse, ela tinha precisamente o mesmo que ele: o mal da paixão, do amor, do desejo. Ele não poderia optar definitivamente pelo conceito a aplicar ao seu sentimento. E seguindo o seu raciocínio, entrou na *Internet*, escolheu um motor de busca e teclou: *amor*.

Esteve seguramente mais de meia hora às voltas com a palavra. Na maior parte dos casos nada tinha de coincidente com o que ele procurava. De filmes a livros, de poesia a música, tudo encontrou, mil e um sítios. Ficou convencido que não se encontrava uma definição rigorosa de amor. As imagens, associações, frases, metáforas, procuravam aproximações ao significado do vocábulo, mas nenhuma era peremptoriamente uma definição de amor. Como aliás era de prever ... o amor não se definia. Era demasiado complexo. No entanto, Nuno reteve que, de uma forma geral, havia unanimidade, sobretudo nos dicionários da *Internet*, em que se tratava, no tipo de amor em causa, de um sentimento que impelia para o objecto do desejo. O que, para ele, ressaltava a evidência do seu desejo, como era lógico. Ele desejava Harika. Sim, sem dúvida ele tinha que admitir que desejava Harika. Até aí, ele admitia. Ele sabia...

Nuno ia tentando divertir-se à custa do que o atormentava, como se isso fosse um paliativo e como se estivesse à espera que lhe aparecesse uma solução mágica em qualquer canto da *Net*.

Fez votos para que Harika se estivesse a sentir melhor, por mais que uma vez. Ao pensar que ela podia estar doente sentia uma imensa ternura por ela.

Ao contrário de amor, a palavra paixão apresentava imensas definições. Se, com amor, a busca pecava por ser vaga, com paixão, ao contrário, era prolixamente rigorosa, porém diversa e caótica. Também abundavam assuntos que não tinham nada que ver, mas, entre dicionários, artigos e explicações, não faltavam definições de paixão. Naquela multiplicidade Nuno anotou os termos que mais se repetiam. Tratava-se de uma tendência sobre o pensamento e a acção,

que envolvia sentimentos intensos, violentos, profundos, dominadores, exclusivistas, e que geralmente implicava a perda da lógica imparcial. Os sentimentos abarcados podiam ser predilecção, afecto, amor, desgosto, ódio e muitos outros, exprimindo-se através de prazer e desprazer. No caso das paixões amorosas, era patente o requisito de um objecto do desejo. Ao cabo de mais de uma hora, Nuno concluíra que o desejo era o fulcro do seu tormento. “Descobriu” aquilo que afinal já sabia! Procurava uma explicação científica ou satisfatoriamente racional para se prescrever uma conduta saudável, para não cair no abatimento e voltou ao zero. Pois que desejava Harika já ele sabia. Embora o desejo dele não coincidissem com nada que já conhecesse, e daí a sua ansiedade, a sua busca, a sua procura de um discurso de identificação, de reconhecimento.

O desejo que ele tinha de Harika não o tinha visto em lado nenhum. Ou por distração, por estar pouco interessado no assunto na altura, ou porque realmente era pouco comum de se ver. Porque era-lhe até doloroso comparar os objectos que ele conhecia, símbolos do desejo, do desejo dos homens, com a imagem que ele criara de Harika. E era disparatado estabelecer equiparações entre as situações e imagens que ele apreendera, relacionadas com o encontro, aproximação, consumação, nas relações entre sexos. O desejo estava patente em miríades de representações por tudo que era sítio, sobretudo de natureza urbana. O desejo, fosse ele qual fosse, era o meio mais utilizado para chamar a atenção. Revestindo-se das formas mais simples até às mais escabrosas, usando infintos recursos para os mais variados objectivos, o desejo, a sua provocação, estimulação, prometimento, insinuação, satisfação espontânea ou premeditada, insatisfação espontânea ou premeditada, exaltação, exacerbação, etc., era o rei da selva, da selva dos jogos das narrativas imaginárias que dinamizavam a grande máquina social! Mas de todas essas visões do desejo, em particular das que implicavam o apelo à libido, especificamente do desejo amoroso, em nenhuma delas Nuno fixara o menor sinal que lhe desse agora uma pista sobre o seu desejo. Sobre o tipo desejo que sentia. Em nenhum indício, em nenhum caso, se revia.

Amir já entrara no quarto há um bom pedaço. Vestira qualquer coisa parecida com um pijama e deitou-se na cama a ler, ligando o candeeiro perto da cabeceira. Não fez o mínimo de ruído, respeitando a profundo alheamento de Nuno. Este sentiu-o deitar-se e já sabia que ele ia ficar a ler até adormecer como habitualmente. Amir gostava muito mais de ler em livro do que no monitor. Não raro, imprimia primeiro qualquer coisa mais extensa que estivesse inte-

ressado em ler para posteriormente a analisar no papel. Dizia que o monitor o fatigava mais e que a memorização saía prejudicada. Já para tudo que não fosse escrita, sobretudo desenho, Amir era capaz de estar horas a fio a observar, ou a trabalhar, directamente no monitor, aparentemente sem mostrar sinais de qualquer fadiga. Nuno, por seu turno, não fazia qualquer distinção e muito raramente imprimia uma folha que fosse só para seu uso, lendo no monitor longos textos. Uma vez perguntou a Amir porque era tão diferente a forma como ele encarava os textos e os desenhos. Sem hesitar, ele respondera:

— São duas linguagens completamente diferentes, não equiparáveis! — E mais não adiantou. Nuno atribuía isso, pura e simplesmente, aos dois tipos diferentes de treino que ele fora tendo devido à incidência do desenho na arquitectura. De tal maneira que não era muito difícil de imaginar que ele utilizasse o computador por longos períodos apenas para desenhar e que para além disso tivesse adquirido o hábito da leitura muito antes de usar o computador. Como Nuno previra, passados uns vinte minutos, ouviu o livro cair no chão quando se desprendeu da mão de Amir e a sua respiração passar para o ritmo e sonoridade próprias de um sono profundo.

Entretanto Nuno, por se sentir um pouco inquieto e com certeza por ter dormido ao fim da tarde, não tinha quaisquer sinais de sono. Continuou nas suas buscas, agora menos dirigidas e mais lúdicas, ao mesmo tempo que ia pensando no desejo. E na sua imaturidade afinal... Com vinte e um anos, reflectia Nuno, não conhecia o género de anseio que tinha por Harika. Habitara-se a imaginar o objecto da sua vontade, como qualquer coisa exterior a ele, que, por si só, não interferia constrangedoramente com ele. O desejo que ele conhecia, reproduzido até à exaustão, e que, de certo modo, era o que ele compreendia com facilidade, colocava o objecto sentimentalmente independente do sujeito. Ou seja, a correspondência das sensações nas representações era unívoca, e num ou outro caso por ele vivido, podiam ter sido emoções algo partilhadas, mas tinham sido frívolas e ele não se preocupara com a essência do objecto do seu desejo. Consequentemente aquilo que lhe fora revelado em matéria de desejo sexual, de desejo supostamente amoroso, até se interessar por Harika, tinha que ver com uma qualquer forma de egocentrismo involuntário e inocente, ou, pelo menos, num envolvimento, para todos os efeitos, inteiramente parcial.

Ao contrário, com Harika, ele não conseguia pensar no que sentia por ela sem considerar ao mesmo tempo o seu sentimento e se seria emocionalmente

correspondente ao dele. Em qualquer acção que imaginasse adoptar, a reacção que ela teria preocupava-o desde logo. Cismava se ela iria gostar... E qualquer tipo de sofrimento hipotético, por mais ténue que fosse, que ele imaginasse provocar-lhe, fazia imediatamente com que ele próprio se sentisse mal. Não podia admitir o seu desejo sem uma correspondência equivalente da parte dela. O prazer que ela sentiria ou não com as atitudes dele preocupava-o acima do normal. Era inconcebível imaginar que teria prazer sem que ela usufruísse de igual modo. E tudo isto no campo de todas as emoções, não só no desejo sexual. Antes mesmo de ter certeza do sentimento que ela nutria por ele, Nuno sentia por ela uma imensa ternura. Um interesse, um envolvimento totais.

Era, portanto, uma grande diferença. O desejo por Harika estava muito distante dos conceitos que ele conhecia. Ele colocava-se, quando pensava nela, do outro lado, no outro ser, na repercussão dos seus actos, nas emoções que iria gerar. E o seu desejo, para além de todos os desejos, era que ela se pudesse sentir feliz com o seu modo, com ele, caso contrário ele não se podia sentir feliz também.

Nuno começou a ficar satisfeito com o rumo dos seus pensamentos. Embora já fosse bastante tarde, não sentia nem um pouco de cansaço, antes pelo contrário, estava mais desperto que nunca. Afinal, fizera, naquele tempo, uma boa incursão no conhecimento de si próprio. Clarificara intelectualmente grande parte da sua confusão, que se devia, sem dúvida, à sua ignorância, à sua juventude. Conseguira através de exercício mental, colocar os seus sentimentos no lugar, distinguindo, de uma vez por todas, o desejo sexual amoroso genuíno, que sentia por Harika, de todas as formas vilipendiadas, simplistas, ou banalizadas de desejo sexual. Agora só havia que acreditar na possibilidade de satisfação do seu desejo.

Passado algum tempo Nuno decidiu que de qualquer maneira teria que descansar, que se deitar. Tinha que enfrentar dentro de algumas horas uma manhã completamente preenchida com aulas. Antes de se começar a despir, foi até à cozinha para beber água. Ao passar pela sala reparou que vinha luz da televisão. Embora não se ouvisse qualquer som, o aparelho estava ligado. Uma luz azulada iluminava palidamente todo o espaço. Nuno prestou mais atenção e conseguiu ouvir, afinal, o som quase imperceptível do televisor. Alguém se esquecera do aparelho ligado, pensou. Era a primeira vez que dava por tal desleixo. No entanto, não voltou a trás, primeiro saciaria a sede e à vinda não se

esqueceria de o desligar. Abriu a porta do frigorífico, Nuno gostava da água sempre fria, retirou a garrafa e encheu um copo enorme. Estivera imenso tempo parado em frente ao computador. Passou-lhe pela cabeça que daí a uns anos, talvez não muitos, ia haver muita deslocação, em termos estatísticos, de espectadores de televisão para utilizadores da *Internet*. Na sua ideia isso era fatal. Era mais do que provável que ambos os meios se iam desenvolver, mas a *Net* tinha mais possibilidades tecnológicas e oferecia uma interactividade incomparavelmente maior. Assistir-se-ia com certeza a uma cada vez maior sobreposição de possibilidades, mas, na sua óptica, nunca se confundiriam totalmente, disputando sempre os públicos utilizadores concomitantemente, com grande desvantagem para a intrinsecamente mais dominadora, pelo menos até aí, televisão. O tempo o diria... Nuno arrumou tudo, desligou a luz, e dirigiu-se para a o televisor. Quando entrou na pequena sala de estar, deparou com um vulto muito encolhido sentado no sofá maior e olhando fixamente a televisão. Afinal não fora esquecimento nenhum, alguém estava a ver televisão àquela hora tão tardia, talvez mais de duas e meia da manhã. Quando olhou para identificar quem ali estava, apareceu por acaso, de repente, uma imagem mais luminosa no ecrã e ele viu nitidamente os olhos de Harika a brilhar, muito abertos a olhar para ele. Simultaneamente ela balbuciou:

— Nuno!

Ele, ainda não muito feito da surpresa, soltou também:

— Harika! — E depois, logo a seguir:

— Como te sentes? Está melhor? O que é que tens?

— Não foi nada de especial. Já estou quase bem. Estava aqui a distrair-me um pouco... Passei um dia muito sombrio.

Nuno, ainda de pé, em frente dela, observou-a discretamente. Ela estava, lhe parecia, apenas com a camisa de dormir e um casaco de malha mal apertado, os cabelos louros em grande desalinho e os pés descalços. O conjunto causou a Nuno uma imensa atracção. Apetecia-lhe acariciá-la, reconfortá-la, fazer com que se risse, com que se sentisse bem disposta. Mas ficou para ali sem nenhum à vontade, sem saber muito bem o que dizer. Sempre que a olhava nos olhos sentia um misto de encanto, embaraço e vontade de lhe dizer o que sentia por ela. Mas até hoje tinha-se sempre coibido e não era agora com certeza o momento mais propício...

Acabou por se sentar suavemente ao seu lado. Logo sentiu o corpo trespassado por uma tensão, como se estivesse de repente ligado a uma qualquer cor-

rente eléctrica. Mas dominou-se e procurou uma posição favorável no sofá. Ela parecia descontraída e com vontade de permanecer ali. Tinha as mãos pousadas no regaço como que a servir de complemento à indumentária. Passado alguns instantes de silêncio, em que fingiam ambos observar a televisão, foi ela que se decidiu:

— Sabes, Nuno... Eu já reparei numa coisa... — E calou-se, fez uma pausa, a olhar para baixo, à espera que ele dissesse qualquer coisa.

— Sim... o que é que tu reparaste?

— Eu reparei... eu sei... eu sinto que tu gostas de mim! — E trouxe os olhos do chão para enfrentar os dele. Ficaram olhos nos olhos.

Nuno ficou assarapantado, sem saber como reagir. Mas agora não podia mais fugir à questão. Ela própria o deixava sem alternativa. E só lhe apetecia dizer a verdade. Há muito que o queria fazer, mas tinha receio que ela não estivesse interessada. O melhor que tinha a fazer agora era abrir-se finalmente. Ao cabo e ao resto o que é que ele tinha a perder!

— Sim, é verdade. Gosto. Gosto muito de ti! Essa é que é a realidade...

Harika, com um ligeiro sorriso, pegou-lhe muito delicadamente na mão e acolheu-a entre as suas duas mãos meigamente. Depois ficou uns instantes a saborear, um pouco a medo, aquele momento. Ambos sentiram a energia de cada um, o calor, a textura, o desejo... Nuno ainda sentiu uma tontura e percorreu mentalmente, sem querer, a uma velocidade vertiginosa, o penoso caminho que culminava ali. Sim, porque agora ele sabia... Agora existiam os dois no mesmo enredo. Pertenciam ao mesmo momento, ele e ela. Aos poucos foi sendo invadido por uma sensação quase irreal de alegria, de ânimo, experimentando uma enorme vontade de a sentir profundamente. Olhou as mãos dela, que envolviam a sua com ternura. Ele gostava tanto das mãos dela! Por vezes ficava longo tempo, quando ela não podia perceber, a apreciar a gracilidade dos dedos, das mãos de Harika e a imaginar que as segurava, que as tinha nas suas e só isso o punha nas nuvens. Reuniu a sua outra mão às dela e começou a acariciá-las meigamente.

— Como é que percebeste Harika? Já sabias há muito tempo? — Nuno falou baixinho.

— Não sei. Mas eu acho que gostei de ti logo que te conheci. E encontrei sempre em ti um desejo de comunicação idêntico ao meu... Fui somando indícios, intuições, até ao momento, já não sei bem quando, em que comecei a ter a certeza que gostavas de mim a valer. Aos poucos fui ficando completa-

mente do teu lado, ao ponto de me preocupar quando andavas mais triste...

Ela levou uma mão à face de Nuno e a seguir ele encostou-lhe os lábios, apreciando devagar a pele macia e morna e depois, transportado pelas palavras que ela acabara de proferir, em que confessava abertamente os seus sentimentos, comprimiu docemente os lábios sobre a mão e terna, longamente, deu o primeiro beijo amoroso a Harika. Que era, ao mesmo tempo, e ele pensou-o, o primeiro beijo que dava com aquele sentimento misto de volúpia, de profundo carinho, de afecto... Nuno não saberia definir, pensou em amor. Foi repetindo os beijos na mão. Depois abraçou-a instintivamente. Apertaram-se longamente. Nuno imaginou como seria bom que eles se unissem completamente, que conseguissem cingir-se de forma a pertencerem um ao outro e a partilharem simultaneamente tudo o que estavam a sentir. Com as mãos um pouco trémulas começaram a explorar o corpo mutuamente e a acariciarem-se com afecto. Depois afastaram-se um pouco e aproximaram as bocas, começando lentamente por sentir os lábios com beijos brandos, cada vez mais alongados, até sucumbirem completamente ao desejo, que explodiu em ambos, natural, sincero, numa das suas mais puras formas... Deixaram fluir as suas paixões. Quiseram conhecer os seus corpos, sentir o seu ímpeto, inebriar-se juntos. E juntos foram até ao fim. E a sorte consentiu que o desejo se concretizasse na perfeição do instinto original. E foi tal a euforia da surpresa pelo sucesso da consumação que voltaram a reunir-se da forma mais íntima que os dois corpos pediam, com a candura da sua idade, com a limpidez dos seus sentimentos.

Já era bastante tarde quando, um pouco cansados, se sentaram no chão, na carpete, de mãos dadas, já vestidos, embora com algum desalinho.

— Harika, para uma pessoa que não passou bem todo o dia, parece-me que estás muito activa! — Nuno riu-se ao brincar com ela.

— Por tua causa...

— Por minha causa?!

— Sim, estive mal por tua causa, isto é, por gostar de ti! Fiquei a pensar na tua conversa sobre a religião islâmica! Na tua atitude... No que podias pensar. E no facto de eu também não saber como encarar o nosso possível namoro. Tudo isso fez com que não dormisse bem ontem e hoje andei com a cabeça às voltas! Muito mau. Mas já passou.

— Pois, mas e agora?

— Agora...

— A tua religião! O teu país. As normas do Islão. Como vais assumir agora a nossa relação de acordo com essas questões! Como te vais assumir a ti própria... O que vais fazer? Como vamos fazer?

Nuno, que se sentia tão reconciliado com o mundo, e tão satisfeito consigo próprio, viu uma sombra toldar de novo a sua alegria. Afinal, naquele particular nada tinha mudado. Mas, com surpresa sua, pareceu-lhe que Harika tinha resolvido as contradições, porque lhe disse descontraidamente:

— Agora...Neste momento estamos aqui os dois, tu e eu. Gostamos um do outro, fizemos amor e estamos felizes. Isso é tudo o que me interessa agora. E depois... quanto ao resto... não prejudicamos ninguém, não fizemos mal a ninguém, pois não! E nós estávamos a sofrer em silêncio com o nosso amor... então sejamos felizes em silêncio pelo nosso amor!

Uma ténue luz vinda de uma janela começa a anunciar o dia. É a primeira claridade daquela manhã de Maio no campus de Plymouth. Harika e Nuno, assustados com o que isso significa, despedem-se como se um longo período de separação os esperasse... e recolhem aos seus quartos. A sala fica vazia e silenciosa. A televisão, finalmente desligada, tinha-se encarregado sozinha de iluminar frouxamente toda a intensidade de dois seres que se uniram para sempre, se em mais não for, pelo menos, garantidamente, na memória, que será afinal a única zeladora daquele admirável, simples e perfeito acontecimento.

14. Hipnos

Quando Serguéi chega do trabalho está admirado com ele próprio. Não se sente nem um pouco cansado. Habitualmente no fim do dia é normal sentir-se moído, sobretudo nas pernas e nas costas, pelo somatório dos inúmeros percursos na agitação do restaurante. Mas hoje, que ainda para mais fez aquela considerável caminhada com Marta, parece-lhe que nem sequer foi trabalhar. Se calhar é por isso mesmo: por ter dado aquele passeio a pé. Ou então é a Primavera a fazer das suas!

Quando entra no apartamento, que normalmente quando ele chega está completamente às escuras, apanha um susto quando se apercebe da luz ligada no seu quarto. Depois constata que se esqueceu da luz do candeeiro acesa. Já no outro dia aconteceu a mesma coisa, lembra-se. Estas falhas saem-lhe caro... Apressa-se a desligar o candeeiro. Já bastam as horas em que ele está aceso, pela madrugada fora, com a sua leitura compulsiva.

Liga a televisão e percorre rapidamente todos os canais. Detém-se nas imagens do sismo na Argélia e nas últimas notícias da catástrofe transmitidas sem grande detalhe. Acaba por assistir a todo o noticiário. Depois ainda presta atenção a um jornal financeiro relâmpago. A partir daí, ainda que volte a percorrer os programas com o comando, não encontra nada que o distraia e desliga de vez o aparelho.

Talvez a maior distração de Serguéi seja com os livros. Tem adaptado as leituras aos seus crescentes conhecimentos da Língua portuguesa. Contudo, lê também, não tão assiduamente, em inglês, e evidentemente, sempre que lhe chegam às mãos, livros russos e ucranianos. Mas agora que o seu português é fluente, a Língua em que mais lê é essa. E depois é-lhe muito mais fácil adquirir os livros. A leitura contribuiu muito para a sua aprendizagem do português, embora nunca tenha deixado de acompanhar as aulas em turmas muito reduzidas, de sete ou oito alunos. Ultimamente, nos cursos avançados, entra nos meandros da literatura e Cultura portuguesas, pois já frequenta aulas mais voca-

cionadas para estudantes que estão interessados no mundo mais específico das Letras, por interesses profissionais ou académicos. No seu caso, o objectivo é alcançar o nível máximo, por achar que, pretendendo viver em Portugal, quanto mais dominar a Língua melhor. Talvez este ano seja o último naquele tipo de ensino. Mas pode sempre pensar em qualquer outra escola. De todas as maneiras, não vai deixar de se interessar pela cultura portuguesa, sobretudo pela História que é sobejamente empolgante e misteriosa.

Passados estes anos Serguéi não deixa de se congratular por ter decidido emigrar. Acabou por se reconstruir. Ultimamente lembra-se muitas vezes de quando era criança e muito jovem. Aplicado nos seus estudos da escola, curioso, alegre, contente consigo próprio. E agora parece-lhe que sacudiu um peso que o transformava numa variante qualquer de si mesmo, voltando ao que realmente ele é e que tem a ver com aquela criança que se divertia, com aquele jovem alegre e confiante. O que continua a ensombrar essa sensação, de retorno à possibilidade de ser feliz, é o pensamento na sua família... A morte do pai no ano em que Serguéi fez catorze anos, altura em que as coisas começaram a descambar... A mãe que entristeceu completamente no final da vida por ver tudo à sua volta destruído... A irmã... Que seria feito da irmã?... O seu filho que nem chegou a conhecer realmente o pai... E a maior mágoa que ele constantemente carrega, a perda de Elena. Em quem não consegue deixar de pensar, com quem sonha tantas vezes... E a ideia de a reaver assalta-o involuntariamente de vez em quando, tal é a presença que ela ainda tem dentro de si ao fim destes anos...

Serguéi apercebe-se que, sem querer, ficou outra vez a pensar em Elena. Procura sacudir essa ideia, sair desse trilha. Senão, daí a um bocado ele já sabe como estará a sentir-se. Há que disciplinar a sua imaginação enquanto é tempo. «Porque seria que os pensamentos ganhavam autonomia e o levavam tantas vezes aonde ele não queria. Como se existissem vários “eus”!» Havia tantas coisas que ele não compreendia, que ele ignorava. A ignorância... a mais inexorável, constante e definitiva companheira...

Vem à varanda e o pequeno jardim lá em baixo, no seu aspecto nocturno, com alguns focos de luz, tem um ar deveras romântico. Na primeira vez que Marta veio com ele, ela assomou à varanda e ficou admirada com a vista do jardim dali do quinto andar. «Nem parece o mesmo jardim que eu conheço! Parece tão pequenino. E as árvores que diferentes!...» dissera ela. Esse dia é um dia memorável para Serguéi... Marta é uma óptima colega, amiga... e revela-se uma

namorada apaixonada! Inteligente, meiga, companheira. «Que mais pode um homem desejar!» pensa ele. Na verdade, as coisas com Marta vão muito bem. Talvez isso tenha muito a ver com a forma como se tem sentido nos últimos tempos. É um facto que ela tem um qualquer efeito positivo sobre ele. E é uma mulher muito sensual... Para além disso conversam como dois bons amigos na perfeição. Ela é realmente um acontecimento feliz na vida dele. Sorri satisfeito ao pensar nela. Aquele quinto andar traz-lhe sorte. Tudo se tornou mais harmonioso depois que veio morar para ali. Talvez Marta queira vir viver com ele... Podiam tentar uma vida em conjunto. Quem sabe pode dar certo! Sem experimentar é que não o saberão! «Acho que é capaz de não ser muito difícil convencê-la» diz de si para si Serguéi. Sim, ele vai pensar nisso a sério...

Será uma vida ainda mais regular, mais estável. Talvez isso acabe por contrabalançar a impressão que o invade há já algum tempo, depois de achar que em princípio não vai voltar à Ucrânia, de estar a perder a sua ligação às raízes. O seu país está a transformar-se aos poucos numa recordação, principalmente da sua infância. Ainda hoje na conversa com Marta ao falar do seu arreigamento à Ucrânia, tinha sentido outra vez essa sensação desconfortável de quem está hesitante. Porque embora o país esteja fisicamente lá, cada vez mais ao seu alcance, o que desapareceu foi o desejo de voltar e, ao mesmo tempo, está-se a desbotar rapidamente a ideia da sua Ucrânia, do seu país, da sua total identificação como ucraniano.

Mas o que é curioso, mas desolador, é que não adquire qualquer vontade em ser português. Se domina cada vez mais as “regras do jogo” em Portugal, se está quase plenamente integrado na sociedade portuguesa, ao ponto de constantemente o tomarem por um local, e se ele próprio se sente perfeitamente inserido e familiarizado com o modo de vida dos portugueses, isso não quer dizer que sinta o país como seu, e que, mesmo adoptando a nacionalidade, alguma vez se venha a sentir um português... Poderá aumentar mais ainda o sentimento de afeição que já nutre por Portugal, mas não crê que algum dia possa vir a ter um sentimento idêntico ao que receia que se esteja a esvaír, o amor pela Ucrânia.

Então, fica consternado ao imaginar-se a pairar no vazio, nem num lado nem no outro, como um apátrida, sem um vínculo consistente a um projecto nacional, a uma inequívoca ambição pátria. Mas é talvez esse o cenário mais provável de se concretizar. Tudo leva a crer que com o passar dos anos se irá acentuar a distância em relação à Ucrânia e que Portugal virá a ter um relevo

acrescido no seu pensamento, sem todavia acontecer qualquer tipo de transposição ou sobreposição. Para Serguéi, este cenário é de todos o mais provável.

Se por um lado ele acha que é algo deprimente a ideia de se sentir como um apátrida, também, noutra perspectiva, vai ficar em melhor posição para poder prosseguir os seus planos, a sua carreira, e se enquadrar no mundo da gestão de empresas, da economia, nos desafios da economia global... Poderá encarar dum modo suficientemente isento as variáveis dos mercados sem se deixar enternecer, consciente ou inconscientemente, com análises demasiado bairristas, dificilmente enquadráveis na ciência económica pura e dura! Sim, a sua independência parece-lhe um *mal que vem por bem*. A sua maior ambição na vida, para o que se vem treinando há tantos anos — a sua carreira — fica a ganhar! Disso não restam dúvidas, poderá ter uma visão mais alargada, racional e descomprometida.

Aí está um excelente pensamento para terminar o dia. Recolhe ao quarto já com vontade de se deitar mas resolve-se por um chuveiro rápido. De súbito, lembra-se dos duches colectivos na Obra em Vila Nova de Gaia. Como estão distantes esses dias e como detestava passear os utensílios de higiene da caserna para os sanitários, para cá e para lá, sempre que necessitava. Agora é o conforto total. Aquele humilde apartamento é para Serguéi o conforto total! Agora, se convencer Marta, pode até vir a ser um lar...

Antes de ir definitivamente para a cama não resiste a “dar umas voltas” na *Internet*. Não só para preencher o seu quadro das cotações do dia, o que vem fazendo há algum tempo para um estudo pessoal do mercado de capitais, das flutuações da bolsa de valores, mas também para se recrear um pouco em ucraniano e em russo, nas notícias e no resto, sem se esquecer do correio electrónico. Nos últimos tempos Marta manda-lhe umas mensagens muito engraçadas, a meter-se com ele...

Enquanto lê, depois que se deitou, Serguéi continua intermitentemente a pensar no plano que vai elaborar para demover Marta a viver lá em casa. Se ela quiser até podem casar... porque não?! Quem sabe podem pensar em ter filhos. Esses sim, nascidos em Portugal! Serguéi sorri ao pensar nisso. E pergunta a si próprio se por isso eles se iam sentir portugueses. Instintivamente acha que não... Lembra-se do que respondeu sobre Portugal àquele senhor, cliente do restaurante, Edgar, durante a conversa no café. Sim... Tinha sido sincero mas muita coisa ficara por dizer...

Começa a ficar com sono. As letras da página do livro que segura na mão já fogem de vez em quando. Mas continua ainda a persistir.

«É interessante aquele indivíduo... Edgar... Um tanto peculiar para português...»

E passados breves instantes Serguéi adormeceu.

«Não há dúvida que não é das melhores ideias comer antes de ir para a cama» pensa Edgar, sentindo vontade de dormir. Também já não é cedo...

Ele e Rogério ainda ficaram a conversar algum tempo, à porta do prédio, quando o foi levar. Rogério ainda insistiu para subir, mas ele escusou-se... Já tinha falado demais para uma só noite. Conversaram sobre meia dúzia de banalidades e ficou satisfeito quando por fim regressou a casa.

Agora a deambular pelo apartamento, sente-se indisposto consigo próprio. Porque não devia ter comido fora de horas. Ele já sabe que o seu organismo não é muito amigo dessas tropelias... Mas está ainda mais maldisposto com a sua tagarelice com Edgar. É um facto que são amigos, mas, mesmo assim, parece-lhe que foi longe demais. As suas deduções e caturrices não dizem respeito a mais ninguém. Alongou-se excessivamente. No fundo tinha perseguido um raciocínio em voz alta, nem sequer fora um bom debate. Deixara-se espicaçar pelo que sabia serem, por parte de Rogério, mais provocações que outra coisa. Ficou-lhe uma sensação da inutilidade do discurso, da mensagem que não é transmitida na sua verdadeira significação. Até com probabilidade de ter sido mal interpretada. O facto de Rogério o conhecer bem e ter acompanhado a sua evolução intelectual pode de certa maneira obstar a isso, mas os assuntos em que caíram são deveras delicados e susceptíveis de várias interpretações.

Edgar vai até à varanda da sua sala de trabalho. A esta hora a única coisa em que pensa é em se sentir sereno para ir dormir. Fica a olhar a noite, os edifícios, as ruas, as luzes... Tudo está quase parado agora.

Na verdade, conversar é isso mesmo, reflecte Edgar, é um risco. É sempre um risco enorme, o discurso oral. A influência do interlocutor pode levar para caminhos indesejados, cujo retorno à ideia original se revele difícil e onde apareçam no meio outras ideias que podem carecer de um aprofundamento mais amadurecido, e, na precipitação de as resolver rapidamente, todo o raciocínio global arrisca-se a sair nublado, sem a clareza que o assunto, em princípio, apresenta no espírito.

O que realmente se acredita nunca fica totalmente explícito, fica algures no espaço entre o que se disse e o que ficou por dizer. A maior parte das vezes o melhor que tem o diálogo é precisamente o exercício de reflexão posterior, que já pode ser feito porque existiu anteriormente essa conversa. Se alguma luz advém é sobretudo nessa fase... Só genericamente assim é, porque em rigor cada caso é um caso. Quando o diálogo surge, num mar de possibilidades infinitas é sempre possível encontrar uma ilha desconhecida qualquer, que se revele do maior interesse.

Contudo, Edgar está inquieto e descontente consigo próprio, porque já há muito que desacredita das conversas. Se o seu entendimento lhe diz que o diálogo pode ser muito frutuoso, que aí reside uma das maiores manifestações do ser humano, a sua experiência mostrou-lhe que, quanto a si, os casos de sucesso versus casos inúteis e prejudiciais são de modo a desencorajá-lo, de todo, das grandes conversas do tipo da que teve hoje à noite. A sabedoria aconselharia a evitá-las. E por isso o seu desconforto: pela sua incongruência. Por se deixar envolver. Por gostar de se ouvir no momento. Prazer breve que agora se transformou num vazio incomodativo.

Seria impossível sintetizar de uma forma elucidativa, numa conversa daquele género, todo o sua reflexão sobre aqueles assuntos, que dura há anos e que se constitui de múltiplas noções contraditórias, não tendo sequer chegado a uma conclusão definitiva... Não é por certo nem o meio nem a forma de debater aquelas matérias...

Ele pensa que há discurso a mais na sociedade dos dias de hoje. Demasiado gosto pela subjectividade, pelo opinativo. Em contrapartida, gosto a menos pelo rigor, pelo factual simples. Uma tendência à dramatização do quotidiano, para deixar de ser uma sucessão de factos mais ou menos lamentáveis, mais ou menos agradáveis, para passarem a ser narrativas ficcionadas e dramatizadas ao sabor do relator. O seu desencanto pela comunicação social também teve muito a ver com isso. Até porque os objectivos são pouco claros e de efeitos presumivelmente nocivos.

Edgar começa a sentir frio e volta para dentro. Deixa permanecer tudo em silêncio. Senta-se num sofá, com o corpo distendido, numa atitude totalmente relaxada.

Às tantas o problema não é o discurso, o diálogo, a conversa... ou as formas de comunicação... Se calhar, pensa ele, afundado no sofá, não é senão a relação a que ele próprio, Edgar, chegou com as pessoas, com a sociedade, com

a comunicação, com as opiniões dos outros, com a contemporaneidade de uma forma geral!...

O número de amigos e conhecidos não chega para constituir uma amostra decente. Cada vez foi reduzindo mais o seu leque de convivência social. Por vontade própria. O mesmo tipo de processo que o levou hoje à sensação de vazio apenas por uma conversa com o seu melhor amigo, foi determinando ao longo dos anos a redução sucessiva do convívio com os outros. Sentindo ser uma pura perda de tempo, uma inutilidade que constantemente o indispunha. De tal maneira que mesmo as companhias femininas que tanto o prenderam noutros tempos são agora prescindíveis. Desde que Carolina se mantenha do lado dele, não vê porque correr atrás de veleidades. Carolina sim, é essencial ao seu equilíbrio, mesmo com o tipo de relação que mantém... Com ela não se sente fútil. E as conversas não o deixam vazio. Se por vezes há uma impressão de que qualquer assunto fica em suspenso, logo se sobrepõe a tranquilidade de uma certeza tácita de que num piscar de olhos o tema se conclui. O entendimento que nutrem é algo transcendente, no sentido em que se distingue de todo e qualquer relacionamento de Edgar.

Nem Carolina, nem Rogério, nem outros seus contemporâneos de intimidade especial podem aferir o seu comportamento com o mundo que o rodeia. Se há uma fractura com a sociedade, se o deslocado é ele, não são esses mais próximos que podem atestar o que quer que seja sobre a sua conduta, a sua atitude, sobre o seu entendimento, como disse Rogério, “do seu tempo”. Rogério ou outros, também próximos, frequentemente se deixam convencer, totalmente ou em parte, pelos seus argumentos. No caso de Carolina, como ela é uma espécie de sua alma gémea, a questão nem se põe.

A satisfação, o bem-estar mental, Edgar encontra tudo isso sobretudo na música, nos livros, na pintura, no seu exercício de pensar. Cada vez se sente melhor sozinho. «Então onde está o ser social?! O *homo socialis*? O *homo politicus*?!» Porque ele vem cortando, sucessiva e conscientemente, as amarras com a sociedade. Por método, deve pensar que algo está fora do equilíbrio. E ainda pela lógica, não pode ser a sua contemporaneidade, com o seu número esmagador, com todas as características inerentes à época, que a definem e a colocam em movimento, que está desacertada. Aliás, pensa Edgar, sobre a sociedade actual nem sequer é correcto falar em acerto ou desacerto. A sua contemporaneidade existe com todos os defeitos e virtudes que lhe são próprios. É a sua circuns-

tância. É nela que tem de viver. Se a sua atitude é de uma certa rejeição, isso significa apenas que ele, Edgar, é que não se adequa completamente aos seus contemporâneos.

Edgar vai-se enroscando no sofá, com uma preguiça imensa de se mover dali, tão confortável se está a sentir...

Sorri ao pensar em si como num inadaptado, ele que, na prática, ganha a vida mais facilmente do que muitos dos mais inseridos socialmente que ele conhece e houve falar...

Talvez não seja isso. Talvez ele tenha mesmo convicções. Ou ainda, é possível que ele seja um solitário por natureza. Sim, mas a questão é que ele não é só um solitário, ele decididamente não aprova o comportamento da sua contemporaneidade. Não se trata de estar à margem, trata-se de estar contra, ou pelo menos de não estar a favor!...

Além disso a sua recusa em pactuar com a subordinação aos meios de comunicação, a sua distanciação do convívio social mais ou menos frívolo, só lhe trazem benefícios, sendo evidentes as suas vantagens, pois é patente a sua maior alegria de viver, o seu saudável sentido de humor, mais do que atestado pelas outras pessoas, relativamente aos que encharcam os seus dias na transitoriedade dos prazeres de satisfação imediata, para benefício da prossecução de uma sociedade de princípios seriamente discutíveis.

Edgar está capaz de não sair tão cedo do sofá. Acomoda-se tão confortavelmente quanto se acha aconchegado pelos seus pensamentos de auto-complacência. Seja como for, é importante que de vez em quando se dê a si próprio alguma razão. E porque não! Tem que gostar de si. É uma lei de sobrevivência... gostar de si... Sorri. Encosta a cabeça ao descanso do braço do sofá e acomoda melhor as pernas. Sente-se com sono e sem forças para se levantar dali.

SIM, é verdade que os seus contemporâneos são, maioritariamente, mais tristes, mais preocupados, do que ele! Sobretudo irritam-se com muita facilidade... E dá-lhe um certo prazer pensar que ele, Edgar, em muitos aspectos, mercê das suas opções, dos seus exercícios comportamentais, pode ver as coisas por fora, estranho à ilusão colectiva superficial, construindo a sua própria interpretação, independentemente dos conceitos preconcebidos generalizados. De fora... ver as coisas de fora...

O sono quer apoderar-se de Edgar e ele não se faz nada rogado. Já se sente tão bem que está por tudo...

Convém ter uma outra conversa com Rogério, pensa... Tem que colmatar aquele vazio...

Os olhos fecham-se por momentos. Sente que dormiu por um lapso ínfimo de tempo. Mas como pode ter a certeza? Dentro do sono qual é o tempo que conta?... E quando se sonha... O que acontece não tem tempo! Nos sonhos não há tempo! Edgar transige satisfeito com as suas teorias, sentindo-se cada vez mais sonolento!

«Não há dúvida que Rogério estava com um ar feliz!» pensa... Não se admiraria nada que o romance...

E Edgar adormeceu no sofá.

Assim que Edgar o deixa, Rogério dirige-se acto contínuo à sua caixa de correio que fica logo à entrada do edifício. É considerável a quantidade de papel que se amontoou apenas em dois dias, particularmente porque, em termos de correio propriamente dito, apenas dois envelopes se destacam no meio de todos os prospectos publicitários e mesmo esses apenas contêm mais duas das infalivelmente pontuais facturas de serviços...

Entra no elevador e pousa a bagagem. Carrega no botão do terceiro andar. É confrangedor saber que não estará ninguém à sua espera, que o andar está vazio. «Será que tinha de ser assim?» pergunta-se, um pouco desanimado. O elevador estaca e passado uns instantes entra em casa, que o saúda com um silêncio pesado. Tem a sensação que esteve longo tempo afastado e que o ambiente se ressentiu disso... e ele também.

Pensa em como seria diferente se Teresa estivesse em Portugal. Como a sua vida seria diversa com ela! Em todos os aspectos. Talvez ele mereça o que se está a passar... Ninosha... Elena veio-lhe imediatamente à mente. E a sofreguidão dos seus corpos enrolados... Sim, às vezes a vida tinha destas coisas. Mas não pensa que o seu acto seja merecedor de castigo, já que o seu sentimento por Teresa está absolutamente intacto e ela ficou sempre à parte do assunto. Esta aventura não tem nada a ver com ela. Para mais, Teresa nunca saberá...

Depois de dar uma arrumadela às bagagens, vai-se despindo devagar. Por fim mete-se no chuveiro.

Mesmo que Teresa nunca tivesse saído do país, tudo teria acontecido na mesma. São os acasos, os acidentes de percurso. E a experiência foi feliz, muito feliz! Mas trata-se de um outro plano de relacionamento, tanto para ele como para Elena, de entretenimento, de recreação pura e simples. E isso não conta.

Rogério sente-se mais reconfortado depois do banho e aos poucos a casa volta a ser a mesma de sempre.

Amanhã irá um pouco mais tarde para o gabinete, pois não quer prescindir das suas sete horas de sono. Isso é importante. O melhor seria deitar-se quanto antes...

Mete-se na cama e liga o pequeno rádio despertador da mesinha de cabeceira. Ainda hesita um pouco, mas acerta o despertador para as dez e quinze.

Não havia dúvida que Edgar era o bom amigo de sempre. Nunca falhou em nenhum compromisso. E era sempre um prazer estar com ele, ouvir as suas teorias. Pena que fosse tão esquivo, pouco amigo de conviver. Certamente que se não fosse assim já não era ele. Era manifestamente um original. Rogério conhecia-o bem. A dificuldade enorme que ele tinha em tomar partido, pelo que quer que fosse, num processo oposto ao comum, por causa de matutar sempre numa coisa melhor, numa ideia melhor. Não descansava nunca. Não se contentava com explicações intermédias, incompletas. Era essa a sua essência. Isso fazia dele um permanente inconformista, não propriamente revoltado, mas rebelde, intelectualmente independente. Porém, a forma como articulava o pensamento e expunha as suas ideias, por isso mesmo, por ser particular, normalmente exercia um efeito de sedução sobre as pessoas. Tanto mais que Edgar tinha um modo simpático, atencioso.

Rogério nunca se entediava com ele. Se por um lado recriminava a inconstância das suas posições, sistematicamente evolutivas, por outro lado era um prazer acompanhar as respectivas transformações progressivas, pelo que acrescentavam, de uma maneira geral, de novo, de controverso, de vivo.

E ele sabe que Edgar toma as suas reacções e opiniões muito a sério e tem provas que não raro as aproveita, umas vezes como inspiração e outras como complemento à sua própria imaginação. É evidente que o resultado é qualquer coisa de completamente diferente mas ainda assim a origem é detectável.

No caso da “*coevolução*,” assim denominada por Edgar, Rogério tem como certo que, mais tarde ou mais cedo, se o assunto vier à baila, Edgar há-de vir com a lição bem estudada, com uma teoria dele, pensada, trabalhada, metamorfoseada, para que ele a rebata...

Quando ele chamou “*coevolução*” Rogério tomou mais como sinal de que ele estava interessado no assunto, do que por uma designação científica. Agora que pensa nisso, de facto, passa a ser uma “*evolução com*”, ou seja, o Homem

de per si, e o resto da natureza como um todo, em interacção, são responsáveis pela selecção das espécies. Portanto, quer Edgar tenha dito a brincar ou com conhecimento de causa, a palavra serve à sua ideia. Dá até uma imagem bastante sugestiva do que ele pretende significar. Rogério tem ideia de que existe já esse termo aplicado à evolução de espécies em cooperação. O que não seria bem o caso... Mas contudo o termo não deixaria de se aplicar...

Ainda pensa em pegar no livro que anda a ler que por acaso, ou talvez não, versa sobre esses assuntos, mas depois desiste, está demasiado cansado e o sono já espreita.

Mas vai ter que tirar isso a limpo: a “*coevolução*”. Por curiosidade, porque neste caso o termo é o que menos interessa, pelo menos para já, nesta fase do seu entusiasmo pela questão. O assunto é apaixonante. É certo que sempre os seres influíram no seu habitat, participando eles próprios na alteração das condições de vida que permitem uma maior fecundação e uma vida mais longa para a reprodução, tomando parte com as suas acções na selecção das espécies. O que ao fim e ao cabo já é em si parte do *plano* da evolução... O que acontece é que no caso do Homem, o grau de liberdade é muito maior, cada vez maior. A humanidade consegue reproduzir-se através de mecanismos de selecção compatíveis com os seus milagres *médico-farmacêuticos*, bem como os limites da duração de vida, interrompida acidental ou naturalmente, estão também substancialmente dependentes da evolução tecnológica. Ambos interdependentes com o potencial económico, como é lógico. Isto, claro, partindo do princípio, defendido pela ciência até agora, que não se transmitem alterações adquiridas pelo organismo para a geração seguinte, assumindo que as alterações genéticas estão fora de causa, uma vez que na hereditariedade só os genes importam...

Rogério mantém-se estirado na cama, voltado de costas para baixo, fitando o tecto, sem contudo o ver. Desapareceram a viagem, as aventuras amorosas, a chegada a casa e até Teresa já não faz parte do seu pensamento. Reflecte única e exclusivamente nesse mundo para ele fascinante que é o da evolução e das suas últimas consequências, ou, pelo menos, das que ele pode vislumbrar. A sua profissão ensinou-o a imaginar até onde o Homem chegou na sua relação com o meio e quando pensa nos limites da arquitectura penetra irremediavelmente num mundo que se aproxima da ficção científica. É tão simples quanto isto: o que ele imaginava há vinte anos atrás podia na altura ser apelidado de ficção e hoje a própria realidade já ultrapassa os seus devaneios de então.

Embora o carácter gradual da evolução encubra muitas vezes a verdadeira amplitude da progressão, Rogério tem bem essa noção e está consciente que daí a mais vinte anos é muito provável que comparativamente a diferença ainda seja maior. Sobretudo no campo das possibilidades, da exequibilidade, que não propriamente da implementação, já que esta é assaz contingente. Porque se é possível hoje conceber outras formas de viver, de habitar, tecnologicamente cooperativas e integradas, socialmente planificadas, a execução desses projectos depende de múltiplos factores que implicam o envolvimento de todas as estruturas sociopolíticas. Logo, nem sempre o possível é o praticável e nem sempre o praticável é susceptível de ser executado. E acresce que há vários possíveis... De forma que nesse jogo em que vive a arquitectura, numa interacção permanente entre o físico e o humano, o individual e o social, as opções quanto aos objectivos são determinantes. Para além de todas as ocorrências casuais, de todas as correntes mais ou menos imaginativas, de todas as liberdades artísticas, de todas as abordagens científicas e sociológicas, para Rogério o importante é definir objectivos. Os meios técnicos existem abundantemente. E é nessa definição de objectivos que está grande parte do sucesso de uma casa, um edifício, um bairro, uma cidade, enfim, do ente arquitectónico, até ao todo do plano territorial. É aí que reside a questão crucial e é aí que se pode perder ou ganhar a aposta de uma evolução harmoniosa da sociedade, no ponto de vista de um arquitecto, como ele. Todos os passos em falso desencadearão uma desastrosa sequência de problemas. Conforme as opções forem tomadas num sentido ou noutro assim se vão gerar repercussões em cadeia, para um ou outro lado, resultantes dessas escolhas. Deixada ao acaso a arquitectura espelhará o caos social em que se insere. A Rogério não resta a mínima dúvida de que planeamento global, assente em grandes objectivos, é imprescindível ao desenvolvimento acertado.

Rogério deixa-se inspirar nessas ideias gerais ao pensar na evolução do Homem, fazendo a transposição do que poderá ser a introdução ou não de objectivos na dita “*coevolução*”. Porque a falta de objectivos será ainda mais catastrófica do que acontece na arquitectura, o peso específico do objecto também é completamente diferente... Porque a humanidade controla progressivamente o ambiente, sobretudo os recursos para sua maior conveniência, alterando os sistemas de selecção naturais. Possui os meios tecnológicos para a transformação da natureza para seu benefício, bem como das condições da sua própria capacidade regenerativa, reprodutiva e de prolongamento da vida. O que leva a pensar que

já começou e vai aumentar, a uma velocidade expectavelmente crescente, toda uma recombinação das características evolutivas. Para Rogério é como observar uma aldeia agrícola que se irá transformar por qualquer razão numa cidade universitária. E a interrogação que desde o princípio lhe baila na mente, a que a sua deformação profissional o obriga, é: «Que plano, que projecto, que futuro?...» Porque, pelo que ele observou até agora do fenómeno humano — dos múltiplos casos de carência de objectivos, da proliferação do extemporâneo, da obediência a interesses imediatos e transitórios — o risco é no mínimo assustador. A evolução como ele receia que aconteça, ainda que ele não seja um especialista, é qualquer coisa que lhe faz lembrar um “vírus” com que ele uma vez se deparou num projecto em que nem o computador teve solução... Isto é, eventos nocivos capazes de se reproduzir em série de forma incontrollável. E a possibilidade que o Homem tem de interferir satisfatoriamente nos acontecimentos, a fim de garantir o bom funcionamento dos “seus equipamentos” para que laborem a seu favor, apresenta grandes probabilidades de se escapar entre as mãos. E a “nave” ficará irremediavelmente ao sabor dos elementos. Porque, de uma coisa Rogério tem a certeza, se não se encontrarem objectivos em tempo útil para que se possa projectar um equilíbrio possível para a humanidade, a natureza se encarregará de o fazer! A partir daí será tudo uma questão de fé...

Rogério atribui esta visão, um pouco apocalíptica, à sua circunstância de despedida de um longo dia que termina. Os seus raciocínios já fazem parte da antecâmara do sono, que tem tanto de lucidez como de utopia. Mas alguma coisa poderá extrair. Quando voltar ao assunto este já terá outra luminosidade por certo. Por outro lado ele sabe que a capacidade humana é imprevisível e que a necessidade reformula todas os percursos, estimula todos os engenhos...

De todas as formas, a natureza sabe ser implacável. E o Homem nem sempre sabe *negociar* bem com ela...

Rogério apaga a luz, volta-se sobre o lado direito e enrosca-se um pouco, já pronto para embalar.

«Edgar é teimoso com a sociedade» pensa Rogério. O que ele gostaria era de ter uma resposta satisfatória, uma fórmula qualquer... Apesar das suas estratégias, nunca deixaria de estar inquieto...

No fundo, ele acerta em muita coisa. Os objectivos são na verdade escasos, e a honra anda por aí cabisbaixa... Com razão ou sem ela, Edgar é sempre inspirador...

Rogério sente a cama demasiado grande só para ele... De súbito, Teresa quase que se *torna presente*, de tal maneira ela lhe vem à memória...

«Tudo há-de mudar...»

Hoje durante o dia, Nuno veio-lhe uma data de vezes à ideia, mas não sentiu necessidade de lhe telefonar. De todas as vezes pensou que ele estava feliz...

Têm muito tempo para ser felizes e com certeza que nada se perdeu, pelo contrário, tanto Teresa como Nuno se tornarão pessoas melhores, com uma visão mais ampla. Ele só ganhará com isso...

E quando Teresa regressar vão desforrar-se de todo o tempo que estiveram separados...

Pouco tempo volvido Rogério dormia profundamente.

De súbito todas as luzes, que deixavam tudo às escuras por falta de energia, acendem-se em simultâneo num fogacho, ao mesmo tempo que se ouve um brado enorme de surpresa e contentamento. Assim como foi, sem avisar, assim a electricidade veio, de repente, enchendo a vizinhança de cor e vozeria.

Passado pouco tempo tudo regressa ao normal, como se este fosse mais um intervalo do que um sério contratempo. Também de nada valeria a irritação... Algumas tarefas se acabarão um pouco mais tarde, agora que há luz há que aproveitar, nunca se sabe quando será o próximo apagão.

Teresa, que ainda está na varanda, fica por mais uns momentos. Em breves instantes ganha novo ânimo. «Como é diferente encarar a vida com electricidade!» pensa ela, com um leve sorriso. Olha para as redondezas e a azáfama é notória, embora se veja, pela quietude dos seus espaços, que alguns já desistiram para irem dormir. Não faltará muito tempo para que o largo fique deserto.

Os “geradores” já se calaram e até a sua cabeça, só por isso, ficou mais leve, como que esvaziada de uma moedeira infernal. Espreita para dentro de casa: reina a maior calma. Com certeza só ela é que ainda não se deitou. Agora já pode ir tomar o seu duche. Só de pensar nisso fica feliz. «Na verdade, a privação, todas as formas de maior ou menor sofrimento, fazem com que aprecie-mos mais as situações agradáveis. E infelizmente é com o sofrimento que nos tornamos mais humanos, sobretudo mais sábios sobre nós... e sobre a humanidade...» recorda Teresa, mais uma vez. Durante um instante olha mais ao longe, para a noite de Luanda, pensando que um dia se vai recordar da sua

atitude naquela varanda a ver a cidade, erigida pelos seus antepassados e que ela tanto quis conhecer. Ao saber aquela semi-destruição, toda a degradação, a iniquidade, não deixa de sentir uma certa mágoa pela inabilidade dos seus contemporâneos, todos eles, talvez mais os seus conterrâneos, que carregam uma incômoda responsabilidade histórica. Se a História pudesse imputar responsabilidades, então certamente os portugueses eram também responsáveis... Os anos de atraso no entendimento por parte de Portugal do que foi o termo da era colonial no mundo, causa fundamental para a eclosão do *vinte e cinco de Abril*, ajudaram à confusão e precipitação intrínsecas ao processo da mudança do regime. A braços com a integridade do rectângulo continental, a *Revolução* tudo redimiui. Em África jogavam-se grandes interesses e existiam forças poderosas imiscuídas nos conflitos. Era de mais... tanto mundo, um povo pequeno... uma transformação tão profunda... E uma transição que levaria seguramente mais de cinco anos, nem sequer se chegou a processar. De tal maneira que, depois destes anos todos, se algumas pazes os portugueses fizeram, não foram ainda certamente as mais importantes: as pazes consigo mesmos!

Sim, para Teresa, os portugueses tinham uma responsabilidade histórica, que não puderam, não quiseram e não sabiam assumir. Mas constituía uma obrigação que não era recente, mas sim já de longa data. Pois a aventura, o esforço de colonização não foram feitos sem os africanos e não se tratava ali de dar ou conceder ou sequer negociar, tratava-se sobretudo de não esquecer cinco séculos de História, com tudo o que isso significa...

Pode ter sido uma bela cidade, Luanda, mas agora, é uma carcaça semi-apodrecida, à espera de melhores dias, com alguns remendos aqui e ali, que em vez de assinalarem o seu rejuvenescimento, mais realçam, pela sua assimétrica magnificência, a decadência em que incorrem.

Teresa pousa o olhar de novo no largo e repara que apenas um casalinho de namorados, que se encosta a um carro em avançado estado de abandono, sobra do grupo que animava o recinto. A música também se calou. De repente tudo ficou um pouco mais triste. Teresa, como reacção à melancolia que parece querer avançar sobre ela, despede-se finalmente do largo por hoje, com o propósito inabalável do banho de chuveiro antes de se deitar.

Quando entra no quarto depois do duche, envolta na toalha, ainda com a pele húmida, tem que diminuir a intensidade do ar condicionado, por sentir frio. Pega no comando do aparelho e regula-o para uma temperatura superior.

De imediato, o ruído diminui. Passados uns instantes sente-se o efeito e o quarto começa a ficar mais ameno. Ela olha para o portátil e pensa que hoje não lhe apetece nada ligar o computador e ainda para mais sabe que não encontrará Rogério na *Internet*... Rogério... Lembra-se de tudo outra vez...

Prepara-se para dormir. Senta-se na beira da cama e fecha os olhos. Imagina-se com Rogério na sua casa no Porto. E Nuno também lá está. A pequena família reunida, feliz. Depois abre os olhos de repente e a nudez do quarto explode de realidade na sua mente. Fica uns segundos a fitar a cortina de uma das janelas que, pela sua falta de opacidade, permite que alguma luz do exterior penetre. Apesar do conforto do ar condicionado, do computador, da casa, a austeridade do quarto sugere-se-lhe qualquer coisa de ascético no seu quotidiano. A sua vida, no presente, tem um cariz algo contemplativo, pensa. Não fosse a dedicação ao trabalho e entraria em transe. Sorri ao imaginar-se uma espécie de monja em meditação. Depois, de repente, roda o corpo de uma só vez e deita-se na cama, com os olhos no tecto. Felizmente os mosquitos não se atrevem com a temperatura que o ar condicionado impõe, pensa, vendo que não há sinais dos incomodativos e perigosos insectos. Ela conhece tão bem os efeitos do paludismo... Acima de tudo é preciso sorte! E Rogério de novo lhe aparece na ideia com o pensamento na sorte!

Talvez pela sorte que ela não tem... Que era esmagada pelo seu próprio discernimento, esbarrando com a realidade da traição de Rogério. E ela ali em Angola, longe de tudo, e tão perto da verdade.

Teresa vai ficando com sono. Parece-lhe, agora que todo o seu ser anseia por descanso, que o caso cada vez tem menor importância, que Rogério nunca deixará de estar enamorado por ela. Aquela mulher não tem qualquer significado sentimental na vida dele. Trata-se de um devaneio sexual. Mantém os olhos fechados e sente que eles começam a pesar. Quando chegar a Portugal fará uma nova lua-de-mel e o tempo todo que estão separados só favorece. A ideia do reencontro é tão agradável... Teresa está completamente distendida, dali a pouco estará a dormir. Pensou: «Será que, do lado de lá, depois que adormecer, no sonho... me vai surgir Rogério, a explicar-me tudo...?»

«Porque, na realidade, ele nunca vai ter necessidade de explicar nada... Ele nunca saberá...»

E Nuno... Sobretudo Nuno... Se algum dia ele soubesse... Ela espera que não aconteça. Não, não iria acontecer nunca... Mas se acontecesse, era por Rogério que ele deveria saber...

E quase instantaneamente adormeceu.

O Sol desta manhã de Maio parece prometer que o dia será esplêndido. Varre com prodigalidade o tranquilo campus de Plymouth com uma luminosidade perfeita, esbanjando cintilações por toda a parte. Quase muda, a natureza parece esperar qualquer coisa de indefinível, todavia, a quem contemplates o cenário, seria impossível não acreditar que essa coisa seria bela.

Mas não, apesar da sensação, o que se passa é apenas o início de mais um dia, que, como muitos outros nesta época, se alvo de uma contemplação matutina como esta, é causa de grande fascínio e inspiração para o observador, assim ele esteja aberto e sensível aos mistérios e excelência da natureza.

E este é o caso. Nuno há uma boa meia hora que está ali no varandim a observar o campus como quem não é dali ou acabou de chegar. Está deslumbrado. Dormiu pouco mais que uma hora e no entanto está na melhor das disposições. Resolve permanecer mais um pouco ali, deixando-se seduzir pelo esplendor da manhã.

Está feliz. Nuno está feliz finalmente, depois de tanto tempo de inquietação. Por tudo. Pela sua sorte. Porque agora sabe que é realmente afortunado. E é isso que a natureza que ele contempla parece querer confirmar-lhe. O estar ali, ter a possibilidade de estudar ali, em Plymouth, pela sorte de ter os pais que tem. E observar aquela manhã esplêndida, em que tudo é exacto, com saúde, ânimo e contentamento. Está enlevado mas raciocina serenamente, como é da sua índole. Todas as sensações se apresentam com uma componente racional muito clara.

Existem de facto motivos de sobra para Nuno achar que aquela manhã é única. E ainda se regozija mais por ter a perfeita consciência disso. Assim pode saborear o momento, pelo que ele envolve de um passado, difícil de ultrapassar, mas que culminou num presente totalmente realizado e feliz, e já se antevê no futuro a pensar no instante em que considerou aquela manhã fantásticamente diferente. Exclusiva e sublime. Para além de tudo, a revelação de Harika. E a sua entrega simples, plena e alegre. Harika é parte indissociável da sua sorte. Ter-se apaixonado por ela é agora para ele um feliz acaso. O que se passou naquela madrugada desvanece o mal-estar anterior que já começa a perder importância.

Nuno detém o olhar sobre as árvores: as folhas quase não se mexem hoje. Há no ar uma limpidez que só a manhã pode proporcionar e também por isso a luz fica diferente.

Harika, para Nuno, não é uma vitória, um caso em que tenha ganho a partida, um desafio contra si próprio ou seja que competição for. Embora ele se sinta triunfante de alguma forma, é nos ombros do acaso de a conhecer, da sorte de tudo correr assim, sobretudo de sentir que ela se manifestou triunfante como ele. É pois uma alegria que pouco tem a ver com algum tipo de orgulho ou satisfação de vencer. Até porque Nuno tinha que conseguir que Harika vencesse também...

Será portando uma efeméride de um encontro feliz, um acordo supremo, a satisfação do desejo primordial. A harmonia que ele sente é maior do que ele: pertence ao equilíbrio universal...

De lá dentro ouve-se uma voz:

— Nuno! Vou para as aulas. Queres vir comigo?...

15. Recomeço

Ainda não amanheceu completamente. A claridade vai desfazendo a noite, realçando aos poucos os contornos da cidade, ainda sem sinais da agitação que daqui a pouco se instalará por todo o lado. Os automóveis passam a intervalos irregulares, produzindo um som que sobressai na abertura do dia.

Rogério Gouveia, encostado à ombreira da porta de entrada do prédio onde vive, pensa nisso mesmo: na sonoridade, àquela hora matutina, dos motores dos automóveis e da passagem dos pneus no pavimento. Som que lhe agrada porque lhe traz à memória outras manhãs idênticas em que também se levantara muito cedo para ir para o aeroporto. Rogério gostava imenso de viajar! Outras terras, outras gentes, outros climas... Tudo isto predispõe Rogério para uma certa boa disposição enquanto espera, descarregando o peso do corpo magro mas possante sobre o ombro que encosta contra o mármore da entrada.

Rogério sempre pensou que os climas e lugares podiam ter uma influência muito relevante na felicidade. Em certas ocasiões, quando confrontado directamente com outras realidades, era invadido por emoções peculiares. Por exemplo, bastava ser influenciado por outros factores climáticos, para ele desusados, para que os seus raciocínios se alterassem significativamente. O mesmo acontecia com determinadas paisagens, mesmo urbanas, que por vezes o catapultavam para mundos interiores que de outra forma nunca visitaria. Não tinha a menor dúvida que a forma de ser estava directamente relacionada com os elementos e circunstâncias envolventes...

Rogério reflectia devagar sobre isto, fazendo tempo para que Edgar aparecesse, espiando sempre os carros que iam surgindo na curva ao fundo da rua.

A questão era saber quais eram os factores mais decisivos para uma vida feliz. Ou melhor, quais as condições essenciais para estar, o mais pos-

sível, em equilíbrio consigo próprio e em confronto amistoso com as circunstâncias.

Rogério deu por si a sorrir dos seus próprios pensamentos. De que se fosse suficientemente persistente, talvez chegasse a uma conclusão interessante e aplicável ao seu carácter. Pelo menos algumas das condições ele conseguiria enumerar rapidamente...

Com os seus devaneios ia amenizando a ansiedade da espera que começava já a ultrapassar o previsto. Retirou cuidadosamente os óculos sem aros e limpou devagar as lentes elipsoidais, não deixando contudo de olhar para o fundo da rua.

Edgar não era muito dado a atrasos. É verdade que tinha descido, do quinto andar onde morava, para a entrada, mais cedo do que seria necessário... Mas agora já passavam quinze minutos das seis e trinta, hora combinada.

O tráfego vai aumentando progressivamente. Os automóveis passam mais apressados com os seus ocupantes de ar matutino. Cada dia é um novo dia, parece emanar da expressão dos mais joviais. Os mais ensonados, de olhar mais vago, esforçam-se por se inserir na manhã. Edgar começa realmente a preocupá-lo. Tentou o telemóvel... não atendia. Mais dez minutos e tomaria um táxi para o aeroporto.

Eis que de súbito o carro preto de Edgar se configura no fundo da rua causando de imediato uma sensação de alívio a Rogério que logo sorri satisfeito.

Edgar estaciona o carro do outro lado da rua, com duas rodas em cima do passeio. Rogério apanha a bagagem e dá uma corrida até ao carro do amigo.

...

